

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciência da Informação e Documentação.**

**Departamento de Ciência da Informação**

**Departamento de Ciência da Informação e Documentação**

**IDENTIDADE/DIVERSIDADE CULTURAL NO CIBERESPACO: PRÁTICAS  
INFORMACIONAIS E DE INCLUSÃO DIGITAL NAS COMUNIDADES INDÍGENAS, O CASO  
DOS KARIRI-XOCÓ E PANKARARU NO BRASIL.**

**ALEJANDRA AGUILAR PINTO.**

**BRASÍLIA**

**2010**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciência da Informação e Documentação**

**Departamento de Ciência da Informação e Documentação (CID)**

**Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCinf)**

.

**ALEJANDRA AGUILAR PINTO.**

**IDENTIDADE/DIVERSIDADE CULTURAL NO CIBERESPACO: PRÁTICAS  
INFORMACIONAIS E DE INCLUSÃO DIGITAL NAS COMUNIDADES INDÍGENAS, O CASO  
DOS KARIRI-XOCÓ E PANKARARU NO BRASIL.**

**Brasília- DF**

**2010**

**ALEJANDRA AGUILAR PINTO.**

**IDENTIDADE/DIVERSIDADE CULTURAL NO CIBERESPACO: PRÁTICAS  
INFORMACIONAIS E DE INCLUSÃO DIGITAL NAS COMUNIDADES INDÍGENAS, O CASO  
DOS KARIRI-XOCÓ E PANKARARU NO BRASIL.**

Tese submetida à Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação do Departamento de Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciência da Informação.

**Orientador: Prof. Dr. Antonio Lisboa Carvalho de Miranda.**

**Brasília – DF**

**2010**

P659 Pinto, Alejandra Aguilar.

Identidade/diversidade cultural no ciberespaço: práticas informacionais e de inclusão digital nas comunidades indígenas, o caso dos Kariri-xocó e Pankararu no Brasil / Alejandra Aguilar Pinto. 2010.

xiii, 273 f. : il. ; 30 cm.

Orientação: Antonio Lisboa Carvalho de Miranda.  
Tese (doutorado)-Universidade de Brasília,  
Departamento de Ciência da Informação e Documentação, 2010.  
Inclui bibliografia.

1. Identidade/diversidade cultural. 2. Povos indígenas.  
3. Tecnologias de informação e comunicação (TICs). 4. Internet.  
5. Práticas informacionais. 6. Sociedade da informação. 7. Inclusão digital. I. Miranda, Antonio Lisboa Carvalho de. II. Título.

CDU 02:004



## 'FOLHA DE APROVAÇÃO

**Título:** "Identidade/diversidade Cultural no Ciberespaco: práticas informacionais e de inclusão digital nas comunidades indígenas, o caso dos Kariri-Xocó e Pankararu no Brasil"

**Autora:** Alejandra Aguilar Pinto

**Área de concentração:** Transferência da Informação

**Linha de pesquisa:** Comunicação da Informação

Tese submetida à Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação do Departamento de Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de **Doutor** em Ciência da Informação.

Tese aprovada em: 24 de fevereiro de 2010.

**Aprovado por:**

**Prof. Dr. Antonio Lisboa Carvalho de Miranda**  
Presidente - (UnB/PPGCInf)

**Prof.ª Dr.ª Maria Geralda Almeida**  
Membro Externo - (IESA-UFG)

**Prof.ª Dr.ª Cecilia Leite Oliveira**  
Membro Externo - (Ibict)

**Prof.ª Dr.ª Elmira Luzia Melo Soares Simeão**  
Membro Interno - (UnB/PPGCInf)

**Prof.ª Dr.ª Ivette Kafure Munoz**  
Membro Interno - (UnB/CID)

**Prof.ª Dr.ª Sofia Galvão Baptista**  
Suplente - (UnB/PPGCInf)

## **DEDICATORIA**

*Dedico este trabalho a meu avô paterno, quem com a sua sabedoria política influiu em mim, desde pequena, o interesse pela temática indígena.*

## AGRADECIMIENTOS

À minha família de origem, quem novamente me apoio para continuar esta nova etapa de estudo e pesquisa no Brasil.

Ao prof. Antonio Miranda, com quem compartilho o interesse pelo assunto indígena, por ter aceitado novamente orientar-me neste trabalho de pesquisa e às professoras (Maria Geralda, Ivette, Elmira e Cecília) da banca pela sua disposição a vir na minha defesa e suas contribuições nesta pesquisa.

Aos novos amigos (as) e companheiros (as) que fiz no CID, mas, sobretudo de outros Departamentos de estudos da UnB. (CEPPAC, DAN, IPOL, IH)

À comunidade indígena Kariri-xocó e Pankararus do Nordeste do Brasil.

Ao governo do Chile e do Brasil, pelo Convênio de Cooperação Cultural que me possibilitou seguir avançando na Ciência da informação desde uma perspectiva social-cultural e latino-americana.

## OS ÍNDIOS

### *Poema de Antonio Miranda*

I

Também vieram de longe  
e plantaram raízes  
imemoriais  
no jardim de sua eleição  
desde a diáspora primeva  
da Criação.

Não sabemos se temos  
a mesma origem  
ou se nascemos já divididos  
disputando o mesmo espaço.

Descimentos e preamentos  
bandeirantes  
dizimaram e escravizaram  
índios sem religião  
como animais  
errantes.

II

Os sobreviventes estão  
confinados em reservas  
como num zoológico humano.

Duas culturas não podem  
ocupar o mesmo lugar:  
ou o índio é integrado  
à sociedade  
e perde a identidade tribal  
ou refugia-se na comunidade.

Garimpeiros, pecuaristas  
seringueiros e extrativistas  
(caraíbas)  
avançam com moto-serras.

O índio não é ambicioso  
nem ocioso.



A terra é a existência do índio  
-terra de todos, comunitária  
terra que é partícula  
em movimento e assimilação.

Terra e índio: um vive da outra.  
Mãe e filho, indivisíveis.

Terra sagrada  
de húmus vivo e fértil  
de seus antepassados  
com que o índio abona  
o inhame, o cará e a taioba.

Em que cultiva, caça e pesca  
e colhe, apenas quando  
e quanto necessita.

### III

Para o índio não há amanhã  
em qualquer sentido pois  
o tempo não existe  
em sua percepção:  
o movimento do corpo  
num ímpeto contínuo  
(da vontade em ação)  
é que move a rede  
(e não os pés e a mão)  
como move a vida.

Dias alternam-se sem  
alterações e altercações  
-de pesca, de fruta acesa  
que logo vai compartilhar  
no complemento do beiju  
do pirarucu e do tucunaré.

O fogo está sempre aceso  
na aldeia e almas intermitentes  
de dormir e despertar  
de morrer e renascer:  
um tempo dentro de outro  
tempo infinito e cego.

Fogo feito para irmanar-se  
depois de buscar a lenha  
que não armazena jamais  
para não quebrar a rotina.

Um grande poder de concentração  
-e de dedicação extrema-  
com todo o tempo do mundo  
mas sem a noção de tempo.

## RESUMO

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), principalmente a Internet impactaram às comunidades indígenas, provocando tanto uma ameaça, um desafio e uma oportunidade, sobretudo pelas possibilidades que fornece como meio de comunicação, vinculação e difusão de seus conhecimentos para a recuperação e reconstrução da sua própria identidade cultural étnica.

A presente pesquisa teve como objetivo geral identificar e analisar a relação entre identidade/diversidade cultural, tecnologias de informação e comunicação e as práticas informacionais dos povos indígenas a partir dos programas de inclusão digital. Por tanto, foram escolhidas duas comunidades (Karirí Xocó- Pankararu, região do Nordeste do Brasil), as quais já tem uma experiência no uso/acesso de Internet, sendo partes da rede *Índios on line* vinculada à ONG *Thydewas*. Assim a intenção da pesquisa foi estabelecer o perfil dos usuários indígenas entrevistados, identificar fatores que dificultam o acesso á informação, identificar suas práticas informacionais e caracterizar as ações de inclusão digital do governo e outras entidades, em relação a populações indígenas. A definição do estudo baseou-se em alguns *pressupostos* fundamentais (Informação, Tecnologia e identidade/diversidade cultural não se relacionam de forma imediata, ou seja, a implementação de práticas informacionais (p.i) não leva necessariamente ao desenvolvimento de uma identidade cultural étnica; As p.i.configuram-se como recursos de apoio às práticas de identidade/ diversidade cultural a partir de um contexto participativo-comunicacional em rede; As p.i. com apoio das TICs e da inclusão digital podem levar a uma reconstrução e reprodução das identidades/diversidade cultural dos povos indígenas) que se constituíram na guia do que se tentaria confirmar. Estas questões possibilitaram o delineamento das formas de pesquisa em três etapas: a primeira relacionada com a pesquisa bibliográfica, a segunda de natureza qualitativa exploratória (estudo de campo) e a terceira de caráter analítico e conclusivo. A pesquisa teve seu referencial teórico fundamentado na Ciência de Informação, especificamente nos aspectos da Comunicação/Transmissão de Informação, Compartilhamento de Informação e Redes, e mais especializado como são as Bibliotecas Indígenas, os Indígenas e as TICs, experiências no seu uso/acesso, ademais de temáticas do âmbito da *teoria social*, como são a Globalização, a Modernidade, o Multiculturalismo, o Interculturalismo, as Identidades e Diversidade cultural, a Inclusão digital e social indígena, entre outros.

Os resultados obtidos revelaram que as comunidades indígenas vêm passando por um processo de informação e conhecimento no acesso/uso das TICs, que eles estão “descobrimdo” as vantagens que podem ter estes instrumentos, para o fortalecimento, promoção e difusão da sua cultura e identidade étnica. Porém, ainda é muito limitada à disponibilidade física de equipamentos, o que restringe sua real inclusão digital (a mais básica). Assim faz-se necessário que as políticas públicas de inclusão digital, disponham de mais recursos destinados a este setor da sociedade, para ampliar a disseminação de tecnologias, complementadas com medidas de alfabetização de informação, específicas para este tipo de usuários, os povos indígenas.

Palavras-chave: IDENTIDADE/DIVERSIDADE CULTURAL; POVOS INDIGENAS, TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TICS), INTERNET, PRÁTICAS INFORMACIONAIS, SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL, INCLUSIÓN DIGITAL

## ABSTRACT.

The technologies of Information and Communication (ICTs), particularly the Internet impacted the indigenous communities, causing a threat, a challenge and an opportunity, especially by providing opportunities as a means of communication, bonding and diffusion of knowledge for the rehabilitation and reconstruction *their own ethnic cultural identity.*

This research aimed at identifying and analyzing the relation between identity / cultural diversity, technology, information and communication and informational practices of indigenous peoples from the digital inclusion programs. Therefore, two communities were chosen (Kariri Xoco-Pankararu, the Northeast region of Brazil), which already have an experience in the use/access of Internet, being parts of the net Indians on line tied with the ONGThydewas.

So the intention of the research was to establish the profile of the interviewed aboriginal users, to identify factors that make it difficult the access the information, to identify their informational practices and to characterize the actions of digital inclusion of the government and other entities, in relation the aboriginal populations. The definition of the study was based on some assumptions (Information, Technology and identity / diversity not relate immediately, that is, the implementation of informational practices (i.p.), does not necessarily lead to the development of an ethnically cultural identity; The i.p. are as resources to support the practices of identity / cultural diversity from a context-participatory communication network; i.p. with the support of ICTs and digital inclusion can lead to a reconstruction and reproduction of identities and cultural diversity of natives) that have been created in the guide to try to confirm. These questions enabled the design of the forms of research in three stages: the first related to bibliographic search, a second exploratory qualitative (field study) and the third of analytical and conclusive character.

The research had its theoretical referential based on the Science of Information, specifically on the aspects of the Communication/Transmission of Information, sharing of Information and networks, and more specialized as the Aboriginal Libraries, the Aboriginals and the TICs, experiences in their use / access, in addition to the thematic scope of social theory, as are globalization, modernity, multiculturalism, interculturalism, the Identity and Cultural Diversity, digital inclusion and social indigena, etc.. The results showed that the indigenous communities has been undergoing a process of information and knowledge access / use of ICTs, they are "discovering" the benefits they can have these instruments, to strengthen, promote and disseminate the culture and ethnic identity. However, it is still very limited availability of physical equipment, which restricts its real digital inclusion (most basic). Thus it is necessary that the public politics of digital inclusion make use of more resources destined to this sector of the society, to extend the dissemination of technologies, complemented with measures of information literacy, specific for this type of users, the aboriginal peoples.

Key-words: IDENTITY / CULTURAL DIVERSITY, INDIGENOUS PEOPLES,INTERNET, TECHNOLOGIES OF INFORMATION AND COMMUNICATION (ICTS), INFORMATION SOCIETY, DIGITAL INCLUSION, INTERCULTURAL COMMUNICATION

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Entrada Aldeia Indígena Karirí-xocó	p. 150
Figura 02 - Entrada principal aldeia Kariri-xocó.	150
Figura 03 - Uma das ruas da Aldeia.	150
Figura 04 - Comunidade Karirí-xocó.	150
Figura 05 - Crianças Kariri-xocó.	151
Figura 06 - Trabalho tradicional.	151
Figura 07 - Atividade cotidiana no Rio São Francisco	151
Figura 08 - Escola indígena.	151
Figura 09 - Família Kariri-xocó.	151
Figura 10 - Líderes indígenas Ayra e Nhenety.	151
Figura 11 - Uma das ruas Pankararu.	155
Figura 12 – Aldeia dos Pankararu	155
Figura 13 - Posto indígena da FUNAI.	155
Figura 14 - Igreja da aldeia.	155
Figura 15 - Escola indígena Pankararus.	156
Figura 16 - Família Pankararu (Irmãos).	156
Figura 17 - Menino do rancho. (ritual Pankararu)	156
Figura 18 - Menino do rancho.	156
Figura 19 - Toré.	156
Figura 20 - Jovens Pankararu.	156
Figura 21 - Ciberoca dos Karirí-xocó.	162
Figura 22 - Jovens Karirí na Ciberoca.	162
Figura 23 - Jovens Kariri-xocó consultando Internet.	163
Figura 24 - Monitora orientando no uso da Internet.	163
Figura 25 - Menino Kariri consultando internet.	163
Figura 26 - Usuários da Ciberoca.	163
Figura 27 - Entrevistando Profa.indígena,usuária da ciberoca.	163
Figura 28 - Figura 28. Jovem consultando Internet.	163
Figura 29 - Ponto de Cultura Pankararu.	164
Figura 30 - Jovens no Ponto de Cultura.	164
Figura 31 - Jovens Pankararu consultando Internet.	164
Figura 32 - Jovens Pankararu no Ponto de Cultura.	164

Figura 33 - Ponto de cultura Pankararu.	164
Figura 34 - Ponto de cultura Pankararu.	164
Figura 35 - Jovens usuários de internet, durante entrevista.	165

### LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Relação dos jovens indígenas, divididos por gênero e etnia.	p.157
Tabela 2 - Relação dos jovens indígenas, divididos por idade e etnia	157
Tabela 3 - Relação dos jovens indígenas, divididos por nível de estudo e etnia.	158
Tabela 4 - Relação dos jovens indígenas, divididos por situação laboral e etnia.	159
Tabela 5 - Relação dos jovens indígenas, divididos por tipo de participação social e etnia.	159
Tabela 6 - Relação dos jovens indígenas, divididos por tempo uso das TICs e etnia.	160
Tabela 7 - Relação dos jovens indígenas, divididos assiduidade (vezes por semana) tempo de uso das TICs e etnia.	161
Tabela 8 - Experiências de Inclusão digital indígena, quadro comparativo.	

### LISTA DE SIGLAS

<b>Anatel</b> Agência Nacional de telecomunicações.
<b>ARIST</b> American Society for Information Science and Technology
<b>ASIS</b> American Society for Information Science,
<b>CDI</b> Comitê de Democratização para a Informática.
<b>CEPEC</b> Centro de Práticas Sociais, Educacionais e de Cidadania.
<b>C.I.</b> Ciência de Informação
<b>CID</b> Centro de Inclusão Digital.
<b>CMSI</b> Cúpula Mundial sobre a Sociedade da Informação
<b>CODEVASF</b> Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco
<b>COIAB</b> Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira
<b>COICA</b> Coordinadora de las Organizaciones Indígenas de la Cuenca Amazónica
<b>COMUT</b> Programa de Comutação Bibliográfica
<b>CONAIE</b> Confederação de Nacionalidades Indígenas do Equador.
<b>DSC</b> Discurso do Sujeito Coletivo.
<b>EAM</b> Experiência de Aprendizagem Mediado.
<b>EZLN</b> Exercito Zapatista de Libertação Nacional
<b>FGV</b> Fundação Getulio Vargas.
<b>FIAB</b> Federation International de Associations de Bibliothecaires
<b>FOIRN</b> Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro.

**FUNAI** Fundação Nacional do Índio

**FUNASA** Fundo Nacional de Saúde

**Fust** Fundo de Universalização dos Serviços de Telecomunicação.

**GESAC** Governo Eletrônico Serviço de Atendimento ao Cidadão.

**IBICT** Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

**I.D.** Inclusão digital

**ISA** Instituto Socioambiental.

**ITI** Instituto Nacional de tecnologia da Informação.

**ITU** União Internacional das Telecomunicações

**MAIC** Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio

**MCM** Meios de comunicação de massa

**MCT** Ministério de Ciência e Tecnologia

**MEC** Ministério de Educação

**MinC** Ministério da Cultura

**MIT** Massachusetts Institute of Technology.

**NTC** Novas Tecnologias de Informação

**NU** Nações Unidas

**OCDE** Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico.

**OIT** Organização Internacional do Trabalho

**OMAK** Organización de Mujeres Aymaras del Koyasullo.

**ONGs** Organizações Não Governamentais.

**PNB** Produto Nacional Bruto

**SECAD** Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.

**SECOM** Secretaria de Comunicação de Governo e Gestão Estratégica .

**SIC** Sociedade da Informação e Comunicação

**SICC** Centro Cultural Índio Saskatchewan

**S.I.** Sociedade da Informação

**TICs** Tecnologias de Informação e Comunicação.

**TMCE** Teoria da Modificabilidade Cognitiva Estrutural.

**UFMG** Universidade Federal de Minas Gerais

**UNESCO** Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

**USP** Universidade de São Paulo

**VIBC** vídeo- instrução baseado em computador

## SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	1
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA.	6
1.2. JUSTIFICATIVA.	9
1.3. OBJETIVOS.	12
1.3.1. Objetivo geral.	12
1.3.2. Objetivos específicos.	12
1.4. PRESSUPOSTOS ESPECÍFICOS.	12
2. REVISÃO DE LITERATURA.	13
2.1. A Informação, Comunicação e Tecnologia, elementos para a integração, acesso e cooperação.	13
2.1.1. As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs): um novo estágio na difusão do conhecimento.	16
2.1.2. As Tecnologias de Informação e Comunicação – impactos sociais e econômicos.	17
2.1.3. Os povos indígenas e a informação, o caso das Bibliotecas Indígenas.	20
2.1.3.1. Antecedentes da Biblioteca Indígena.	23
2.1.3.2. A Biblioteca Indígena: origens e etapas para sua criação.	27
2.2. A cooperação, transferência e compartilhamento de informação. na Ciência da Informação (C.I), antecedentes das redes sociais- digitais - eletrônicas.	33
2.2.1. A cooperação bibliotecária e suas causas.	33
2.2.2. A transferência e o compartilhamento no contexto da C.I.	34
2.2.2.1. As redes e o compartilhamento de informação/conhecimento.	37
2.2.3. Os impactos das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) na comunicação e conexão em rede dos povos originários, vantagens e desvantagens.	40
2.2.3.1. Os sistemas eletrônicos digitais indígenas.	43
2.2.3.2. Os povos indígenas e a Internet.	45
2.2.3.2.1 O indigenismo virtual.	46



2.2.3.2.2 Ativismo cibernético indígena.	47
2.2.3.3. A interconexão entre as tradições indígenas e a nova tecnologia.	54
2.2.3.4. Experiência indígena com os meios de comunicação e informação: a imprensa e a multimídia em rede.	55
2.2.3.5. O cenário institucional global informacional e os povos indígenas.	61
2.2.3.6. O movimento indígena transnacional e as TICs.	65
2.2.3.6.1. <i>Território digital indígena</i> , um objetivo estratégico dos P.I.	67
2.3. Os impactos das TICs na sociedade, desde o ponto de vista do acesso/uso à informação.	69
2.3.1. A Brecha digital na sociedade atual.	70
2.3.2. A exclusão / inclusão social e digital na Sociedade de informação.	73
2.3.2.1. Os indicadores da exclusão digital.	76
2.3.3. A inclusão digital (I.D.)	79
2.3.3.1. Modalidades, tipos e estratégias de I.D.	83
2.4. Políticas ou programas de inclusão digital I.D. na América Latina, o caso do Brasil.	86
2.4.1. Medidas governamentais de acesso/ uso das TICs na sociedade brasileira	91
2.4.2. Experiências de inclusão digital estadual comunitária	96
2.4.2.1. A inclusão digital indígena no Brasil.	96
2.4.2.2. O caso da América Latina e o Caribe, algumas experiências no acesso/uso das TICs.	102
2.5. A Educação na Sociedade de Informação.	104
2.5.1. A nova pedagogia, a <i>mediação informacional</i> .	107
2.5.2. As alfabetizações e a leitura nos ambientes digitais.	108
2.5.2.1. A leitura no entorno digital.	108
2.5.3. As TICs e o acesso ao saber através do aprendizado/adestramento tecnológico.	110
2.6. A Globalização e a Informação, os começos da sociedade em rede.	111
2.6.1. Visões sobre a globalização.	112
2.6.2 A Modernidade/Post-Modernidade e sua influência na temática identitária.	113

2.7. A Identidade/Diversidade cultural na era da Globalização.	116
2.7.1. As Identidades, seus sentidos e diferenças.	118
2.7.2. Internet e as identidades.	122
2.7.2.1. A nova territorialização da comunicação através de Internet.	124
2.7.2.2.2. As novas denominações de território digital: Ciberespaço/Cibercultura e a geração de um novo espaço antropológico Virtual.	125
2.7.3. A nação como fonte de formação e identidade nacional.	126
2.7.3.1. A formação da identidade nacional.	126
2.7.3.2. A identidade “regional” latino-americana, antecedentes.	129
2.7.4. Do Pluralismo cultural/ sociedade Multicultural, o novo paradigma no Estado-nação.	132
2.7.4.1. As novas “ideologias” pos-modernas da infodiversidade: post-colonialismo, multiculturalismo, post-imperialismo e interculturalismo.	134
2.7.5. A Ciência da Informação (C.I.) a Identidade/Diversidade Cultural.	135
2.7.5.1. O papel da biblioteca e do profissional da informação na formação e recuperação da identidade / diversidade cultural.	137
3. METODOLOGIAS.	140
3.1. O campo de pesquisa – delimitação.	140
3.2. Etapas e técnicas.	142
3.2.1. Etapa 1.Primeiros contatos.	142
3.2.2. Etapa 2.Coleta de dados.	142
3.2.3. Etapa 3.Organização dos dados.	144
3.2.4. Etapa 4.Analise dos dados.	145
4. PRÁTICAS INFORMACIONAIS NO CONTEXTO DAS COMUNIDADES INDÍGENAS BRASILEIRAS: RECEPÇÃO, GERAÇÃO E TRANSFERÊNCIA DE INFORMAÇÃO.	146
4.1. Campo de pesquisa – características gerais.	146
4.1.2. Os Kariri-xocó - Histórico.	146
4.1.3. Os Pankararus- Histórico.	152

4.1.4. Perfil geral dos entrevistados.	157
4.1.4.1. Os Kariri-xocó e Pankararu.	157
4.2. PRÁTICAS INFORMACIONAIS: RECEPÇÃO, GERAÇÃO E TRANSFERÊNCIA DE INFORMAÇÃO.	162
4.2.1. Os Kariri-Xocó - análise e seleção dos principais depoimentos.	165
4.2.2. Os Pankararu - análise e seleção dos principais principais depoimentos.	190
5. CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS ENTRE KARIRI-XOCÓ E PANKARARU.	226
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.	236
6.1. TICs, Identidade/Diversidade Cultural e práticas informacionais: dimensões e conseqüências.	239
6.2. TICs, Povos indígenas e Inclusão Digital: avaliação de duas experiências indígenas	241
7. PROPOSTAS/SUGESTÕES TRABALHOS FUTUROS.	245
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.	247
APÊNDICES	265
Apêndice A Glossário com definições.	
Apêndice B Modelo de questionário aplicado aos indígenas	
Apêndice C Modelo roteiro da entrevista aplicada aos indígenas	

## 1. INTRODUÇÃO

Os povos indígenas constituem um segmento social “não-hegemônico” com muitas características em comum (apesar de serem qualificados pelo geral como “minorias étnicas”), mas em cujo interior há uma rica diversidade étnica/cultural que fica refletida na heterogeneidade de etnias sobreviventes, as quais foram vítimas da exclusão, discriminação e marginalização pela sociedade hegemônica, por causa das suas políticas nacionais de integração e assimilação, que quase as levou a uma total extinção. No entanto, há algumas etnias, que conseguiram proteger a sua *identidade/diversidade étnica*, através da sua organização, valendo-se dos movimentos indígenas ou outro tipo de articulação. Assim na temática indígena, o assunto dos movimentos sociais é chave para compreender como estes grupos mantiveram sua identidade cultural, numa sociedade homogeneizante e globalizadora, com um padrão predominante de economia, sociedade e cultura.

Em face à identificação de diversas crises identitárias (OLIVEIRA, Roberto C. de 2000) no mundo contemporâneo, têm surgido diversas expressões ou manifestações que pretendem superar o desaparecimento ou fusão com as culturas dominantes. Os *movimentos sociais* constituem o principal representante destas expressões, para MUNCK (1997, p.?) “um tipo de ação coletiva orientada para a mudança, em que uma coletividade de pessoas ou uma massa descentralizada é dirigida, de modo não-hierárquico, por um ator social”. Segundo ele há três unidades básicas neste fenômeno, fornecidos por duas teorias que enfatizam as noções de *estratégia* e de *identidade*, porém, parciais e complementares ambas tentam teorizar sobre o fenômeno, isto é: os *fundadores* ou *organizadores do movimento* (neste caso os líderes, organizações indígenas, as ONGs e Fundações criadas para defender seus direitos, seus interesses e o reconhecimento por parte da sociedade dos seus aportes à cultura); a *coordenação social* necessária para constituir uma massa descentralizada e organizada de modo não hierárquico (aqui poderia estar como representante o chamado Conflito indígena no sul do Chile, com diversos atores ao nível de agrupações da etnia Mapuche) e a *estratégia política*, componente a ter presente se quiser o movimento concretizar sua orientação para a mudança. (As ações feitas podem variar de uma luta num começo armada e logo “pacífica” como é o caso de Chiapas (México), onde os atores têm escolhido ao final uma via de diálogo; no caso oposto estaria a via mais ativa fazendo uso da “força” como acontece no Chile no chamado “Conflito Indígena”).

Os movimentos indígenas têm desenvolvido desde a década de 1960 diferentes ações em prol da sua identidade, numa sociedade envolvente, que não considera estas particularidades como parte da sua diversidade cultural. Contudo, não todas as culturas alcançaram este tipo de organização, por meio de entidades que permitam a defesa e resgate dos seus conhecimentos e direitos humanos.

As etnias que existem na América Latina desenvolveram diversos níveis de participação na sociedade, algumas têm graus de articulação expressados em diferentes estruturas, desde uma simples entidade com caráter jurídico até instituições que possuem contatos com redes internacionais, com web site, etc.

Após o fim da divisão do mundo, entre países comunistas e capitalistas, e o “triunfo” de uma economia neoliberal global comandada pelos principais países do Norte e em face aos problemas surgidos por este tipo economia transnacional, que não soube dar resposta a diversas demandas e necessidades, a única forma possível de manifestação foi a rearticulação social, o qual causou uma certa alerta aos governos nacionais. Uma nova forma de resposta aconteceu por parte de sociedade civil e outras organizações como partidos políticos reformulados, principalmente da esquerda, organizados de acordo com diversos interesses particulares, como é o da identidade/diversidade cultural.

O fim dos regimes hegemônicos autoritários (direita-esquerda) durante o século XX levou a uma série de fenômenos políticos-econômicos-territoriais, dentre os quais está a preponderância do sistema político denominado Democracia. Passa a existir no Ocidente um sentimento de maior liberdade e opções políticas (*democracia partidária*); um sistema econômico transnacional que diminui o papel do Estado, como regulador e controlador das economias nacionais e o fim dos Estados-Nação como entidades que protegiam os interesses dos seus territórios, o que trouxe um impacto negativo, sobre grupos humanos minoritários e as culturas locais. Assim a nova economia transnacional de livre mercado, caracterizada por a sua desregulamentação, causou em geral, uma desvantagem para as economias do Terceiro Mundo, e a sua vez nos grupos minoritários que não tiveram seus direitos considerados. (Direitos econômicos, culturais, sociais, de informação)

Com esta nova ordem social, política e econômica mundial, caracterizada pelos fluxos transnacionais de capital e de informação, através da conexão digital eletrônica de redes, um novo tipo de resposta ante esta homogeneização/fragmentação tem surgido, representado em parte por alguns povos indígenas. Estas identidades têm feito uso do novo espaço

comunicacional virtuais, considerado, sobretudo pelo poder que tem para conectar, armazenar e difundir informações de seu interesse e de criação própria. Desde uma visão positiva, este novo ambiente digital on-line, significou um novo espaço para sua organização, possibilitando um tipo de resposta e reivindicação cultural, mas também, existindo em potência, um tipo de exclusão social, a chamada *exclusão digital*, causada principalmente pelos custos associados a seu acesso físico.

Esta pesquisa quer dar a conhecer a situação atual de pesquisa no campo da Ciência da Informação (C.I.) em relação às novas temáticas sociais e tecnológicas surgidas após o suposto fim da Modernidade e o surgimento da Pos-modernidade (HARVEY, 1989; GIDDENS, 1990; HALL, 2000; CASTELLS, 1999; MARTIN-BARBERO, 1995) no caminho da Hiper-modernidade, como são as problemáticas relativas às Identidades, sejam estas nacionais, étnicas ou virtuais; os estudos sobre multiculturalismo/interculturalismo, a nova cidadania intercultural, e mais especificamente o assunto das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), especialmente as redes eletrônicas e digitais. Tentando-se estabelecer a vinculação deste tipo de fenômenos com a temática pesquisada, o papel que tem desempenhado como um novo espaço comunicacional, no qual se tem modificado as identidades existentes, além de fornecer uma via de expressão para as diversas culturas ou identidades coletivas, pois um novo ambiente digital virtual significou tanto uma possibilidade de resposta e reivindicação destas culturas, mas também provocou um tipo de exclusão, o chamado *divisor digital*.

À C.I. uma ciência surgida pela confluência da informação com as tecnologias de computação e comunicações, por meio de seu desenvolvimento, foram acrescentando-se outras disciplinas para resolver o principal problema surgido no século XX, *o crescimento exponencial da informação*. Sua interdisciplinaridade se manifestou desde o começo, e a *informação*, seu principal objeto de estudo, passou a ser estudado em seus diversos contextos; o impacto das tecnologias da comunicação influíram ainda mais para considerar a informação como um elemento chave no processo da comunicação pela qual ela podia ser difundida e comunicada.

Desta forma a C.I. poderia considerar-se ligada ao fenômeno da globalização, um fato histórico com antecedentes no imperialismo e colonialismo, que constitui principalmente uma forma de expansão ou opressão econômica das potências ocidentais nas nações do Terceiro Mundo. Sendo parte deste fenômeno as chamadas tecnologias de informação e comunicação (TICs), estimulando um outro tipo de expansionismo, manifestado em um

modelo de comunicação homogêneo. Portanto, a indústria cultural e comunicacional neste contexto global têm levado a um novo modo de consumo que não considera as particularidades, diferenças e modos de vida das nações atingidas.

O anterior influenciou em grande medida a orientação das pesquisas no âmbito das ciências humanas e sociais, assim, a C.I. passou a estudar a informação nesta “nova” situação histórica, denominada *Sociedade da Informação, Sociedade Pos-moderna ou Interconectada*. Na C.I. o estudo da Informação desde a perspectiva das identidades ou minorias surgiu, primeiramente em nações do Norte como os Estados Unidos ou Canadá, possuindo diversas minorias étnicas e outras problemáticas raciais, para logo passar a nações do Terceiro Mundo, com um forte componente indígena e mestiço, isto quiçá determinou em parte o interesse tardio da C.I. por estes estudos neste setor do continente. O descobrimento do valor e riqueza da informação das culturas autóctones, assim como de outras identidades, tem motivado um novo âmbito de pesquisa na C.I.

A pesquisa no âmbito dos estudos sobre minorias identitárias, por parte da C.I., fica refletida em alguns trabalhos que se orientam ao estudo sobre o fornecimento de serviços/produtos de informação a grupos étnicos ou a outras minorias da sociedade. Além disso, há estudos sobre ferramentas de análise de informação como tesouros e sistemas de classificação que têm uma perspectiva “etnocêntrica”, sem terem em conta temas relativos aos outros componentes da sociedade e no interesse manifestado por algumas escolas de biblioteconomia, sobretudo dos Estados Unidos, por reformular os currículos de graduação para fazê-los mais ‘multiculturais’.

Com o surgimento das telecomunicações, as redes eletrônicas e sua convergência nas TICs, estas novas ferramentas causaram também outro impacto nas mesmas comunidades indígenas, o que poderia considerar-se positivo ou negativo dependendo da possibilidade de acesso/uso. Os primeiros computadores acessíveis aos indígenas revelaram por parte deles um desconhecimento sobre seu uso; logo as TICs através de seu sistema de redes, causaram outra exclusão, pois estas ferramentas implicavam uma conexão-vinculação e a realidade indígena, em geral, carecia de união, existindo alguns fatos isolados de grupos étnicos com conexão simples a redes eletrônicas difundindo seus conteúdos nos circuitos virtuais (sobretudo em países do Norte).

O uso das TICs por parte dos nativos nos remete em uma primeira instância à temática

de *Educação Indígena*<sup>1</sup>, a qual começou antes, e tem possibilitado em parte a sobrevivência da identidade/diversidade de alguns povos. Mas, ainda não se tem determinado até que ponto o processo educacional indígena tem favorecido a compreensão, uso e acesso às TICs, por parte dos povos que tiveram acesso à educação indígena.

A rede Internet constitui uma massa de informação que apresenta fundamentalmente um caráter etnocêntrico, que não considera as diferenças culturais e identidades étnicas. Os povos indígenas têm tido um impacto desta mídia que condiciona seu acesso/uso pela necessidade de conhecimento de comandos e/ou estratégias de busca e para a elaboração de conteúdos digitais. Até que ponto as práticas informacionais estão sendo feitas pelos povos indígenas é uma questão que pretende responder esta pesquisa.

Logo o objetivo principal deste trabalho é estabelecer o impacto das TICs nas culturas indígenas, no que se refere à reconstrução, reprodução e formação das suas identidades culturais e étnicas, pelo uso/acesso/produção de conteúdos próprios com estes instrumentos tecnológicos, que têm sido disponibilizados recentemente por políticas governamentais de inclusão social e digital. Portanto, procura-se conhecer as práticas informacionais dos povos indígenas desde um ponto de vista teórico e prático, isto último se realizou em uma pesquisa de campo no Brasil, em duas comunidades indígenas da região do Nordeste, especificamente Alagoas (etnia Kariri-xocó) e Pernambuco (etnia Pankararu), visando conhecer o impacto do estabelecimento das tecnologias informáticas nas suas comunidades.

Tem-se como finalidade precípua conhecer esta nova realidade informacional de inclusão social e digital de minorias étnicas, especificamente indígenas, que por muito tempo estiveram à margem do acesso/uso da informação. Tentando propor ou recomendar medidas ou programas que favoreçam o uso integral das TICs, para uma real alfabetização informacional, que estimule o desenvolvimento de competências, de expressão de problemas de informação, a seleção e criação de conteúdos para a solução de suas necessidades informacionais e a tomada de decisão.

Assim, este documento pretende apresentar como na atualidade a C.I. considera o tema das “minorias étnicas”, no contexto das redes, tentando propor uma metodologia de uso ou acesso por parte dos povos indígenas, que contribua ao resgate, difusão e benefício das informações que constituem uma rica e valiosa infodiversidade.

---

<sup>1</sup> Ver definição no Apêndice.



### 1.1. PROBLEMA DE PESQUISA.

A realidade dos povos indígenas com relação ao contato com as TICs tem acontecido de diversas maneiras, mas em geral tem-se caracterizado por um acesso restringido desde começo ao hardware, assim quanto ao desconhecimento no uso de elementos de software (programas) que ajudam na criação de conteúdos. A base de tudo isto se pode achar no desconhecimento do uso da informação, como insumo que pode contribuir a solucionar problemas e ajudar na sua tomada de decisões.

Porém, há que destacar o papel de algumas unidades de informação (bibliotecas públicas, bibliotecas populares, museus, arquivos) as quais têm criado serviços/produtos destinados a este setor da sociedade. Em geral são poucas as iniciativas, mas atualmente se observa um movimento pró-serviços de informação destinados aos indígenas, inclusive com unidades especializadas, como são as Bibliotecas Indígenas<sup>2</sup>.

Considerar a informação ou conhecimento indígena, desde o ponto de vista dos povos originários como seus produtores, não foi algo que aconteceu desde o encontro da civilização ocidental e o mundo indígena. O contato do homem ocidental com os povos originários teve como resultado a criação de uma literatura englobada, nas chamadas ciências sociais e humanas, que estudam o ser humano, tendo uma perspectiva etnocêntrica e eurocêntrica e cujos autores não têm tido, na maioria dos casos, nenhum tipo de vinculação (cultural, sobretudo) com o assunto, mas sim de interesse científico ou ser a favor da causa indígena. As informações dos próprios indígenas têm ficado à margem, a diferença da produzida pelos especialistas ou cientistas sociais, a qual tem uma preponderância sobre o outro tipo de conhecimento.

Por conseguinte, poderia inferir-se que o pouco conhecimento por parte dos povos indígenas do uso/acesso/produção através das TICs, encontra seus antecedentes históricos na *informação* por eles mesmos criadas, a qual foi marginalizada e quase eliminada pelos colonizadores, e que na atualidade se tem descoberto pode trazer grandes contribuições para o desenvolvimento e progresso de toda a humanidade. A não reprodução, registro, e difusão dos conhecimentos indígenas levaram a um vazio sobre o produzido por este componente da sociedade; é um fato que diversas culturas apresentaram diversos níveis de avanço tecno-

científicos, os quais ficaram registrados em diversos suportes ou formatos, refletindo sua cosmovisão, imaginação e conhecimento científico - tecnológico. A literatura com um forte componente racionalista e utilitário, não considerou desde os primeiros contatos as criações nativas. Estes conhecimentos, em geral, foram eliminados e desqualificados, fazendo uso só recentemente, pelos descobrimentos da ciência ocidental, daqueles que podem ter uma utilidade prática.

A documentação “oficial”, por conseguinte, desde um começo passou a discriminar às populações nativas, não só em suas criações artísticas e literárias, mas também em instituições formais, como em bibliotecas ou arquivos, tanto nos seus serviços/produtos de informação. Assim à falta de informação sobre os conhecimentos indígenas, se acrescentou logo o afastamento dos povos nativos das unidades de informação, sendo até hoje em dia um setor da sociedade não considerado nas políticas e serviços de informação, principalmente na América Latina.

Como resultado do anterior, diversos problemas se foram acumulando no tempo: a falta de capacidade/habilidade na interação com a informação, expressadas na impossibilidade de manifestação das suas necessidades informativas, o desconhecimento de uso de serviços de informação (referência, consulta, busca em bases de dados) e dos produtos de informação (bibliografias, bases de dados). Assim esta falta de competência ou habilidade na interação com a informação impressa ou virtual, nos serviços/produtos de unidades de informação, constituíram outros fatores que dificultaram o uso/aceso às TICs.

Com o surgimento das TICs, novas habilidades/competências informativas foram requeridas, mas cujo fundamento está nas ferramentas tradicionais de busca / uso da informação. Poder-se-ia dizer então, que a base do problema que atualmente têm os indígenas com as TICs, como já se indicou, encontra seus antecedentes desde a sua marginalização dos serviços/produtos de informação oferecidos nos estoques informacionais como bibliotecas, arquivos e museus.

O *conhecimento indígena*, isto é, aquele originado por aqueles componentes da sociedade, que têm como vínculo uma *auto-identificação étnica* e algumas vezes uma *consciência étnica*<sup>3</sup>, remontando-se antes da chegada dos colonizadores e que continua reproduzindo-se de diversas formas, como através da sua linguagem, cosmovisão, costumes, organização, cultura, valores, etc., só foi considerado (em uma parte mínima) por entidades de

---

<sup>2</sup> Definição fornecida no Apêndice.

caráter nitidamente ocidental, como são as bibliotecas (principalmente públicas ou especializadas) ou arquivos, por meio de um registro de seus conhecimentos ou bem pela criação de serviços que tentavam atender este setor com características muito particulares, respeito às suas necessidades/ demandas de informação. Esta situação de não reconhecimento da *criação indígena*, o pouco desenvolvimento de serviços de informação dedicados aos indígenas e a escassa participação dos indígenas como usuários das bibliotecas/arquivos, sendo mais usuários potenciais, são fatores que se têm unido no tempo e que estariam afetando o contato ou impacto das TICs nas comunidades indígenas. Existe em geral, por parte dos indígenas, um desconhecimento do uso das bibliotecas, seus serviços, o uso/acesso à informação, uma competência que precisa ser desenvolvida, constituindo a base para o uso eficiente das TICs, os mais recentes instrumentos de acesso à informação, que precisam de outras habilidades para seu uso eficaz.

Além disso, com o passar do tempo, muitas culturas indígenas estão esquecendo seus conhecimentos, e sendo absorvidas pela cultura dominante nacional, causando um fenômeno social, denominado de *hibridismo* ou *miscigenação*, que pode ir contra seu conhecimento autóctone.

Assim, unidades de informação (de todos os tipos) estão chamadas a terem um papel fundamental no registro, reprodução e divulgação das informações autóctones, estimulando e motivando a participação da comunidade no conhecimento e valorização das informações que são a base da cultura ocidental..

Em alguns países da América Latina se têm criado para fazer frente a processos de assimilação ou perda das culturas originárias programas de alfabetização nas línguas próprias. As *escolas indígenas* têm como finalidade o ensino/aprendizado de acordo aos costumes, tradições e valores dos próprios nativos, visando ao reconhecimento das suas informações, seus aportes ao conhecimento ocidental e a manutenção no tempo da sua própria identidade/diversidade étnica. A participação no ensino de professores nativos é um objetivo que persegue este tipo de ensino, usando pessoal que é parte de etnias, pois estão mais identificados com as necessidades dos seus povos. Os materiais de ensino empregados têm mudado e deixaram de ser aqueles fornecidos pelos governos, que usam a sociedade em geral, para aqueles elaborados pelos próprios indígenas.

Apesar de estas iniciativas constituírem uma base fundamental, no começo do contacto

---

<sup>3</sup> Ver definição no Apêndice.

do indígena com a informação são fatos isolados, que não têm uma continuação no tempo, e não é parte de um sistema amplo integrado de ensino, que considere outras entidades, como são as Bibliotecas na continuação e apoio do aprendizado do indígena.

A educação indígena tem-se concentrado mais na transmissão de informação, nos modelos tradicionais de ensino-aprendizagem, sem considerar o aprendiz como um ser com um grande potencial para questionar, criticar e elaborar informações, que vão além dos conteúdos recebidos em aula. Esta carência faz do indígena um desconhecedor do uso ou emprego de fontes de informações tradicionais ou bibliografias que estejam em estoques, como bibliotecas/arquivos, e que logo com o desenvolvimento das TICs, novos suportes de informação surgiram (bases de dados, DVD, CD-ROM, redes, etc), e que devido às características deste tipo de fontes (alta capacidade de armazenagem, velocidade, virtualidade, etc.), demandaram do usuário indígena novas competências.

A implementação recente de programas de inclusão digital para segmentos não-hegemônicos no Brasil, têm contribuído em parte a diminuir a brecha digital dos povos indígenas, fazendo frente a esta carência no acesso e uso das TICs. Ter contato com estas experiências, conhecer a sua realidade, pretende dar resposta à principal inquietação (problema-pergunta) desta pesquisa, que é:

*COMO SE CONFIGURAM AS RELAÇÕES ENTRE IDENTIDADE/DIVERSIDADE CULTURAL DOS POVOS ORIGINÁRIOS, AS TICS E SUAS PRÁTICAS INFORMACIONAIS A PARTIR DOS PROGRAMAS DE INCLUSÃO DIGITAL GOVERNAMENTAIS?*

Esta indagação pretendeu ser respondida a partir de dois momentos. Num primeiro momento por meio de uma pesquisa documental tradicional e via internet para conhecer as experiências dos indígenas com as TICs; e através de uma pesquisa de campo em duas comunidades indígenas da região do Nordeste, os Kariri-xocó de Alagoas e os Pankararu de Pernambuco visando conhecer as suas *práticas informacionais* fazendo uso da Internet principalmente, enquanto membros de uma comunidade indígena.

## 1.2. JUSTIFICATIVA.

Exclusão social, causada pela discriminação, pobreza e marginalização são termos que caracterizam a situação atual dos povos indígenas, desde o choque entre a civilização ocidental e a sua cultura. Sua sobrevivência se deve em parte a circunstâncias históricas, que não levaram a um desaparecimento total de algumas etnias e por outro lado ao papel chave que tiveram setores da sociedade civil (setores de governo, ONGs, organismos internacionais)

que reconheceram o valor da sua existência.

Apesar de um certo fortalecimento da identidade étnica, sobretudo, no início na década de 1960 nos chamados movimentos indígenas/organizações indígenas; ainda se mantém amplos setores das comunidades indígenas à margem dos direitos civis, sociais, econômicos e culturais.

O continente latino-americano com um forte componente indígena e mestiço, seus setores hegemônicos em geral negaram esta herança, não aceitando a existência autônoma, com identidade própria, das culturas que conseguiram manter seus costumes, práticas e valores, refletidos nos seus conhecimentos e saberes autóctones. Por outra parte, os governos não têm elaborado políticas eficientes e eficazes que permitam uma ampla participação deste setor da sociedade, em assuntos chaves como educação, saúde, moradia e cultura.

Desta forma, as culturas originárias só têm conseguido em parte avanços significativos, provocado principalmente por suas próprias organizações e as pressões exercidas sobre os organismos de governo e chamando a atenção da comunidade internacional para as suas demandas e reivindicações.

Desde o surgimento das TICs, os povos indígenas passaram a enfrentar um novo desafio, uma ameaça e uma oportunidade, manifestado principalmente pela possibilidade de exclusão social, do tipo digital, de não ficar novamente à margem deste tipo de recurso chave para o acesso ao conhecimento. Se já existia, como se indicou, uma marginalização histórica no aspecto educacional e informacional, as TICs poderiam levar a um outro tipo de exclusão que é a digital.

Assim, as TICs constituiriam um *desafio* para os povos indígenas, porque estes recursos obrigam ao desenvolvimento de uma série de habilidades/competências no uso/acesso/produção de conteúdos digitais eletrônicos, o qual implica uma nova atitude, comportamento e capacidade em face desta nova realidade tecnológica.

Uma *ameaça*, pois o segmento indígena deve possuir uma série de recursos (financeiros, cognitivos, materiais, tecnológicos) para não ficarem à margem da sociedade da informação.

Uma *oportunidade* que fica refletida em parte pelo uso dado por algumas etnias das redes eletrônicas de informação, principalmente Internet, espaço hipermídia de conexão on-line, aonde têm dado a conhecer a sua realidade social, política, econômica e cultural, assim como um espaço de luta, de manifestação, expressão e reivindicação.

Desta forma a Informação, Tecnologias e Comunicação são elementos chave no acesso, organização e difusão do conhecimento, para o qual se requer de elementos de hardware e software conectados em rede, as Tecnologias de informação e Comunicação (TICs), conceito que os engloba, passaram a constituir uma nova estrutura, que pode ou não estar incluída em organizações como bibliotecas/arquivos, sendo independentes respeito ao local de consulta de informação.

Por conseguinte, conhecer a situação do impacto das TICs nos povos indígenas, desde o ponto de vista do seu acesso e uso, como as habilidades, dificuldades, inquietações enfrentadas neste processo, são importantes para propor medidas que poderiam contribuir para um melhor aproveitamento destes instrumentos, que são em si meios para a informação, mas o que realmente importa é desenvolver em nossos usuários é a sua capacidade cognitiva, intelectual, criativa, de imaginação e crítica, com a informação recebida através das redes, para daí criarem novas informações.

Como já se indicou a situação do conhecimento indígena, desde o ponto de vista da produção intelectual indígena, é algo complexo, pois as maiorias das suas criações têm sido feitas por membros da sociedade ocidental, estudiosos do tema. A visão por parte dos principais envolvidos é algo que só recentemente se está consolidando, em parte por causa de algumas organizações indígenas, e pela consideração de organismos internacionais, como a UNESCO, OIT, NU, dentre outras.

As ações de recepção, geração e transferência de informações podem ser determinadas nos povos indígenas. Faz-se preciso conhecer esta realidade, desde seus primórdios, isto é, desde a criação de serviços para indígenas em alguns tipos de unidades de informação, até o uso/acesso das TICs, instrumentos que demandam habilidades/competências no uso de equipamentos, assim como determinar a participação na criação de conteúdos na rede.

### 1.3. OBJETIVOS.

#### 1.3.1. OBJETIVO GERAL.

Analisar a relação entre identidade/diversidade cultural, tecnologias de informação e comunicação (TICs) e práticas informacionais dos povos indígenas a partir dos programas de inclusão digital governamentais desenvolvidos nestas comunidades.

#### 1.3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.

- Determinar os perfis dos usuários indígenas;
- Identificar os fatores que dificultam o acesso aos serviços/recursos de informação por parte dos indígenas;
- Distinguir as práticas informacionais por parte dos indígenas;
- Caracterizar especificamente as ações de inclusão digital conduzidas pelo governo brasileiro e outras entidades da área privada, do terceiro setor e da sociedade civil, em relação às populações indígenas.

#### 1.4. PRESSUPOSTOS ESPECÍFICOS.

-Informação, Tecnologia e identidade/diversidade cultural não se relacionam de forma imediata, ou seja, a implementação de práticas informacionais não leva necessariamente ao desenvolvimento de uma identidade cultural étnica;

-As práticas informacionais configuram-se como recursos de apoio às práticas de identidade/diversidade cultural a partir de um contexto participativo-comunicacional em rede;

-As práticas informacionais com apoio das TICs e de inclusão digital podem levar a uma reconstrução e reprodução das identidades/diversidade cultural dos povos indígenas.

## 2. REVISÃO DE LITERATURA.

### 2.1. A Informação, Comunicação e Tecnologia, elementos para a integração, acesso e cooperação.

A *informação* é um elemento que existe no mundo, desde antes do ser humano habitar a terra, esta veio a concretizar-se à medida que foram acontecendo diversas interações e contatos entre os coletivos humanos. A capacidade de expressão dos primeiros habitantes se manifestou em diversos tipos de criações, por exemplo, a Pintura Rupestre onde se refletia sua cosmologia, costumes e forma de vida, um tipo de linguagem que ficou de manifesto neste tipo de registro.

O desenvolvimento de formas mais complexas de organização, como são as Comunidades, onde as atividades sociais se foram diferenciando, tornou necessário outro tipo de registro, sobretudo para as atividades da economia ou comércio. Assim, a escritura em suportes de tábuas de barro, pergaminhos, e papiros, permitiu um registro de informações que precisavam de um maior controle, sistematização e segurança. O anterior permitiu o desenvolvimento do que viria a ser o sistema econômico, social, político e cultural dos povos.

Os fatos anteriores, nos apresentam o surgimento e o evoluir da *tecnologia* como um produto natural da história humana e seu conhecimento foi agente causante de novas linguagens, de uma nova ordem do discurso. Seu impacto em diversos aspectos da vida humana, artes, ciências, trabalho, implicaram uma mudança radical nas suas etapas/procedimentos.

Ter em conta os impactos da tecnologia amplia sua definição, como indica TARGINO, citando a MIGNOT-LEFEBVRE (p.130, 1996) que ao ampliar seu conceito sobre tecnologia, incorporando não somente o conjunto de técnicas audiovisuais, de telecomunicações, de automação, etc., incluindo, como dimensão conceitual, as decorrências econômicas e sociais dessas técnicas dentro de uma visão temporal e espacial - nenhum recurso tecnológico é um fim em si próprio. Sua adequação precisa estar **sempre**, [grifo do autor] atrelado a uma melhor qualidade de vida.

As aplicações tecnológicas em Comunicação implicaram novas formas de relações



sociais e práticas culturais, a começar pela escrita. A qual favoreceu a consolidação da literatura e da imprensa que popularizou as informações. A invenção da imprensa tipográfica foi uma mudança radical no registro e difusão da informação, permitindo uma distribuição mais abrangente aos habitantes. Assim, o surgimento de formatos, como códices, livros, revistas, constituíram um câmbio radical de registro e acesso ao conhecimento. Contudo, há que ter em conta que apesar das tecnologias terem causado novos paradigmas sociais e econômicos, estas não são uma panacéia, pois apesar de ter solucionado problemas como de registro e armazenamento, novos problemas sociais surgiram e são produtos destas novas invenções.

Na história ocidental, durante o Renascimento e o Iluminismo, aconteceu uma série de invenções e descobrimentos, o que provocou uma grande produção de informações, inquietando a comunidade científica, sobre como controlar e ter acesso a toda essa massa de dados. Surgiram disciplinas como a Bibliografia e Documentação num intento de estudar esse fenômeno. Criaram-se institutos e se organizaram Sociedades, onde o principal foco era ter um registro do produzido. Assim, o Controle Bibliográfico já surgia como uma necessidade no século XIX.

Logo após as duas Guerras Mundiais, Vannevar Bush (cientista vinculado à área de Defesa do governo norte-americano), tendo percebido o avanço tecnológico, propôs a criação de um dispositivo que permitiria o controle e acesso às informações. O crescimento exponencial da informação, causado pela grande industrialização, no século XIX e o desenvolvimento de ciências, incentivaram ainda mais a pesquisadores de todos os âmbitos, a procurar soluções.

A invenção de novas tecnologias, denominadas “*mass média*” (cinema, rádio, televisão, imprensa) de uma forma ou outra impactou a informação, sobretudo, na sua quantidade e difusão (comunicação), permitindo o surgimento de diversos tipos de interação dos usuários com os conteúdos veiculados. Contudo, foi o computador que causou uma mudança radical, ao ser um instrumento que permitiu solucionar o problema de armazenagem de muita informação.

De acordo com TARGINO (1996, p.131)

a influência da informática nos processos de difusão da informação foi decisiva, pois nos levou a um novo modelo informacional distributivo, dinâmico e hipertextual, no sentido de atender os usuários, de modo não mais linear, mas respeitando sua estrutura cognitiva e suas demandas singulares. Tais mudanças se refletiram nos chamados “meios de comunicação de massa” (MCM). Estes informam, formam e deformam. Estimulam a sociedade de consumo. Consolidam laços de dependência. Incentivam a massificação de hábitos, costumes e atitudes, em perspectiva vertical ou massificação de

hábitos, costumes e atitudes, ou seja, no modelo **in-formativo**, [grifo do autor] em que o emissor manipula as probabilidades de transmissão de dados.

O impacto da computação e as telecomunicações causaram o surgimento das chamadas “*novas tecnologias de comunicação*” que tiveram como base a *comunicação entre computadores via satélite* (FERNANDES, 1986, p.102), o que constitui os primórdios da comunicação em rede, via computador. Estas tecnologias apontam para uma de-massificação da sociedade (SICHEL apud TARGINO, 1996 p.131.), dentro de um modelo **co-informativo**, [grifo do autor] de estrutura horizontal e vertical, em que receptores e emissores interagem. Segundo TARGINO (1996, p.131), mesmo com a

sobrevivência da comunicação massiva como decorrência natural das diferenças sociais, caminha-se cada vez mais, para a comunicação direcional ou “democrática” que une grupos de interesses comuns, em que ambos os processos de informação e comunicação, objetivam respeitar o repertório individual, o que é comprovado pelo boom de publicações especializadas, pela difusão da TV a cabo, pela adesão crescente as redes eletrônicas de comunicação e a possibilidade de acesso a bases de dados on-line ou via CD-ROM.

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) <sup>4</sup> implicam fundamentalmente na adaptação de formas tradicionais de comunicação (escrita, audiovisual, pictográfica) à eletrônica, que se nos apresentam nos mais variados formatos. Resumindo, algumas inovações no decorrer do tempo: os videodiscos, computadores, satélites de comunicação, videogames, incluindo variantes ou entrelaçamentos destas inovações, como é o caso do VIBC ou *video-instrução* baseado em computador, da multimídia, do videotexto, do audiotexto, do hipertexto, da telefonia celular, jornal eletrônico. Chegando assim, à *information superhighway* ou super-rodovia da informação, formada por um misto de telefone, TV e computador.

As TICs na América Latina têm causado uma adesão e uma crítica. Ambas posturas, se entrecruzam, dependendo de quem produza a tecnologia, os conteúdos e quem recebe as informações. Produtores e usuários, nesta área do continente estão mais afastados, desde o ponto de vista econômico, tecnológico, social e cultural, em comparação com o que acontece nos países mais desenvolvidos. Contudo, desde o ponto de vista latino-americano, cabe ressaltar uma corrente que vem surgindo, sobre as análises das *tecnologias de comunicação* (computadores, Internet, etc), a *mediação*, a qual significa que entre estímulo (do meio) e resposta (por parte do “usuário”) há um espaço de crenças, costumes, sonhos, medos, tudo o que configura a cultura cotidiana. Para Martin-Barbero (2000, p.154). “medir a importância dos meios em si mesmos, sem levar em conta essas bagagem de mundo, da vida, da gente, é estar falsificando a vida para que caiba no modelo dos estudos dos meios”.

O continente latino-americano é uma área rica em tradições, histórias, tecnologias e conhecimentos, que se remonta a tempos de antes da colonização, o qual sobrevive, apesar da homogeneização/fragmentação causado em grande parte pelas tecnologias de comunicação, que impõem uma visão totalizante de uma cultura ocidental, tentando influenciar através de pautas de comportamento, valores e opções de cultura que não refletem as particularidades e criatividade dos países latino-americanos. Assim o que ressalta Barbero motiva a ter uma atitude alerta e crítica, para não esquecer o que existe aqui na América Latina, como alguns autores têm denominado de *infodiversidade*, que deve contribuir ao nosso senso crítico-seletivo do recebido pelos meios de comunicação.

Além de surgir novos aparelhos, o que surgem são novas linguagens, novas formas de perceber, novas sensibilidades, novas formas de perceber o espaço, o tempo, a proximidade, as distâncias. O usuário destas tecnologias não é um mero receptor de informações, ele antes tem uma bagagem “cultural” que vai influir em sua opinião ou recepção do que vê, escuta ou lê. (MARTIN-BARBERO, 2000, p.157-158).

2.1.1. As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs): um novo estágio na armazenagem, controle e difusão do conhecimento.

Os meios de comunicação de massa causaram a divisão entre os teóricos que estavam a seu favor, pois permitiam segundo eles um alargamento da área cultural com a circulação de informações, para todas as camadas sociais e por outra, os contra, ao argumentar a formação de uma cultura de massa, sem sentido crítico ou de resposta.

Não obstante, como indica BIANCO (2001, p.152):

na contemporaneidade, a base material que constitui a *comunicação* está mudando profundamente com o desenvolvimento das tecnologias de informação. O tradicional modelo de comunicação massiva, esta dando lugar a um novo sistema, capaz de abranger e integrar todas as formas de expressão, diversidade de interesses, valores e imaginações, inclusive a expressão de conflitos sociais.

A convergência entre telecomunicações, os meios de comunicação de massa e a informática (digitalização), tem permitido uma interatividade e integração de todos os meios através das redes.

A diferença, em relação a outras tecnologias, é que na atual, a matéria-prima é a *informação* moldada pelo computador. “São tecnologias, para agir sobre a informação, não apenas informação para agir sobre a tecnologia” (CASTELLS, p.78, 1999). A relação

---

<sup>4</sup>Recomenda-se ao leitor ver no Apêndice uma definição deste termo.

informação, comunicação e tecnologia, agora deixam a possibilidade de modificar ou alterar os conteúdos veiculados, o receptor e emissor podem ter uma participação ativa, nas informações por eles recebidas ou emitidas.

A oposição ainda continua vigente, entre apologistas a favor e os em contra destas tecnologias, mas agora, sobretudo quando se discute o âmbito do controle das informações, por parte dos “donos”, ou empresas de comunicação e informática (do âmbito privado ou público), pois estes novos atores estão levando a uma homogeneização e controle do recebido pelos usuários. Existem as exceções, expressadas nos grupos minoritários que têm vindo a fazer uso destes recursos tecnológicos, os quais contam com certa “liberdade” de expressão, para pôr suas próprias informações (é o caso da comunicação comunitária). Para SOARES (1995, p.43) “a aparente perturbação da linearidade dos processos de comunicação representa um ganho de causa. A multiplicação dos signos em circuito, a fragilização das estratégias de controle cultural e a expressão de novos atores sociais beneficiou os grupos preocupados com a espontaneidade e autenticidade das expressões culturais”.

#### 2.1.2. As Tecnologias de Informação e Comunicação – impactos sociais e econômicos.

Como se indicou anteriormente as tecnologias de informação e comunicação (TICs) estão inseridas num contexto histórico-social, afetando diversos aspectos da vida humana.

TARGINO assinala cinco áreas no qual as TICs, modificaram a sociedade: a emergência e a consolidação de um novo setor económico, denominado **quaternário**; a emergência de um espaço mediático transnacional ; novas formas de organização e relações de trabalho ; a retração da esfera pública e a intensificação e valorização do consumo.

-A emergência e a consolidação de um novo setor económico, denominado **quaternário**.

Com o fim da sociedade industrial e a emergência da sociedade pós-industrial, aconteceu o fim da produção de recursos finitos tangíveis, pela produção de produtos que incorporam a informação como principal componente e que requer um novo tipo de produção, distribuição e difusão para seu aproveitamento económico. O setor quaternário incorpora atividades relacionadas com a indústria da informação e do conhecimento-imprensa, bibliotecas, institutos de pesquisa, bancos de dados, empresas de software, etc.

A autora destaca a abordagem ingênua e pouco crítico, desde a visão económica, sobretudo fornecida pela mídia. Segundo ela “predomina o tom de deslumbramento em

relação às novas tecnologias, como se fossem por si sós, capazes de revolucionar a sociedade e produzir um inimaginável mundo novo”. (TARGINO, 1996, p.133)

FINLAY (apud TARGINO, 1996, p. 133) ao dissertar sobre o poder e o controle dos discursos sobre as novas tecnologias de comunicação, destaca que entre os “gurus” nas NTC (Novas Tecnologias de Informação), predomina o setor econômico como categoria total e dominante da organização social. Exemplos são Daniel Bell, Alvin Toffler, Marc Porat e Fritz Machlup. Eles se apóiam nas estatísticas econômicas relativas ao porcentual do Produto Nacional Bruto- PNB destinada a atividades de informação assim como o índice de mão de obra do setor quaternário. Isso explica porque as novas tecnologias são de forma automática ligadas a impactos econômicos, dissociando-os dos demais processos paralelos.

É um fato que o setor quaternário interatua com outros, existem interações entre os diversos aspectos da sociedade, a tecnologia não determina totalmente a economia, existem outras esferas culturais, como Habermas (1988) indica o espaço quaternário não é algo que se superpõe à condição humana, à cultura, à sociedade e à vida.

- A emergência de um espaço mediático transnacional.

Este novo espaço é causado pela *nova ordem internacional*, orientada pelo paradigma tecnológico da sociedade quaternária, no qual as novas tecnologias de comunicação e a mídia atuam como agentes principais.

O fim da Guerra Fria e do sistema bipolar provocou o surgimento de um novo tipo de relacionamento entre as nações, centrado no comércio internacional. Novas estruturas ou formações regionais surgem, com a finalidade de ajustar interesses econômicos comerciais. Esta nova integração usa a informação técnico-científica como fator estratégico. A globalização econômica aumentada com a formação de blocos econômicos avança logo no plano cultural, representada pelo mercado audiovisual. Assim, a emergência desse novo espaço mediático transnacional provocou uma crise das antigas ordens de representações, saberes e das próprias formas de produção de subjetividade. Trata-se, segundo PARENTE (1994, p.3) de uma crise cultural, que no caso da América Latina pode estar refletida na escassa produção audiovisual na região que apresente nossos próprios valores ou subjetividades.

-Novas formas de organização e relações de trabalho.

Na economia pós-industrial, o trabalho sofreu um impacto em diversos aspectos, por exemplo, o espaço doméstico passou a ocupar os escritórios convencionais, através das redes eletrônicas que os interligam. Assim espaço, tempo e distância são os campos do trabalho mais afetados.

Por tanto, a cultura pós-moderna fica refletida na “eliminação das fronteiras entre a intimidade e a vida profissional, o que representa um impacto relevante, tanto na organização social como nas relações em nível mais humano e subjetivo”. (TARGINO, 1996, p.135)

- A retração da esfera pública.

Segundo ARENDT (1983, p.59) o espaço público tem a função de expor a conduta humana, permitindo que todos demonstrem ao seu público, através de atitudes comportamentais, quem é e do que é capaz. O espaço público é a esfera do comum. A aparição pública é condição básica para a consolidação desse espaço comum, visto que “... para nós, a aparência – naquilo que é visto e ouvido pelos outros e por nos mesmos – constitui a realidade”.

A mídia institucionalizada, com o impulso das TICs exerce, cada vez mais, a função de agente desse espaço. Existe a sensação que ante a variedade de programas e na liberdade de escolha há uma liberdade de expressão. Contudo, estas são empresas capitalistas, que atuam em consonância com outros conglomerados que refletem interesses econômicos e políticos.

Segundo TARGINO (1996, p.136) assim:

não há um compromisso com uma ação de cidadania conseqüente, a fim de que o publicitado não se perca no esquecimento e na apatia, e o espaço público midiático ou esfera pública pós-moderna caracterizasse por ser excludente. Na teoria todos têm livre acesso e direito à informação. No entanto, milhões de pessoas sobrevivem à margem do usufruto pleno desse direito.

- Intensificação e valorização do consumo.

O capitalismo instaurou a sociedade de consumidores. Ante a superprodução de bens e produtos em série, o uso é substituído pelo consumo. O consumo passa a constituir uma variável que determina o grau de igualdade social, acesso e inclusão em uma sociedade democrática. Ante o fim da utopia marxista, pois a emancipação do homem em relação ao trabalho não aconteceu, o consumo passou a constituir o elemento que determina o grau de igualdade.

Existe uma relação e vinculação entre o consumo e a mídia. A comunicação permite que muitas das atividades do consumo sejam realizadas, em que as TICc ampliam o mercado e as relações de consumo. As empresas comerciais fazem uso das redes eletrônicas como estratégia de mercado.

### 2.1.3. Os povos indígenas e a informação, o caso das Bibliotecas Indígenas.

Os grupos indígenas têm sido denominados de diferentes formas, índios, povos originários, nativos, primeiras nações, quarto mundo... O mesmo termo indígena deriva do engano que teve Colombo ao acreditar que tinha chegado às Índias. Existem diferentes intentos de normalizar o termo, o mais destacado é o elaborado pelo Relator Especial das Nações Unidas, José Martínez Cobo, no seu *Estudio del problema de la discriminación contra las poblaciones indígenas* (1983). A definição do *Informe Cobo* foi utilizada para a redação do projeto de *Declaração Universal dos Direitos dos Povos*, das definições do direito internacional e da Convenção 169 da OIT, é a seguir:

São comunidades, povos e nações indígenas as que, tendo uma continuidade histórica com as sociedades anteriores à invasão e pré-coloniais que se desenvolveram nos seus territórios, se consideram distintas a outros setores das sociedades que agora prevalecem nesses territórios ou em parte deles. Constituem agora setores não dominantes da sociedade, e têm a determinação de preservar, desenvolver e transmitir a futuras gerações seus territórios ancestrais e sua identidade étnica, como base da sua existência continuada como povo, de acordo com seus próprios padrões culturais, suas instituições sociais e seus sistemas legais. (COBO, 1983, p.50)

As comunidades aborígenes têm uma série de características, que as diferencia como grupo étnico da cultura dominante, dentre as quais estão:

a. Estruturas econômicas orientadas para sistemas tradicionais de produção e de gestão e repartição das riquezas, b. Esquemas de poder próprios, costumes e instituições políticas e sociais distintas das empregadas pela sociedade dominante, c. Existência de vínculos com os habitats e territórios consideradas ancestrais e com os recursos naturais, d. Organização socioeconômica do grupo de acordo a um profundo conceito de “comunidade”, e. Prática da medicina natural, o *chamanismo* e uma cosmovisão religiosa própria, f. Emprego de *línguas originais*, em geral em vias de extinção, o que dá formação a uma identidade lingüística, que reflete características sociais e culturais destas etnias na sua forma de expressão e inter-relação com o meio, g. “Sistema de educação próprio” ou tradicional, fazendo uso da tradição oral. (CIVALLERO, 2004, p.28)

O número de indígenas atuais no mundo se calcula em 300 milhões (dados obtidos de *Who are indigeous*), habitando aproximadamente 70 países dos cinco continentes desde o Ártico ao Amazonas, desde o Saára até a Austrália. Mais de 150 milhões vivem na Ásia, em países como China, Índia, Indonésia e Japão. Cerca de 40 milhões habitam em América

Latina (MATOS MAR, 1993), na Bolívia, Guatemala e Perú estes povos constituem mais da metade da população.

As comunidades indígenas são possuidoras de uma série de informações/conhecimentos ancestrais, cujos últimos detentores são os últimos anciãos – verdadeiras bibliotecas viventes - que segundo critério da UNESCO (1998) correm sérios riscos de extinção, por diferentes causas como, por exemplo, as novas gerações não terem presente os conhecimentos dos seus antepassados e por outro lado entidades como as igrejas que levam adiante um forte processo de aculturação.

Estas informações incorporam uma série de elementos ou aspectos, dentre os quais esta sua cosmovisão, suas crenças, idéias, costumes, tradições, etc. A principal característica desta informação é a sua *oralidade*, a agrafia, que é a ausência de sistemas de representação gráfica da informação, a qual caracteriza a maior parte dos povos indígenas do mundo, “os quais utilizam a transmissão oral e outras formas de expressão cultural -- música, teatro, pintura, dança - como meios de comunicação e perpetuação dos saberes”. (CIVALLERO, 2004, p.16)

As informações/conhecimentos indígenas constituem a base da cultura autóctone e da sua identidade étnica, segundo CIVALLERO (2004, p.4) “um fator determinante para a preservação da identidade seja a *conservação dos conhecimentos* e das formas de expressão tradicionais, e, sobretudo, a educação de acordo com as pautas de cada etnia e mediante o uso de métodos e línguas próprias”.

A informação indígena, base da cultura e identidade nativa, no evoluir do tempo tem recebido influências externas (acontecimentos históricos principalmente) e do próprio progredir da cultura originária, em contato com outras com características diferentes ou em diferentes estágios de desenvolvimento. Estes conhecimentos são frágeis, devido, sobretudo ao seu caráter oral, sendo a memória um fator chave para sua manutenção no tempo, e a comunicação interpessoal e grupal um meio de transmissão, o qual tem levado a sua vulnerabilidade; à diferença das culturas ocidentais com um registro escrito gráfico, que permite uma melhor conservação e perpetuação no tempo.

À diferença do conhecimento ocidental, com um caráter científico tangível, cuja característica principal é a individualidade e a competência, fatores da sua evolução e progresso, “os saberes tradicionais destes povos são o resultado do acúmulo de experiências comunitárias e individuais vividas ao longo do século”. CIVALLERO (2004 p.17).



Como já se indicou a agraphia é uma das principais características dos saberes indígenas, foram poucas as culturas que desenvolveram algum tipo de registro, como são as culturas *Maias* ou *Astecas*, que contavam com códices e no caso dos *Mapuches* há especialistas que criaram sistemas de registros (Exemplo: Dicionários lingüísticos) que permitiram até hoje uma certa recuperação do idioma e por conseguinte da sua história e cultura.

A linguagem ou língua constitui a principal ferramenta para transmitir uma cultura, a sua forma oral e escrita vai em parte determinar sua projeção no futuro. Ela não só constitui um meio de comunicação, mas reflete o estado de uma cultura, sua história, cosmovisão e suas particularidades. Para BEALS (1959) “pode-se dizer que povos com diferentes linguagens vivem em distintos mundos”. A diversidade lingüística esta ameaçada pela “secular tendência unificadora da maioria dos Estados a reduzir a diversidade e a favorecer atitudes adversas à pluralidade cultural e o pluralismo lingüístico”. (RAMON I MIMÓ, 1997).

Os idiomas em perigo são os denominados “minoritários”, em geral se trata de línguas próprias de determinados territórios, o idioma da comunidade historicamente estabelecida em um determinado espaço, que tem nula ou desigual equiparação às línguas majoritárias. Mais que pelo tamanho do grupo lingüístico, “as línguas minoritárias se definem pelos direitos sociais (...), desde o prisma lingüístico, são possíveis de englobar toda a gama de situações possíveis: dialêtos, línguas prestandarizadas, estandarizadas e cultas”. (RAMON I MIMÓ, 1997).

Na América Latina, as línguas nativas são todas minoritárias e consideradas “inferiores” por carecerem em geral de um sistema de escrita. Contudo como indica HOEBEL (1973, p.36) “Os sistemas de escrita são inventos que se remontam a tempos relativamente recentes (às idades do Bronze e do Ferro). As línguas existiram desde muito antes. A língua não escrita [...] conserva as tradições orais com fidelidade, pondo atenção na correção e precisão da fala”.

Existem alguns programas internacionais na procura da salvaguarda das línguas ameaçadas, tentando uma recuperação da fala dentro da comunidade, mediante a revitalização dos canais da informação e o apoio às iniciativas de expressão cultural e oral. Exemplos destes programas são o da *Foundation for Endangered Languages* ([www.ogmios.org/home.htm](http://www.ogmios.org/home.htm)) e a *Endangered Language Fund*. (<http://www.endangeredlanguagefund.org/request.html>)

Desde fins do século passado existe um reconhecimento das culturas minoritárias, a *diversidade cultural*<sup>5</sup>, um termo que a UNESCO passou a usar para o reconhecimento da pluralidade e identidade de povos que antes se denominavam homogêneos. O conceito de diversidade cultural refere-se à variedade de formas e enfoques que assume a cultura nos distintos grupos humanos, possuidores, cada um, de todo um conjunto de rasgos próprios. Seu patrimônio cultural. Este inclui tanto manifestações tangíveis (arte, mobiliário, adornos, construções, monumentos, *criações literárias em suporte, ex. códices. Literatura indígena registrada em algum tipo de código ou escrita*) como intangíveis (*língua, música, crenças, costumes, idiosincrasia*) e constitui a maior riqueza da Humanidade (UNESCO, 2002, art.1)

Esta nova situação legal, que garante em parte um reconhecimento internacional de uma instituição dedicada à proteção e promoção da cultura e educação, permite certa garantia aos conhecimentos indígenas registrados ou não.

#### 2.1.3.1. Antecedentes da Biblioteca Indígena.

A biblioteca pode ser uma instância de recuperação, organização e difusão dos conhecimentos tradicionais indígenas, isso fica em parte apoiado pelo *Manifesto sobre a biblioteca pública da UNESCO* (1994), em cujo preâmbulo o valor desta unidade de informação fica expressado, indicando “... (É) a força viva para a educação, a cultura e a informação, e (...) agente essencial para o fomento da paz e do bem estar espiritual através do pensamento de homens e mulheres”.

A UNESCO destaca seu caráter amplo, de igualdade de oportunidades e sua neutralidade, enfatizando a conveniência de convertê-la em um *centro cultural da comunidade*, estando a serviço ativo e construtivo da mesma.

Para vários autores como CARRIÓN GÚTIEZ, M. (1993); DOBRA (1997); GARCIA (1997) a biblioteca é um meio para o *conhecimento social*, que recupera a cultura de uma comunidade, para ser organizada e difundida.

A partir de uma definição clássica de AMAT I NOGUERA (1985, p.24) quem define a *biblioteca* como “toda coleção organizada de livros, publicações periódicas e outros documentos- em especial gráficos e audiovisuais - assim como os serviços do pessoal, que facilite aos usuários a utilização destes documentos, com fins informativos, de pesquisa, de

---

<sup>5</sup> Outra definição é fornecida no Apêndice..

educação ou de lazer”, pode se apreciar nesta definição a função social e de comunicação, cujo foco é o usuário, procurando satisfazer suas necessidades de informação. Apesar de ser um termo amplo, colocando os usuários como uma categoria genérica, os povos indígenas são parte integrante, estes devem ser tidos em conta na hora de planejar um um serviço ou biblioteca especializada neste campo.

A vinculação humana, de mudança e serviço para uma comunidade, por meio deste tipo de unidade, é manifestado por alguns autores da biblioteconomia e da ciência da informação:

“... uma coleção de livros e de outros meios de *comunicação do conhecimento social* que, devidamente organizada, *se põe ao serviço de uma comunidade* com os meios técnicos e pessoais”. (CARRIÓN GÚTIEZ. 1993 p.23).

“Instrumento capaz de impulsar e sustentar o *renascimento psico-social do individuo*, o clã, a cidade, a comunidade e todo o país” (ADIMORAH, 1983).

Contudo, a função de conservação de *memória histórica, cultural e coletiva de um povo* (incluído os povos indígenas) também pode ser assumida pela biblioteca.

Para GARCIA (1997, p.27):

é uma necessidade da sociedade que as idéias, as soluções, os avanços se conservem além da memória pessoal, que se preservem no tempo e que se garanta sua transmissão de uma geração a outra, já que isto caracteriza nossa condição humana e, neste sentido, o documento e as bibliotecas são o meio mais idôneo.

A Biblioteca é uma entidade que surgiu inicialmente para a guarda, conservação, proteção de acervos oficiais de governo, associada às vezes com os arquivos, passou logo a ter uma função social, como a Biblioteca de Alexandria, mas na história deste tipo de unidade, acontecimentos de tipo político foram determinantes para um maior contato com a sociedade e os grupos minoritários. Assim a biblioteca, principalmente a pública, a especializada e as da área educação podem ter uma ligação com as comunidades indígenas, pois nelas a função social, educativa, cultural, informativa são as principais, sendo necessário ter em conta diversos segmentos da sociedade, como os povos indígenas.

Assim dentro da tipologia tradicional de pública, popular, universitária, escolar, etc., as bibliotecas que mais podem estar a serviço das comunidades indígenas são a primeira e segunda. Ficam para as outras o desafio e a possibilidade de criarem serviços/produtos para os usuários indígenas, e no caso da biblioteca escolar, com os novos programas de educação intercultural bilíngüe, fazer uma biblioteca escolar mais intercultural.

A biblioteca pública ou popular, segundo AMAT I NOGUERA (1985, p.47) “são aquelas bibliotecas que estão gratuitamente ao serviço de uma comunidade, especialmente de uma comunidade local ou regional, para atender ao público em geral, ou a certas categorias de usuários como crianças, militares, doentes de hospitais, detentos, obreiros e empregados”. Nesta definição se vê a missão democrática deste tipo de unidade, que pretende cobrir as necessidades informativas de uma série de tipos de usuários, onde podem ser incluídos os indígenas, de diversas etnias, com características, hábitos e necessidades informativas específicas.

A visão da biblioteca pública como um serviço social, é destacada por DOBRA (1997, p.24) para quem “deve ser um serviço social e um centro de animação cultural (...) que atua com fé social; fé em que a gente pode melhorar, progredir (...). Tem que ajudar a descobrir inquietudes, estimular a educação permanente e melhorar a sua qualidade de vida”. Assim o autor propõe uma mudança de atitude, a modificação profunda do modo de trabalho tradicional - depósito de livros - para uma participação dinâmica na vida comunitária.

A biblioteca, sobretudo pública, pode contribuir a que setores marginalizados e discriminados, como os índios recebam as informações da sociedade “branca” (informação comunitária) que precisam para sobreviver e atuar na sociedade global, como se indica a continuação:

A possessão de informação sobre direitos, responsabilidades, moradia, salubridade, serviços públicos ou formas de organização, etc., particularmente nos setores mais deprimidos da sociedade, contribuirá a que os cidadãos estejam em melhores condições para participar de maneira consciente e efetiva na vida social, política e econômica de uma nação. (DE LA VEGA DE DEZA apud CIVALLERO, 2004, p.5)

Por outra parte, ORERA (1997, p.397-398) indica a importância que a biblioteca popular pode ter na integração de coletivos minoritários à sociedade. A existência de serviços distintos para minorias étnicas e lingüísticas justificasse segundo esta autora, por serem estas minorias incapazes de aproveitar ao máximo as atividades dirigidas aos usuários em geral, o qual pode acontecer por possuir um idioma, padrões culturais distintos ou por ser um grupo desfavorecido social ou culturalmente.

O Manifesto das Bibliotecas Públicas apesar de não ser específico no assunto indígena ou minorias étnicas, existe as chamadas *Pautas para bibliotecas públicas* da *Federation International de Associations de Bibliothecaires* (FIAB, 1986), que indicam “às minorias nacionais dentro de uma comunidade se lhes fornecerá livros nas suas línguas maternas”, destacando o papel da biblioteca pública:

Neste marco, a biblioteca pública cobra importância por seu potencial para fornecer apoio aos processos de resgate e revitalização das culturas autóctones, a vez que constitui uma das possíveis vias de acesso das minorias étnicas à informação e ao conhecimento gerado pela sociedade global, os quais resultam necessários para interagir com a sociedade nacional (FIAB, 1986)

Mas suas possibilidades vão mais além: “Considera-se à instituição bibliotecária pública capaz de compensar as desigualdades para aceder à leitura e à informação, e idônea para difundir as culturas locais mediante registros e fontes informativas” (FIAB, op.cit.)

ADIMORAH (1983, p.172) escritor africano de uma ex-colônia inglesa propõe:

(...) deveria ocupar um lugar de vanguarda na promoção da cultura: servir de tribuna para as atividades culturais e dar origem a certas atividades sociais. Ademais de preservar a cultura e poder legá-la às gerações futuras, haveria que *recolher documentação sobre nossas tradições orais*.  
[grifo do autor]

Este último serviço é manifestado, sobretudo por setores profissionais de países em vias de desenvolvimento, nações ex-colônias povoadas por minorias étnicas. O nigeriano AMADI (apud ADIMORAH, 1983, p.172), acrescenta:

(...) uma das principais formas de lavagem de cérebro por parte do colonizador consistiu em suprir o ensino tradicional, oral, não formal e permanente que habitualmente se praticava na família, para substituí-lo por uma pedagogia literária e orientada para o material impresso, institucionalizada e planejada.

A criação de bibliotecas que tenham serviços e produtos para os diversos segmentos de uma sociedade, considerando as minorias com seu patrimônio cultural, empregando as técnicas mais atuais e tradicionais de gestão de conhecimento, é uma idéia que subjace na “*Recomendação sobre a salvaguarda da cultura tradicional e popular*” (2002) adotada pela UNESCO em 1989. Segundo CIVALLERO (2004, p.63) “o idôneo seria aproveitar, para estes grupos humanos, os elementos positivos das práticas ocidentais e combiná-los com as modalidades pertinentes para sua própria cultura”.

Os povos indígenas, através das suas organizações, em geral têm adotado uma atitude de uma total autodeterminação e autonomia das sociedades nas quais estão inseridas, mas é um fato que elas são uma “minorias”, que para seu desenvolvimento faz-se preciso que conheçam e dominem informações, instrumentos e meios para fazer frente em forma mais igualitária e vantajosa aos indivíduos não-indígenas.

### 2.1.3.2. A Biblioteca Indígena: origens e etapa para sua criação.

A implementação de *Bibliotecas Indígenas* pode acontecer devido às funções de recuperação, conservação e transmissão destes conhecimentos podem ajudar na solução de problemas que atualmente ameaçam os acervos culturais indígenas sobreviventes. Esta idéia é apoiada, incluso por instrumentos internacionais da UNESCO como na sua “*Recomendação sobre a salvaguarda da cultura tradicional*”.

A biblioteca tem a capacidade de organizar o chamado *patrimônio cultural, tangível e intangível* indígena. Esta unidade de informação pode realizar um aporte substancial à recuperação de alguns elementos, à revitalização e cimentação de outros, e, sobretudo, à conexão intercultural entre grupos dominantes e minoria.

Para CIVALLERO (2004, p.56) basta “talvez implementar uma *política de reconhecimento*” citando a TAYLOR (1993, p.109) quem considera “que os membros de uma minoria têm uma identidade cultural, com um conjunto distintivo de tradições práticas e uma história intelectual e estética igualmente características” e que “esta identidade cultural possui uma importância e um valor”. Para esta política de reconhecimento a biblioteca indígena pode ter um papel crucial, por meio dos seus serviços, atividades e produtos informativos destinados a usuários com perfis informativos muito peculiares.

Existe em nível mundial uma carência de bibliotecas especializadas neste campo (podemos considerar a Biblioteca Indígena, um tipo de unidade especializada com caráter público ou privado, mas de orientação popular), tanto como entidade autônoma ou como serviço de algum tipo de unidade. Por outro lado, há pouca pesquisa teórica no campo, sobre pautas para a sua criação, estudos /educação de usuários indígenas, e serviços/produtos indígenas.

Respeito à produção literária indígena, há uma carência de livros sobre, para e por indígenas. Existem publicações oficiais de tipo gramáticas, dicionários, bibliografias sobre autores que têm tratado o tema indígena. Mas, desde o ponto de vista histórico oficial, o qual tem causado uma visão particular das comunidades indígenas, isto é, uma visão dos próprios ocidentais da cultura nativa.

Desde o ponto de vista profissional da bibliotecologia/arquivologia, há carências desde a mesma formação dos estudantes de graduação, não se incorporando, por exemplo, nos currículos disciplinas que tenham em conta algum aspecto sobre minorias étnicas. Porém, existe já em países, sobretudo do Norte, mudança nos programas de estudos para fazer estes

mais *multiculturais*, considerando a identidade/diversidade cultural dos mesmos estudantes e futuros usuários.

Planejar uma Biblioteca Indígena implica ter em conta variáveis específicas, como a *língua* (CIVALLERO, 2004) e a cultura, onde existem outros modos de aprender, difundir e criar conhecimentos. Há que conhecer “os canais e circuitos de informação na comunidade” (CIVALLERO, 2004, p.40), para usar as metodologias e estratégias bibliotecológicas, que permitam recuperar, proteger e difundir estes saberes.

Segundo CIVALLERO (2004, p.26) desde uma perspectiva bibliotecológica:

O mundo aborígene se transforma imediatamente reduzindo-se a um meio e uns usuários com umas características determinadas e com umas necessidades específicas. Estudar tal realidade nas suas facetas mais relevantes permite o desenho e o planeamento de uma unidade e uns serviços de informação pertinentes e efetivos, adaptados à realidade específica da comunidade a que se vai destinar o trabalho.

Desde a década dos 90 nos países latino-americanos vem acontecendo uma revalorização por parte dos países desta região, através de eventos que tentam fornecer recomendações para a criação de bibliotecas deste tipo. Assim entre as conclusões da *Reunião Regional de Bibliotecas Públicas* (Piura, 1996) destaca-se a de “desenhar e divulgar modelos de bibliotecas que reflitam a identidade cultural e característica da população”. Mais específico, foi o objetivo do *Seminário Internacional sobre Capacitação na Produção e Promoção de Materiais de Leitura em Línguas Indígenas* (Cidade Bolívar, 1997) que indica a necessidade de “Fomentar a criação e desenvolvimento de serviços bibliotecários específicos para o atendimento de comunidades indígenas de maneira que tais serviços possam participar ativamente, na colaboração com os indígenas, na produção e promoção de materiais de leitura nas suas próprias línguas”.

A necessidade de desenhar e implementar unidades específicas destinadas aos povos nativos, é um fato que se reflete no *Primero Encuentro Latino-americano sobre Atención Bibliotecaria a las Comunidades Indígenas* (México, 2000), o qual estabeleceu uma série de características que uma biblioteca indígena, intercultural e bilíngüe deve possuir, assim, deveria ser:

- 1) Um centro de documentação interétnica orientado fundamentalmente à cultura própria, aberto à cultura nacional e universal.

- 2) Um centro de coleta de informação necessária tanto para atividades informativas e formativas comunitárias como para o funcionamento adequado de processos educativos.
- 3) Um lugar que produza materiais documentais pertinentes, informativos em geral, e de apoio ao trabalho educativo formal ou não formal, que facilite ou permita a apropriação da ferramenta da lecto-escritura.
- 4) Um recinto que inclua um espaço para registrar, recuperar, recopilar, criar e recriar aqueles testemunhos tangíveis que evidenciam o patrimônio cultural daqueles povos indígenas.
- 5) Um espaço que registre, estude, sistematize e difunda o patrimônio intangível, incluindo os conhecimentos ancestrais organizados nos diferentes formatos,
- 6) Um local aonde se desenvolva coleções de literatura indígena com ênfases na produção americana e a dirigida ao público infantil.
- 7) Um local que deve contar com um acervo básico (por desenvolver) na língua materna e bilíngüe, que apóie os processos de educação formal e impulse a produção de novos materiais locais.
- 8) Um centro cujo pessoal responsável deverá ser apoiado com a formação técnica interdisciplinar que leve em conta as características e necessidades da própria biblioteca e das comunidades.

Uma ameaça neste sentido é a “implementação [em comunidades] de esquemas bibliotecários que funcionam para outras realidades”, a presença de um marcado analfabetismo bilíngüe e as falhas na capacitação de pessoal bibliotecário (*Encuentro amazónico de intercambio de experiencias de comunicación e información, y de modalidades de atención bibliotecária, 1997, Puerto Ayacucho, Venezuela*).

O fato que reforça a criação de bibliotecas indígenas é a própria a história indígena que não pode ser apagada pela história oficial, pois antes da chegada dos europeus existiam diversos meios para o registro e divulgação de seus saberes tanto em suportes físicos e não físicos. No primeiro caso (o registro físico), favoreceu a destruição de valiosas fontes de informação, como foi o caso dos *Códices Maias*; no segundo, o papel da memória indígena, foi chave para a sua permanência no tempo das suas histórias e saberes.

Assim a informação é algo constitutivo da cada indígena e da sua coletividade, a



criação de instâncias que permitam o registro, resgate, recuperação e armazenamento de criações intelectuais, artísticas, culturais, é algo chave para a existência da sua cultura. Apesar das Bibliotecas, parecerem entidades do mundo ocidental, estas entidades já em certa forma existiam em diversos povos indígenas das Américas, em culturas como a Maia e Asteca, se criaram arquivos que depositavam diversos registros.

Desde que a Sociedade da Informação começou, os povos indígenas ficaram atentos nesta nova situação, pela ameaça de um outro tipo marginalização informativa, como tinha acontecido desde imposição de um sistema de ensino/aprendizado pela via da escrita ocidental. Assim diversas comunidades começaram a serem participes de reuniões internacionais, para serem consideradas nas políticas de informação global. As *Cúpulas Mundiais da Sociedade da Informação*, até agora duas acontecidas, são um exemplo em que eles foram de certa forma participes.

Assim, VELÁZQUEZ (2004, p.10) indica que nestes tempos:

a informação se tem convertido num elemento indispensável para as diversas comunidades indígenas com o fim de enfrentar o futuro, conformando-se em grupos melhor preparados (...) para conseguir um lugar mais idôneo nas sociedades que os rodeiam e concretizar sua participação ativa na construção das sociedades modernas; assim como levantar sua voz na defesa de seus direitos como seres sociais.

Na atualidade diversas comunidades indígenas têm ampliado suas formas de obter informação, utilizando diversos meios de comunicação, como as TICs (Internet), que têm exercido um forte impacto na sua cultura, ao permitir sua difusão, recuperação e criação de novos conteúdos.

A implementação de novas estruturas para o acesso, registro e difusão das suas informações pode contribuir também para a obtenção da informação que necessitam. Assim como indica VELÁZQUEZ (2004, p.11):

Neste e sentido, a biblioteca tem um papel importante no planejamento, organização e desenvolvimento dos serviços de informação e como instituição deve lutar por satisfazer as necessidades de informação das comunidades indígenas; as que podem ser gerais, isto é, aquelas que são comuns a diversas comunidades; ou particulares, que dependem das características próprias de cada comunidade. A sua vez, ditas necessidades, podem ser de informação de caráter externo à comunidade e as de caráter interno, onde a informação requerida é sobre algum aspecto geral ou específico de própria comunidade.

As necessidades de informação deste sector da sociedade, devem ser consideradas na organização ou desenvolvimento de uma coleção de qualquer tipo biblioteca (escolar, universitária, pública, etc.) que vise atender a estes usuários VELÁZQUEZ (2004, p.11) citando a NOYOLA (2001, p. 167) menciona que as “bibliotecas indígenas” serão uma

expressão de justiça social, um espaço plural aonde tenham espaço as diversas expressões culturais da comunidade para enriquecerem a experiência cotidiana de seus membros ao entrar em contato com as diversas experiências que a humanidade tem acumulado nos livros.

Estas instituições podem chegar “a terem um papel importante na dinâmica social e educativa da população indígena e converter-se em sua principal instituição cultural”

Respeito às necessidades de informação dos povos indígenas destaca-se a pesquisa de GRANIEL PARRA (2002, p. 137) feita em comunidades indígenas mexicanas, quem indica que estas “.. se relacionam ...com as características gerais de seu próprio contexto e [refletem] as preocupações, inquietudes y aspiraciones dos diferentes sujetos comunitarios...”, com respeito a “...diversos aspectos informativos relacionados com seu entorno ecológico, socioeconômico e cultural”.

Dentre as necessidades de informação externas menciona as seguintes:

- Informação nutricional.
- Informação sobre programas governamentais.
- Tramitações para poder fazer uso deles.
- Maior clareza nas leis da Constituição mexicana que se relacionam com sua realidade.

Com relação às necessidades de informação particulares externas e internas, menciona as seguintes:

- Informação sobre a preparação de alimentos que se relacionem com os seus recursos naturais.
- Novas opções de produção mais diversificada e fontes laborais externas.
- Direitos e obrigações que têm como cidadãos.
- Trâmites nos serviços públicos sobre permissões para a exploração de seus recursos florestais.
- Educação vinculada às necessidades de seu próprio contexto rural.
- Preparação para outras fontes de trabalho, dentro e fora da comunidade.

- Requerimentos de capacitação para pessoas com discapacidades (Ex.: surdos, mudos), entre outros.

Assim mesmo, RODRÍGUEZ (2003, p.30), faz uma proposta para o conhecimento das necessidades de informação dos indígenas, baseado nos seguintes fatores:

- Nível de experiência do indígena na disciplina que pesquisa.
- Tempo de experiência [na temática pesquisada]
- Se trabalham em forma individual ou grupal.
- Persistência.
- Motivação
- Capacidade de análise de informação.
- Consciência do universo de informação na disciplina.
- Disponibilidade de recursos de informação [na biblioteca]
- Meio ambiente em que se desenvolve o usuário [indígena].
- Manejo da linguagem.

De igual maneira, indica RODRÍGUEZ (2003, p. 35) que nas comunidades indígenas o uso da informação tem como ponto de referencia as formas e os meios informativos:

As primeiras (as formas surgem da oralidade..., isto é, são as mesmas pessoas as que transmitem as mensagens como meio de socialização de idéias... empregando a língua indígena. Já os meios informativos se dão quando a oralidade, a língua indígena, e substituída pela palavra escrita apresentada em diferentes suportes, como são livros, audiovisuais, multimídia, rádio e televisão, entre outros; aonde já começa a intromissão de uma segunda língua: o castelhano [e português]

Assim a criação de uma unidade de informação indígena ou de uma seção dentro de uma biblioteca pública, escolar, etc. Implicará sempre ter em conta suas necessidades de informação, isto é, seus requerimentos reais (expressados) e potenciais (isto é, aqueles não são ditos no momento em que vão a uma biblioteca para demandar uma informação.)

Portanto, ante o desenvolvimento de uma coleção indígena, será preciso a participação ativa dos futuros usuários desta coleção. De que forma isso acontecerá? Por meio do contacto direto com os usuários reais e potenciais, usando como estratégia comunicativa a entrevista, conversas ou diálogo ativo com a comunidades. *Estudos da comunidade* constituem uma das principais ferramentas para conhecer a situação das necessidades de informação de uma

comunidade indígena, isso vai permitir conhecer o nível ou situação das demandas informativas em diversos âmbitos.

## 2.2. A cooperação, transferência e compartilhamento de informação na Ciência da Informação (C.I.), antecedentes das redes sociais- digitais - eletrônicas.

As redes ou sistemas são uma forma de integração ou interligação entre entidades que compartilham objetivos comuns, sua conexão está motivada pelo cumprimento de metas, que só podem ser conseguidas se trabalharem em equipe. O desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação (TICs) causou uma melhor ligação entre os nós das redes, acontecendo uma maior rapidez e fluidez nos dados compartilhados.

### 2.2.1. A Cooperação bibliotecária e suas causas.

Assim como a cooperação tem sustentado, através dos tempos, diversas atividades humanas, e é característica fundamental de alguns grupos humanos, como são os povos indígenas, esta também tem resultado na sua aplicação às atividades de informação.

A *cooperação bibliotecária* da mesma forma que outros tipos de cooperação, foi estabelecida por causa das necessidades surgidas espontaneamente. As atividades visavam suprir as insuficiências e carências das bibliotecas expressadas pelas demandas dos seus usuários. Esta cooperação foi iniciada com o processo de empréstimo entre bibliotecas, com a ênfase na ampla utilização dos acervos, o qual forneceu um aumento dos acervos de cada biblioteca.

KRZYANOWSKY (199?, p.48), indica dois acontecimentos que determinaram a criação dos sistemas de integração e cooperação entre unidades de informação, o primeiro foi o crescimento exponencial da informação na década de 1960, o qual motivou às unidades a buscarem meios de controle bibliográfico, quanto à disponibilidade de documentos, de forma ágil e abrangente. E o segundo, o surgimento das tecnologias de informação, dentro as quais as bases de dados permitiam a organização, controle, disseminação e intercâmbio de informação. Logo as redes de comunicação permitiram o acesso e interligação dessas bases, sempre no intuito de identificação e localização, para posterior obtenção do documento primário.

A cooperação entre bibliotecas, no seu início, foi desenvolvida sem programação e sem compromisso formal. Para NOCETTI, (1980, p.50) existe tanto uma “cooperação simpatia” com laços fracos e uma “cooperação formal” efetivada por acordos onde estão os

direitos e obrigações das partes, com maior eficiência e durabilidade. Esta última atinge diversas modalidades de serviços bibliotecários, como Catalogação Cooperativa, Catálogos Coletivos de diversos tipos de documentos, e Aquisição planejada, o Programa de Comutação Bibliográfica - COMUT e as Redes de Informação, todas as modalidades tendo como meta principal facilitar e racionalizar o acesso a informação. Uma cooperação eficiente depende das disponibilidades de recursos humanos e financeiros das bibliotecas envolvidas. O esforço cooperativo significa divisão de trabalhos e compartilhamento de resultados. A racionalização de recursos econômicos é uma consequência natural de todo processo cooperativo.

Assim, a cooperação como processo natural e informal tem levado a uma cooperação formal, gerando a implantação de redes de informação, com o estabelecimento de políticas de compartilhamento de recursos de acordo à realidade social dos órgãos envolvidos.

Para KRZYANOWSKY (1997,p.48) o compartilhamento dos serviços bibliotecários, e logo entre sistemas e redes de informação, tem facilitado a localização e obtenção de documentos, utilizando, para tanto, nos seus inícios catálogos coletivos, bibliografias, bases de dados, entre outros, em combinação com as novas tecnologias de armazenamento e comunicação de dados.

Finalmente o pensamento de um visionário brasileiro, o senhor Rubens Borba de Moraes, em 1994 (apud Krzyzanowski, 1997, p.52-53):

Uma biblioteca não resolve o problema de um Centro Cultural, do que necessitamos é de um sistema de bibliotecas, trabalhando em conjunto, umas suprimindo as deficiências das outras, cooperando. Estradas de ferro construídas mesmo nada adiantam, para o transporte de um país. O que é útil é uma rede ferroviária. Pois o que precisamos, no nosso caso, é de uma REDE DE BIBLIOTECAS

### 2.2.2. A transferência e o compartilhamento de informação no contexto da C.I.

A respeito da sua origem histórica, RAYWARD (1983, p.352) indica que a C.I. surgiu como consequência dos seguintes fatores: a explosão mundial da literatura científica e pelas novas tecnologias de processamento, comunicação, armazenamento e recuperação de informação, o que motivou a criação de uma das principais instituições dedicadas a sua pesquisa, (ASIS), *American Society for Information Science*, em 1968, hoje *American Society for Information Science and Technology* (ARIST).

O estudo da informação, desde o ponto de vista da sua transmissão ou comunicação, aconteceu desde um começo, mas com diferentes graus, no sentido de considerar a

participação humana neste processo.

Autores como BORKO (1968) nos fornecem uma das primeiras definições clássicas ao respeito:

... C.I. é aquela disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam o *fluxo da informação* e os meios de processamento para o acesso e uso otimizados. Ela diz respeito aquele corpo de conhecimento ligado à origem, coleta, organização, armazenagem, recuperação, interpretação, *transmissão*, transformação e utilização da informação.... possui um comportamento de ciência pura...e aplicada...

No mesmo artigo, BORKO, afirma que em “essência a pesquisa na C.I. investiga as propriedades e comportamento da informação, a utilização e a *transmissão da informação*, bem como o processamento da informação...”.

FOSKETT (1980, p.56), definiu a C.I. :

... disciplina que surge de uma “fertilização cruzada” de idéias que incluem a biblioteconomia...a computação..., os novos meios de comunicação e aquelas ciências como psicologia e lingüística, que, em suas formas modernas, têm a ver diretamente com todos os problemas da comunicação – a transferência do conhecimento organizado.

Este último acrescenta que se tem que olhar a C.I. /sistema de bibliotecas, “como uma nova luz... como um todo integrado que forma uma unidade, numa rede maior de unidades, que reunidas formam outro todo maior complexo o sistema de comunicação pelo qual circula o conhecimento”.

Por outra parte, Tefko Saracevic fazendo uso da definição de Belkin (1978) sobre o objeto e fenômeno de estudo da C.I. “Facilitar a efetiva comunicação de informação requerida (armazenada) entre geradores humanos e usuários humanos” A idéia principal aqui é a informação necessitada (*desired information*), com ênfase sobre a qualidade da interação entre geradores e usuários dos “registros de informação”. A noção implica o estudo das razões pelas quais os usuários passam a demandar informação, registradas em sistemas de todos os tipos, os processos de fornecer aos usuários a informação demanda qualitativamente, e os processos de uso e geração de informação. Assim a C.I. está por conseqüência limitada a estudar o fenômeno específico da comunicação, não todos os processos comunicativos num meta-nível.

Belkin (apud INGWERSEN, 1992, 301-302) estabeleceu cinco áreas de interesse da C.I.:

1. [Transferência de] informação em humanos, sistema de comunicação cognitivo;
2. A idéia de informação requerida;
3. A efetividade dos (sistemas) de informação e transferência de informação;
4. A relação entre informação e gerador;
5. A relação entre informação e usuário.

As áreas 1, 3, 4 e 5 são relativas ao tema transferência de informação entre gerador e uso, desde o processo mesmo, os métodos e tecnologias que podem melhorar a performance da transferência, até a relação entre informação, gerador e usuário.

Assim C.I. por meio da sua história vem incorporando a seu enfoque técnico/tecnológico, uma dimensão social, individual e psicológica.

Para INGWERSEN (1992) estas cinco áreas formam uma estrutura dentro da qual a C.I., desenvolve disciplinas: bibliometria, administração da informação, desenho de sistemas de recuperação de informação, recuperação de informação. Para este autor, a estrutura anterior nas últimas décadas se tem reforçado. Assim, se tem tido uma mudança nas pesquisas, para assuntos como a acessibilidade e o uso de conhecimento ou representações de conhecimento. Isto poderia incorporar uma abordagem holística da transferência da informação.

Por tanto, há uma mudança do foco do usuário----pessoas ou seres humanos, se amplia o foco da C.I. para a sociedade, a disciplina tem um grande interesse no uso e transferência da informação/conhecimento sobre tanto o nível individual ou social. (INGWERSEN, 1992, p.304)

Finalmente, INGWERSEN (1992) nos indica as tendências em pesquisa e desenvolvimento na biblioteconomia e na C.I. (LIS R&D):

1. Mudança no objeto da R&D, desde “documentos” sobre “textos” para “informação” transformada agora em “conhecimento”;
2. Uma mudança de foco desde a tecnologia para uma dimensão humana;
3. Uma mudança do entendimento da informação como puramente científica para uma informação num amplo sentido.

4.a conjunção de “acessibilidade” e “uso”.

Com respeito às tendências 1-3 as razões para esta mudança são argumentadas por Wersig (1993), indicando o termo de conhecimento para ação.

O enfoque sistêmico da informação fica claro com BUCKLAND, (1991, p.27-28), para quem um sistema é um conjunto de partes que interatuam que pode ser usado por um ser humano, o que faz dele um sistema aberto; não este isolado do mundo, e pode ser influenciado pelo contexto social e técnico, tendo a capacidade de responder e adaptar-se a mudanças ambientais.

A visão sistêmica foi determinante para que a C.I. tivesse em conta o processo de transferência/comunicação de informação, desde um ponto de vista integrador e cooperativo, não só considerando o “ciclo da informação”, com um emissor e receptor.

Autores recentes como SARACEVIC (1996) e LE-COADCIC (1996) fazem uma forte ligação da C.I. com o processo comunicacional no âmbito social.

SARACEVIC (1996, p.52) afirma que a comunicação, como parte da C.I. “é um processo e a informação um fenômeno” e segundo LE-COADCIC (1996, p.10-11) a C.I. em parte tem por objeto de estudo...”... a análise do processo de comunicação da informação... a concepção de sistemas que permitam sua construção, comunicação, armazenamento e uso”.

#### 2.2.2.1. As redes e o compartilhamento de informação/conhecimento.

Assim como a cooperação existe desde o começo da vida na terra, o mesmo acontece com a noção de *rede*, antes que o desenvolvimento da eletrônica e informática conectassem nós ou centros, esta estrutura ou espaço acontecia na vida cotidiana e nas organizações, informalmente ou planejada.

Este sub-capítulo se desenvolve em parte, como uma forma de complementar e conectar com os temas dos capítulos anteriores; como já se indicou a estrutura de rede é algo que sempre existiu, manifestado primeiramente, através da cooperação, mas a idéia de *rede social*, só recentemente foi desenvolvida, sendo vinculada com o que acontece em diversos tipos de organizações, como empresas.

De acordo a TOMAEL; ALCARA; CHIARA (2005 p.93):

a configuração em rede é peculiar ao ser humano, ele se agrupa com seus semelhantes e vai



estabelecendo relações de trabalho, de amizade, enfim relações de interesses que se desenvolvem e se modificam conforme a sua trajetória. Assim, o indivíduo vai delineando e expandindo sua rede conforme sua inserção na realidade social. A própria natureza humana nos liga a outras pessoas e estrutura a sociedade em rede. Nas redes sociais, cada participante tem sua função e identidade cultural. Os interesses de cada um, em relação com os objetivos dos sistemas, vão formando o conteúdo temático destes sistemas.

Uma das autoras pioneiras no tema Redes Sociais no Brasil indica que “[...] as *redes sociais* representam um conjunto de participantes autônomos, unindo ideais e recursos em torno de valores e interesses compartilhados” (MARTELETO, 2001, p.72) A autora ressalta, ainda, que só nas últimas décadas o trabalho pessoal em redes de conexões passou a ser percebido como um instrumento organizacional, a pesar do envolvimento das pessoas em redes, existir desde a história da humanidade.

Respeito a algumas das suas características, a *rede* é uma estrutura não-linear, descentralizada, flexível, dinâmica, sem limites definidos e auto-organizável, estabelece-se por relações horizontais de cooperação. COSTA et alii (2003, p.73) atestam que a rede “é uma forma de organização caracterizada pela sua horizontalidade, isto é, pelo modo de inter-relacionar os elementos sem hierarquia”.

A noção de rede remete primitivamente á idéia de capturar a caça. Assim a rede seria “... um instrumento de captura de informações” (FANCHINELLI; MARCON; MOINET, 2004). E esse mesmo enfoque, mas desde o ponto de vista das redes nas organizações, é acentuado por CAPRA (2002, p.267) indicando:

[...] na era da informação - na qual vivemos - as funções e processos sociais organizam-se cada vez mais em torno de redes. Quer se trate das grandes empresas, do mercado financeiro, dos meios de comunicação ou das novas ONGs globais constatamos que a organização em rede tornou-se um fenômeno social importante e uma fonte crítica de poder.

As redes nas organizações vão surgindo desde simples interações, como uma conversa informal entre colegas na hora do café e fora do expediente, até situações mais planejadas como reuniões, congressos, portais corporativos. KRACKHARDT e HANSON (apud MACEDO, 1999), classificaram essas redes em redes de confiança, redes de trabalho ou consulta e redes de comunicação.

As *redes de confiança* são aquelas que compartilham “informações politicamente delicadas” e restritas a certo número de pessoas. Já as *redes de trabalho* ou consulta utilizam estruturas informais e possibilitam o contato entre pessoas que possuem informações que facilitem o trabalho, ao passo que as *redes de comunicação* são as que possibilitam a troca de

informações de trabalho com regularidade. Isto é, as chamadas “amizades de escritório”, que costumam ter um papel importante no desempenho das funções formais.

O componente essencial nestas interações é o conteúdo da informação que circula entre os pares de uma organização, para KROGH; ICHIGO e NONAKA (2001, p.159)

... as conversas nas organizações de negócios apresentam dois objetivos básicos: confirmar a existência e conteúdo de conhecimento ou criar novos conhecimentos [...] o intercâmbio de idéias, opiniões e crenças propiciadas pelas conversas possibilitam o primeiro e o mais importante passo para a criação de conhecimento: o compartilhamento do conhecimento tácito dentro da comunidade da rede.

O desafio da Era da informação, então é criar uma organização capaz de compartilhar conhecimento; é aí onde as redes têm um papel chave para isto acontecer. Não serve ter um aglomerado de dados ou informações, estes têm de circular, ser trabalhados ou processados para obter conhecimento.

Segundo TOMAEL; ALCARA; CHIARA (2005, p.94) redes sempre pressupõem agrupamentos, são fenômenos coletivos, sua dinâmica implica relacionamento de grupos, pessoas, organizações ou comunidades, denominados atores. Possibilita diversos tipos de relações – de trabalho, de estudo, de amizade, entre outras -, apesar de quase sempre passarem despercebidas.

Assim, as redes, num começo são estruturas invisíveis, informais, tácitas. O que tem levado a dizer a CAPRA que as “redes são um conjunto de ‘conexões ocultas” ou uma ‘estrutura submersa’ nas palavras de Alberto Melucci. A noção de horizonte refere-se a essa incapacidade de se saber a extensão da rede para além de um certo ponto. Na prática social, cada uma das pessoas possui muitos círculos de relacionamento, mas não sabe quantos eles são ou como identificá-los. Na verdade, as pessoas, de modo geral, as vêem a rede quando precisam dela. (COSTA et alii, apud TOMAEL; ALCARA; CHIARA, 2005, p.94)

CASTELLS (1999, p.498) faz uma relação direta das redes com a era do *capitalismo informacional*, para ele uma rede “é um conjunto de nós interconectados, nó é ponto no qual uma curva se entrecorta. Concretamente, o que um nó é depende do tipo de redes concretas de que falamos”. Podem ser organizações formais ou informais, licitas ou ilícitas ou representadas por indivíduos ou grupos deles.

As redes são o ponto de convergência da informação/conhecimento, lugar “onde as conexões e as interseções tomam o lugar do que seria antes pura linearidade” (SODRE, 2002 p.14). Essas conexões e interações no âmbito das redes sociais pode ser face a face, contacto direto

ou através de um veículo mediador como a Internet, o telefone ou outro meio.

Outro aspecto a destacar é a influência do meio, da realidade social que cerca a rede, WELLMAN (1996) verifica na rede, sua identidade singular em determinada situação, isto é, a representação e a interpretação das relações em rede estão fortemente ligadas à realidade que a cerca; a rede é influenciada pelo seu contexto e esse por ela.

As *redes sociais* na sua vinculação com as TICs têm ampliado seu campo de ação, permitindo o surgimento de grupos com interesses afins, quebrando a barreira tempo-espço, desterritorializando as interações e contatos pessoas, por uma comunicação virtual on-line.

### 2.2.3. Os impactos das tecnologias de informação e comunicação (TICs) na comunicação e conexão em rede dos povos originários, vantagens e desvantagens.

As tecnologias não constituem para os povos indígenas algo novo, eles já tinham instrumentos técnicos antes da chegada dos colonizadores; com diferentes características e particularidades. Culturas como dos Mayas, Astecas, Incas e Mapuches, desenvolveram variadas tecnologias para a agricultura, medicina, astronomia, química, registro de saberes, dentre outros campos. Contudo, alguns inventos relacionados com a comunicação, não eram conhecidos pela maioria das etnias da América, como são as tecnologias de informação, eletrônicas, audiovisuais, principalmente a *imprensa*, permitindo a difusão de suportes impressos como livros, diários, revistas; que vieram a causar um forte impacto nos indígenas do continente, pois estas culturas eram principalmente ágrafas, de tradição oral.

O impacto das TICs nas comunidades indígenas pode ser vista desde dois pontos de vista, por uma parte estas podem representar uma influência negativa, ao trazer consigo códigos, pautas ou valores não próprios destas culturas; por outra parte as tecnologias de comunicação podem significar um instrumento para ser usado a favor da criação de conteúdos, uma via de difusão e recuperação da informação da própria comunidade.

Como nos indicam VALADARES; BRAGA; BARBIN (200?, p.[2]) em um artigo sobre a recuperação das línguas indígenas da Amazônia:

Quando as TIC, introduzidas em qualquer comunidade, seja ela indígena ou não indígena, traz consigo a mídia, a cultura popular e no caso das comunidades indígenas, a língua majoritária. Ela ainda causa impactos nas tradições locais ao mesmo tempo em que afeta a estabilidade sócio-cultural anteriormente existente. Por outro lado, paradoxalmente, as TICs oferecem a essas populações novos formatos que podem ser utilizados para a preservação, promoção e fortalecimento de suas línguas e culturas.

Para eles “Globalização e TICs tocam a vida de todas as pessoas. Muitas questões têm sido levantadas sobre as conseqüências da TICs em comunidades indígenas. Entretanto, uma

integração harmônica das TICs nas comunidades indígenas tem sido observada, constituindo-se em um nobre objetivo” (LIEBERMAN. 200? , p.3)

As tecnologias dos *mass mídia*, como rádio, televisão e vídeo foram recursos que permitiram uma recuperação e difusão massiva de alguns aspectos das etnias sobreviventes, mas também fornecendo uma desvirtuação das realidades destas culturas, gerando estereótipos em vez de uma informação verídica deles.

Diversos tipos de tecnologias, como a fotografia, a escrita, a gravação, podem ajudar a conservar a história, cultura e tradições indígenas, apesar de existir uma padronização da cultura dominante ocidental; a “diferença” pode ser registrada neste tipo de formato. A história dos povos indígenas, a história das florestas, das plantas medicinais, podem ser reproduzidas e difundidas por estes meios. Porém, para que aconteça isso é chave a apropriação por parte dos indígenas daquelas técnicas, pois como tem ficado demonstrado os *mass mídia* tradicionais (rádio, TV pública ou privada ) fornecem pouca e errada informação das realidades indígenas, seus problemas, demandas e aspirações.

As tecnologias podem ser usadas para reproduzir, recuperar, preservar, organizar, trocar, compartilhar e difundir os conhecimentos indígenas, e inclusive gerar um novo conhecimento. As comunidades indígenas estão percebendo que potencialmente há benefícios quanto à utilização de tecnologias digitais para a documentação e preservação de sua historia e cultura. (HUNTER; KOPMAN; SLEDGE, 2003)

Como se indicou com a conjunção da tecnologia informática e das telecomunicações surgiram as chamadas TICs, permitindo uma integração, interoperabilidade e convergência entre diversos formatos e suportes, isto é, o registro impresso em digital, o registro multimídia audiovisual eletrônico, digital e virtual através de computadores conectados em redes, sendo a Internet a principal representante. Uma das principais vantagens destes meios foi a amplitude comunicativa, quebrando barreiras geográficas, de tempo e espaço, permitindo uma comunicação de *todos para todos*, a diferença do que passava com o telefone e a televisão.

Como se pode apreciar ademais da comunicação desterritorializada, a chave do sucesso que têm tido estas tecnologias nas comunidades indígenas, radica na importância da informação que pode ser transmitida nelas, segundo TUKANO (2006, p.117). líder da etnia Tukano de Alto Rio Negro, na Amazônia:

Quando tivermos (os povos indígenas) acesso às informações detalhadas de cada aldeia, evidenciando as nossas diferenças, os povos indígenas se tornarão mais resistentes para preservar a sua identidade dos invasores. Estaremos conversando, por meio de sistemas de comunicação, mais atualizados, sobre os nossos negócios, nossa crenças, nossas cerimônias, nossos cânticos, nosso povo e sempre realizando estudos comparativos, para que não sejamos confundidos ou direcionados pelos sistemas externos. Esta

é a importância de ter as tecnologias nas comunidades indígenas.

Assim, um componente fundamental das TICs é a *ciência indígena* (para outros conhecimentos indígenas) que é muito diferente da *ciência ocidental*; a primeira tem sua base no meio ambiente, precisa da biodiversidade para sua existência; enquanto a ciência moderna é uma ciência em mudança constante pela exploração e transformação a que submete o meio ambiente. A tecnologia pode ser aliada da ciência indígena, voltando-se para a biodiversidade, a biotecnologia, mas para isso requer que os jovens indígenas tenham acesso a uma educação formal da mesma qualidade dos brancos, tendo contato com os conhecimentos científicos modernos, mas visando recuperar e reforçar e difundir os conhecimentos indígenas.

Com esta aliança entre TIC e conhecimentos indígenas, nos adverte VALADARES, et.al (200?. p.[5]) , há que ter presente que “apesar da *digitalização* ser ideal para compartilhar, trocar, educar e preservar as culturas indígenas, está o problema do acesso ilícito e do uso inadequado dos conhecimentos tradicionais dos povos indígenas”. Assim, mesmo reconhecendo-se benefícios, existem inegavelmente questões prementes no contexto de utilização das tecnologias como o direito de propriedade intelectual, que deve constar nas agendas de discussão dessas temáticas.

A tecnologia + informação + comunicação, são componentes fundamentais na sociedade em rede, um estágio mais avançado na evolução da história mundial, para as nações de América Latina está o desafio de desenvolver uma tecnologia e informação próprias, que nos permitiria como povos independentes não ser tão dependentes das tecnologias e matérias primas estrangeiras; inclusive a identidade nacional poderia ser reforçada com o reconhecimento dos conhecimentos indígenas, pois estes povos são os que mais têm preservado a soberania do país.(TUKANO, 2006).

Segundo TUKANO (2006) a tecnologia deve ser utilizada para apoiar aos índios, que não podem continuar a viverem isolados ou em um mostruário de vitrine para que os outros venham lhe dar uma salvação. O papel da sociedade a respeito do saber indígena fica refletido, segundo ele, “no labor que poderiam ter as universidades como produtoras de conhecimentos e formadoras de profissionais, ademais de coletar as informações que existem nas comunidades indígenas sobre, por exemplo, o comportamento dos peixes, das aves, reprodução das plantas...”

As tecnologias de computação ademais de encurtar as distâncias físicas, aumentando a comunicação, podem ser usadas “contra a manipulação da igreja ou de partidos políticos, visto que nós teremos nossas próprias opções de diálogo e comunicação” (TUKANO, 2006).

Sob o ponto de vista da inclusão digital esse autor afirma (2006, p.119):

A tecnologia (...) dá muita liberdade de expressão (...) ela representa uma possibilidade de salvar os programas e as culturas que nunca estiveram nesse mundo dinâmico de comunicação. Agora que, para nós, o mundo ficou pequeno e grande ao mesmo tempo, estamos dispostos e curiosos para dialogar com ele.

Contudo ainda falta a inclusão social, em amplos setores da sociedade, como na política, na ciência formal e educação universitária. Seria importante ir ganhando este espaço, aonde se desse a conhecer as demandas e as contribuições que podem fazer com seus saberes ancestrais. Para TUKANO a pobreza no Brasil “é ocasionada pelo desconhecimento de nossos valores culturais, e nós (índios) temos de apresentá-los”.

Ante a carência de vias de expressão, por canais formais, a via eletrônica digital por redes, representa uma forma estratégica para fortalecer, recuperar, habilitar e difundir as culturas indígenas em seus mais variados aspectos. Esta forma de trabalho em rede quebra as hegemonias e o poder de setores que têm tido por séculos sobre as culturas aborígenes, como são as igrejas, ONGs, Estado, podendo agora os indígenas ter acesso direto a informações e comunicar-se com outros, mudando ou refazendo as informações por eles recuperadas e criando novas informações.

#### 2.2.3.1. Os sistemas eletrônicos digitais indígenas.

No desenho de sistemas (sobretudo de software e conteúdos virtuais indígenas), há que ter em conta alguns fatores que podem determinar o acesso ao conhecimento tradicional. Estes são apresentados por (HUNTER; KOPMAN; SLEDGE, 2002, apud VALADARES, S.; BRAGA, A.; BARBIN, S. 200?, p.[5-6]). Eles contemplam o contexto das *Leis tribais das comunidades Aborígenes dos Americanos Nativos*, sendo os seguintes fatores explorados:

- Restrições nativas e não nativas;
- A membresia de um usuário de um grupo indígena ou clã particular;
- O status ou posição hierárquica do usuário dentro do grupo indígena (ancião, iniciante, criança);
- O papel do usuário dentro do grupo indígena (i.e. dançarino, artista, parteira, curandeiro ou xamã);
- O sexo do usuário (masculino feminino);
- As restrições da Lua (ciclo da menstruação);
- Restrições de gravidez;
- A relação do usuário com as pessoas, animais ou objetos contidos no recurso;
- O óbito de pessoas registrado no recurso;

- Restrição de acesso às imagens de restos mortais;
- O contexto no qual o recurso será utilizado ou reproduzido.

Cada uma destas variáveis implica o conhecimento das culturas indígenas, em seus diversos aspectos, isto é, tradições, costumes, valores, crenças, cosmovisão, dentre outras. O desenho de *sistemas indígenas*, sobretudo de software ou conteúdo virtual, requer que os programas desenhados para a comunidade geral tenham o conhecimento do tipo de usuário que vai consultar ou usar tal programa. Porém, aqui o aspecto cultural, a identidade cultural ou étnica, é chave, pois os povos indígenas têm uma série de características que os fazem muito diferentes da cultura nacional na qual estão inseridos, principalmente por causa da sua própria história e cultura.

Os critérios para as plataformas a serem implementadas em contexto de comunidades indígenas devem atender, além dos já anteriores, apontados por (HUNTER; KOPMAN; SLEDGE, 2002, apud VALADARES, S.; BRAGA, A.; BARBIN, S. 200?, p.[5]), são os seguintes:

1. Mecanismos de segurança - devem considerar a natureza sagrada ou secreta dos conteúdos que possam estar sendo tratados na plataforma, sendo essencial que os mecanismos de segurança empregados sejam impenetráveis e confiáveis;
2. Interfaces de usuários simples - devem levar em consideração o fato que as pessoas que utilizarem essas ferramentas podem ter nível baixo de alfabetização digital, sendo, portanto fundamental que as interfaces sejam amigáveis;
3. Robustez - o sistema deve ser capaz de manter-se em funcionamento apesar, independentemente, da pouca experiência ou familiaridade que o usuário possa ter com a computação;
4. Baixo custo - permitir software livre acessível às comunidades indígenas e de preferência grátis;
5. Interoperabilidade – os *softwares* devem ser desenvolvidos sob padrões internacionais, como por exemplo, *Dublin Core* para assegurar interoperabilidade entre bases de dados dispares;
6. Portabilidade - deve poder ser executado numa série de plataformas e sistemas operacionais;
7. Flexibilidade - o software deve facilmente apoiar as noções comuns associadas às leis

tradicionais indígenas;

8. Escalabilidade – deve-se permitir metadados/restrições em consonância com o montante do recurso patrimonial e cultural, ou seja, as coleções indígenas.

As plataformas indígenas, também devem ter em conta o *perfil* do usuário indígena que vai fazer uso dos programas, ademais do contexto da comunidade de origem dele. As culturas indígenas fornecem uma série de elementos chaves que o criador de um software ou sistema em rede, deve considerar, pois cada povo tem uma particularidade cultural, que o faz diferente na sua forma de fazer frente à sociedade “branca”. A *identidade étnica* é um fator determinante, pois apesar da sua suposta homogeneidade que se tem tentado impor, cada um dos povos indígenas, têm sua própria memória e história cultural.

#### 2.2.3.2. Os povos indígenas e a Internet.

As novas tecnologias de informação e comunicação, como as redes eletrônicas virtuais, principalmente Internet, causaram inicialmente impacto nas áreas de segurança, da educação, nas pesquisas científicas teórico/aplicadas, e mais tarde no comércio/economia. Respeito à sociedade, os setores com melhor nível econômico tiveram mais rápido acesso e uso, do que aqueles que careciam dos conhecimentos e meios econômicos.

Os povos indígenas passaram a estar novamente “ameaçados” pela marginalização e pobreza, mas agora desde uma perspectiva tecnológica digital, isto é, serem excluídos digitais. Contudo, recentes medidas a nível governamental (políticas de inclusão digital), algumas iniciativas privadas e principalmente dos movimentos sociais indígenas com apoio da sociedade civil, por intermédio de ONGs, passaram a fazer uma mobilização a favor da sua participação no acesso e uso da TICs.

Tem-se demonstrado que o acesso à informação e as ferramentas para divulgar a informação são importantes precondições para o fortalecimento dos povos indígenas e, portanto, é importante analisar o grau da magnitude em que as novas tecnologias da informação e comunicação - em particular Internet-podem constituir importantes pontos de apoio para o fortalecimento e habilitação dos grupos marginalizados em todo o mundo, como os povos indígenas. (WIBEN JENSEN, M., 2003)



### 2.2.3.2.1 O indigenismo virtual.

Os povos indígenas, desde o contato que tiveram com povos vindos da Europa, enfrentaram o impacto de novas tecnologias, que passaram a ser parte dos seus artefatos culturais. Contudo, isso não significou igual acesso, uso e aproveitamento destas para seu benefício, desenvolvimento pessoal e melhora na sua qualidade de vida. Com o evoluir da história e as mestiçagens e hibridizações acontecidas, os grupos autônomos ou etnias diferenciadas que mantiveram suas particularidades foram espectadores de novos avanços que, apesar de ser parte da mesma sociedade envolvente, não propiciaram uma integração e participação no acesso às novas tecnologias, isto é, as TICs.

Assim surgem, para WIBEN JENSEN, M.(2003), as seguintes interrogantes: que significam (as TICs) para os povos que não formam parte da maioria, para povos - como os povos indígenas-que estão à margem do poder? Pode a rede Internet conformar uma via rápida para uma maior habilitação e fortalecimento dos povos indígenas? Podem os indígenas ter seu espaço na aldeia global? E, se sentiram “em casa” ali? Mas essencialmente, pode a Internet ser “indigenizado”, compreendido e assimilado às práticas e crenças indígenas, arraigado no lugar e tradição cultural?

Uma busca de informação pelos termos “indígenas”, “povos aborígenes” e termos relacionados num motor de busca da Internet forneceu milhares de resultados, que vão desde *páginas web tribais* até *páginas web pessoais*, organizações pan-indígenas até *sites* de comércio de artesanato. Simplesmente estes sites poderiam ser considerados como uma representação em linha dos povos indígenas. Não obstante, a face virtual do indigenismo é “aquela expressão manifesta de projetos realizados pelos mesmos povos indígenas, conforme seus objetivos e desejos” (LANDZELINUS, Kyra, 2003, p.7) Este tipo de autoria, implica um *ativismo cibernético indígena*, onde se refletem as aspirações, a identidade e a diversidade de etnias que querem reforçar, reproduzir e preservar sua história e criações culturais próprias.

Os usos que fazem os indígenas da Internet vão desde *páginas web/sites* dando a conhecer suas culturas, até sítios de conversação (*'chat'*); correio eletrônico (*“e-mail”*), *Intranet* e outras aplicações web. Lamentavelmente, muitas destas iniciativas seguem tendências geográficas de N-S, onde os indígenas do primeiro mundo contam com certa vantagem sobre os indígenas do Sul, sobretudo por causas econômicas. Os líderes indígenas em geral aspiram ao reconhecimento, fortalecimento e desenvolvimento dos seus povos, como fica estabelecido na declaração da missão do Chefe das Primeiras Nações de Canadá, M. Coon Come, quem afirma “Nós perdemos a Revolução Industrial. Não vamos a perder a Revolução da Tecnologia da Informação”. Estas palavras refletem o desejo de não ficar atrás

na história tecnológica, e aproveitar as oportunidades para estar no mesmo nível que a sociedade branca; o espaço cibernético representaria uma oportunidade histórica para apreender o futuro e tentar corrigir o passado.

O ativismo cibernético indígena assume diversas formas, agendas e está dirigido a diversas audiências. Estas agendas abarcam desde projetos individuais até empreendimentos coletivos para vincular os povos indígenas. Na sua forma mais coletiva, de grupo ou união, a face virtual do indigenismo revela-se nas redes pan-indígenas organizadas em torno de temas de interesse compartilhado, por exemplo, nas áreas de saúde indígena, proteção de recursos, literatura, artes e direitos humanos. Esta versão é de interesse mesmo das sociedades indígenas. Há outras iniciativas mais particulares, menos públicas do indigenismo virtual, são as que acontecem de pessoa a pessoa, entre povos indígenas de diferentes culturas, e entre índios e não índios. Na sua forma mais particular, o indigenismo cibernético se expressa em páginas web pessoais elaboradas em geral por indivíduos de ascendência indígena.

Ao considerar a face mais ampla do indigenismo virtual, vale a pena destacar que também está conformada pela quantidade inumerável de sites que vinculam mais ou menos diretamente aos povos indígenas e seus interesses. Isto inclui instituições profissionais e educativas, bases de dados bibliotecários, arquivos de museus, documentos governamentais, declarações das N.U., e sítios *web* de ONGs que trabalham em nome do patrimônio indígena, reivindicações territoriais, direitos legais, etc. No melhor dos casos estes sítios na Rede têm o conhecimento e licença dos grupos indígenas em questão. Por exemplo, é comum achar acordos de colaboração entre comunidades indígenas e universidades, especificamente com o objetivo de desenhar e administrar uma página web tribal oficial e coordenar projetos educativos e de preservação.

#### 2.2.3.2.2 Ativismo cibernético indígena.

Se fizermos uma classificação do *ativismo cibernético indígena* poderíamos agrupar em duas amplas categorias: as *de alcance externo* e *de alcance interno*. Estas categorias poderiam ser subdivididas em gêneros baseados nas audiências e nos objetivos pretendidos. As iniciativas de alcance externo estão principalmente dirigidas para um público global, enquanto que as iniciativas de alcance interno têm como objetivo os povos indígenas, seus membros, companheiros de um grupo particular ou pessoas que compartilham uma identidade étnica. Na análise final, contudo, todos os gêneros estão implicados na questão vital dos estilos de vida indígenas e, como se vê suas agendas, se entrecruzam regularmente e reforçam mutuamente. Portanto, os alcances interno/externo podem ser concebidos, de melhor forma,

em termos de espectros de orientações.

LANDZELINUS, K. (2003, p.8) identifica dez “postes indicadores” ao longo do espectro que vai desde o alcance interno - que cobre os *serviços públicos, a revitalização cultural, a reconciliação, o trabalho da rede pan-indígena, e as conexões sitio-a-sitio* até ao alcance externo, que inclui as *relações públicas e a administração do turismo, campanhas de soberania, movimentos de libertação e associações para lutar por causas comuns*.

- *Serviços comunitários*. Muitas comunidades indígenas estão situadas em regiões remotas, carecendo de uma infra-estrutura básica. Ante esta situação os líderes indígenas olham as TICs como uma possibilidade de melhorar os serviços sociais. Há uma ampla gama de projetos indígenas em marcha no âmbito eletrônico da saúde, da justiça, do voto, do comércio, do emprego e de assuntos similares. Alguns exemplos de países desenvolvidos suas comunidades indígenas têm tomado a iniciativa para serem incorporadas nos avanços tecnológicos da sociedade branca. Assim na Austrália, se oferece ensino a distância às comunidades nativas; nas reservas de nativos americanos se está implementando o voto eletrônico; e se esta pondo em ação uma extensa iniciativa de tele-medicina ao longo do norte de Canadá. <sup>6</sup>Para ilustrar esta última iniciativa, algumas palavras sobre a infra-estrutura *Canadense de Saúde Aborígene* que tem sido investigada por Valerie Gideon, uma acadêmica das ciências da comunicação de ascendência franco-canadiense *emi'kmaq* da comunidade da Primeira Nação Gesgapegiag.

Tal como os povos indígenas de todo o mundo (especialmente aqueles que têm sido arrastados para o sistema econômico global), as Primeiras Nações do Canadá se enfrentam às carências sanitárias e a uma situação de saúde inferior (...). A tele-medicina - que permite aos médicos observar aos pacientes através de enlaces de alta definição simultâneos – possibilita de uma forma ‘vencer a distância’ e fornecer serviços de alta qualidade, inclusive nas remotas regiões árticas. Num trabalho conjunto com os funcionários canadenses, as Primeiras Nações tentam equilibrar as tecnologias médicas e informáticas avançadas, por um lado, com as práticas curativas e crenças indígenas, pelo outro. Tomando por empréstimo a gíria da computação, poderíamos dizer que esses projetos constituem uma ‘tentativa de fazer um morfema’ da tradição com a tecnologia. (GIDEON, V. apud LANDZELIUS, K., 2003, p.9)

- *Revitalização cultural*. Os projetos de revitalização cultural têm como finalidade “recuperar” e difundir a tradição e cultura com o uso dos recursos da Rede. “O ativismo cibernético indígena como via para a revitalização cultural se dirige “para dentro” para fortalecer o conhecimento dos membros comunitários sobre seus próprios costumes, história, folclore,

---

<sup>6</sup> No caso do Brasil existe desde já um tempo o Fundo Nacional de Saúde – FUNASA orientada a atender a saúde indígena, fornecendo, por exemplo, capacitação a alguns indígenas para serem *agentes de saúde*, mas neste caso o uso das TICs é escasso.

etc.”<sup>7</sup>(LANDZELIUS, K., 2003, p.9).

Como demonstração destes projetos está o *SameNet*: um sitio web só para membros, que se ocupa dos povos *sámi* disseminados em todo o norte de Escandinávia e Rússia. Dentre seus objetivos, *SameNet* promove a língua Lule Sámpi e oferece instrução à distância sobre a criação de renas. No caso de *SameNet*, o conhecimento tradicional atravessa as fronteiras de quatro estados nacionais para vincular eletronicamente os povos que têm compartilhado durante longo tempo pautas étnicas e culturais, mas que têm sido arbitrariamente divididos pela geopolítica moderna. De forma similar os *cherokee* estão trabalhando em uma interface da tradição e a tecnologia com um projeto baseado na Rede para recopilar lendas de anciãos tribais e fazê-las circular entre a juventude. (ARNOLD, E.L. e PLYMIRE, D.C., 2000, apud LANDZELIUS, K. 2003, p.9).

O Projeto de Sítio de *Rede dos Anciãos* para várias tribos de nativos americanos é um caso similar de conversão das tradições orais a um formato multimídia. Esses projetos pretendem a digitalização da tradição para preservá-la, vigorizá-la e inclusive transmití-la. Ao mesmo tempo, como implica o desenho de novos tipos de letras, arquivos de som e programas, impulsionam por a sua vez a fronteira tecnológica e influem sobre a direção da inovação.

Existem casos de ativismo cibernético indígena que pretendem uma revitalização cultural dos povos indígenas considerados em extinção, para re-inventar a identidade dos grupos afastados do seu patrimônio. A Internet passa a ser uma ferramenta para “re-desenhar o indigenismo” de pessoas que proclamam sua ascendência indígena - tribos que têm sido oficialmente catalogadas faz muito tempo como “extintas”. Neste tipo de movimento neo-indígena, segundo LANDZELIUS, K., (2003, p.10) emerge o debate sobre quem é indígena e quem não, e questiona também a legitimidade da sociedade dominante para determinar a questão. O espaço cibernético oferece a esses movimentos um cenário global, relativamente acessível, onde os grupos podem representar sua autenticidade através de expressões culturais e artísticas, enquanto que se inscrevem simultaneamente no “nós virtual” do cosmopolitismo indígena.

---

<sup>7</sup> No caso do Brasil: o Instituto Warã organização de profissionais indígenas que “atuam como consultores e assessores (...) às comunidades indígenas” ([www.institutowara.org](http://www.institutowara.org)) e o Instituto das Tradições Indígenas organizacao não governamental de 1999, dirigida por indígenas com o objetivo de “proteger, resgatar, divulgar e promover a cultura (...) dos povos indígenas” ([www.ideti.org](http://www.ideti.org))

-Reconciliação. O ativismo cibernético indígena pode ser posto a serviço da reconciliação ou acordo entre povos nativos, fazendo uso de uma diplomacia eletrônica para solucionar problemas entre grupos indígenas. Esta reconciliação pode ser não-oficial e oficial. No primeiro caso, a não-oficial, se apresenta em sítios de conversa (*chats*), sítios de mensagens, *blogs*, cujos membros dos grupos em conflito se podem reunir em forma virtual. Essas reuniões contam com o anonimato das partes envolvidas no diálogo, e sem um controle de terceiros, o que facilita a discussão. Enquanto, na reconciliação oficial, há intercâmbios mais formais sustentados nos recursos da Internet, do qual se faz uso como meio para negociação ou como meio auxiliar. Neste tipo de reconciliação em linha há outros atores no processo, organismos mediadores (fundações educativas, religiosas e/ou pacifistas) - que podem intermediar ativamente ou simplesmente monitorar a solução de conflitos - desplegando freqüentemente na Rede notícias sobre logros e momentos chaves no manejo das crises. Ao manter assim uma supervisão contínua do que bem pode ser um delicado processo de distensão, estes foros públicos podem jogar um papel significativo na determinação de passos a tomar para alcançar a paz e manter as partes no caminho. LANDZELIUS, K. (2003, p.10).

Como exemplo do primeiro tipo de *reconciliação não-oficial* estão as experiências citadas por LANDZELIUS, K., (2003, p.13). *SudanInfonet* que tem um papel de regulador na revisão do Processo de Paz e Reconciliação Dinka-Nuer, se pode encontrar em <http://SudanInfonet.tripod.com>. [20.03.2010]

Contudo, há casos opostos sendo a Rede é usada para fomentar a discórdia intergrupala. Um caso destacado está constituído pelos sítios web que põem informação/desinformação sobre a disputa das terras *navajo-hopi*. A maioria proclama neutralidade, porém, se analisados com detenção, são intentos claramente parcializados para recrutar simpatizantes para que “tomem partido”. Contudo, na avaliação positiva das relações tribais *hopi-navajo*, é de destacar que cidadãos interessados em ambas tribos estão organizando juntos (e em conjunto com ativistas não indígenas) esforços para a conservação da água, particularmente para deter o bombeamento dos recursos aquíferos subterrâneos que estão sendo drenados pelas operações da mineração carbonífera. Mais detalhes podem ser vistos em: [www.wildangels.org/hopi.html](http://www.wildangels.org/hopi.html) [20.03.2010] e [www.blackmesatrust.org](http://www.blackmesatrust.org). [20.03.2010]

- Sistemas de rede pan-indigenas. O sistema organizativo das comunidades indígenas, baseado na solidariedade, integração e comunicação entre as partes, está em certa forma ligado ao novo sistema virtual on-line das redes eletrônicas. Aliados os indígenas por um destino comum, e por experiências de vida, de discriminação, marginalização e exploração, os

sistemas de rede podem organizá-los estrategicamente para compartilhar planos, políticas ou simplesmente intercambiar opiniões.

O sentido comunitário dos povos indígenas intensifica “as conexões e a percepção das conexões que os vinculam através do mundo”. LANDZELIUS, K. (2003, p.10)

LANDZELIUS, K. (2003, p.10) ao distinguir um estilo de sistema de rede indígena, quer enfatizar além do mais as atividades cibernéticas que trabalham em forma concertada para fortalecer um cosmopolitismo indígena transnacional e o surgimento do que se poderia chamar o “*indigenismo global*”.

O trabalho em rede pan-indígena pode surgir de alianças regionais que se ramificam nacional e internacionalmente; também pode surgir através do vínculo de agências locais com suas contrapartes em qualquer outro local; ou surgir mediante a gestação de solidariedade que começa desde uma perspectiva global. Neste cenário está em jogo a capacidade da Internet para dar estrutura e coesão a um grupo de atores dispares e dispersos - para criar ordem e aparência de ordem. Em termos de conteúdos, a rede indígena pode estar orientada em forma temática incluindo aqueles que apontam para um assunto político candente, como o que representa a *Rede dos Povos Indígenas para a Biodiversidade*<sup>8</sup>; ou um tópico de interesse comum, como *Indigenous. Lit.* As redes abertas estão caracterizadas por sua base flexível. Estas incluem muitos sítios de conversa e os espaços de interação aonde os povos indígenas se reúnem virtualmente para conversar sobre seus temas de interesse. As conexões de casa-a-casa entre os povos indígenas na Diáspora e aqueles que ainda residem no território natal (“manter-se em contato” através do correio eletrônico) constituem alianças abertas em forma personalizada. Servem de ponte entre mundos diferentes e contribuem a encontrar formas para o equilíbrio. LANDZELIUS (2003, p.10)

LANDZELIUS, K.(2003, p.13), com respeito ao sistema de rede pan-indígena, cita um exemplo de uma rede cibernética indígena de proeminência nacional, o sítio web *dos aborígenes australianos e ilhéus do Estreito Torres* em: <http://cf.vicnet.net.au/aboriginal>. Também patrocinam OzLit., uma lista que cobre os autores indígenas. *Indigenous.Lit* é uma lista de endereços eletrônicos limitada, em <http://www.uwm.edu/~michael/indigenoulit>. [20.03.2010] Para citar alguns sítios de conversação (*chat*) se pode citar o site *Native Tech*, que possui uma série de serviços como uma coleção de mensagens e listas de discussões.

---

<sup>8</sup> No caso do Brasil se destaca o *site* da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazonia Brasileira-COIAB ([www.coiab.com.br](http://www.coiab.com.br)) e na América Latina a Coordenadora de las Organizaciones Indígenas de la Cuenca Amazónica – COICA ([www.coica.org](http://www.coica.org))

<http://www.nativetech.org> [20.03.2010]

Gêneros de ativismo cibernético de alcance global:

-Relações públicas e manejo do turismo. Os sítios de alcance externo mais comuns são aqueles denominados de *tutoriais*, com o fim de educar seletivamente uma audiência não indígena sobre as crenças e estilos de vida indígenas à distância e em alguma medida, em termos indígenas. Estes sítios assumem a forma de uma página principal e/ou uma página de informação turística que estabelece diretrizes para um comportamento turístico culturalmente apropriado; ao dispor de uma dimensão pedagógica estes sítios tendem a ser muito ricos desde o ponto de vista descritivo e audiovisual. Com o simples fato de conectar-se o espectador digital no outro lado do mundo pode aceder lendas, mitos, culturas, cenários da vida indígena. Apesar da sua abertura segundo LANDZELIUS (2003, p.11) estes sítios têm uma dupla função: protegem as culturas indígenas através da regulação de uma face pública oficial aonde as tradições mais íntimas e sagradas podem ser melhor salvaguardadas da desinformação externa, e também funcionam como uma contribuição indígena à “educação à distância”, uma forma de reverter e opor-se às autoridades do conhecimento convencional. Neste contexto são interessantes estes sites, pois constituem uma história alternativa dos indígenas, uma oportunidade comunicativa para apresentar sua própria história silenciada pela cultura dominante. Um caso a destacar aqui é a página principal dos *cherokee orientais*, em <http://www.cherokee-nc.com><sup>9</sup>. [20.03.2010]

- Campanhas pela soberania. O espaço eletrônico das redes está criando a oportunidade de expressão, manifestação e denúncia dos grupos indígenas que reivindicam seu direito às terras e sua soberania sobre determinados territórios ancestrais. As campanhas cibernéticas indígenas permitem “salvaguardar” os recursos locais e estilos de vida em nome da autodeterminação. LANDZELIUS, K. (2003, p.11) cita dois exemplos que tiveram muito impacto na Rede: é o caso dos *povos indígenas de Hawaii*, cuja busca de autonomia é quase uma secessão. Na “revolução de veludo” (“*velvet revolution*”) aconteceu um intenso uso da Rede na campanha *maori* de autonomia e governo local, educação, saúde e serviços sociais. No caso dos nativos americanos, a internet está demonstrando ser um aliado importante para a tentativa de repatriação dos objetos ancestrais desde museus e universidades nos Estados

---

<sup>9</sup> Neste caso é onde existem mais exemplos no Brasil: Associação Artístico Cultural Nhandeva- Nossa Gente ([www.nhandeva.org](http://www.nhandeva.org)) criada por um grupo de artistas, índios e não índios com objetivo de “resgatar parte das tradições perdidas dos índios Guarani” de Paraty, Estado do Rio de Janeiro; a Associação Guarani *Nhe'em Porã* ([www.cultura.guarani.hpg.com.br](http://www.cultura.guarani.hpg.com.br)) site criado para difundir a sua cultura aos não indígenas de diversas formas,

Unidos. Também a Rede constitui uma força organizativa e publicitária para os movimentos que pugnam pelo direito de autoria indígena e a posse da propriedade intelectual cultural e biológica, incluindo os produtos da ciência indígena e os fundos genéticos indígenas

-Movimentos de libertação. Enquanto as campanhas pela soberania desafiam progressivamente o *status quo*, os movimentos de libertação são mais ativos e provocam um impacto mais forte na sociedade global. Alguns grupos indígenas têm feito uso da rede para denunciar e manifestar à sociedade mundial sobre a sua situação difícil, sobretudo nos seus direitos humanos. O levantamento Zapatista é um exemplo clássico de “insurreição via internet”, pelo uso efetivo do espaço cibernético como arma estratégica para denunciar as injustiças que as comunidades indígenas de México têm sofrido por muito tempo. O sucesso deste movimento se deveu ao apoio das organizações civis não-indígenas, ONGs, que ao estarem em Rede tomaram conhecimento da situação grave daquelas comunidades indígenas do México.

“A virtualidade ‘em nenhum lado/em todos os lados’ do espaço cibernético pode significar que grupos afastados, na periferia do poder, podem não obstante transformarem-se seus centros de informação e fazerem alianças para alcançar um lugar central na geopolítica e na política local” LANDZELIUS, K. (2003, p.11).

-Associações de causas comuns. Tal como as campanhas pela soberania e os movimentos de libertação, as associações de causa comum são campanhas de resistência. Contudo se distinguem pelo forjamento de uma solidariedade instrumental entre povos indígenas e não indígenas sobre a base de uma interdependência percebida. Um exemplo destacado é a associação entre os *u'wa* de Amazônia colombiana<sup>10</sup> e varias organizações populares ambientalistas, como *Rainforest Active Network*. Em 1997, lançaram uma ataque conjunto contra a *Occidental Oil*, uma corporação petroléira internacional que tem contratos para perfurar nas terras ancestrais dos *u'wa*. A campanha incluiu uma cobertura cibernética que conseguiu em parte parar os objetivos da empresa transnacional. Em 2002, depois da empresa ser invadida de emails de ativistas indignados, Ocidental anunciou sua intenção de deter seu projeto. Não obstante como indica LANDZELIUS, K. (2003, p.12), “é freqüente que a vitória dos despossuídos seja frágil, e neste momento, as terras dos *u'wa* ainda não estão

---

ex. (ecoturismo) e o site O RÓ- o Mundo A`uwé Xavante- Associação Warã que difunde a aldeia *ldzó'uhu* (Abelhinha), por exemplo, pela venda de productos.(www.wara.nativeweb.org)



asseguradas contra a exploração petrolífera”. A empresa estrangeira pode tomar outras táticas, como se trasladar rio abaixo, aonde não há grupos com experiência nos meios de difusão.

#### 2.2.3.3. A interconexão entre as tradições indígenas e a nova tecnologia.

A dicotomia indígena/modernidade é símbolo da suposta incompatibilidade entre o mundo ocidental e indígena, refletido desde o começo na exclusão, no acesso e uso dos primeiros espaços de conhecimento como são as bibliotecas e suas fontes informativas, e logo com a “exclusão em potência” das novas tecnologias de informação e comunicação, instrumentos que estão sendo utilizados em parte para difundir e recuperar suas culturas e saberes. Assim alguns povos indígenas apresentaram a capacidade de uso e acesso a estas novas tecnologias eletrônicas (*cherokee, maori, xavante, maias* etc.), demonstrando com isso que são culturas dinâmicas, que não ficaram no passado, estáticas no tempo, e que têm muita vontade de fazer uso destes meios para projetar-se no tempo.

No discurso atual sobre a tecnologia, as teorias podem ser divididas em duas escolas de pensamento: 1. a *visão substantiva* em que a tecnologia é tão avassaladora e com um poder hegemônico tão grande que pode apoderar-se e socavar os intentos dos usuários e 2. a *visão determinista-instrumentalista* aonde o usuário tem autonomia e pode determinar o uso das tecnologias.

Neste último caso, alguns teóricos indígenas, que desde uma perspectiva instrumentalista, indicam que as tecnologias podem significar uma opção de recuperação e difusão das culturas indígenas. Nesta linha estão três autores, Randy Ross, Craig Howe e Melanie Printep-Hope.

Segundo ROSS “para os povos nativos, a trama de redes informativas e o aparato de comunicações ‘multimídia’ aportam uma nova dimensão à nossa sobrevivência futura”. Esta autora se remonta a começos da década dos 1880 quando a impossibilidade de comunicar-se através da nação foi uma causa chave para que as terras indígenas caíssem em mãos do Governo dos EUA, e afirma que para os americanos “a capacidade de comunicar-se mediante o telégrafo para coordenar as tropas ...foi possível pelo rápido intercâmbio telegráfico através do Código Morse... por outro lado, a taxa de transferência para as tribos era extremadamente lenta”. Em suma, Ross argumenta que os povos indígenas deveriam aproveitar as novas tecnologias e usá-las para seus próprios objetivos, e expressa a interrogante “voltará a

---

<sup>10</sup> No caso do Brasil se poderia indicar a rede Índios on line ([www.indiosonline.org.br](http://www.indiosonline.org.br)) organização intercultural que integra indígenas e não indígenas, difundido a situação dos grupos indígenas, principalmente do Nordeste.

repetir-se o sucedido na década de 1880 com respeito ao acesso indígena ao telégrafo, com o que agora se chama Internet?”(ROSS apud YOUNG-ING, G. 2003, p.15)

Na mesma medida em que Ross expressa que as novas tecnologias podem ajudar as iniciativas culturais e políticas, MUMFORD (apud YOUNG-ING, G. 2003, p.15) mantém uma visão determinista similar com respeito à tecnologia e à cultura quando expressa: “ a tecnologia é sensível à situação ideológica e cultural na que é introduzida”, e também “ a cultura pode controlar o desenvolvimento de suas ferramentas” . Os povos indígenas sempre têm tentado ser receptivos às novas tecnologias e incluí-las na sua cultura; Os caçadores *cree* do Norte de Manitoba, Canadá, por exemplo, descobriram na década de 1960 que perseguir renas com Ski-doo (motos de neve) podem ajudá-los a obter resultados muito mais exitosos da caça. Não obstante, não perderam alguns costumes tradicionais ancestrais como a de agradecer ao Criador entrando o animal a través da porta caminhando para trás, para que o espírito do animal possa viver olhando para adiante, e penduram os ossos dos animais sobre a porta em honor ao espírito do animal.

Em oposição a Mumford e Ross, ELLUL argumenta – com a visão substantiva - que a tecnologia é “incontrolada e opera sem nenhum plano” de acordo às “leis do desenvolvimento”. Conforme Ellul, os caçadores *cree* deveriam perder parte de suas práticas de caça tradicional com a introdução da moto de neve, mas pelo contrário, os *cree* seguiram praticando suas cerimônias quando caçam para sua subsistência. Em realidade, as motos de neve serviram para acrescentar às suas práticas culturais da caça do alce, fazendo-a mais produtiva e eficiente dentro dos confins culturais dos *cree*.

Para YOUNG-ING, G. (2003, p.15) qualquer prática cultural indígena pode incorporar outras tecnologias utilizando como modelo a forma em que os caçadores *cree* têm incorporado as motos de neve como uma nova tecnologia a sua cultura tradicional.

2.2.3.4. Experiência indígena com os meios de comunicação e informação: a imprensa, a multimídia em rede.

Antes de considerar a interconexão dos povos indígenas com a tecnologia multimídia, é preciso considerar a experiência indígena com os meios tradicionais escritos e a multimídia.

YOUNG-ING (2003) no seu artigo “*Perspectivas sobre la interconexión entre la tradición indígena y la nueva tecnología*”, nos apresenta a experiência dos povos indígenas com a cultura impressa no contexto histórico canadense-norteamericano, como foram os primeiros escritos sobre os povos indígenas, publicados por exploradores, missioneiros e

escritores desde o século XVI até mediados do século XX (o qual não é muito diferente da situação da América Latina). A grande maioria destes textos descreve estes povos como uma raça inferior, em desapareção, de uma forma degradante e ofensiva. Ademais fornece pouca compreensão ou nenhuma das realidades culturais, mas se constituíram no status que influenciou os fundamentos intelectuais da percepção da sociedade europeia dos povos aborígenes como sendo subdesenvolvidos. Além do mais muitos intelectuais indígenas argumentaram que estas imagens incorretas têm causado impacto sobre o tratamento colonial e legislativo dos indígenas. Na América latina os primeiros cronistas deixaram relatos incompletos dos fatos mais visíveis que acharam, sem deter-se em estudos sociológicos nem psicológicos do Índio, o qual influiu nos estudos posteriores acerca dos indígenas (REYES , 1947 p.294).A documentação produzida desde a chegada dos colonizadores foram as Crônicas, Cartas e Relatos de Viagens, escritas geralmente por missionários ou pessoal dos reinos que vinham nas expedições.

Assim, no caso do Brasil, está a *Carta* de Pero Vaz de Caminha, escrivão da Armada de Cabral, quem dirigiu a Dom Manuel, O Venturoso na qual se faz a primeira descrição desta parte de América do Sul, incluindo os habitantes e a sua natureza circundante. No julgamento exato de Moisés Gicovate, o primeiro etnógrafo, pela relação minuciosa que deu dos índios que observara, os tupis da costa ou tupiniquim. Este diário permaneceu por muito tempo oculto, e foi descoberto por Munhoz nos arquivos da Torre do Tombo, sendo publicado pela primeira vez em 1817 pelo Padre Aires do Casal, na sua *Corografia Brasileira*.

A conquista da maior e mais poderosa civilização do Novo Mundo, o império Azteca levou o capitão Hernan Cortez a remeter diversas *Cartas* ao imperador Carlos V da Alemanha e Espanha, sendo a *segunda Carta* onde faz um relato preciso e aterrador do desmoronamento desta civilização.

A produção literária sobre o indígena no século XVI caracterizou-se por estar carregado de muitos preconceitos, o que levou a descrições limitadas sobre as novas realidades descobertas. Pretendia-se informar o mais “claro” possível às autoridades do velho continente sobre os novos lugares descobertos em vias de dominação, conquista e massacre.

Este tipo de documentação, *Cartas*, permitiu um certo contato entre os reinos e as colônias, dando a conhecer sobre o que estava acontecendo nos novos contatos que se tinham com os habitantes destas terras, seus costumes, organização social, entre outros.

As primeiras descrições no século XVI, expressavam um assombro, curiosidade e uma crítica

a todo aquilo que não encaixasse nos padrões ocidentais-cristãos .

Mas a “*nova literatura indígena*” está tentando remediar a situação passada com a pouca informação que se tem podido recuperar, como observou CHURCHILL (1992 p.38) “o objetivo atual da literatura relacionada aos indígenas é criá-los... a partir de um escasso mínimo dos fatos necessários para outorgar à ficção resultante um elo de veracidade”.<sup>11</sup> Churchill expressa uma visão generalizada de que uma revisão da literatura contemporânea revela a persistência de estereótipos sutis e inapropriados e paradigmas acadêmicos incorretos.

Howard ADAMS (1995, p.33) ainda mais longe, assinalando que os indígenas e não indígenas têm sido impactados pelo *status quo*, assim estabelece: “A academia é lenta para re-examinar o que tem sido aceito durante séculos... Estes mitos estão profundamente arraigados na psique da gente que até os aborígenes terão que sortear muitos obstáculos para despojarse das ideologias coloniais”.

No começo dos anos setenta os autores indígenas começaram lentamente a elaborar uma voz indígena, apoiando-se na sua cultura oral, e o conhecimento recuperado e sobrevivente das tribos. Este corpo de literatura que se tem ido desenvolvendo de a pouco, funciona em três níveis fundamentais, segundo YOUNG-ING (2003 p.16): 1. Como corpo de literatura nacional baseado no conhecimento tradicional e na continuação da história oral das nações indígenas particulares; 2. Como um corpo de literatura pan-indígena que pode ser alegado e identificado pelos povos indígenas dentro dos modernos estados nacionais coloniais e/ou em todo o mundo; e 3. Como uma autêntica voz indígena a que os povos indígenas podem aceder para alcançar uma maior compreensão e percepção do conhecimento e perspectivas culturais indígenas - oferecendo uma alternativa mais autêntica ao vasto *status quo* do conjunto de literatura sobre os povos indígenas de escritores não indígenas.

O surgimento de publicações indígenas nos anos oitenta do século passado contribuiu à voz indígena mediante a introdução de práticas de edição e publicação controladas por indígenas. Portanto, está surgindo um estilo literário indígena, usando estas orientações editoriais únicas que respeitam a integridade cultural e complementam a emergência e distinta voz literária indígena. Algumas das práticas baseadas na cultura que estão sendo adotadas na edição dos textos indígenas são segundo YOUNG-ING (2003 p.17): a utilização dos

---

<sup>11</sup> Na América do Sul, especificamente no Brasil, está o *site* do escritor Daniel Munduruku criado em 2002, dando conhecer a editora “Palavra de Índio” com apresentação de algumas publicações.

princípios da tradição oral no processo editorial; o respeito, estabelecimento e definição de formas coloquiais indígenas do inglês; a incorporação do protocolo tradicional indígena quando se considera a correção de apresentar certos aspectos da cultura; e a consulta e solicitude de aprovação dos anciãos e líderes tradicionais para publicação de material cultural sagrado. Lamentavelmente esta situação é ainda escassa nos países do Sul onde existem povos indígenas.<sup>12</sup>

Os princípios e protocolos indígenas não estão associados diretamente às potencialidades e uso que se podem dar a uma tecnologia digital. Portanto, se as tecnologias não consideram as particularidades destes povos, seu uso implica considerar as suas características, assim HOWE (1998, p.22) indica os povos indígenas sempre terão que “considerar cuidadosamente as ramificações do tribalismo (isto é, as instituições tradicionais indígenas) antes de reivindicar a participação universal na revolução digital do espaço cibernético (isto é, a nova tecnologia)”.

Segundo YOUNG-ING (2003, p.17) os povos indígenas em face às tecnologias contemporâneas, tentam manter dois importantes princípios culturais: 1. a incorporação de novas formas de fazer as coisas deve ser cuidadosamente considerada em consulta com os anciãos do povo e às comunidades tradicionais; e 2. se se determina que uma nova tecnologia ou instituição se opõe aos valores culturais fundamentais, podendo levar a um impacto cultural negativo, então ela não deveria ser aceita. Desde tempos antigos estes princípios existem, de uma ou outra forma, na maioria dos grupos indígenas.

Os povos indígenas têm encontrado formas para incorporar a suas instituições e aspectos culturais tradicionais. Os novos meios como a imprensa e multimídia podem ser adaptadas e fazendo uso deles como instrumentos de apoio para causas políticas, culturais e econômica. Como MUMFORD (apud WOODWARD, R., 1996, p.13) indica: “A tecnologia é sensível à situação ideológica e cultural na que é introduzida”, e também “a cultura pode controlar o desenvolvimento de suas ferramentas”.

A *multimídia indígena* é uma forma de expressão usada pelos indígenas para dar a conhecer diversas demandas e sua situação atual. YOUNG-ING (2003, p.18) nos indica dois

---

([www.danielmunduruku.com.br](http://www.danielmunduruku.com.br)) e o *site* da escritora indígena Eliane Potiguara, remanescente Potiguara, quem dá a conhecer o 1er. *e-book* indígena ([www.elianepotiguara.org.br](http://www.elianepotiguara.org.br))

<sup>12</sup> Existe uma experiência de trabalho entre a UFMG (Dpto. literatura) e algumas etnias (*Kaxixó, Krenak, Pataxó*, etc.) por meio da Revista Eletrônica “Bay- Universidade Indígena” criada em 2002, dando a conhecer obras literárias de indígenas que estudam nesta instituição, esta experiência é fundamentalmente entre jovens e professores universitários.

sítios que apresentam características singulares: um orientado à recuperação dos costumes, cosmovisão indígena através da sua oração e outro apresentando a participação dos anciãos para o fortalecimento de vários povos indígenas da América do Norte.

Um caso de multimídia indígena apropriada é o *Haudenosanee Thanksgiving Prayer Website* de Melanie Printep-Hope. Os principais elementos dos sítios web são o escaneado dos abalórios e da extensa *Oração sagrada de Ação de Graças do povo das Seis Nações Haudenosanee*. O sítio descreve e exhibe descrições de abalórios estilizados das diversas seções da Oração e se pode navegar por telas separadas de cada uma das Forças Espirituais reconhecidas, como as Forças Espirituais da Terra, as Forças Espirituais do Céu e as Forças Espirituais mais além do Céu. Conforme a PRINTEP-HOPE, A Oração é a “a espinha dorsal da cultura iroquesa (*haudenosanee*) que agrupa o povo em um entendimento”.

Apresentando reverência ao mundo natural com o objetivo de manter seu equilíbrio ecológico natural, o *Haudenosanee Thanksgiving Prayer Website*. (<http://www.firstpeople.us/html/A-Haudenosaunee-Thanksgiving-Prayer.html>) [20.03.2010] exemplifica a opinião muito cautelosa de que “parte do processo de adaptar o imperativo tecnológico aos valores da sociedade (neste caso a sociedade iroquí, ou as sociedades aborígenes em geral) e o conceito de recursos sustentáveis, implica avaliação do risco e a implementação do manejo das políticas tecnológica” (WOODWARD, 1996, p.12 apud YOUNG-ING, G. 2003, p.18).

Para YOUNG-ING, G. (2003, p.18) a teoria substantiva pessimista que sustenta “a tecnologia é um instrumento de decadência moral e obriga a que a qualidade se converta em quantidade” (Ellul) sacrificando a qualidade (conteúdo valor intrínseco) pela quantidade (produtividade, aumento das unidades de produção massiva, acessibilidade). Mas no uso demonstrado por Printep-Hope da nova tecnologia contradiz a mudança qualitativa-quantitativa indicada por Ellul, demonstrando como A *Oração*, um ícone cultural que encarna a moral e a epistemologia *haudenosanee*, agora é infinitamente, mais acessível (isto é, quantitativa) na Internet; também se poderia argumentar que os aspectos qualitativos da *Oração* são também incrementados a través da interface do escaneado de abalórios na medida em que o sítio alcança novas alturas de exploração visual por meio das tecnologias e as formas artísticas tradicionais. Nas próprias palavras de Printep-Hope:

Eu entrelaço o trabalho de abalório tradicional com as artes eletrônicas, encho cada parte com a sabedoria de meus ancestrs, uso a minha própria expressão artística para compartilhar com o espectador a história, que conta quando começaram meu ancestrs e como devemos conduzir

nossas vidas.

Outro exemplo, o constitui o *Centro Cultural Índio Saskatchewan* (SICC) que se tem embarcado num projeto que tenta apoiar a visão instrumentalista. O “*SICC Elders Project Web Site*” (Projeto do SICC do Sítio Web dos Anciãos) (<http://www.sicc.sk.ca/elders>) [20.03.2010] se iniciou para preservar diversos aspectos do conhecimento tradicional dos *saulteaux*, *dakota*, *assiniboine*, *dene e cree*, conservados – na sua maior parte - pelo anciãos. O SICC iniciou a projeto em 1995 ao reconhecer que a tradição oral estava em risco de desaparecer junto com alguns anciãos, e registrou durante horas a anciãos relatando suas histórias, recitando lendas e falando do conhecimento tradicional.

As gravações de mais de cinquenta anciãos foram logo editadas, transcritas e formatadas para o *Projeto de Sítio Web dos Anciãos*. Vários temas das respectivas culturas aborígenes foram codificados e vinculados com o sítio para que, por exemplo, um usuário ao fazer uma busca por “*Eagle*” (Águia) pudesse conectar-se com diversos segmentos que exibem a vários anciãos falando da importância cultural da águia. Por conseguinte, o sítio serve como meio para preservar e ressaltar as tradições orais, fazendo-o acessível e fácil para buscar e aprender eficientemente.

O uso inovador do SICC da Internet ilustra a teoria instrumentalista otimista segundo a qual “o homem se modelou a se mesmo antes de dar forma a suas ferramentas” e por isso, “tem a vontade e os recursos para mudar a direção da tecnologia moderna, em vez de ser uma vítima passiva” como afirma Mumford (apud (WOODWARD, 1996, p.10) “Através deste projeto, O SICC tem demonstrado que os povos indígenas podem lograr que as novas tecnologias trabalhem tanto para a promoção como a preservação do conhecimento e a cultura indígena.

Como conclusão YOUNG-ING (2003, p.18) nos indica que em oposição à afirmação de FEEBERG “uma vez que o progresso da tecnologia se estabelece se converte em um estilo de vida sem outro retorno (...)” (apud WOODWARD, 1996, p.7):

os trabalhos do SICC e de Melanie Printep-Hope demonstram que os projetos de multimídia inteligentes e desenhados cuidadosamente podem conduzir as tradições e práticas culturais ancestrais à era tecnológica, mantendo a significação cultural e a integridade. O uso destes povos indígenas da Internet poderia servir como modelo para a sociedade ocidental, que começa a questionar os muito complexos temas culturais introduzidos pela multimídia.

Os povos indígenas também deveriam assumir a obra de Melanie Printep-Hop e do SICC como um chamado para entrar na era tecnológica decididamente e não converter-se nas

palavras de Randy Ross“ ‘em mortos’ na autopista da informação”.

Em certa forma ligada à frase anterior de Ross, HOWE (1998, p.21) acrescenta outra nota de alerta, expressando que os povos indígenas deveriam “usar o espaço cibernético para acceder e divulgar informação em seus próprios termos e para seus próprios objetivos (porque) um pode conectar- se e ter uma voz na aldeia global ou ser jogado e ficar ‘morto’, sem acesso”.

Assim como aconteceu a e ainda acontece a tergiversação e exploração estereotipadas dos indígenas nos meios impressos e *mass mídia*, nas TICs e na multimídia pode acontecer igual. Mas a diferença do que aconteceu na marginalização da quase totalidade dos meios impressos desde tempos coloniais, onde os povos indígenas não tiveram acesso; nos meios digitais virtuais em rede a situação pode em parte ser diferente. Por isso Ross disse, os povos indígenas podem agora estar à vanguarda da atual “revolução” tecnológica da multimídia e de rede.

A sociedade ocidental está em uma mudança de paradigma, na qual a informação, sua divulgação e aquisição passaram aos meios virtuais eletrônicos principalmente. Este impacto está causando muita angústia e incerteza, pois é uma explosão de fontes de informação que é quase incontrolável pelo ser humano. Talvez como disse YOUNG-ING, G. (2003, p.18) “a interconexão dos [alguns] povos indígenas com a tecnologia pode server como exemplo de que é possível usar a tecnologia em forma inteligente e cautelosa”.

#### 2.2.3.5. O cenário institucional global informacional e os povos indígenas.

A influência das tecnologias de comunicação e informação sobre diversos aspectos da vida provocaram também um impacto nos povos indígenas, que como se indicou começaram a ter uma nova atitude em face de esta “nova” realidade.

Para este segmento social as TICs são tanto uma ameaça e uma oportunidade. O primeiro se deve a que a maioria das etnias encontram-se à margem do seu acesso e uso (apesar das políticas de inclusão digital) e o segundo, pois aqueles que conseguiram ter acesso, as têm usado de diversas formas (ex. uma via de expressão e demanda).

Assim, desde que as Nações Unidas - NU, realizaram a primeira *Cúpula Mundial sobre a Sociedade da Informacao-CMSI*, em Genebra de 10 ao 12 de dezembro de 2003, procurando fazer um diagnóstico e uma série de recomendações para as nações do mundo no tema de acesso/uso das TICs, tentando diminuir a “brecha digital”, os povos nativos se deram



conta que eles não foram considerados diretamente, o que foi diferente no segundo encontro.

O uso de algumas instâncias internacionais por parte destes povos já tem alguns antecedentes, como foi o Convênio 169 da Organização Internacional do Trabalho-OIT; a *Declaração Universal dos Direitos dos Povos Indígenas* (2007), mas não tinha acontecido nada que apoiasse ou considerasse o aspecto informativo, um direito mais de tipo cultural. Expressar demandas e sua postura política de participação democrática e igualitária na Sociedade da Informação veio acontecer na *2da Cúpula Mundial sobre a Sociedade da Informação* (Tunísia, nov. 2005) e uma manifestação própria que aconteceu na *Primeira Oficina Indígena de Tecnologias de Informação e Comunicação* auspiciada pela União Internacional das Telecomunicações – UIT e a Comissão Nacional para o Desenvolvimento dos Povos Indígenas do México, entre o 28-30 de novembro de 2005.

Os indígenas por sua vez de uma forma mais autônoma têm realizado eventos próprios, dos quais se poderiam destacar dois documentos declaratórios: *II Encontro sobre Conectividade e Populações Indígenas em Ottawa* (2003) e *Encontro Indígena Interamericano Preparatório para a Cúpula Mundial sobre a Sociedade da Informação*(2003).

O *Informe Final do II Encontro sobre Conectividade e Populações Indígenas em Ottawa* (DEL ALAMO, 2003) demandando uma presença nas discussões sobre novas tecnologias, com a finalidade de encontrar estratégias e propostas que permitam diminuir a “brecha digital”, fazendo uma série de propostas, sugestões e sua visão sobre as TICs, procurando ocupar um lugar transcendente no ciberespaço.

No mesmo sentido, os representantes indígenas dos Povos de *Abya Yala* (América) fizeram a *Declaração do Encontro Indígena Interamericano Preparatório para a Cúpula Mundial sobre a Sociedade da Informação* em Brasília ,2003, defendendo seus direitos à comunicação e informação por ser práticas milenares e cotidianas próprias, e se manifestaram em contra dos enfoques unilaterais no uso da tecnologia. Recomendando às NU que promovessem uma reflexão sobre a necessidade de democratizar os instrumentos tecnológicos, indicando que só incluindo aos povos indígenas se pode fazer uma autentica Sociedade da Informação e Comunicação (SIC).

Mas foi na segunda Cúpula da Tunísia quando realmente os povos indígenas foram “considerados”. O “*Programa de Ações de Tunísia para a Sociedade da Informação*” se constitui de 123 numerais que contem reconhecimentos, agradecimentos, exortos, otimismo,

recomendações, incentivos, solicitações, parabéns e chamamentos à comunidade internacional.

Com relação aos indígenas, este Programa declarou o compromisso de:

Trabalhar ativamente para lograr o *multilingüismo* em Internet, como parte de um processo multilateral, transparente e democrático em que participem os governos e todas as partes interessadas, em seus respectivos papéis. Neste contexto, também apoiamos o desenvolvimento, a tradução e adaptação do conteúdo local, os arquivos digitais e as diversas formas de meios digitais e tradicionais, e reconhecemos assim mesmo que estas atividades também podem fortalecer às comunidades locais e indígenas. Por conseguinte, destacamos a necessidade de:

- a. Incentivar o processo da introdução do multilingüismo em certo número de áreas, incluídas os nomes de domínio, os endereços de correio eletrônico e a busca de palavras chave.
- b. Aplicar programas que permitam a presença de nomes de domínio e conteúdo multilíngüe em Internet e a utilização de vários modelos de software para combater o *divisor digital* lingüístico e assegurar a participação de todos na nova sociedade emergente.
- c. Fortalecer a colaboração entre os organismos pertinentes para seguir desenvolvendo as normas técnicas e motivar sua instalação a escala mundial”.  
(<http://www.itu.int/wsis/docs2/tunis/off/6rev1-es.html>)

Para FORERO e DIAZ (2007, p.10-11) até agora estes eventos:

apesar das propostas, sugestões e pressões de alguns grupos indígenas com representantes, não lograram incluir e fazer realidade a diversidade étnica, cultural e lingüística na chamada Sociedade da Informação, sendo o principal foco das suas declarações os idiomas, protocolos, software e todos os componentes da rede de dominância cultural norte-americana. O 90% do conteúdo da Internet se encontra em só 12 idiomas, [existindo] mais de 6.000 línguas existentes no mundo.

Seguem sendo mais os enunciados e as boas intenções, que compromissos concretos que levem a modificar o “divisor digital” dos povos indígenas, pois parte do engano, segundo os autores, está em pensar que é possível que eles como povos, acedam e se apropriem das TICs, sem que se modifiquem de maneira radical as condições de racismo, exclusão, violência estrutural, analfabetismo, miséria e violência cultural que sofrem em tempos da Sociedade da Informação. Por isso, podemos falar segundo FORERO e DIAZ (2007, p.11) “de acesso e

apropriação das TICs de indivíduos, setores e organizações *minoritárias* da população indígena”.

- Primeira Oficina Indígena de Tecnologias de Informação e Comunicação. (Cidade do México, 28-30 nov. 2005)

Esta Oficina se tem considerado, pois aqui existiu uma iniciativa dos mesmos indígenas, apesar de estar no marco institucional da União Internacional das Telecomunicações-UIT. Participaram mais de 150 indígenas de 19 países da América Latina e o Caribe. Este evento que durou três dias em novembro de 2005 e procurou dar as bases para futuros eventos sobre as TICs.

Cinco Oficinas estiveram relacionadas com temas como: capacitação e desenvolvimento local de conteúdos; desenvolvimento de software, etc.

Segundo FORERO e DIAZ (2007, p.13) um tema central das varias intervenções dos indígenas “consistiu em indicar a Sociedade da Informação como um fenômeno que leva profundas implicações econômicas, políticas, sociais, culturais e cosmogônicas no seu sistema de vida, que supera a dimensão tecnológica, o que leva a questionar a promoção e ênfases na ação tecnológica que faz a UIT”

O que propõem eles é serem os únicos que decidam sobre cómo, quando e em que condições incorporar as TICs em seus povos.

O chamado feito aos governos e à UIT enfoca-se principalmente nas seguintes demandas: primeiro, a democratização das TICs; dois, a imperante necessidade de terminar com a ação indigenista, que para o caso consiste na elaboração por parte dos mestiços da política de TICs para grupos indígenas; três, que os indígenas devem ser os responsáveis de decidir os tempos de incorporação de novas tecnologias; quatro, usar as TICs na promoção e proteção dos Direitos Humanos, a liberdade de expressão, e cinco, elaborar uma *política informacional* desde, por e para suas comunidades, com visões e culturas próprias. (FORERO e DIAZ, 2007, p.15)

Segundo alguns comunicadores indígenas, eles “necessitam criar sua *política de comunicação indígena*” que fortaleça o desenvolvimento dos povos originários, suas culturas, cosmovisões, línguas e suas identidades étnicas.

#### 2.2.3.6. O movimento indígena transnacional e as tecnologias de informação e comunicação.

O *movimento indígena internacional* ou global começou a gestar quando alguns líderes de diferentes etnias começaram a criar vínculos, principalmente em eventos de caráter internacional, a maioria deles organizados por instâncias como as Nações Unidas-NU, quem convocou o *Primeiro Decênio Internacional das Populações Indígenas do Mundo* no ano 1993, cujo objetivo principal era fortalecer a Cooperação Internacional para a solução dos problemas que afetam às populações em matérias de direitos humanos, meio ambiente, desenvolvimento, educação e saúde.

Devido aos poucos avanços no tema na Terceira Comissão das Nações Unidas recomendou à Assembléia Geral que aprovasse o *Segundo Decênio Internacional dos Povos Indígenas do Mundo*. Sete dias mais tarde o 20 de dezembro a Assembléia Geral adotou a resolução 59/174 que proclamou o *Segundo Decênio Internacional das Populações Indígenas*, começando um 1 de janeiro de 2005. Este segundo decênio teria sido um pedido expresso do *movimento indígena internacional*. Um dos desafios deste segundo decênio era concluir o projeto da *Declaração Universal dos Povos Indígenas*, aquela foi finalmente aprovada no ano 2007 e seguiu trabalhando com os problemas que os indígenas enfrentam.

Outro fator chave que estimulou o surgimento deste movimento, por alguns autores denominados como *movimentos do século XXI*, foi a intensificação no desenvolvimento das TICs (principalmente Internet) Segundo MONASTERIOS (2001, p.5) o movimento indígena não é alheio a estrutura de Rede, própria da chamada Sociedade da Informação, pois se observa nas suas relações uma marcada estrutura transnacional (entendendo “o nacional” tanto do ponto de vista do Estado-os países e seus limite-como também desde o ponto de vista das nações indígenas- relações entre os povos indígenas).Desde esta estrutura organizativa destes povos, num começo principalmente na forma de *redes sociais*, mas logo fazendo uso das redes *eletrônicas* (como a Internet) que lhe permitiram uma melhor organização, articulação e difusão das suas demandas, reivindicações e propostas.

O papel das tecnologias de comunicação para a formação de *comunidades virtuais* que se converteriam logo em “*comunidades de discursos*” através dos mesmos indígenas implica uma “separação” com as organizações oficiais locais e globais, como indicou Mario Bustos, diretor do departamento de Comunicações da CONAIE, em uma entrevista:

nos parece fundamental desenvolver essa visão, porque ficamos produzindo um vídeo pelo vídeo, ou um programa de rádio... isso sim, não nos conduz a nada, pelo contrario tem que estar articuladosem função dos processos políticos, culturais, sociais que estamos criando com os povos indígenas.

Papel chave tem, então, as chamadas *organizações indígenas*, estruturas organizativas principais componentes do movimento indígena articulado em rede.

O uso político-cultural da Internet por alguns povos indígenas é o que contribuiu para surgimento de uma *política cibercultural* (RIBEIRO, 2000, p.475) que segundo este autor pode ser dividido em dois espaços diferentes mais inter-relacionados: o primeiro define-se pela atividade política interna à própria Internet; o segundo pela relação entre redes de computadores e o ativismo político no mundo real. Neste último caso o movimento indígena transnacional, destaca-se ao fazer uso da Internet como um instrumento para a criação e difusão de suas informações, a promoção, a reivindicação e suas demandas sociais, político e cultural, etc.

O ativismo político à distancia da *comunidade transnacional imaginada-virtual* (RIBEIRO,2000), neste caso, do movimento indígena transnacional, é algo em curso.

Apesar das restrições, o *testemunho* e o *ativismo político à distância* são fatores que refletem certa liberdade e garantia de expressão para grupos marginalizados. Um exemplo latino-americano neste caso é o uso que o *Exercito Zapatista de Libertação Nacional*, EZLN (Chiapas, México) fez da Internet de como a *ciberpolítica* pode intervir na política real. Foram capazes, por exemplo, de parar um provável ataque do exército mexicano, alertando à comunidade transnacional virtual que respondeu inundando o endereço eletrônico do governo mexicano com protestos. Este resultado só pode acontecer porque existiu o *testemunho à distancia*, isto é, o poder virtual da opinião pública mundial, da comunidade transnacional.(RIBEIRO, 2000, p.491)

Assim o “diálogo” entre a sociedade civil e alguns povos indígenas que têm usado as TICs como instrumentos para uma *ciberpolítica* é algo que os fatos hão demonstrado, como no caso do EZLN, quem teve sucesso no uso dessa estratégia, por contar com o apoio de setores não indígenas.

O subcomandante Marcos um personagem não indígena que ocupa um cargo no movimento zapatista por seu apoio à causa indígena com uma capacidade criativa, poética literária, soube ganhar a simpatia de etnias da região de Chiapas, faz surgir a questão da identificação, integração e participação entre a sociedade civil e este movimento étnico.

Respeito às linguagens discursivas no ciberespaço por parte do EZLN e caracterizando o *ciberativismo zapatista*, BELAUSTEGUIGOITIA (2003, p.22) indica que esta reconhece e explora em forma estratégica, a semiótica e ambigüidades que produzem três dispositivos de

comunicação distintos: *as máscaras, as pós-datas e a Internet*. Cada um destes elementos tendo um significado: as *máscaras* seriam um dispositivo que “interpreta” o prejuízo baseado no pensamento racista que assimila a todos os indígenas, fazendo-os suspeitos, infantis e inferiores. Sendo similar à economia da “máscara” na Internet- como um sitio de circulação de voz sem corpo. (BELAUSTEGUIGOITIA, 2003, p.22).

As *pós-datas*, colocadas debaixo de muitos dos comunicados distribuídos ao público, seriam pensamentos residuais, colocadas ao final da página, fazendo referência ao que não se pode dizer, no texto principal, ou mesmo à nação. Ambos os recursos (mascaras e pós-datas) se entrelaçariam no ciberespaço, um ambiente virtual descarnado, mas uma via de comunicação para difusão das suas demandas, reivindicações e propostas.

#### 2.2.3.6.1. *Território digital indígena*, um objetivo estratégico dos povos indígenas.

O território autônomo indígena ou ciberespaço indígena se tem formado paulatinamente, principalmente por meio da criação de páginas web por ativistas e pelos mesmos indígenas (o que ainda é mais escasso), o qual reflete uma variedade de assuntos relacionados com as culturas indígenas.

Até agora muitos dos espaços que aparecem na *www* são cedidos por usuários particulares (normalmente europeus e norte-americanos) que se têm encarregado de difundir temáticas indígenas desde seus próprios países ou através de grupos de solidariedade. Estas pessoas fornecem conhecimentos e equipes na hora de criar as páginas dos povos e organizações indígenas, muitas vezes cobrindo o custo que representa manter as páginas web. Outros apoios partem de iniciativas empreendidas por organizações não governamentais (ONGs) que levam a cabo projetos de desenvolvimento para a América. Mas apesar das boas intenções que há detrás destas iniciativas, para DEL ALAMO (200? , [p.3]) se acaba gerando uma dependência tecnológica e de conhecimentos, contribuindo além da já “*brecha digital indígena*” causada pela escassez de recursos materiais tecnológicos, a possibilidade de uma auto-representação.

A incorporação das TICs, como ferramentas no apoio ao trabalho diário, político-organizativo, permitiu uma ampliação dos horizontes, além do seu contexto local étnico.

Para FORERO e DIAZ (2007, p.18) aceder ao *território indígena* permitiu superar em parte as condições de pobreza material e informativa, já que a diferença de outros meios informativos, a Internet exige dos usuários investimentos em conhecimentos básicos, equipes

e infra-estrutura.

Além da dimensão material, o aspecto identitário, com suas expressões culturais e de projeção política, são o eixo da atividade cibernética indígena. Estas expressões identitárias implícitas nas suas primeiras manifestações ciberculturais, que por agora constituem o forte da maioria dos povos indígenas que conseguiram terem acesso a recursos tecnológicos, tem ido mudando de a pouco, com aquelas etnias, que começaram a fazerem uso do *ciberespaço como um espaço etno-político* ou via de expressão de outra opção política, em confluência ou não com a política “tradicional” representativa, para uma mais participativa. (por exemplo: o caso do Equador, onde alguns líderes indígenas já ocuparam postos no governo nestes últimos anos, assim temos a Nina Pacari, primeira mulher indígena no Ministério de Relações Exteriores).

Estes autores dizem que pretender um *território digital*, significa ter presente pelo menos três aspectos inter-relacionados presentes na luta destes povos: inclusão na Sociedade da Informação; autonomia que transcenda a rede; e a democracia interétnica, a partir de uma cosmovisão que tem como matriz o território, a comunidade e a cultura com seus diversos significados, símbolos, entrelaçados agora no mundo do espaço virtual com suas representações digitais da identidade. (FORERO e DIAZ, 2007, p.18)

Até que ponto a tecnologia poderia contribuir para o logro das suas reivindicações políticas, sociais, culturais e étnicas que lhes permita resolver seus conflitos interétnicos, com o Estado e o setor privado, é algo que está sendo demonstrado dia a dia, no acesso /uso que algumas etnias estão fazendo das TICs.

A prática comunicacional através da Internet há potencializado diversos aspectos das culturas indígenas, sua organização, sua etnicidade, identidade, suas lutas por problemas que vivem historicamente (injustiças, discriminação, racismo, pobreza, etc.)

Por outro lado, o movimento indígena tem ampliado seu campo de ação em nível local, mas também regional e global.

As diversas práticas intergalácticas (políticas, culturais, informativas, etc.) desenvolvidas pelos indígenas, para FORERO e DIAZ (2007, p.22) significam ter em conta suas próprias especificidades culturais, relações interculturais contextuais no mundo global da informação, através de suas expressões manifestas do uso de tais produtos e sua própria apropriação cultural, que eles denominam “*etnoinformativas*”, tornando-se relevante pela possibilidade de contribuir ao conhecimento do processo de inserção e apropriação do uso das

TICs em condições de autogestão.

Finalmente FORERO e DIAZ (2007, p.23) indicam que são três os caminhos pelos quais setores dos povos indígenas poderiam aceder a seu próprio *território digital*: de maneira independente e autogestionária; pelas colaborações governamentais e os organismos internacionais; e de maneira mista, com contribuições próprias dos indígenas e ajuda de organismos internacionais e de organizações governamentais. Nestes três caminhos também estarão presentes, por um lado, os indígenas que trabalham por e para a comunidade, fortalecendo de passo o espírito comunitário e coletivo próprio das comunidades e por outro os ativistas pró-indígenas.

### 2.3. Os impactos das TICs na sociedade, desde o ponto de vista do acesso/uso à informação.

A classificação da história da humanidade de acordo às principais atividades econômicas, como Tofler denominou de Eras (agricultura, indústria e informação) produziu mudanças nos processos e infra-estrutura das diferentes sociedades. A atual Era denominada da informação, caracteriza-se pelo uso intensivo e seletivo dos recursos digitais em rede. A alteração nos conceitos de competitividade e produtividade, causado pela nova gestão enfocada na informação que está principalmente nas pessoas, tem levado a denominar a nova *sociedade de pós-industrial ou da informação*.

A Sociedade da Informação (S.I.) é um termo recente, mas que tenta refletir um novo estágio na história social que se caracteriza pelo uso amplo das TICs nos diversos âmbitos das atividades humanas. Contudo, diversos autores (TREMBLAY, 2005; GARNHAM, 2000, LOJKINE, 1995) têm questionado esta denominação, indicando que não é uma nova etapa histórica, mas a continuação do modelo capitalista fordista de produção, que passou a incorporar novos instrumentos tecnológicos da informática e telecomunicações para a expansão do capitalismo transnacional através das redes eletrônicas.

As TICs a base da Sociedade da Informação trouxeram mudanças nas relações econômicas, políticas, sociais e culturais. Ao mesmo tempo em que pontes informacionais foram construídas, ligando mercados, capitais, interesses e pessoas e permitindo trocas em alta velocidade, também abismos foram criados (ou aprofundados), deixando de um lado aquelas pessoas que têm acesso e recursos para a utilização efetiva das tecnologias e de outro, os que não. (SILVA; PALHARES; ROSA, 2005, p.1)

Apesar de esta nova economia ter características do modelo capitalista fordista, nesta



pesquisa acredita-se que aconteceu um quebre no modelo de desenvolvimento anterior, estimulado principalmente pela TICs. Esa fratura poderia considerar-se um antecipo da denomina brecha, quebre ou hiato digital, a qual vai assumir diversos graus de acordo ao tipo de uso/acesso dado à tecnologia para a criação de conteúdos digitais.

Os problemas sociais do sistema industrial têm sido mantidos e aumentados nesta “nova” etapa histórica, assim a exclusão social é outro termo “surgido” neste período que passa a englobar diversos problemas de tipo social, como a pobreza, a marginalização e outras mazelas da sociedade. Com as TICs surge ademais o termo como a brecha ou hiato digital indicando um desequilíbrio ou desigualdade no acesso e uso das TICs, isto é, a exclusão digital.

Tanto a exclusão digital quanto a social são fenômenos sociais que estão relacionados e se influenciam mutuamente. O surgimento de qualquer tecnologia traz consigo uma serie de dificuldades de utilização assim como de acesso, sobretudo pelo seu ainda elevado custo econômico. Diversos segmentos da sociedade têm ficado à margem de cada nova invenção tecnológica, como é o caso das minorias étnicas. Outras formas de exclusão digital ligada à Internet, não só no uso/acesso é a retenção da terceira idade de usar a Rede e o fator idiomático, pois a maioria dos *sites* está na língua inglesa, a língua hegemônica.

### 2.3.1 A Brecha Digital na sociedade atual.

A mudança de uma economia industrial para uma economia em rede, a chamada *infoeconomia*, causou uma diferença entre aqueles que têm acesso e sabem usar eficientemente as tecnologias para fazer frente a uma economia competitiva a escala mundial e os que nem sequer podem ter um acesso esporádico a estes recursos.

Foi na França que surgiu o termo *Brecha digital* como consequência da extensão do *Minitel*,<sup>13</sup> para fazer uma diferença no desigual acesso informativo segundo a capacidade aquisitiva dos franceses para adquirir um terminal.

Em 1984, no seu Informe *El Eslabon perdido*, a União Internacional das Telecomunicações-UIT, órgão das Nações Unidas, evidenciou o desigual acesso às TICs por parte dos países desenvolvidos e em desenvolvimento, alertando sobre uma “brecha” de

---

<sup>13</sup> Minitel é uma rede nacional de recuperação de informações da França, que fornece milhares de serviços de dados. O serviço de Videotexto on-line, Minitel, foi lançado em 1982 pela PTT (Postes, Télégraphes et

acesso ao novo modelo econômico, processo que se acentuava pelo aperfeiçoamento e expansão dos PCs nos países desenvolvidos.

Esta primeira noção de Brecha Digital se fundamentou sobre a idéia de diferença entre pessoas e regiões no acesso às TICs por uma densidade telefônica e de computadores, tal como a definiu Larry Irving, nos Estados Unidos, na década dos 80, acunhando o termo Brecha Digital. (CARIDAD e MARZAL, 2006, p.32).

Contudo, com a aparição da Internet, em 1995, a *Brecha digital* passou a incorporar outras variáveis, que determinariam o grau de acesso às TICs. A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico- OCDE relacionou a Brecha Digital como o acesso às TICs, fazendo referencia ao acesso a Internet e as habilidades per seu uso.

A princípios do século XXI, a noção de Brecha Digital, fazia referencia ao acesso diferenciado das pessoas às TICs e a Internet, assim como as diferenças para usar estes instrumentos. (CARIDAD e MARZAL, 2006, p.33).

O modelo de desenvolvimento da Sociedade da informação tem como característica principal a “desregulação” o qual impede que o Estado passe a tomar medidas decisivas à favor da comunidade, em especial dos grupos que ficaram à margem dos benefícios e utilidades da informática, como ferramenta de ajuda para a integração e criação de sua identidade.

Diferentes fenômenos sociais acontecem, com a economia sustentada numa infraestrutura tecnológica informativa, como é:

- O *mercantilismo informativo* que provoca uma mudança constante nas atividades econômicas determinada pelas alianças entre empresas e a necessidade de formação continua. -O *dualismo social*, causado pelo que caracteriza a informação digital, seu meio (o instrumento) e a mensagem (o conteúdo), obriga a desenvolver duas capacidades desligadas, a capacidade para consumir e entender os conteúdos e a capacidade para criar conteúdos através do uso experto dos instrumentos (escrever digitalmente). Esta poderia considerar-se a principal brecha que precisa ser combatida, a causa da diferença entre infóricos (criam e consomem informação com eficácia) e infopobres (só consomem ou não).-A *deslocalização geo-econômica*, aqui o tecido urbano se desestrutura por uma redimensão das funções dos espaços urbanos segundo a dispersão das TICs, determinando a posição, nível e possibilidades da população urbana. Há ademais uma nova regionalização mundial, que leva a uma concentração e controle por parte das regiões do norte das estruturas de hardware e software para o resto do mundo. (CARIDAD e MARZAL, 2006, p.34-35).

A economia baseada nas TICs, também influi num nível micro ou pessoal, fazendo diferenças entre aqueles que têm acesso às ferramentas tecnológicas e os que não, provocando

outro tipo de “classe social” baseada na desigualdade de acesso ao conhecimento e mais macro, em nível dos espaços urbanos, sendo as cidades desenhadas de acordo à distribuição das redes, e no caso das nações entre aquelas produtoras de tecnologias e as consumidoras. Desta forma os impactos da “brecha” podem ser identificados principalmente em nível pessoal, inter-pessoal e na comunidade:

*-A Fratura interpessoal e inter-regional:* a concepção de brecha num começo só tomou em conta a aspecto tecnológico, sem considerar a dimensão humana num contexto social. A verdadeira dimensão da fratura se acha no aspecto humano. Gostos, atitudes e expectativas influenciam, de modo que a fratura não desaparece fomentando um progresso tecnológico, que leva o social. A fratura não tem só um substrato financeiro ou generacional. O usuário é o verdadeiro centro da rede, de forma que seu afastamento dela não só se deve à acessibilidade e usabilidade dos recursos digitais, mas que também a rede não se faça acessível à sua estrutura mental e cultural, seu idioma, sua necessidade informativa e cognitiva, isto é, que “conecte com seu interesse”.

Por outro lado a fratura entre coletividade é evidente. Os países em vias desenvolvimeto encontram como principais obstáculos para encurtar a distância na brecha digital com o Primeiro Mundo, a dificuldade das suas pequenas empresas nos canais econômicos digitais, o proteccionismo, a dificuldade de acesso aos canais da comunicação eletrônica, etc.

*-Fratura na estrutura comunitária:* existe uma mudança nos sistema de valores do individuo, os tipos de interações pessoais mudam, as comunidades virtuais impuseram um novo modo de relacionamento, paralelo ao mundo real, novas instâncias de relação acontecem. Apesar de uma nova sociabilidade, uma solidão acontece na era eletrônica, marcada pelo afastamento físico dos indivíduos pelo uso das tecnologias informáticas.

*-Fratura formativa:* os desenvolvimentos das TICs têm feito que na atualidade, o domínio da *lectoescritura* seja insuficiente para uma eficaz incorporação à Sociedade da Informação, dificultando o aceso à cultura, trabalho, exercício de direito. Esta circunstancia é a que sustenta a fratura formativa: não bastam as habilidades e destrezas no domínio das TICs e o acesso a Internet, se não há um domínio específico dos instrumentos e conteúdos digitais mediante competências, noção muito importante nos novos estornos tecnológicos. (CARIDAD e MARZAL, 2006, p.36-37).

Cada uma destas fraturas implicam diversos tipo de “contato” com as tecnologias de informação, num começo a “brecha digital” se ligou ao simples acesso às TICs, mas logo

ficou demonstrado que a principal barreira era a dimensão humana que era muito diferente à tecnológica. Cada ser humano possui gostos, expectativas, aspirações, inteligência e habilidades diferentes. Estes fatores iriam a determinar o grau de intensidade no uso/acesso das TICs.

Em nível da comunidade, as TICs também provocaram outro quebre social, pois as relações tradicionais cara a cara, de diálogo interpessoal e grupal, foram afetadas por outro tipo de sociabilidade, a denominada virtual, surgindo um novo tipo de comunicação, que cria outros lugares de “sociabilidade” afastados da realidade concreta, marcados por um anonimato e distância, não representando um contato físico real entre os interactuantes no espaço virtual.

Por outro lado faz se necessário começar a conhecer a *leitura digital*, que é diferente da tradicional da escrita, o ambiente tecnológico, obriga a desenvolver habilidades como de seleção, criação de conteúdos, navegação, etc.

Portanto, o simples aceso às TICs não termina a brecha, pois durante o uso, estas mesmas tecnologias vão provocando novos desafios (de conhecimento, de sociabilidade, de comunicação), influenciando no entorno social, pessoal e coletivo, o que implicam novas adaptabilidades.

### 2.3.2. A exclusão/inclusão social e digital na Sociedade da Informação.

Tratar da inclusão digital <sup>14</sup> implica ter presente o seu contrario, isto é, a *exclusão digital*, processo ligado ao surgimento e desenvolvimentos das TICs. A exclusão digital é produto do divisor/brecha digital, mas focado principalmente ao acesso e uso das tecnologias digitais em rede. O nível de exclusão digital dos países é medido em termos do número de telefones, computadores e usuários da Internet. Essa medição se faz em termos de raça, gênero, idade, localização e renda entre grupos específicos dentro de cada país. Uma dos principais fatores da pobreza é causada pela falta de acesso às TICs.

Uma medida que pode contribuir para reduzir a exclusão digital, é a *inclusão social*<sup>15</sup>. Essa pode ser entendida como a ação de proporcionar para a população que é social e economicamente excluídas -- no sentido de terem acesso muito reduzido aos bens (materiais, educacionais, culturais, etc.) e terem recursos econômicos muito abaixo da media dos outros

<sup>14</sup> Recomendea-se ver no Apêndice uma definição padrão de I.D.

<sup>15</sup> Recomendea-se ver no Apêndice uma definição padrão de I.S.

cidadãos -- oportunidades e condições de serem incorporados à parcela da sociedade que pode usufruir esses bens. Em um sentido mais amplo, a inclusão social, envolve também o estabelecimento de condições para que todos os habitantes do país possam viver com adequada qualidade de vida e como cidadãos plenos, dotados de conhecimentos, meios e mecanismos de participação política que os capacitem a agir de forma fundamentada e consistente. Um dos aspectos da inclusão social é a possibilidade de cada ser humano adquirir conhecimento básico sobre a ciência e seu funcionamento que lhe dê condições de entender o seu entorno, de ampliar suas oportunidades no mercado de trabalho e de atuar politicamente com conhecimento de causa. (MOREIRA, 2006, p.11).

A definição anterior de inclusão social deixa clara a importância do acesso ao conhecimento científico, mas para aceder a este, o conhecimento tecnológico, faz-se preciso. Os recursos tecnológicos podem diminuir a exclusão social, através da sua difusão com conteúdos que sejam acordes as necessidades dos habitantes de um país ou região. Assim, a inclusão social e inclusão digital estão intimamente relacionadas. O melhoramento das condições de vida de um povo no aspecto material, cultural, econômico, etc. têm de levar à criação de oportunidades de acesso aos recursos tecnológicos, que permitiam, a sua vez, a solução de diferentes problemas sociais como as faltas de educação, de trabalho, das necessidades de informação em temas prioritários (saúde, direito, meio ambiente, atualidade.)

A educação para os novos meios, deveria, por tanto procurar desenvolver no aluno, um pensamento crítico, seletivo e autêtico, que reflita a sua condição social, a sua realidade local, estando alerta no uso de instrumentos tecnológicos alheios, a nossa realidade tecnológica. Como indica Costa (2004) citando a Lemos “Tal vez a verdadeira inclusão social se dê pela educação aos novos meios, que não é apenas técnica, mas pelo desenvolvimento de um pensamento crítico e inquieto em relação ao que nos vendem como a última novidade que vai apodrecer lá na frente” (LEMOS, 2003 apud COSTA, L.2004, p.16).

O processo de inserção social no mundo das operações digitais deve ser realizado de tal forma que o cidadão comum seja capaz de compreender os motivos que o levam a interagir com os novos meios e aquilo que ele pode ser capaz de conseguir através da utilização dos mesmos. Mais do que isso, o processo de inclusão deve trabalhar com a conscientização social até que se chegue a um nível de conhecimento que permita ao cidadão optar por ser ou não incluído, e em que níveis dar-se-ão as suas interações digitais. (FERREIRA, 2004, apud COSTA, L., 2004, p.17).

Por tanto, para superar a exclusão digital não basta só o desenvolvimento tecnológico.

sendo necessário incentivar a democratização da informação, ampliando o acesso do cidadão aos

espaços públicos de produção e divulgação do conhecimento, e melhorar a distribuição de renda, assim como o desenvolvimento dos recursos humanos locais e a construção de uma rede digital rizomática. É preciso que cada ponto se transforme em uma base que possa desencadear novos pontos, estruturados nas relações coletivas, e constituídos a partir de suas necessidades e características, assim como de demandas provenientes dos cenários nacional e mundial interligando cada grupo, desde suas raízes locais, permitindo o trânsito em mão dupla do conhecimento. (MIRANDA e MENDOÇA, 2006, p.66).

Cabe destacar a visão fornecida por ALBAGLI (2006, p.17), para quem os processos e estratégias de desenvolvimento e inclusão social estão indissociáveis das dinâmicas e políticas de informação, conhecimento, aprendizado e inovação. Segundo esta autora as TICs mudaram as práticas de produção, comercialização e consumo, cooperação e competição entre os agentes e a cadeia de geração. A convergência entre tecnologia e economia, levou a novas formas de participação mobilização, ativismo político, novas formas de ensino, acesso a informação e aprendizado. Diferentes segmentos sociais, organizações e indivíduos são afetados de diversa forma.

A partir da década dos 90 muitos países elaboraram estratégias, programaram políticas e estruturas com o objetivo de estabelecer condições para promover e extrair benefícios da sociedade da informação. O foco dessas políticas recaiu na ampliação da infra-estrutura de informação e comunicação. Contudo, esta ampliação de infra-estrutura demonstrou não ser condição suficiente para garantir benefícios ao conjunto dos segmentos sociais.

A economia em rede está baixo controle das nações desenvolvidas. A assimetria no acesso e criação de redes de informação, leva a uma dependência dos conteúdos e fluxos de informação exterior. Assim o combate ao *divisor digital*, e os esforços para a universalização do acesso as TICs demonstram ter um alcance parcial; tão ou mais importante é a democratização e a possibilidade de diversidade de conteúdos, línguas, que circulam nas redes. E ainda a capacidade de desenvolver esses equipamentos e software, e de prover e fazer uso dos conteúdos que circulam pelas novas mídias, ou seja, a capacidade de gerar e aplicar conhecimento.

Tornou-se assim a necessidade de uma agenda de maior amplitude política, econômica, social e cultural, considerando que o novo padrão depende da base de conhecimentos assim como da capacidade de aprender e inovar. (ALBAGLI, 2006, p.19). O aprendizado envolve a aquisição e a construção de diferentes tipos de conhecimentos, experiências, competências e habilidades, não se limitando a ter acesso a informações, o que vale aqui é a construção de novo conhecimento.

O *conhecimento tácito* tem adquirido uma importância fundamental para o desenvolvimento de uma comunidade, empresa ou outro tipo de organização. Este é construído nas práticas dos indivíduos, organizações, comunidades e regiões. É aquele conhecimento que não foi documentado e tornado explícito por quem o usa ou detém, deriva da experimentação e da difusão de novas práticas pela interação local (GERTLER apud ALBAGLI, 2006, p.19).

A promoção da inovação é algo vinculado ao desenvolvimento local e à inclusão social. Contudo, é preciso o estabelecimento de ambientes propícios à geração, à incorporação e à disseminação de conhecimentos. O desafio é associar tais estratégias à inclusão de segmentos sociais marginalizados e ao respeito à diversidade cultural. (ALBAGLI, 2006, p.19)

A mudança na visão da atitude inovadora, por uma visão sistêmica, a produção a socialização e a conversão destes em inovações constituem processos sociais cujos contornos são definidos pela história e cultura de cada território. Importa, sobretudo, compreender e conhecer “os mecanismos endógenos de criação de ‘competências’ e de transformação de conhecimentos genéricos em específicos” (YOGUEL apud ALBAGLI, 2006. p.20), residindo aí o cerne de suas possibilidades de desenvolvimento e inclusão social.

As TICs têm levado assim a uma maior afirmação e visibilidade das diferenças socioespaciais, inclusive como fontes de diferenciação inovativa, projetando a importância do desenvolvimento local. Cada local ou região dispõe de diferentes combinações de característica e bens coletivos que influenciam em sua capacidade de aprendizado e inovação.

Esta nova estratégia de desenvolvimento, focado na localidade, implica reconhecer as variáveis territoriais e regionais, pois cada território é um continente de conhecimento específico e estratégico.

Finalmente a autora destaca que:

políticas destinadas a ampliar a capacidade de inovação, proteger a diversidade cultural e estimular o desenvolvimento local constituem requisitos fundamentais para promover não apenas a inclusão, mas, sobretudo a afirmação social dos diferentes extratos e territórios no cenário em transformação. (ALBAGLI, 2006, p.21)

#### 2.3.2.1. Os indicadores da exclusão digital.

Os indicadores de exclusão digital (como níveis de conexão a Internet, acesso a PCs, número de linhas de telefonia fixa, uso de telefones celulares) são reforçados por fatores como

as vantagens competitivas, a desigualdade em termos de progresso tecnológico e acesso à educação formal e também com relação à renda entre os países, apresentando elementos que se auto-reforçam e ampliam as distâncias entre os países (e dentro deles) no que se refere ao acesso à Internet (ou seja, parece que exclusão digital é ainda mais expressiva do que a exclusão social, e, provavelmente, elas se reforçam mutuamente) (MATTOS, 2004, p.4)

Existe, no entanto, uma vasta literatura sobre os efeitos desigualitários das tecnologias de informação e comunicação nos países em geral, (FIORI, 2001; MILEWSKI, 1997; TAVARES, 1998).

Segundo PROENZA (2003, p.4) o desenvolvimento das TICs tende a aumentar a desigualdade por causa de basicamente, quatro motivos:

- a.) no caso dos EUA, eles são os inovadores e desenvolveram aplicativos de utilidade universal, recebendo benefícios extraordinários, por serem os primeiros a aproveitar o imenso mercado mundial;
- b.) o acelerado aumento na produtividade, que se observa nos EUA a partir da metade dos anos 90, está bastante vinculado à articulação entre os (fabricantes) computadores e as empresas, ocasionada pela explosão no uso comercial da Internet (CRANDALL E JACKSON, 2002 apud PROENZA), c.) a infra-estrutura das TICs é mais rentável e, por tanto, mais fácil de desenvolver em áreas urbanas; isso tende a aumentar as diferenças em capacidade de produção e prestação de serviços entre as zonas rurais e urbanas; d.) cada vez mais, os mercados de trabalho exigem novas habilidades e o conhecimento da Internet e dos computadores. Os empregos na nova economia demandam horários flexíveis e são de caráter temporário, dando lugar a frequentes períodos descontínuos de desemprego e tornando necessária a atualização das habilidades. A mão-de-obra não qualificada e de baixa produtividade passa a ser um “produto padrão” e mal pago, do qual se pode abrir mão facilmente e que esta desprotegida no vácuo econômico e no desemprego, por causa do progressivo enfraquecimento dos sindicatos.

Ter como parâmetro os Estados Unidos para descrever as causas que contribuem ao desigual acesso/uso das TICs, demonstra o papel que têm as pautas de desenvolvimento tecnológico, concentrando o mercado de fabricação de hardware e software.

As assimetrias descritas acima, sobretudo, os casos c) e d), também acontecem em países em diversos graus de desenvolvimento, as quais se reforçam como, por exemplo, pelas diferenças no grau de desenvolvimento das áreas rurais e urbanas, as marcadas heterogeneidades estruturais internas, (diferenças de produtividade existentes em diferentes setores produtivos), que têm determinado a introdução das novas tecnologias de informação e da comunicação, as quais tendem a aumentar ainda mais as diferenças sociais, econômica e setoriais.

Outras variáveis que aumentam estas desigualdades sociais no caso dos países do Terceiro Mundo são as enormes diferenças de educação formal (medida em termos de anos de escolaridade) entre as pessoas, que pode acentuar o fator cognitivo, de compreensão no uso e acesso à informação. Assunto que ainda não é considerado nas estatísticas de exclusão digital,



pois não se avalia a qualidade da inserção, ou seja, não consegue “avaliar a capacidade de compreensão e análise das informações disponibilizadas pela Internet. Trata-se de um fator subjetivo ligado à formação escolar e aos treinamentos específicos que as pessoas receberam (ou não) ao longo da suas vidas, sendo fator chave no sucesso na inclusão social e digital” (MATTOS, 2004, p.6)

Para compreender os desafios e ameaças que a Internet representa para os países do Terceiro Mundo, há que ter em conta a forma de introdução desta tecnologia, a qual aconteceu de forma tardia, assim como outros inventos técnicos. Sua vinculação institucional às universidades, logo o uso comercial e sua ampla difusão num setor da sociedade com rendas de um nível elevado podem indicar as causas da potencial exclusão que estas tecnologias representam para amplas camadas da sociedade. Assim as “características sócio-económicas dos países, como o Brasil, são fatores delimitadores das possibilidades de expansão da Internet”. (MATTOS, 2004, p.7)

No caso do Brasil uma das principais características da economia é seu elevado padrão de desigualdade de renda. Esse fenômeno pode ser medido tanto pela distribuição funcional da renda (ou seja, repartição da renda nacional entre salários e lucros), quanto pela distribuição pessoal da renda (distribuição da renda pessoal do trabalho segundo estratos da pirâmide distributiva brasileira).

Existem dois estudos um nacional da Fundação Getulio Vargas (FGV, 2001), que procura descrever indicadores da Inclusão Digital no Brasil, para avaliar a expansão da Sociedade da Informação no Brasil e outro internacional da *Global Information Technology Report (2001-02)*, para medir as diferenças em termos da penetração da Internet, entre os países com diferentes graus de desenvolvimento econômico. Cada um destes estudos mede diferentes indicadores que influem no acesso/uso das tecnologias de informação e comunicação. No caso do Brasil utilizando dados do *Censo Demográfico* do ano 2000, os técnicos da FGV apresentaram que a exclusão digital no Brasil está ligada aos indicadores de exclusão social e de desigualdades de renda entre as pessoas e entre as regiões da nação. Dentre as informações divulgadas no referido estudo revelam que: há uma maior inclusão digital nas áreas urbanizadas; segundo cor/raça a população branca é a mais incluída que os pretos, pardos e índios e há uma maior inclusão dos trabalhadores que contribuem para Previdência. Para MATTOS (2004, p.9) “estas observações sugerem que os indicadores de exclusão digital reproduzem, muitas vezes em escala ampliada, os de exclusão social”

O estudo internacional (*Global Information Technology Report (2001-02)*) avaliou os seguintes indicadores: linhas telefônicas por 100 habitantes, PCs por 100 habitantes, usuários de Internet por 100 habitantes, percentual de Pcs conectados a Internet. Assim nos países selecionados da América Latina e do Caribe, o número de usuários de Internet por 100 habitantes é muito inferior ao padrão dos países desenvolvidos, isto reflete a pobre infraestrutura física destes países em comparação à dos mais países ricos, conforme os indicadores de disponibilidade de linhas telefônicas e computadores por habitantes; também neste estudo se avaliou o indicador da penetração das TICs, isto é, o porcentagem de PCs conectados, resultando que os países com maior *renda per capita* têm uma maior penetração das TICs ; no que se refere à infra-estrutura disponível de linhastelefônicas e de PC's (por habitantes, ambas), existe bastante semelhança entre os países selecionados. Parece haver, neste indicador, uma correlação razoavelmente positiva e diretaentre PIB per capita e a oferta dessas tecnologias mais antigasno que dentre outros indicadores.

2.3.3. A inclusão digital (I.D.) uma forma de integração e participação da comunidade na Sociedade da Informação.

A Inclusão digital (I.D.) é um termo surgido recentemente, ante o intensivo desenvolvimento das TICs, sobretudo digital on-line, o que tem desafiado aos usuários a dominar uma serie de informações/conhecimentos sobre o uso, tanto de hardware, software e conteúdos veiculados pelas redes eletrônicas.

O desenvolvimento das indústrias culturais (cinema, rádio, televisão, imprensa) e o acentuado avanço das tecnologias de informação e comunicação, desde a escrita, informática e as telecomunicações, causaram diversos impactos na sociedade, respeito ao controle, armazenamento, criação, acesso/uso e difusão das informações por elas veiculadas; em um começo o registro de informações permitiram a conservação e logo uma ampla difusão com as mídias eletrônicas e digitais, mas com o crescimento exponencial das informações o impacto foi maior, sobretudo na seleção e “compreensão” das informações.

O problema social e econômico de acesso às TICs se solucionou em parte, com os chamados *programas de inclusão digital*, ficando o desafio de ensinar aos usuário no uso criativo e produtivo das informações digitais das redes, isto é, a criação de conteúdos. As TICs têm como carecteristica principal permitir ao usuário consumidor não ter um papel “passivo” na recepção de informações, podendo ser um agente ativo na produção e veiculação de informações próprias , como emissor em conexão com as mídias digitais.

A inclusão digital (I.D.) é uma medida de tipo social, um processo que primeiramente pretende fazer parte a àquela parcela da população que não tem nenhum tipo de acesso as TICS, estimulando, sobretudo o uso eficiente e eficaz de ferramentas tecnológicas para o desenvolvimento de conteúdos. Estas medidas em geral são efetuadas por entidades de

governo em parceria com empresas privadas.

LÉVY (1999) nos indica que as tecnologias virtuais como o ciberespaço não são em si as causantes de exclusão social, mas a quantidade e velocidade da informação que estas tecnologias processam podem levar a uma marginalização do ótimo e eficaz uso.

Segundo este autor a *cibercultura* traz consigo o problema e a questão da exclusão. Para ele o crescimento do *ciberespaço* provoca uma exclusão social: “A cibercultura provoca exclusões? é, evidentemente uma pergunta central em uma sociedade mundial na qual a exclusão (ou seja, a forma contemporânea, de injustiça social) é uma das principais doenças” (LÉVY,1999, p.235)

Logo LÉVY (1999, p.5) acredita que as tecnologias e a economia não são, contudo, os principais fatores de exclusão:

Acesso para todos sim! Mas não se deve entender por isso um ‘acesso ao equipamento’, a simples conexão técnica que, em pouco tempo, estará de toda forma muito barata (...) Devemos\_ antes entender um acesso de todos aos processos de inteligência coletiva, quer dizer, ao ciberespaço como sistema aberto de auto-cartografia dinâmica do real, de expressão das singularidades, de elaboração dos problemas, de confecção do laço social pela aprendizagem recíproca, e de livre navegação nos saberes. A perspectiva aqui traçada não incita de forma alguma a deixar o território para perder-se no ‘virtual’, nem a que um deles ‘imite’ o outro, mas antes a utilizar o virtual para habitar ainda melhor o território, para tornar-se seu cidadão por inteiro.

A inclusão digital pode ser uma medida estratégica de integração de setores marginalizados da sociedade da informação, para BERNARDO SORJ (2003, p.14) “embora aceitemos que as novas tecnologias não sejam uma panacéia para os problemas da desigualdade elas constituem hoje uma das condições fundamentais de integração na vida social”. Para SORJ (2003) o combate à exclusão digital deve ser articulado com outras políticas de luta contra as diversas desigualdades sociais.

Para RONDELLI (2003):

Inclusão digital está relacionada à aprendizagem necessária ao indivíduo para circular e interagir no mundo das mídias digitais, como consumidor e como produtor de seus conteúdos e processos. Assim, estabelece-se uma relação intrínseca entre acesso/uso. É a partir do uso que as pessoas fazem das informações que se podem distinguir níveis ou tipos de inclusão digital.

Esta mesma autora destinge etapas na inclusão digital indicando quatro passos importantes, sendo eles: o ensino (para a autora possibilitar apenas o simples acesso não adianta); oportunidades de emprego dos suportes técnicos digitais na vida cotidiana e no trabalho; necessidade de políticas públicas para inclusão e a exploração dos potenciais meios digitais.

A COORDENAÇÃO DO COMITÊ SAMPA.ORG (2000) apresenta duas visões em relação à inclusão digital, uma restrita e outra denominada de inclusão digital ampliada. A *inclusão restrita* está ligada à idéia de consumo de recursos e informações, ou seja, a capacitação de pessoas para o uso de computadores e dos seus softwares aplicativos mais comum. Já a *inclusão ampliada* refere-se à idéia de instrumentalização, ou seja, quando as pessoas utilizam os recursos com objetivos autônomos que levam a uma finalidade.

HARGITTAI (2002) distingue níveis variados de inclusão digital a partir das habilidades das pessoas para navegar na Internet. A autora acredita que oferecer às pessoas o acesso a computadores conectado a Internet (primeiro nível de inclusão digital) não garante que elas consigam utilizar este meio para satisfazer suas necessidades (segundo nível de inclusão digital), visto que não podem ser capazes de extrair da Web as informações necessitadas. (apud LAIPELT; MOURA; CAREGNATO, 2006, p. 286)

CASTELLS (2003) por sua vez, defende que a capacidade educativa e cultural de utilizar a Internet, é um segundo elemento de divisão digital, muito mais difícil de solucionar que a simples ausência de conectividade técnica. Para o autor, não saber onde encontrar a informação, como buscá-la, processá-la e transformá-la em conhecimento específico para aquilo que se quer fazer, é o que determina a divisão digital. Para ele a capacidade de aprender a aprender, e saber o que fazer com o que se aprende é uma capacidade socialmente desigual, associada à origem social e familiar, bem como ao nível cultural e educacional. Portanto, para superar a divisão digital é necessário superar também a desigualdade social.

Outros autores relacionam inclusão digital com *alfabetização digital*. Para YOUNG (2006, p.97):

a inclusão digital significa capacitar as pessoas para o uso efetivo dos recursos tecnológicos de maneira plena, como ferramentas que contribuem para o desenvolvimento social, econômico, intelectual e político do cidadão. É a aprendizagem necessária ao indivíduo para interagir no mundo das mídias digitais, podendo não apenas saber aonde encontrar a informação, mas também qualificá-la e torná-la útil para seu dia a dia. Se esta falando de agregar às habilidades fundamentais e imprescindíveis de ler /escrever aquelas de lidar com mídias eletrônicas- conectarem-se me rede, realizar pesquisa, executar tarefas rotineiras.

No mesmo sentido CABRAL (apud, CARIDAD & MARZAL 2006, p. 24) conceitua inclusão digital comparando-a à alfabetização digital “[...] iniciativas de inclusão digital são aquelas que visam a oferecer à sociedade os conhecimentos necessários para utilizar com um mínimo de proficiência os recursos de informática e de telecomunicações, existentes e dispor de acesso físico regular a esses recursos” .

A inclusão digital pode ser entendida como a “(...) aplicação e promoção de standards e diretrizes de acessibilidade, mediante a formação e educação”. (SOTO apud CARIDAD & MARZAL, 2006, p.37).

CABEDA destaca a vinculação e relação da inclusão digital/alfabetização digital com uma política pública, o que demonstra algumas ações práticas de cidadania em nível médio sendo implementadas através de tele-centros, info-centros e cibercafes, (apud GALVÃO 2006, p.24).

Há que ter em conta que I.D. pode significar ou causar um tipo de dependência à cultura tecnológica estrangeira, com seus produtos, ao ser usados nos programas de inclusão. Assim SILVEIRA (2003, p.29) indica que “a luta pela inclusão digital pode ser uma luta contra a globalização contra-hegemônica se dela resultar a apropriação pelas comunidades e pelos grupos socialmente excluídos da tecnologia da informação”, como também pode ser “mais um modo de estender o localismo globalizado de origem norte-americana (...) mais uma forma de utilizar um esforço público de sociedades pobres para consumir produtos dos países centrais”. Por isso, os projetos de I.D. devem levar em conta a autonomia dos grupos incluídos numa forma de ampliar a sua cidadania. Silveira cita ainda os diferentes focos dos projetos de inclusão: a cidadania, a profissionalização e a educação. Estes focos não são conflitantes, podendo estar interligados.

Assim a I.D. pode ter diferentes focos ou metas de ação, sendo o principal desafio formar cidadãos com a capacidade de habilidade de criar e encontrar conteúdos no universo digital. Desenvolver esta autonomia implica fomentar desde o mais cedo possível o acesso a estas ferramentas, para que eles se apropriem, no sentido de dominar o conhecimento técnico de hardware, para logo fazer uso e determinar em que aspectos a informação recuperada/criada será utilizada. O principal desafio da I.D. é justamente fazer das tecnologias um instrumento de informação habitual no ambiente do usuário, que ele se dê conta que estas são chaves para fazer frente às novas demandas laborais e de competitividade que o mundo do trabalho exige. Estes instrumentos devem passar a ser, como é agora a televisão, num futuro próximo, meios que estejam no cotidiano das pessoas. Porém, por enquanto a meta é que a maioria das pessoas comecem a dominar o conhecimento do equipamento, sua estrutura, a qual não tem nenhum segredo, para logo ver que estas ferramentas são só as vias pelas quais circula e se armazena o insumo principal sobre o qual ele vai criar conhecimento, isto é, a Informação.

### 2.3.3.1. Modalidades, tipos e estratégias de Inclusão Digital. (I.D)

Segundo COSTA (2004) os diferentes conceitos de I.D. indicam que este é um processo que é mais que ter acesso/uso a tecnologias de informação, mas não indicam o que é. Por isso nos fornece um modelo, uma tipologia para tentar esclarecer a abrangência que o conceito I.D. e seus análogos podem abarcar.

COSTA (2004, p.7-8) em parceria com Lemos (orientador) estabelecem duas grandes categorias, a *inclusão induzida* a qual pode ser a sua vez de três tipos.: *técnica, cognitiva e econômica* e a *inclusão espontânea*.

A *inclusão induzida* acontece quando as tecnologias eletrônicas e as redes de computadores são executadas por empresas privadas, instituições de governo e ONGs. Esta inclusão pode ser técnica implicando a destreza no uso do computador e acesso a Internet; a *cognitiva* refere-se a uma educação crítica ao uso dessas tecnologias tendo o usuário a possibilidade de compreender os desafios da sociedade da informação e econômica a qual se caracteriza pela capacidade financeira em adquirir computadores e custeio para acesso à rede (pagamento de provedor e custo de conexão). A *inclusão espontânea* são formas de acesso e uso das TICs em que os cidadãos estão imersos na estrada da sociedade na era da informação, tendo ou não formação para tal uso.

De todas as modalidades, a *inclusão cognitiva*, é a chave para a emancipação do ser humano no uso das TICs, pois a partir daí que se conseguirá apropriar-se do meio, utilizando-o como uma ferramenta para a construção de novo conhecimento e mudança da sua situação “anômala de conhecimento”.

Segundo LEMOS (2003, apud COSTA, L. 2004, p. 18) a inclusão é:

a habilidade cognitiva para dominar, mudar, desconstruir discursos e alterar as rotas dos produtos *prêt-à-porter* das fábricas de ilusões. Não parece haver vozes que questionem a inclusão e isso é bastante empobrecedor. Incluir é ter a capacidade livre de apropriação dos meios, que não é só técnica, mas sócio-cognitiva.

A visão da inclusão digital como um processo de educação, para criar no usuário uma inteligência criativa e uma consciência crítica durante o uso das TICs, tendo em conta o espaço no qual está inserido (sociedade global neoliberal), pode ser complementada com uma perspectiva de inclusão digital como forma de *apropriação informacional*.

A concepção de apropriação informacional com o sentido de capacitação em tecnologia da informação tornou-se popular e indicou o início dos processos em torno da

necessidade mundial da inclusão digital. Essa nova realidade mostra a necessidade de preparar tanto o profissional como o indivíduo para apropriar-se dos instrumentos de acesso à informação, com ênfase na infra-estrutura de comunicação e na aquisição de habilidades no uso de computadores e da Internet. (FERREIRA e DUDZIAK, 2004, p.3).

A noção de *apropriação informacional*, pretende indicar diversos estágios de conhecimento no domínio de uso das TICs e na capacidade de transcender o acesso, para os processos, e estabelecer relações durante a informação recebida na inclusão digital. Passar de ser um mero espectador e repetidor de etapas, para ser um aprendiz inquieto crítico, questionador e criador de novas informações, para finalmente ter uma capacidade autônoma, proativa no contato com as tecnologias de informação.

Assim a *inclusão digital*, neste caso seria o primeiro nível de alfabetização informacional:

com ênfase na tecnologia da informação, ou seja, a habilidade de operar e comunicar-se a partir de computadores; entender o funcionamento de equipamentos (hardware), seus programas (software) e aplicações; produzir, organizar, disseminar e visitar a informação de forma automatizada, isto é, compreender e conhecer os percursos na busca da informação e resolver problemas, utilizando-se de recursos computacionais. (CAMARA, 2005, [ p. 4]).

Neste nível o usuário é um mero espectador, a apropriação carece de profundidade e crítica, pois o objetivo é adquirir habilidades quase mecânicas, os conteúdos fornecidos são externos, não cabendo ao usuário uma participação ativa no aprendizado.

Em um segundo nível, esta a *inclusão informacional*, que reflete a alfabetização informacional com ênfase nos processos cognitivos.

O seu objetivo enquanto processo de busca de informação para construção de conhecimento inclui o uso, interpretação e busca de significados e a construção de modelos mentais. Tem-se a construção de conhecimento a partir do estabelecimento de relações entre as varias informações coletadas e compreendidas. Observa-se a profundidade da apropriação e uma maior aproximação do usuário com a incorporação da noção de processo, uma vez que o indivíduo está ativamente construindo uma nova compreensão a partir das informações encontradas, não de forma aleatória, mas por identificação com as suas necessidades. (CAMARA, 2005, [p. 5]).

E finalmente a :

*inclusão social* entendida como alfabetização informacional com ênfase na construção da cidadania emerge do processo de aprendizagem e deve englobar, além da uma serie de habilidades e conhecimentos, a noção de valores conectados à dimensão social e situacional. Esses valores se referem ao desenvolvimento de atitudes e posicionamentos pessoais, incluindo a ética, autonomia, a responsabilidade, a criatividade, o pensamento crítico e o aprender a aprender, enfatizando o cidadão, o ser social, admitindo uma visão sistêmica da realidade. (CAMARA, 2005, [p. 5]).

As conexões entre habilidades, conhecimentos e valores determinam o aprendizado, levando às mudanças pessoais e sociais que fazem do aprendiz assumir uma atitude de

autonomia, pró-ativa e responsável.

Por tanto, uma inclusão no âmbito das TICs, deveria incluir esses três tipos de processos, pois permite ao estudante ser autônomo, com uma identidade própria, estimulando-o a ser um transformador social.

Existe outro termo para designar a inclusão digital, a *infoinclusão*, (SILVA; PALHARES; ROSA, 2005) este é muito mais amplo que I.D., e pode proporcionar uma dimensão mais ampla do social e político onde a tecnologia tem um papel chave, visando a fomentar o exercício da cidadania, para dar voz às comunidades e setores que não têm acesso à grande mídia e para apoiar organizações e a vinculação da malha de relações comunicativas entre os atores da sociedade que constituem a Esfera Pública. Este processo implicaria numa reorientação estratégica de posicionamento em relação ao que costumeiramente constitui o fim dos projetos de I.D., pois, ao invés de ser apresentado um conhecimento já acabado sobre o que a tecnologia digital possibilita, a sociedade ela mesma deveria manifestar suas demandas em relação aos benefícios que as tecnologias pode proporcionar, tornando-se assim, sujeitos do processo de I.D., afirmando sua cultura e, por conseguinte sua cidadania.

O modelo de infoinclusão pode ser adotado em qualquer nação da América Latina, mas deve ter em conta as particularidades de cada região. Este modelo poderia considerar uma distribuição justa e democrática dos recursos da sociedade da informação, com uma clara opção pelos excluídos.

Um modelo com políticas definidas para os jovens, com equidade de gênero, respeito à acessibilidade das pessoas com deficiências, assim como as *questões de raça e etnia*. Tal modelo deve incentivar novas lógicas de relações econômicas, privilegiando a economia solidária, o microcrédito e a ampla participação do cidadão na gestão das oportunidades que se abrirão. (SILVA; PALHARES; ROSA, 2005, [p.8])

Desta forma ações necessárias para a inclusão social envolvem diversas áreas como saúde, educação, habitação, saneamento básico, etc. e implicam atuar em diversos âmbitos/vias/ setores, *em domicílios*, com ações como, a redução dos preços dos micros e programas, incentivo ao *software livre* e de código aberto, setores vinculados aqui, são a iniciativa pública e privada com participação da sociedade civil na gestão; em *Telecentros*, aqui às ações empreendidas são em escolas, bibliotecas, postos de saúde, órgãos públicos, setores participantes da sociedade civil em parceria com iniciativa pública e privada; *via capacitação*, aqui as ações são efetuadas por facilitadores/professores, pessoas em geral: de grupos e comunidades territoriais locais ou distantes, os setores que apóiam aqui são a



sociedade civil com apoio da iniciativa privada e pública; e finalmente *via melhoria da interface*, através do desenvolvimento de pesquisa e produção, visando ambientes mais amigáveis, acessíveis e portáteis, aqui a iniciativa privada, com incentivo governamental e co-gestão pública. (CABRAL apud SILVA; PALHARES; ROSA, 2005)

O compartilhamento de ações para o desenvolvimento de esforços em prol de uma inclusão da sociedade na sociedade de informação, e chave para o sucesso. As tecnologias têm a potencialidade de poder contribuir para a geração de riqueza, incentivar a pesquisa colaborativa, o acesso ao conhecimento e à educação permanente. Assim a infoinclusão quer ir além do acesso, abertura de espaços e instalações de máquinas e conectividade, integrando outros componentes neste processo: a educação para o uso efetivo das TICs; a geração de conteúdos; e a participação das comunidades e das organizações da sociedade civil na gestão dos espaços públicos e compartilhados para acesso a Internet. Estes são pontos principais que viabilizam a democratização da informação e o exercício da cidadania na Rede. É através da oferta de conteúdos e serviços que possam suprir as necessidades e os interesses da população que estaremos trazendo uma Internet que venha ser apropriada pelo cidadão.

Uma política de infoinclusão deve ter como um dos seus objetivos principais formar pessoas preparadas para a cidadania ativa na Rede, produtores de conteúdo local e não só consumidores, promover a infoinclusão significa também formar pessoas capazes de usar as TICs para a transformação social, econômica, política e cultural - o que pode tornar a Internet um espaço de empoderamento de indivíduos e comunidades- processo que passa, necessariamente, pela educação e possibilidade de expressão de cultura e valores locais.

Projetos em infoinclusão não devem ser pensados como pacotes prontos de soluções tecnológicas para comunidades economicamente desfavorecidas, mas sim como iniciativas estratégicas para a promoção da inclusão social - e não apenas digital -, com a adoção de programas educacionais, com o fomento à produção de conteúdo local, com o oferecimento aos cidadãos de informação e serviços que abram novas perspectivas de inserção social, geração de renda, acesso a serviços públicos e manifestação de suas culturas e saberes. (SILVA; PALHARES; ROSA, 2005).

#### 2.4. Políticas ou programas de inclusão digital na América Latina, o caso do Brasil.

O novo cenário global mundial tem motivado diferentes medidas nacionais que têm levado a uma maior vinculação e dependência entre as economias do norte e do sul.

Assim no caso do Brasil o marco oficial de início de entrada na Sociedade de informação, foi o *Programa Sociedade de Informação*, que por meio do *Decreto 3.294* de 15 de dezembro de 1999 teve por objetivo “(...) integrar, coordenar e fomentar ações para a utilização de tecnologias de informação e comunicação, de forma a contribuir para que a economia do país tenha condições de competir no mundo global e, ao mesmo tempo, contribuir para a inclusão social de todos os brasileiros na nova sociedade”.(MINISTERIO DE PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E GESTÃO, 2004, p.19)

No Brasil as políticas públicas de I.D. diferem de um Estado a outro, com a finalidade de integrar a todos os programas, existentes no governo federal, estadual e municipal. O secretário executivo do Ministério das Comunicações Paulo Lustosa indicou, em julho de 2004, que seria criado o *Modelo Brasileiro de Inclusão Digital*, numa tentativa de otimizar as ações e evitar a duplicidade de projetos.

A democratização do acesso à tecnologia tem sido assumida em diversos graus pelos governos nacionais de turno, isto é, tem sido até agora medidas públicas ligadas a partidos políticos. Porém, iniciativas da área privada, da sociedade civil, empresas transnacionais e organismos internacionais, já têm implementado algumas medidas de inclusão digital.

No caso do Brasil, a principal instituição que comandou a inclusão digital no começo, foi o *Instituto Nacional de Tecnologia (ITI)*, vinculado à Casa Civil que durante muito tempo teve um atuar passivo, além de sua função principal de ser o implementador e guardião da certificação digital oficial do Brasil. Sob a direção de Sergio Amadeu da Silveira, o ITI começou a participar da articulação de várias iniciativas para democratizar as TICs e para disseminação do software livre na administração pública e na sociedade como um todo, inclusive por meio do *Programa PC Conectado*, cujo lançamento aconteceu em Junho 2005. Responsável pela coordenação do *Comitê de Software Livre do Governo eletrônico*, o ITI incluiu o tema na agenda de políticas públicas do país, provocou debate em torno de porque e quando usar as plataformas livres no lugar de soluções proprietárias; contribuiu junto a outros órgãos do governo, sob a coordenação da Secretaria de Comunicação de Governo e Gestão Estratégica – SECOM, para a formulação do *Projeto Casa Brasil*, e participou ativamente dos debates para a construção da posição brasileira para a Cúpula da Sociedade da Informação, que aconteceu em Tunísia em novembro de 2005.

Por outra parte, há que salientar que o Programa de Inclusão Digital do governo também articula iniciativas de vários órgãos públicos, como são os ministérios, além da Casa

Civil e da SECOM: o Ministério das Comunicações, com o Governo Eletrônico Serviço de Atendimento ao Cidadão- GESAC; o Ministério do Planejamento, por meio de ações da Secretaria logística e Tecnologia da Informação; o Ministério da Ciência e Tecnologia, através das Secretarias de Inclusão Social e Informática; o Ministério do Desenvolvimento, com sua rede de telecentros de negócios; e a própria Presidência da República, que coordena, por meio de sua assessoria especial, o programa PC Conectado.

Para o 2009 a Presidência da República anunciou a instituição do *Comitê Gestor do Programa de Inclusão Digital*, mediante *Decreto 6.948*, o comitê fica instituído no âmbito da Presidência e tem competência para estabelecer as diretrizes gerais de gestão e aplicação dos recursos financeiros destinados ao Programa de Inclusão Digital. Cabe também ao organismo acompanhar e monitorar a implementação e desempenho dos projetos do programa. O artigo 3º do decreto determina que a presidência do Comitê Gestor do Programa de Inclusão Digital caberá à Casa Civil. Integram o comitê membros do gabinete pessoal do presidente; da Secretaria de Comunicação Social (Secom); dos Ministérios das Comunicações; Ciência e Tecnologia; Educação; Cultura; e Planejamento, Orçamento e Gestão. ([http://www.idbrasil.gov.br/noticias/news\\_item.2009-10-01](http://www.idbrasil.gov.br/noticias/news_item.2009-10-01). Acesso em: 4.mar.10)

Como uma forma de reforçar e ampliar o programa de I.D. o Ministério das Comunicações publicou em setembro de 2009, o aviso de licitação no Diário Oficial da União para ampliar em mais 15 mil o número de telecentros comunitários. A decisão do governo permitirá triplicar o número de telecentros nas cidades brasileiras até o final do próximo ano.

Na primeira fase do programa, aderiram 5.452 municípios, o que representa quase 98% das cidades brasileiras. Apenas 112 municípios em todo o país não se cadastraram. O governo quer atingir todos os municípios brasileiros até dezembro do próximo ano.

Até setembro de 2009, o Ministério das Comunicações entregou 5.996 telecentros em cidades brasileiras. Deste total, 4.454 já estão montados. A idéia é que até o final de 2010 tenham sido instalados 21 mil telecentros com acesso gratuito à internet pelo programa Gesac. <http://www.idbrasil.gov.br/noticias/> Acesso: 4.mar.10

A divulgação da construção do Modelo Brasileiro de I.D. e das metas governamentais do Plano Plurianual mostra que o governo federal está preocupado em alterar o quadro atual da exclusão digital. Para SILVEIRA (2003, p.29-30) a importância da inclusão digital como

política pública esta consolidada por quatro pressupostos:

Primeiro, o reconhecimento de que a exclusão digital amplia a miséria e dificulta o desenvolvimento humano, local e nacional. A exclusão digital não representa uma mera consequência da pobreza crônica. Torna-se fator de congelamento da condição de miséria e grande distanciamento em relação às sociedades ricas. Segundo, a constatação de que o mercado não irá incluir na Era da informação os estratos pobres e desprovidos de dinheiro. A própria alfabetização e a escolarização da população não seriam maciças se não fosse pela transformação da educação em política pública e gratuita. A alfabetização digital e formação básica de viver na cibercultura também dependerão da ação do Estado para serem amplas ou universalistas. Terceiro, a velocidade da inclusão é decisiva para que a sociedade tenha sujeitos e quadros em números suficientes para aproveitar as brechas de desenvolvimento no contexto da mundialização de trocas desiguais e, também, para adquirir capacidade de gerar inovações. Quarto, a aceitação de que a liberdade de expressão e o direito de se comunicar seriam uma fábria se fossem destinados apenas à minoria que tem acesso à comunicação em rede. Hoje o direito à comunicação é sinônimo de direito à comunicação mediada por computador, portanto, trata-se de uma questão de cidadania.

Uma das principais ações criadas pelo governo para combater a exclusão e promover a democratização foi o FUST - Fundo de Universalização dos Serviços de Telecomunicações, através da *lei de número 9.998* do dia 17 de agosto de 2000. Este programa objetiva proporcionar recursos destinados a cobrir a *universalização* de serviços de telecomunicações, uma criação do Ministério das Comunicações em ação conjunta com a Agência Nacional de Telecomunicações - ANATEL. (<http://www.anatel.gov.br/Portal/verificaDocumentos/>) Acesso em: 4.mar.10.

Os recursos do FUST são provenientes da contribuição de 1% das receitas operacional bruta das operadoras de telecomunicações e no caixa do governo já existem R\$2,7 bilhões arrecadados. (<http://jornalismo.globo.com/Jornalismo/JN/> Acesso em: 4.mar.10).

O projeto do FUST pode entrar na pauta de votação da Câmara ainda em março de 2010, o PL 1.481/2007 deve entrar na lista de prioridades de votação na Câmara dos Deputados ainda neste semestre. Mais conhecido como PL do FUST, a proposta permite que o Governo Federal, estados e municípios usem os recursos do Fundo de Universalização dos Serviços de Telecomunicações em parcerias com qualquer empresa do setor, sem a trava da atual lei que só permite a aplicação por meio das concessionárias de telefonia fixa. Além disso, abre caminho para a aplicação das verbas por meio de subsídio direto, financiando o acesso da população a serviços de telecomunicações, especialmente de banda larga. ([www.teletime.com.br/01/03/2010/projeto-do-fust-pode-entrar-na-pauta-do-plenario-ainda-em-marco/tt/169017/news.aspx](http://www.teletime.com.br/01/03/2010/projeto-do-fust-pode-entrar-na-pauta-do-plenario-ainda-em-marco/tt/169017/news.aspx)) Acesso em: 4.mar.10

Outra das medidas de base nos programas de inclusão do governo é adoção do software livre, este pode ser definido:

aquele software disponível com a permissão para qualquer um usá-lo, copiá-lo e distribuí-lo, seja na sua forma original ou com modificações, seja gratuitamente ou com custo em especial, a possibilidade de modificações implica em que o código fonte esteja disponível. se um programa é livre, potencialmente ele pode ser incluído em um sistema operacional também livre e importante não confundir software livre com software grátis porque a liberdade associada ao software livre de copiar, modificar redistribuir, independe da gratuidade existem programas que podem ser obtidos gratuitamente, mas que não podem ser modificados, nem redistribuídos. (COSTA, L., 2005, p.11)

Está em curso um debate a nível mundial sobre o uso deste tipo de software, dado os custos dos programas comercializados pelas grandes empresas informáticas e seu monopólio. Existe um movimento que prega a colaboração e o compartilhamento do conhecimento.

As políticas voluntaristas de luta contra as desigualdades e a exclusão devem visar o ganho em autonomia das pessoas ou grupos envolvidos. Devem, em contrapartida, evitar o surgimento de novas dependências criadas pelo consumo de informações ou de serviços comunicação concebidos e produzidos em uma óptica puramente comercial ou imperial. (LÉVY, 1999, p.238)

Cabe perguntar-se nos cursos de alfabetização digital o que se ensina é algo determinado por padrões forâneos, tanto de software e hardware ou bem se orienta no uso de programas de qualquer plataforma informática, para ter cidadãos autônomos que podem estar aptos para navegar ou usar qualquer meio.

Ante o monopólio existente da *Windows* da Microsoft, que tem mais de 90% do mercado de sistemas operacionais para microcomputadores, fato usado, ao mesmo tempo, pelos defensores do software livre e pelos defensores do software proprietário.

Para quem prefere o *Linux*, o uso do *Windows* nos programas de inclusão digital reforçaria a posição monopolista da empresa norte-americana. Para quem prefere o *Windows*, o uso de *Linux* e de outras soluções do software livre não prepararia as pessoas para o mercado, já que as empresas usam principalmente as soluções da Microsoft. (CRUZ apud COSTA, L., 2005, p.12)

Pelos custos altos em *royalties*, o pagamento de licenças, há uma substituição gradual de software proprietários por livre na administração pública que virou uma política do governo federal e uma das medidas foi a criação do “*Guia Livre: Referencia de migração para software livre do governo federal*” (MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E GESTÃO, 2004).

Dentre as causas a favor do uso do software livre se pode indicar, a liberdade de escolha, redução de custo e sustentabilidade no processo de I.D. O software livre permite ao usuário desenvolver outras capacidades como de programação, conhecer no interior o funcionamento e desempenho de um programa, não ficar atado a uma plataforma, permite

conhecer o porquê do software, e não apenas a sua técnica.

#### 2.4.1. Medidas governamentais de acesso/ uso das TICs na sociedade brasileira.

A continuação se descreve brevemente alguns projetos de inclusão digital de caráter amplo, como é programa *Casa Brasil* e outros mais especializados como do Ministério da Cultura com o programa *Cultura Viva* e seus Pontos de Cultura. Fez-se a escolha desses por estar mais vinculado com a sociedade como um todo, podendo atingir outros segmentos ou integrantes da comunidade, como seriam os povos indígenas. Descreves-e com mais detalhes as iniciativas públicas de inclusão digital que têm passado a considerar as culturas indígenas.

##### - Casa Brasil. (Casa Civil-ITI)

A principal ação de governo é o denominado programa *Casa Brasil*, idealizado inicialmente para unificar as iniciativas de inclusão digital e ampliá-las.

Segundo AQUINO (2005, p.12):

este programa é um conjunto de módulos que têm em seu coração o telecentro, ou seja, um módulo onde as ferramentas de tecnologias de informação, incluindo o acesso à Internet, são utilizadas não só para dar ao jovem as noções básicas de como usar o computador, de navegar na Internet, como usar o conhecimento que está disponível na rede e como aprender a compartilhá-lo com outros usuários da rede.

Além do telecentro, da sala de leitura e de um mini-auditorio, a Casa Brasil poderá ter outros módulos, dependendo das definições do comitê executivo para cada comunidade a ser atendida. Entre esses módulos estão os laboratórios de tecnologias digitais, *o estudo multimídia*, com equipamentos para a produção de conteúdo audiovisual, e uma *radio comunitária*. “A estrutura modular permite que o programa se adeque a cada realidade local”. (AMADEU apud AQUINO, 2005, p.12)

Este programa ficou vinculado à Casa Civil da Presidência da Republica, cujo comitê gestor foi instituído por decreto do presidente Lula no inicio de marco de 2005. O comitê gestor ficou responsável em definir as diretrizes gerais, sendo coordenado pela própria Casa Civil, composto ainda por representantes da Secretaria de Comunicação e Gestão Estratégica da Presidência da Republica (Secom); dos Ministérios de Educação, de Ciência e Tecnologia, das Comunicações, da Cultura e do Planejamento, do Serpro, da Caixa Econômica, do Banco do Brasil, Centrais Elétricas, dos Correios e da Petrobrás.

Apesar de tamanha representatividade, a Casa Brasil não aglutina todas as iniciativas

do Governo Federal na área de inclusão; ademais cada ministério pode desenvolver iniciativas particulares, diferenciando-se, sobretudo pelo segmento da sociedade onde atua. O Programa Casa Brasil, tem atuação também no nível estadual e, sobretudo das prefeituras, apoiando também iniciativas da sociedade civil como organizações não governamentais.

#### - Cultura Viva. (Ministério de Cultura-MinC)

O *Programa Cultura Viva*, do Ministério da Cultura (MinC), assume a cultura, a educação e a cidadania, enquanto incentiva, preserva e promove a diversidade cultural brasileira. Por meio da Secretaria de Programas e Projetos Culturais, o MinC iniciou, em 2004, a implantação dos *Pontos de Cultura*, com a missão de desesconder o Brasil, reconhecer e reverenciar a cultura viva de seu povo. O *Programa Cultura Viva* contempla iniciativas culturais que envolvem a comunidade em atividades de arte, cultura, cidadania e economia solidária. Essas organizações são selecionadas por meio de edital público e passam a receber recursos do Governo Federal para potencializarem seus trabalhos, seja na compra de instrumentos, figurinos, equipamentos multimídias, seja na contratação de profissionais para cursos e oficinas, produção de espetáculos e eventos culturais, entre outros.

Esta parceria entre Estado e sociedade civil é o *Ponto de Cultura*, há mais de 650 Pontos de Cultura espalhados em todo o território brasileiro. Esses Pontos de Cultura foram selecionados por meio de editais - já foram publicados quatro desde 2004 - e por meio das Redes de Pontos de Cultura. Ao lado dos Pontos de Cultura, o Programa Cultura Viva integra outras quatro ações: *Cultura Digital*, *Agente Cultura Viva*, *Griô* e *Escola Viva*. [http://www.cultura.gov.br/cultura\\_viva/?page\\_id=9](http://www.cultura.gov.br/cultura_viva/?page_id=9) Acesso : 4.mar.10

#### GESAC- Governo Eletrônico Serviço de Atendimento ao Cidadão. -(Ministério das Comunicações).

É a iniciativa mais ampla de inclusão digital-social governamental, seus antecedentes se encontram no governo anterior do presidente Fernando Henrique Cardoso, que tinha outro foco. Da sua concepção inicial, quando foi pensado como quiosques eletrônicos, com uma única máquina, para acesso gratuito apenas a *conteúdos.gov*, o *Gesac* avançou muito. O grande mérito do atual governo, na avaliação de Albuquerque (um dos primeiros diretores de inclusão digital do Ministério das Comunicações) e de especialistas de inclusão digital, foi ter

revisto o projeto inicial: o foco do atendimento mudou, priorizando escolas com laboratórios de informática sem conexão a internet, unidades militares de fronteira e projetos localizados em regiões de difícil acesso. (XAVIER, F.; DIAS, Lia R., 2005, p.18-19).

Como já se mencionou, este programa de inclusão digital é quem mais têm conseguido incluir a uma ampla variedade de população, considerado, sobretudo as localidades de difícil de acesso. Um programa em certa forma diferenciado, que passou a considerar as particularidades, diferenças da comunidade brasileira. Em muitos casos o *Gesac* é o único canal de comunicação da população.

Por isso mesmo, faz toda a diferença para as populações que beneficia. Criticado por muitos, quando do seu lançamento, por ser apenas um programa de conexão a Internet, sem mecanismos de articulação da comunidade para permitir uma inclusão digital e social real, o *Gesac* foi avançando ao longo do tempo. Ampliou a oferta de cursos de capacitação, criou as coordenações estaduais em articulação, principalmente, com as Secretarias de Educação, já que seu maior público são as escolas, estimulou a formação de monitores. “O *Gesac* estabeleceu uma maior relação com os parceiros para integrar as comunidades no programa. Contudo, enfrenta dificuldades até porque as escolas são reticentes em abrir os laboratórios de informática para as comunidades”, observa Rodrigo Assumpção, coordenador do Comitê Inclusão Digital do Governo Eletrônico (apud ARede, 2005. p.12).

Algumas características técnicas: por meio de um sistema de comunicação via satélite, o *Gesac* garante o acesso rápido à Internet, a diversos tipos de comunidades. A partir desta conectividade via satélite, se pode garantir o acesso à Internet em banda larga, na velocidade e 2 Mb por segundo, com a opção de transmitir voz, radio e televisão sobre IP (o protocolo da Internet).

No segundo semestre de 2005 se mudou para uma nova plataforma tecnológica que garantiu a qualidade na transmissão de voz, radio ou TV pela rede e todos os pontos de presença incluíram telefone pela Internet, ligado por suíte a um aparelho de telefone digital comum, que toca, tem numero e podera ser usado normalmente.

Além da TV, o *Gesac* tem 20 canais de rádio estéreo, que podem gerar a grade da comunidade. Só quem recebera a programação das TVs e radio sobre IP, inicialmente serão os pontos de presença do *Gesac*, mas o som e imagens ficarão armazenados de forma a serem acessadas por qualquer pessoa que entrar no portal IDBrasil , do *Gesac*.

A prestação de multisservicos, que vai muito além da conexão à Internet em banda



larga, endereço eletrônico para usuários e hospedagem de *homepages*, faz do *Gesac*, na definição de Albuquerque, um programa único e que é “a maior plataforma de inclusão digital da América Latina”. (apud XAVIER; DIAS, 2005, p.18)

Além dessas novas plataformas, o *Gesac* fornece um kit com antena e modem para conexão em banda larga, um servidor, uma impressora, assistência técnica permanente, monitoramento, capacitação para as pessoas que irão atuar nos pontos de presença. E estimula parcerias com instituições públicas e privadas para a aquisição de micros e para reforço na capacitação de educadores.

O acesso é público e gratuito. E o programa fornece um pacote de serviços de software livre que inclui e-mail, aplicativos de escritório, laboratório virtual e hospedagem de páginas no *site* do programa, onde também há canal de notícias e sala de debates (*Rau-Tu*). Os cursos de capacitação de educadores digitais indicados pela própria comunidade pretendem aplicação de metodologias para o uso adequado e aproveitamento máximo de equipamento e administração do espaço em projetos que beneficiem as comunidades.

Respeito a dados sobre a quantidade de população atingida, o ministro das comunicações, Hélio Costa, assinou no ano 2008 novos contratos do programa *Gesac*, que permitirão o aumento de 3,5 mil pontos de inclusão digital para 12 mil até o 2010 em todo o país. “Vamos colocar o Brasil definitivamente em primeiro lugar do mundo na comunicação em internet de alta velocidade”, afirmou o ministro ao assinar os contratos.

A cerimônia contou com a presença do presidente da Embratel, José Formoso Martinez. A empresa venceu o pregão realizado pelo MC no fim de abril para levar internet de alta velocidade a 5.917 pontos no Nordeste e 6.002 pontos para as demais regiões. Com os novos contratos, o *Gesac* terá um crescimento de mais de 200%.  
<http://www.idbrasil.gov.br/noticias/> Acesso : 4.mar.10

IBICT (Instituto brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia)- Ministério de Ciência e Tecnologia. -MCT

O Instituto brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia- IBICT, começou em 2004 um programa de inclusão digital orientado na alfabetização digital. Este programa que contou com a parceria da Fundação Nacional do Índio - FUNAI e a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade- SECAD, teve como meta alfabetizar digitalmente

as comunidades indígenas e inserir a internet nas suas vidas. Também objetivou proporcionar autonomia pela informática aos índios, fazendo com que os professores indígenas sirvam de multiplicadores e criem conteúdos sobre a sua cultura, fortalecendo a sua história e linguagem.

No marco dos 50 anos de existência do Ibict, pela primeira vez se promoveu um evento de *Alfabetização Digital Diferenciada*, através do *Corredor Digital*, projeto que faz parte do programa de inclusão social do instituto.

O objetivo de acordo à coordenadora de Gestão da Informação, Cecília Leite, foi criar em parceria com órgãos que já atuam na área da questão indígena uma experiência piloto de capacitação, educação e socialização junto à comunidade dos índios brasileiros. Assim segundo Cecília Leite (2006) :

não adianta só disponibilizar tecnologia e dar suporte. É preciso trabalhar a questão educacional do índio, fazer um acompanhamento e dispor de toda infraestrutura necessária para a inclusão social e digital das etnias indígenas. Ou seja, não adianta somente conseguir os equipamentos, e eles serem subutilizados ou nem mesmo utilizados. Além da necessidade de um tempo para conhecer a realidade de um Brasil que muita gente desconhece, e principalmente alguns de seus valores mais caros e incríveis. <http://www.ibict.br/noticia.php?id=203> 4.mar.10.

Esta entidade no programa denominado *Corredor digital* treinou índios de três aldeias Tukano do Alto Rio Negro- *Balaio, Taracúá e Pari-cachoeira*- para operar como multiplicadores e levar até Alto Rio Negro as novidades da tecnologia da informação e comunicação. “Não queremos que seja um programa para doar computadores. Como a intenção é dar autonomia às comunidades, vamos preparar programas de computador para receber palavras da língua tukano” revelou Orlene Lucia Carvalho, professora de lingüística da universidade de Brasília, UnB que integra o projeto junto com o Ibict. (apud MENDONÇA, 2008, p.3)

Segundo Álvaro Tukano, o programa de inclusão digital não irá tirar o homem do campo, e o poder de inclusão, para ele, é importante para mostrar o produto e a cultura indígena. “O Alto Rio Negro é muito longe. Portanto, a inclusão digital irá facilitar a comunicação dos índios, e nós precisamos do apoio incondicional da FUNAI, do MEC e do Ibict. É hora de apresentarmos o nosso produto para a nação brasileira”, observou. <http://www.ibict.br/noticia.php?id=203> Acesso: 4.mar.2010

Para o índio Oseás Ramos Marinho, da aldeia de *Pari-cachoeira* a inclusão digital dos índios é uma forma de lutar com os brancos usando a arma que eles usam “Muito jovens saem

de casa para ir atrás de estudos e oportunidades de emprego. Agora, essa própria oportunidade está na própria aldeia”, garante Oseás. <http://www.ibict.br/noticia.php?id=338> Acesso: 4.mar.2010

#### 2.4.2. Experiências de inclusão digital estadual comunitária

A apropriação comunitária das conexões estabelecidas com antena do Gesac varia. Pode servir para complementar a educação básica, como na Escola indígena Baniwa Coripaco Pamaáli, na região amazônica, ou para fomentar arranjos produtivos locais, negócios e cooperativo - caso de um grupo de pescadores de Cabo Frio (RJ). Ou para as duas coisas simultaneamente, como aconteceu em Mineiros (GO), onde o laboratório de informática da escola foi instalado em um centro de convivência e fortaleceu o trabalho de uma comunidade de quilombolas com ervas medicinais. Em telecentros, como aquele criado em parceria com a Eletronorte junto ao rio Xingu, também pode, simplesmente, servir para ampliar o repertório geral das pessoas e fomentar idéias para a solução de problemas locais.

##### 2.4.2.1. A inclusão digital indígena no Brasil.

A “*inclusão digital dos indígenas*” começou e se têm desenvolvido fundamentalmente através de parcerias entre o setor público e privado; os programas de governo se têm incorporado como uma forma de fazer inclusão social e digital. Esta inclusão só começou recentemente, e os fatos têm demonstrado que para prosperar e fortalecer-se no tempo, papel chave o têm tido várias instituições governamentais, principalmente ministérios, mas em aliança com organizações não governamentais e da sociedade civil.

As etnias do Brasil nos programas sociais não foram consideradas uma prioridade, mas em forma desigual e discriminatória, o qual levou a que os mesmos indígenas se organizarem em associações, para demandar a sua participação ou inclusão nas políticas, agora de tipo digital.

Um destes casos é o povo *Ashaninka* no estado do Acre, que estão conectados á rede Internet desde 2003. Este foi o segundo ponto da *Rede Povos da Floresta*. ([www.redepovosdaflorestas.com.br](http://www.redepovosdaflorestas.com.br)). Hoje esta organização é uma ONG, uma rede que nasceu de uma parceria do CDI (*Comitê para Democratização da Informática*) com a *Star One*, empresa de satélite da Embratel, e é apoiada pela Comissão Satélite do Acre. Antes desta etnia, estiveram os *Yawanawa* também em território acreano, com o primeiro ponto do

projeto.

Através do Programa Mais Cultura, do Ministério da Cultura (MinC), e de um acordo de cooperação firmado com a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), até 2010 serão implantados 150 Pontos de Cultura Indígenas no país, sendo que os 30 pontos que são da responsabilidade da Rede Povos da Floresta (RPF) começaram a ser implantados em outubro e estão em andamento. A implantação desses primeiros 30 pontos foi firmado um termo de parceria entre a FUNAI e a Associação de Cultura e Meio Ambiente. Acre, Amazonas, Mato Grosso, Rondônia e Roraima são os cinco estados beneficiados.

Outro projeto, é a *Rede Floresta Topawa Ka'á* (rede florestas no dialeto parakanã), patrocinado pela Eletronorte ([www.eln.gov.br](http://www.eln.gov.br)), com quatro pontos em operação, gerido pelos próprios indígenas.

Outro caso é mantido pela ONG ISA (Instituto Sócio-Ambiental, [www.socioambiental.org](http://www.socioambiental.org)), o telecentro dos *Baniwa*, tribo da Terra Indígena do Alto Rio Negro. “São quase cem alunos na escola indígena que têm computador e internet. Aproveitamos o que a rede nos traz de bom, informações de plantas, pesca, ecologia, tudo que for útil para a comunidade”, indica André Fernando Baniwa, escolhido pelo seu povo como emissário junto ao homem branco. André Fernando mora em São Gabriel, sendo vice-presidente da Federação das Organizações indígenas do Rio Negro - FOIRN “Hoje só temos dois computadores, mas todo mundo usa. A partir de 13, 14 anos já está usando”, “Na tribo chamamos a internet de *Maracá* de branco. *Maraca* é o instrumento que o *pajé* usa em rituais para enxergar e analisar o mundo inteiro...”, acrescenta André. (apud BOCHINNI, 2006, p. 32-33)

Outro caso da região amazônica, onde existe uma ampla parceria entre entidades de governo, área privada, terceiro setor e sociedade civil, é em São Gabriel da Cachoeira (AM) com 95% da população de origem indígena e possivelmente único lugar mais plurilíngüe das Américas conta com três pontos de presença. São 112 quilômetros quadrados (maior que Portugal ou Santa Catarina), onde se falam 222 línguas indígenas de quatro troncos lingüísticos diferentes (*Tuoi-Guarani, Tukano oriental, Maku e Aruak*). Uma das antenas do Gesac fica na Escola indígena *Baniwa* Coripaco Pamaáli. Por falta de energia elétrica, foi preciso adaptar células solares nos equipamentos para fazer conexão. Pamaáli, assim como a escola dos *Tuyuka*, adota projetos políticos e pedagógicos totalmente elaborados pelas

comunidades, a partir de suas necessidades, entre elas a valorização das línguas nativas. (XAVIER; DIAS; LARANJEIRAS, 2005, p.13-14)

Outro ponto de presença foi instalado como telecentro, há um ano e meio, na Federação das Organizações Indígenas do rio Negro (FOIRN), que representa a 750 comunidades indígenas com 35 mil índios. É resultado de um trabalho conjunto do Gesac, da Foirn, do Ministério de Educação e da ONG Instituto Socioambiental (ISA)- que também atuam na Escola *Pamaáli*-, e da multinacional IBM. No telecentro da FOIRN, as comunidades elaboram documentos, fazem edição de texto e pesquisas. São seis computadores IBM que apóiam tarefas didáticas de professores e alunos, e sempre pelo menos em duas línguas, e que acessam a Internet para divulgação de produtos – artesanato, principalmente -, elaboração e divulgação de boletins informativos e para a busca de financiadores e novos parceiros.

A equipe do ISA na região é formada por antropólogos, demógrafo, pedagoga, agrônomos, engenheiro de pesca, administrador, entre outros. Segundo o administrador da FOIRN, Roberto Barão, a iniciativa é uma grande conquista dos povos indígenas, “que precisam se comunicar com o mundo ter reconhecimento e se atualizar”. O terceiro ponto na região esta com a Fundação Banco do Brasil. (XAVIER; DIAS; LARANJEIRAS, 2005, p.13-14)

Iniciativas como essa não estão presentes apenas na região amazônica, em Araracruz, no Espírito Santo, duas aldeias já têm laboratórios de informática cedidos pelo Banco do Brasil e gerenciados pelo Centro de Práticas Sociais, Educacionais e de Cidadania - CEPEC Os índios das *tribos Caieiras Velha e Pau- Brasil*, dois mil em total, usam Windows. “Tentamos o Linux, mas não deu certo, o banco só nos forneceu uma versão em espanhol” disse Jose dos Santos do Cepec. Aqui Araracruz é uma exceção, pois nos demais projetos o software livre é dominante. (BOCHINI, 2006, p. 33)

Existe outro caso de inclusão digital indígena, entre a equipe do Massachusetts Institute of Technology- MIT, alunos e professores da Escola Politécnica da USP e da Fundação Bradesco ([www.cid.org.br](http://www.cid.org.br) , rede de Centros de Inclusão Digital da Fundação ; [www.fb.org.br/indigena](http://www.fb.org.br/indigena), portal indígena da mesma fundação) para aplicar tecnologias sociais – rápidas fáceis e baratas-em comunidades de *Canuanã*, nas margens do rio Javaés, no Tocantins.

A parceria da Fundação com o MIT começou no início de 2005, com a primeira visita de equipe do D-Lab (<http://web.mit.edu/d-lab> D-Lab ou International Development e

Initiative do MIT), laboratório de desenvolvimento do instituto, para diagnosticar problemas locais. A principal preocupação de Stepanhie Dalquist, coordenadora da missão do D-Lab, foi com a apropriação dos projetos pelas comunidades, depois que os pesquisadores se forem ela afirmou “Não podemos resolver as dificuldades locais só com tecnologia”.

Uma das comunidades atendidas é a reserva indígena da Ilha do Bananal, a aldeia *Canuanã*, com 400 índios e a maior das onze que reúnem 1,4 mil *Javaé* na ilha. Desde janeiro de 2005, conta com o CID (Centro de Inclusão digital) equipado com dez computadores e web. Dois professores índios (Olavo Lohaware Javaé e Josivaldo Fudiuare) foram capacitados por alunos da Fundação Bradesco para serem monitores. E um professor de informática da fundação dá cursos de iniciação aos aplicativos cedidos pela Microsoft.

No aspecto lingüístico um professor da escola pública da aldeia manifestou muito interesse na criação de material didático bilíngües, em português e no idioma dos *Javaé*, o *Iny* (pronuncia-se Iña). Foi por causa dele que jovens do grupo Fundação/Poli/MIT resolveram criar o teclado bilíngüe, conseguindo pela internet um programa de configuração do teclado.

No CID da aldeia Javaé, houve avanços no uso do computador para uso escolar e registro cultural. Mas a conexão à internet ainda é subutilizada. O setor que mais usa são as crianças, sendo escassa a participação de outros segmentos. O cacique inclusive comenta “Para que serve a internet? Para as crianças aprenderem; para terem alguma coisa igual do branco?” O maior problema da tribo, segundo ele, é a saúde e ainda não vê como a rede pode apoiá-la.

Desde 2006 as iniciativas do MIT foram acompanhadas com o apoio da *videoconferência*, entre elas os trabalhos com a língua *Iny*. Respeito ao equipamento há que indicar que o laboratório de informática da escola de *Canuanã* tem 25 computadores; o CID dez. A conexão em banda larga é mantida pela Fundação, via satélite. (COUTO, V. 2006, p.34-35)

Iniciativas de *comunicação comunitária* podem ser consideradas como uma outra forma de integração e difusão de informações para a inclusão social e digital de diversos setores da sociedade (como são os indígenas), que tanto fazem uso das tecnologias digitais eletrônicas (computadores) e de meios visuais e auditivos de comunicação, como são o vídeo e o rádio.

A continuação alguns acontecimentos de comunicação comunitária na área indígena:

Os índios xavantes do Mato Grosso registraram em vídeo o *Darini*, um ritual de

iniciação espiritual que acontece de 15 em 15 anos. Dois índios da aldeia Pimentel Barbosa (município de Agua Boa, MG), durante 30 dias do mês de julho de 2003, Caimi Waissé e Jorge Protodi registraram na aldeia de *Etenhiritipá*, as imagens desse ritual. Produziram o roteiro, gravaram e editaram o vídeo “*Darini-IniciaçãoEspiritual das Crianças Xavante*”, o trabalho também contou com o incentivo da ONG *Nossa Tribo* ([www.nossatribo.org.br](http://www.nossatribo.org.br)) A ideia principal do vídeo com duração de 46 minutos foi mostrar a visão dos xavantes. Os dois indígenas fazem parte da equipe do *Projeto Video nas Aldeias* da ONG com o mesmo nome, que há 14 anos promove o encontro do índio com a sua imagem ([www.videonasaldeias.org.br](http://www.videonasaldeias.org.br)). A iniciativa equipa comunidades indígenas com aparelhos, de vídeo visando o intercambio de informação entre os povos. O vídeo foi lançado em abril de 2005 em São Paulo.

Uma das iniciativas mais recentes, de tipo histórico, é a recuperação do *Programa de Indio*, o primeiro programa radiofônico feito pelos povos indígenas ([www.programadeindio.org](http://www.programadeindio.org)) o projeto “*Programa de Indio- história e histórias*” idealizado pela *Ikore*-projetos culturais e artísticos, em parceria com o Núcleo de Cultura Indígena, foi selecionado pelo edital Petrobras Cultural e possibilitou a digitalização e recuperação deste acervo, com 200 dos programas que construíram a primeira experiência radiofônica de povos indígenas do Brasil. O programa semanal com duração de 30 minutos ia ao ar na rádio USP nos anos 80, e foi o primeiro programa no Brasil a colocar indígenas como protagonistas na mídia eletrônica. Como se fosse uma conversa em volta do fogo, o programa trazia o som das aldeias, a música ritual, as cerimônias, além das informações sobre o cotidiano e as expectativas dos povos indígenas. Com essa iniciativa, se poderão ouvir novamente as vozes que fizeram o movimento indígena e ter acesso a mais informações sobre esse período e sobre a história do Brasil.

*-Índios on line.* Cabe mencionar esta iniciativa coordenada pela ONG brasileira *Thydewas*, recebendo atualmente o apoio do Ministério de Cultura e do Instituto Oi Futuro. Em abril de 2004 nascia a rede *Índios on Line*, através de uma aliança entre sete etnias indígenas do Nordeste do Brasil (dois das quais fazem parte desta tese, os Kariri-Xocó e Pankararu), as quais se conectaram a Internet cada uma com um único computador conectado via satélite. Este projeto se caracteriza porque involucrou os mesmos índios no uso/ acesso de internet e terem começado antes dos programas governamentais de inclusão digital.

Seu objetivo é facilitar o acesso à informação e comunicação a traves de um portal de internet que lhes permita expressar suas opiniões e divulgá-las de forma ampla. O portal

procura reconhecer o valor da diversidade cultural e o diálogo intercultural, assim como promover a cultura da paz e a consciência planetária.

Índios on line aproveitam o entusiasmo dos jovens indígenas frente às novas tecnologias e utilizam a internet como um meio para potenciá-los, fazê-los conscientes de seus direitos e de canais pacíficos para alcanzá-los, valorizar a sua cultura e sua identidade. É um meio que assegura o acesso à informação e oferece uma plataforma para o intercâmbio entre eles e com população não indígena que pode entender o valor dos indígenas, aprenderem a respeitá-los e admirá-los.

Assim são os próprios indígenas que produzem o material do portal; textos, fotos, vídeos com entrevistas que apresentam seu perfil de suas comunidades e suas culturas. Desta forma preservam suas tradições, arquivam suas memórias e compartilham seus conhecimentos. Este espaço também se utiliza para divulgar notícias sobre eventos das comunidades e ademais como canal público para fazer denúncias, que são enviadas às autoridades competentes.

Graças à Internet se gera um processo de valorização tanto interna como frente a terceiros da cultura indígena e seus direitos contribuindo a uma melhor interação social dos indígenas. Outro serviço oferecido é o CHAT, usado para conversações informais, seja com outros indígenas ou para assuntos oficiais tais como debates de temas preferidos. Há uma Comunidade Colaborativa de Aprendizado, o ARCO DIGITAL, ao que assistem uns cem jovens indígenas, um espaço de aprendizado coletivo que inclui temas como: cidadania, saúde tradicional, ecologia, etnojournalismo e TCs dentre outros.

Estes indígenas têm feito uso também de outras tecnologias como máquinas de fotos digitais, celulares, para pesquisar suas próprias realidades e postar matérias no *portal* ([www.indiosonline.org.br](http://www.indiosonline.org.br)) que divulga suas culturas e visões para o mundo, promovendo a valorização da diversidade cultural e a construção coletiva de uma cultura de paz para todos. Hoje são mais de 400 indígenas pertencentes a 25 etnias de 12 estados da federação que vem se valendo das TICs dando a conhecer suas próprias realidades. Os indígenas, com autonomia e liberdade, postam de forma direta suas matérias no portal, somando hoje cerca de 3000 matérias, 1000 fotografias e 100 vídeos.

Respeito à interação com a sociedade civil, cabe destacar que as matérias publicadas pelos indígenas são susceptíveis de receber comentários por parte de qualquer internauta, o que vem gerando o diálogo intercultural e diminuindo os preconceitos.

Segundo seus idealizadores o projeto busca ser um CANAL de divulgação para que os indígenas em forma direta dialoguem com o mundo, salvaguardando suas histórias e



projetando seus valores bem como intercambiando experiências, saberes e visões com outras comunidades indígenas, com a sociedade brasileira e com pessoas de todo o mundo. (Fonte: Informação entregue pela Rede Indios on line à Iniciativa de Comunicação durante a 4ª. FERIA de Experiencias de Innovación Social CEPAL/Fundación Kellogg- Medellín, Nov. 2008)

Alex Pankararu coordenador da rede explica:

antigamente nós sobrevivíamos graças ao arco e flecha. Era com ele que caçávamos nosso alimento e nos defendíamos... Hoje, na era digital, para caçarmos nossa sustentabilidade, exercemos nossa cidadania e mantemos nossa tradições, estamos valendo da tecnologia da informação e da comunicação para acelerar o desenvolvimento humano (www.indiosonline.org.br)

#### 2.4.2.2. O caso da América Latina e o Caribe, algumas experiências no acesso/uso às TICs.

A difusão ou expansão das TICs nas comunidades indígenas da América Latina e no Caribe vai avançando lentamente, como ficou refletido nos casos relatados anteriormente. Há um grande interesse por apropriar-se das TICs, fazendo um uso intensivo, criativo e autônomo. Em geral as experiências têm sido apoiadas por organizações da sociedade civil e do Terceiro setor, com auspício muitas vezes de organismos internacionais.

São poucos os casos destacados que estejam no âmbito governamental, o que demonstra o pouco interesse e apoio por parte do Estado, mas também indica uma iniciativa e autonomia dos povos indígenas contudo, desde as *Cúpulas da Sociedade da Informação* na Genebra e Tunísia, onde representantes indígenas acudiram, está começando um movimento na América Latina de procurar apoio, como um direito de cidadania intercultural aos governos, os quais a sua vez estão criando instâncias através de Ministérios como da Cultura, implementando programas destinados a estas populações.

- *Mulheres indígenas da Bolívia e as TICs*. Como uma forma de fazer frente a sua situação de marginalização e afastamento as mulheres indígenas Aymarás da Bolívia no setor o Alto, criaram como primeiro passo OMAK-*Organización de Mujeres Aymaras del Kollasuyo*, organizada em uma rede de centros de mulheres de base localizadas em oito comunidades, coordenadas desde uma sede central no EL Alto (La Paz). As oportunidades e desafios que as TICs podem ter para seu desenvolvimento levaram às mulheres de OMAC a considerar estas ferramentas, para incluí-las na sua vida diária. Assim a primeira experiência com as TICs motivou a instalação dos *Infotambos* (Inf: informação, Tambo= local de encontro e descanso dos viajantes no mundo andino.) Num começo partiram com cursos na sede de El Alto, logo criaram um instituto de computação pequeno, para ensinar pacotes de computação a suas

afiliadas em primeira instância e logo ao público em geral. (RODRIGUEZ, 2003).

- Os povos indígenas caribenhos on line. FORTE (2003 p.38-39.) identificou três comunidades indígenas da região *Circum Caribe*, a comunidade caribe Santa Rosa de Arima na Ilha de Trinidad no extremo sul do arquipélago Caribenho; os caribes de São Vicente, do território Caribe de Dominica e os indivíduos e organizações *taino* revivalista em Cuba, Porto Rico e República Dominicana junto com suas extensões diaspóricas nos Estados Unidos. São aqui três situações diferentes nas quais estes povos se identificam, como organizações e como participantes de Internet.

-Aqueles grupos estabelecidos como entidades territoriais próprias, formalizadas por lei e com políticas próprias. Ex. os caribes de Dominica, os quais são os menos representados na internet, isto segundo Forte se deve provavelmente a situação econômica das populações, o qual restringe seu acesso às TICs. As representações naqueles casos em que acontecem, são o resultado dos esforços independentes de terceiros, e não de membros dessas populações, situadas fora. Aqui existem algumas formas de representação dos caribe *on line*: o Sitio da ONG alemã , *Kalinago* onde se descreve “19 partidos dedicados à preservação da cultura e conhecimento tradicional dos últimos restos dos povos indígenas caribenhos.”

-Outra situação é daqueles grupos que têm sido recentemente reorganizados, como a comunidade caribe de Trinidad, a qual não tem uma base territorial autônoma e separada, e se tem construído sobre bases comunais previas e conseguido certo reconhecimento estadual. Estes membros da comunidade caribe de Santa Rosa em Trinidad carecem de todo acesso independente a Internet, porém, existe uma presença online num sitio independente de turismo cultural, chamado *Camino Ameríndio*.

- A última situação inclui aos muitos grupos *taino* assentados entre porto-riquenhos nos Estados Unidos. Eles estão empenhados na luta pelo reconhecimento, não só de sua organização, mas ademais como *tainos*, pois a maioria acha que eles foram extintos. Eles têm seus próprios *webmasters* e direta relação sobre o que eles falam. Os exemplos mais importantes de *sites* de esta categoria são os da *Nação Tribal Taino Jatibonicu e Biarakatu*.

- TICS e jovens indígenas na Argentina. . Projeto feito em Buenos Aires, pelo Serviço Universitário Mundial, com o financiamento do Instituto de Conectividade das Américas do Canadá, organismo que depende do governo de esse país. O projeto surgiu deles, com a idéia de colaborar na extensão da conectividade para os povos indígenas do continente. *Lof Digital* (“*lof*” em mapuche – o mapudungvn-significa comunidade) é um site feito pelos próprios

mapuches, ademais de incluir um curso de capacitação em Novas Tecnologias para integrantes de distintas comunidades indígenas, que já se encontra em pleno funcionamento, com alunos de todas as idades. Segundo a sua implementadora Leonor Slavsky, este “pretende mostrar que tem existido distintas formas de comunicação ao longo do tempo: a oral, as pinturas rupestres, a apropriação da escrita e agora a apropriação da web, que é um suporte distinto para mostrar sua cultura” Disponível em: [www.aulaintercultural.org](http://www.aulaintercultural.org) Acesso em: 5/07/2008

*-Chiapas Indígenas produtores de vídeo em maia.* Sem dúvida o Movimento Zapatista é o pioneiro no uso de Internet, que demonstrou a importância das TICs como recursos na estratégia de luta por seus direitos. Na região de Chiapas, tem acontecido uma convergência de projetos como é o caso do uso do vídeo por eles mesmos. Pelo menos 30 videastas zapatistas já foram formados pelo projeto *Meios de Comunicação Comunitária (Chiapas Media Project)* e produzem regularmente um promédio de 15 vídeos por ano sobre as comunidades. “Eles já não dependem da mídia para contar a própria historia” relata a norte-americana Alexandra Halkin, produtora de vídeos de Chicago, que deu pontapé inicial ao projeto.

## 2.5. A Educação na Sociedade da Informação.

O processo de educação tradicional de transmissão unidirecional de informações entre professor e alunos, tem vindo sendo abalado após o amplo desenvolvimento das TICs, as quais possibilitaram novas formas de acesso, interação e uso de conteúdos por parte dos alunos, os quais adquiriram uma maior liberdade no âmbito da pesquisa, amplitude de conhecimentos e opção de criar novos problemas ou informações.

Instâncias internacionais nos têm indicado o ideal da educação no terceiro milênio, em face às novas metodologias de ensino e as TICs.

Segundo a UNESCO (2004) uma educação de qualidade persegue dois objetivos: o *desenvolvimento cognitivo do sujeito e o desenvolvimento de atitudes e valores relacionados com a conduta cívica, assim como na criação de condições próprias para o desenvolvimento afetivo e criativo.* Nesta visão os alunos têm a potencialidade de desenvolver um pensamento e reflexão, que a educação tem de motivar ou estimular. O estudante como resultado do anterior poderá efetivar logo a sua capacidade de ser autônomo, crítico e questionador frente ao ensino, fazendo-o mais um agente independente e dinâmico sobre o conhecimento que

recebe desde seus maestros ou por outras vias de aprendizado.

Segundo o *Relatório Delors*, elaborado pela Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, comissão ligada à UNESCO e presidida por Jaques Delors, quatro são os pilares da nova abordagem educacional trans-disciplinar: *1. aprender a conhecer; 2. aprender a fazer; 3. aprender a viver juntos; 4. aprender a ser*. Nesta última visão, a educação pretende desenvolver no indivíduo diversos aprendizados, que não apontam à recepção passiva de conteúdos, mas o desenvolvimento de inquietudes, como o interesse de pesquisa (aprender a conhecer), invenção ou construção de novos conhecimentos, o respeito pela diversidade cultural, e ser cada vez mais pessoa, isto é, uma formação integral do ser humano, não só no aspecto intelectual.

No processo de transição de uma sociedade industrial para uma sociedade informacional, as instituições educativas (Escolas, Universidades, Bibliotecas, etc) vivem um período de “crise” e incerteza, sobre o papel que têm desempenhado na formação acadêmica dos futuros profissionais.

Diante de uma explosão bibliográfica apoiada pelo impacto a sua vez do computador na escola e as possibilidades da Internet; diante as experiências que vem desenvolvendo os países desenvolvidos nos seus centros de educação, tentando tornar aprendizes ao longo da vida; e diante os reforços que os países em desenvolvimento estão fazendo para não ficar atrás do cambio tecnológico. (PALMA, 1997, p.65).

Argumentos pessimistas indicam que estamos em caminho para uma sociedade da exclusão (econômica, cultural, etc); que indicam que os parâmetros educacionais da sociedade industrial, vão ser difíceis de modificar, mantendo uma apatia por parte do aluno na sua mudança de seu aprendizado.

Segundo PEREZ TORNERO (2000, p.78) os pilares do sistema escolar tradicional estão sendo derrubados porque:

1. A escola não é mais a única depositária do saber.
2. As escolas não são mais espaços privilegiados de transmissão da educação.
3. A escola é, talvez, a instituição mais eficaz para o ensino da leitura e da escrita, mas tem se mostrado ineficiente na promoção da nova alfabetização da sociedade da informação.
4. Nesse contexto, os professores já não são mais considerados os mestres que detêm todas as habilidades e o conhecimento;
5. As escolas não são mais as únicas instituições que dispõem de instrumentos para a produção e a sistematização do saber. Suas bibliotecas, sua tecnologia, em geral estão ou desfasadas ou obsoletas.
6. A escola tem se afastado da realidade.
7. A escola está perdendo a força e o poder que o sistema social tradicional sempre lhe conferiu. Essa realidade é consequência do pouco valor que esses poderes lhe atribuem hoje.

Em face à explosão de meios informativos, o estudante deve desenvolver a capacidade de

selecionar, criticar e organizar as informações que receba. A escola constituiria na atualidade só outra fonte de informação, a qual pode desempenhar um papel chave, se assume o papel de orientar nesse amplo universo de informações, que existe principalmente no *espaço virtual*.

Como afirmam SUAIDEN e OLIVEIRA (2006 p.98-99):

Hoje o maior desafio da educação é dotar aos alunos de informações que transcendam os conteúdos das disciplinas e da realidade escolar, que possam ser aplicados a situações muito diversas do contexto específico em que foram aprendidos. É essencial passar aos estudantes a necessidade de aprender a aprender, os seja, conscientizá-los de que aprendam formas de operar com a informação recebida até que alcancem um grau de autonomia, de aprendizagem suficiente para que se adaptem às contingências do meio em que vivem. Ter em conta que o período de aprendizagem se estende pela vida toda e cada tipo de conhecimento adquirido invade o âmbito dos demais e os enriquece.

O processo de ensino-aprendizado, onde o professor tinha o monopólio do saber especializado, sendo mais um fornecedor de informações, que limitava a inquietude do aluno por outras fontes de informações; ante o impacto das TICs, principalmente das redes digitais, com diversos tipos de conteúdos, causaram uma ruptura no processo de interação do aprendizado e ensino aluno-professor. A escola deixou de ser ao único espaço de saber, ou recepção de informações, novos espaços ganharam este desafio, como são as Bibliotecas com seus recursos tecnológicos, os telecentros, etc.

Contudo, como salienta SUAIDEN (2006, p.99) “não há que confundir as ferramentas, como o computador, que são só meros meios, instrumento ou recursos; o importante são os conhecimentos, que podem ser modelados pelas estratégias cognitivas dos usuários, que ajudaram na tomada de decisões e a solução de problemas”.

A capacidade de identificar, para cada situação, a melhor solução, assim como a motivação que promove o interesse por aprender ao logo da vida, e a autoconfiança nas próprias habilidades, não virá das ferramentas e sim das capacidades, dos *mediadores do conhecimento*, de realizarem com sucesso suas tarefas. O objetivo final é possibilitar o desenvolvimento e autonomia intelectual dos aprendizes, utilizando as tecnologias de informação e comunicação como instrumentos para seu crescimento pessoal e coletivo, contribuindo para o avanço do ensino, e ampliando a Sociedade de informação no Brasil.(SUAIDEN e OLIVEIRA, 2006, p.99)

Assim o *mediador de informação* provoca uma mudança no tradicional papel do profissional de informação de ser um orientador ou guia nos recursos informativos. Agora ele tem de procurar desenvolver ou estimular no usuário a capacidade/competência de ser autônomo, crítico e seletivo nas informações recuperadas, visando ademais a que seja um criador ou autor de novas informações. A impressionante quantidade de informações em diversos suportes, causado pelo fenômeno da convergência tecnológica, da integração das mídias, obrigam ao profissional da informação, estar ao dia do que se produz para poder ser um mediador destas informações para o seu usuário.

### 2.5.1. A nova pedagogia, a *mediação informacional*.

A recepção passiva de informações, no modelo tradicional de ensino-aprendizado, demonstrou no tempo, a incapacidade de criar no aluno a inquietude por aprender por outras vias, continuar seu aprendizado fora de sala de aula. O estudante só participou como receptor de informações, sem questionar-se sobre os conteúdos recebidos. Desde o fenômeno de explosão de informação, novas fontes surgiram, as TICs vieram a ampliar os meios, e permitiram um melhor manejo dos conteúdos.

Novos espaços surgiram para a recepção de informações, ante esta situação se demandou do pessoal acadêmico, ter em conta esta realidade, que passava a modificar seu tradicional papel no ensino.

As bibliotecas instâncias passivas, que só pretendiam ser um meio de “apoio” nas atividades do professor, desde o surgimento das TICs, passaram a incorporar no seu estoque, instrumentos como computadores, redes, fontes de informação virtuais, as quais possibilitaram que os estudantes tivessem acesso a fontes on-line, que não se encontravam na unidade. Tanto o trabalho docente como o papel do bibliotecário se poderia indicar tiveram um impacto, passando a questionar-se as funções de ensino-treinamento no uso de fontes de informação.

Um novo paradigma se tem estabelecido na educação que pretende mudar os processos tradicionais de ensino, a *alfabetização Informacional* ou *information literacy*<sup>16</sup>. O objetivo da *alfabetização em informação* é de acordo a SUAIDEN e OLIVEIRA (2006, p.102.):

criar aprendizes ao longo da vida, pessoa capazes de encontrar, de analisar e de usar a informação para resolver problemas ou tomar decisões. Quer a informação venha de um computador, de um livro, de um filme, de uma conversa ou de qualquer outra fonte; é inerente ao seu conceito a capacidade de examinar e de compreender o conteúdo

Pessoas alfabetizadas em informação são aquelas que “aprendem como aprender”, ou seja, elas sabem como o conhecimento é organizado, onde encontrar a informação e como utilizá-la de modo eficiente. As TICs são capazes de ampliar o poder cognitivo do ser humano e de possibilitar a mixagem complexas e cooperativas de conhecimento.

A *mediação de informação* constitui um novo paradigma no ensino/aprendizado em ambientes informacionais, poderia definir-se:

como um processo de interface de tecnologia, conteúdos e sujeitos sociais (usuário) na identificação da

<sup>16</sup> Recomenda-se ver definição de I.L.. no Apêndice .

sua necessidade, das fontes, de seleção e de busca de informação, do uso de novas das tecnologias e da construção de conhecimento em um contexto socioeconômico e cultural adequado à realidade de determinado cidadão, de determinada comunidade, a partir de experiências e do momento histórico, capazes de satisfazer necessidades informacionais e de gerar patamares de conhecimento. (SUAIDEN e OLIVEIRA, 2006, p.103)

Os antecedentes históricos desta nova forma de educação estão no pensamento do psicólogo-educador Feuerstein, quem desenvolveu a teoria da “*aprendizagem mediada*”, ele pretendeu explicar como a interação humana impulsiona a estrutura cognitiva e a capacidade humana para a modificabilidade. Basicamente este científico criou dois conceitos, a Experiência de Aprendizagem Mediada - EAM o qual se fundamenta na *Teoria da Modificabilidade Cognitiva Estrutural* - TMCE.

Segundo VARELA (2006, p.22):

a EAM constitui uma interação do organismo humano com o mundo à qual se interpõe um *mediador* que, intencionalmente, seleciona os estímulos, organiza-os, reordena-os, agrupa-os e os estrutura. Ao mediador cabe a organização das situações de aprendizagem, a criação de condições para que o mediado aprenda a aprender, desenvolvendo situações de aprendizagem diferenciadas, estimulando a articulação entre saberes e competências. Reafirma-se, assim, a aprendizagem como processo interativo-mediado e mediador como aprendizes. Tem-se, dessa maneira, o processo de desenvolvimento de habilidades mediante a trajetória cognitiva de apreensão da informação/construção do conhecimento. Com base na razão dialética, dá-se a transformação fundamental do conhecimento-estado em conhecimento-processo.

## 2.5.2. As alfabetizações e a Leitura nos entornos digitais.

O conceito *alfabetização* tradicionalmente se tem vinculado ao contexto histórico, econômico, cultural e social que envolve ao indivíduo. Na sua origem, o termo se tem associado às competências lecto-escritoras próprias de uma sociedade escassamente tecnológica.

Na atualidade segundo VIÑAO FRAGO (apud CERVERÓ, 2006, p.33) podemos falar de alfabetizações e analfabetismo em plural, de acordo com as capacidades de cada indivíduo para relacionarem-se com a informação em diversos códigos, linguagens e contextos, incluindo também a leitura e a escrita, em todas as suas formas e modalidades.

### 2.5.2.1 A Leitura no entorno digital.

A *leitura* é uma habilidade humana, a qual tem evoluído de acordo aos graus da capacidade cognitiva do homem que foi criando diversos tipos de códigos/sinais para comunicar e registrar seu conhecimento e pela invenção de novos formatos onde se passou a registrar aqueles dados que logo seriam comunicados ou lidos, como símbolo de permanência no tempo. Apesar dos avanços tecnológicos, a *leitura* é um ato intelectual que não tem sido derrubado, estando muito ligado à informação e comunicação.

Na Sociedade da Informação a leitura adquiriu uma nova dimensão, ler se converte em um ato complexo que não se limita ao livro, há que dotar de capacidades ao leitor para poder aceder a diferentes tipos de leitura, em diferentes suportes, desenvolvendo a capacidade para discriminar, interpretar, valorar e transformar a informação em conhecimento. (CERVERÓ, 2006, p.37).

A leitura se encontra em pleno processo de transformação, tanto na sua dimensão epistemológica como na própria práxis. A leitura se converte em *metaleitura* (BAZIN apud CERVERÓ, 2006, p.37), um tipo de leitura transversal, polimórfica e ativa, que opõe e complementa textos, imagens, sons e redes virtuais. A competência em *metaleitura* dependera da capacidade da pessoa para aceder, selecionar, priorizar e processar a informação. O desenvolvimento destas capacidades é transcendental, pois nos vai permitir desenvolvermos na sociedade do conhecimento ao longo da vida. É axiomático afirmar que a Escola representa um fator chave na aprendizagem da leitura e na aquisição e consolidação da competência leitora.

2.5.3. As Tecnologias da Informação e Comunicação e o acesso ao saber através do aprendizado/adestramento tecnológico.

As TICs são instrumentos de acesso, armazenamento, difusão de informações, as quais podem incorporar som, imagem, movimento. Contudo, seu uso à diferença dos *mass-mídia*, implica habilidades que vão além do uso repetitivo de procedimentos, dada a quantidade de informações fornecidas pelas redes, o usuário deve estar capacitado para lidar com elas, desde o ponto de vista da sua seleção e aplicação para a solução dos seus problemas.

A existência de elementos de hardware/software, como banco de dados, redes eletrônicas, multimídia, programas aplicativos, são instrumentos potenciais que atuam sobre a informação, mas é o usuário quem através do processo cognitivo, vai determinar e decidir que informação é relevante para seu trabalho.

A importância dada às tecnologias, neste tempo reflete a busca de soluções a problemas, que outros discursos não conseguiram superar, isto é, a do discurso religioso, a do discurso político e do discurso científico. Assistimos a uma tripla crise, pois nem Deus, nem o poder político, nem os cientistas conseguiram solucionar os graves problemas da humanidade. (OLIVIER, 2002) Hoje as esperanças estão em parte na *solução tecnológica*, desse modo os computadores, as redes a Internet são consideradas como respostas às questões de formação, de emprego, da democracia, de progresso.



Porém, já passado um tempo as tecnologias não têm proposto ainda soluções reais aos problemas da *sociedade individual de massa*. O conhecimento associado à tecnologia ainda não consegue dar resposta às inquietações da humanidade. O anterior pode ser pela visão determinista da tecnologia, que levam a seu uso sem nenhum tipo questionamento (OLIVIER, 2002, p.48). Contudo, o *movimento da inclusão digital*, está fazendo frente a esta “situação determinista”, como o demonstra os casos acima citados do Brasil e América Latina.

Os usos inovadores que estão acontecendo, fazem acreditar que as tecnologias não podem determinar o futuro do seu uso. Isto fica demonstrado também no movimento do software livre, que motiva a criação e ou desenvolvimento de programas, que antes eram considerados como programas de acesso restringido as suas fontes. Hoje isso está sendo derrubado, pois os usuários estão passando a criar aplicativos, a atuar sobre a tecnologia, fazendo uso dela, apropriando-se destas ferramentas de uma forma criativa e inovadora.

As aplicações da tecnologia na educação implicaram uma mudança no tradicional sistema de interação entre professor e aluno. O ambiente virtual, embora, ofereça melhores estratégias de construção de saberes, não desenvolve as capacidades de reflexão crítica do estudante, pois só considera a transmissão de informações. Assim existe o desafio de repensar o uso da tecnologia no campo educativo, no aprendizado/adestramento, área chave que pode contribuir em parte ao desenvolvimento.

O desenvolvimento da capacidade crítica, questionadora, seletiva, criativa, pode acontecer com a prática tanto no uso/acesso às TICs, como através do desenvolvimento da principal habilidade que apesar dos avanços tecnológicos, ainda continua a existir, isto é, a Leitura. Esta tem um papel chave, pois permite a aquisição de novas informações que vão permitir a capacidade de comparação, de imaginação, da memória e de projeção a futuro.

Segundo OLIVIER (2002, p.53)

As redes podem ser úteis ao aprendizado de busca de informações do ponto de vista metodológico (tenho consciência que, diante de uma situação, diante de qualquer problema, devo procurar uma solução idônea, a partir das informações que vou recolher tratar e transformar), mas também do ponto de vista do procedimento (aprendo que, para encontrar na Internet informações sobre um tema específico, devo utilizar tal programa, formular minha pergunta com operadores *booleanos*, dar uma determinada combinação de toques no teclado etc.).

Os dois níveis metodológico/procedimentos estão ligados para a busca de informações. Contudo, elas não são a resposta para o acesso ao saber. Segundo o autor acima citado, “há que ter em conta que as redes têm seus limites e isso acontece com o *hipertexto* e a leitura na tela. O texto escrito, o audiovisual, as entrevistas de trabalho, de campo são insubstituíveis na construção do conhecimento”. (2002, p.54). Por tanto, é fundamental

continuar recorrendo a fontes diversificadas de informação, tanto mais quando os meios e as tecnologias, só constituem vias de acesso a uma ampla diversidade de informações.

As TICs têm a vantagem de fornecer informação instantânea através de redes, sendo a atualidade ou vigência a sua principal característica, porém, ainda existem fontes que não fazem parte desse meio eletrônico, a *convergência* ainda não conseguiu englobar a totalidade de suportes de todos os tempos. Os meios impressos, os mais tradicionais ainda continuaram a existir, em forma paralela, embora desde tempos se questione sua existência, se isto é uma garantia ou não, os usuários, leitores serão os que decidiram. Mas, é um fato que existem muitos a favor desta via de acesso ao conhecimento em papel.

Na atualidade as discussões e análises dos especialistas, estão não tanto no acesso/uso às TICs, o qual já se está conseguindo, sobretudo, pelo movimento nacional e internacional de inclusão digital, mas no desafio de formar cidadãos criativos, críticos e inovadores no uso das TICs e não serem meros receptores e repetidores de informações.

## 2.6. A Globalização e a Informação: os começos da sociedade em rede.

A *Globalização*<sup>17</sup> é um fenômeno histórico, econômico, social e cultural que sempre esteve associado à *Informação*, pois este processo implicou sempre algum tipo de troca ou intercâmbio de informações, acontecidos pelas influências e interações entre os diversos grupos humanos. Contudo, foi a partir do Renascimento, Iluminismo, e a Revolução Industrial que a globalização e a informação atingiram uma maior notoriedade e vinculação. A causa disto foi a invenção de técnicas, como foram os novos meios de transporte e aqueles de tratamento e difusão de informações. O século XX concentrou as principais invenções relacionadas ao processamento e veiculação de informação, como são os “*mass média*”, o surgimento da chamada *Indústria cultural*, e as novas tecnologias de informação e comunicação.

Assim, a informação e globalização, podem ser identificadas desde o começo da história humana, no momento em que o homem começou sua interação com outros em diferentes níveis, porém, foram as tecnologias que determinaram a intensidade das conexões e intercâmbios, surgindo a sociedade global ou interconectada.

---

<sup>17</sup> Recomenda-se ver uma definição padrão no Apêndice.

### 2.6.1. Visões acerca da globalização.

A globalização é um fenômeno histórico presente desde as origens da humanidade, contudo, foi a fins do século XX, que passou a ser definida e identificada, sendo estudada desde uma perspectiva interdisciplinar, principalmente no âmbito das ciências sociais, por sociólogos, antropólogos, cientistas políticos, que têm considerado este processo, em diferentes episódios históricos acontecidos no mundo.

A continuação se identificou diversas noções que podem constituir antecedentes ou os primórdios globalização.

Uns dos primeiros autores a considerar em certa forma este fenômeno foi Immanuel WALLERSTEIN (1974), sociólogo norte-americano, quem desenvolveu a categoria *Sistema Mundial* para compreender a evolução da divisão internacional do trabalho, sobretudo a partir do momento que a economia política européia, já internacionalizada pelo capitalismo mercantilista, transborda seu território, expandendo-se de maneira crescente e passa a ser progressivamente hegemônica em escala global.

Segundo RIBEIRO (2000, p.37) “há uma relação estreita entre a evolução do *sistema mundial* e a expansão capitalista, estando a economia política global cada vez mais contida nos marcos desse sistema, de forma tal que suas partes constitutivas se encontram igualmente cada vez mais integradas”.

Por outra parte, a noção de *compressão do tempo-espaco*, formulada pelo geógrafo inglês David HARVEY (1989), é altamente instrumental para entender o “encolhimento” provocado, sobretudo pelo desenvolvimento dos *sistemas de comunicação, transporte e informação* que, ao mesmo tempo, contribuíram para o aumento da percepção fragmentada do mundo ao colocarem à disposição do habitante da sociedade de massa uma incrível e inusitada quantidade de estímulos e informações.

Outro ponto de vista considera o *fator cultural*, para APPADURAI, Arjun (1990), o problema central de hoje é *a tensão entre homogeneização cultural e heterogeneidade cultural*. Cunha a idéia de *indigenização*, isto é, leituras locais do que vem de fora, uma forma de “influência” de uma cultura superior sobre outra, assim estabelece os *panoramas* para olhar a globalização: desde as finanças, da tecnologia, os processos migratórios e as ideologias. Estas dimensões fluem regularmente, mas existem rupturas e disjuntivas entre elas, o que vai construindo as paisagens.

Em cada uma destas aproximações a globalização, enfatiza algum tipo de influência,

desintegração e/ou interconexão entre culturas, contudo, a idéia de *mundo global* só recentemente tem sido desenvolvida, ao incorporar elementos das telecomunicações e informática, isto é, com o surgimento da Sociedade da informação.

Assim ORTIZ (1994, p.106) indica:

pela primeira vez na história... a idéia de um mundo-mundo se realiza com a globalização da terra. A velocidade das técnicas leva a uma unificação do espaço, fazendo com que os lugares se globalizem. Cada local, não importa onde se encontre, revela o mundo, já que os pontos desta malha abrangente são susceptíveis de intercomunicação. Neste sentido o mundo teria se tornado menor, mais denso, manifestando sua imanência em “todos os lugares”. O anterior se manifesta na desterritorialização da cultura, através dos “espaço fragmentados globais”, que o próprio processo produtivo foi espalhando em escala global, através de diversos fragmentos articulados

Por outra parte, surge o conceito de *trans-nacionalidade* ligado à modificação dos conceitos de *cidadania*, por causa da ação das políticas econômicas no mundo globalizado.

A questão central segundo RIBEIRO (2000, p.94) do *trans-nacionalismo*, é a relação entre territórios e os diferentes arranjos socioculturais e políticos que orientam as maneiras como as pessoas representam pertencimento a unidades socioculturais, políticas e econômicas. São precisamente as formas pelas quais nos integramos a esses guarda-chuvas simbólicos, que estão mudando rapidamente com a globalização.

As migrações internacionais por razões econômicas, é outro tema dentro da globalização. A noção de “*segmentação étnica do mercado de trabalho*” do antropólogo WOLF (1982) liga este fenômeno à expansão capitalista que re-localiza diferentes etnias de acordo aos interesses das potências econômicas. Segundo RIBEIRO (2000, p.39) “permite perceber que com o desenvolvimento capitalista a complexidade dos arranjos da segmentação étnica foi aumentando vertiginosamente criando sistemas inter-étnicos com alteridades múltiplas”.

Uma perspectiva sociológica, que tenta um análise global da sociedade influenciada pelo capitalismo, é fornecido por SKLAIR (1991), quem ao identificar a crise dos Estados – nação, desenvolve o conceito de *Sistema Global*. Este Sistema Global baseia-se nas *práticas transnacionais* (TNPs), as quais podem ser de três formas: econômicas, políticas e cultural-ideológicas. Assim, a *Corporação Transnacional* é o lugar das práticas econômicas transnacionais; a *Classe Capitalista Transnacional* é a principal representante das práticas transnacionais políticas e o lugar das práticas transnacionais cultural-ideológica pode ser encontrado na *Cultura-Ideologia dos Consumidores*. A Teoria do sistema Global baseado nas Práticas Transnacionais é um intento de escapar das limitações do estado centrista (*state-*

*centrism*).

Para finalizar, cabe indicar um dos autores que tem associado a globalização com o *desenvolvimento das redes eletrônica digitais*, sendo a principal representante da nova economia global. CASTELLS (1996), estabelece a noção de *Sociedade em Rede* produto do capitalismo. Para ele há uma articulação do sistema financeiro com a tecnologia em forma de rede, um tipo de capitalismo eletrônico informático. Ele, ainda, destaca o papel das mídias nos fluxos de poder, na questão política, econômica e cultural das nações.

Na atualidade diversos estudos sobre a Globalização se têm desenvolvido, desde o ponto de vista social, econômico, cultural ou político. Alguns autores indicam que a *nova globalização* causada pela confluência da economia neoliberal transnacional e as TICs, têm levado ao fim das soberanias dos estados nacionais ou do chamado estado-nação, sobretudo dos países em vias de desenvolvimento, por causa da trans-nacionalização da economia mundial que tem feito que as nações se façam dependentes umas de outras; por outro lado se tem o fim de muitas nações ou estados, o surgimento de novas fronteiras, e o aparecimento de conflitos de tipo racial-étnico desafiando suposto triunfo da globalização homogeneizante que não tem em conta as diferenças ou particularidades de outras culturas.

Acontece uma confluência, integração e interação entre diferentes nações, impondo-se pelos sistemas econômicos, culturais e políticos - ideológicas, em um mundo cada vez mais conectado pelas redes econômicas - eletrônicas, levando a um novo mapa do mundo, provocando também uma “alteração” nas fronteiras, sendo quase intangíveis, pois novas estruturas territoriais são formadas, através de alianças ou acordos (blocos) entre os povos. Contudo, acontece em nível mais micro, uma resposta por parte diversos *grupos sociais* que começam a organizar-se, comunicar-se e conhecer-se mutuamente para unir forças, em face a uma globalização homogeneizante/fragmentadora.

Segundo IANNI (1998, p.1).

Globalização rompe e recria o mapa do mundo, inaugurando outras estruturas e outras formas de socialibilidade, que se articulam e se impõem aos povos, tribos, nações e nacionalidades. Os territórios e as fronteiras, os regimes políticos e os estilos de vida, as culturas e as civilizações parecem mesclar-se, tencionar-se e dinamizar-se em outras modalidades, direções ou possibilidades. Trata-se de um novo “ciclo” da história, no qual se envolvem uns e outros, em todo o mundo. Ao lado de conceitos tais como “mercantilismo”, “colonialismo” e “imperialismo”, além de “nacionalismo” e “tribalismo”, o mundo moderno assiste à emergência do “globalismo” como nova e abrangente categoria histórica. O globalismo compreende relações, processos e estruturas de dominação e apropriação desenvolvendo-se em escala mundial. São relações, processos e estruturas polarizadas em termos de integração e acomodação, assim como de fragmentação e contradição, envolvendo sempre as condições e as possibilidades de soberania e hegemonia. Todas as realidades sociais, desde o indivíduo à coletividade, o povo, tribo, nação, assim como organização multilateral, partido político, sindicato, movimento social...passam a ser influenciados pelos movimentos e pelas configurações do globalismo e a

influenciá-los.

É assim que novas metáforas e conceitos surgem para interpretar a nova realidade: multinacional, aldeia global, nova ordem econômica mundial, mundo sem fronteiras, terra-pátria, fim da geografia e fim da história; sociedade informática; infovia e Internet; classes sociais transnacionais, globalização da questão social, cidadão do mundo e cosmopolitismo; globalização, globalismo, mundo sistêmico, capitalismo global, neoliberalismo, neonazismo, neo-socialismo, sociedade da informação, modernidade-mundo.

#### 2.6.2. A Modernidade/Post-Modernidade e sua influência na temática identitária.

Para MARTIN-BARBERO (1995) a identidade e a diversidade cultural são o resultado do debate que vem acontecendo desde o século passado, sobre o fim ou não da Modernidade.

Contudo, autores como HABERMAS (1998, p.117) não acreditam no fim deste processo, assim “considera que a tese da aparição da postmodernidade carece de fundamento. A estrutura do espírito da época não tem mudado (...). O que tem chegado a seu fim tem sido uma utopia concreta, que se cristalizou em torno ao potencial da sociedade do trabalho”

No nível Latino-americano, a Modernidade, tem sido mais vinculada a Modernização, termo do âmbito empresarial e político, usado mais como ideologia do desenvolvimento adotada pelas nações emergentes. Assim para o sociólogo, José Joaquin BRUNNER (1990, p.38):

a Modernidade na América Latina se realiza no descentramento das fontes de produção da cultura desde a comunidade aos “aparatos” especializados, na substituição das formas de vida elaboradas e transmitidas tradicionalmente por estilos de vida conformados desde o consumo, na secularização e internacionalização dos mundos simbólicos, na fragmentação das comunidades e sua conversão em públicos segmentados pelo mercado.

A Modernização no caso desta região, ainda está vinculada à cultura de massa, uma cultura democratizada pelo amplo acesso à educação, uma ampla participação do mercado em áreas do Estado e uma cultura de consumo, por sua especialização.

Segundo BRUNNER (1990, p.38) a modernidade entre nós resulta sendo “uma experiência compartilhada das diferenças, mas dentro de uma matriz comum fornecida pela escolarização, a comunicação televisiva, o consumo contínuo de informação e a necessidade de viver conectado na cidade dos signos”.

A experiência da Modernidade no que se incorporam as maiorias latino-americanas tem fortes componentes de uma premodernidade, assim como de uma postmodernidade de

contestação às tradicionais políticas culturais, ocupadas em procurar raízes e conservar autenticidades.

Segundo MARTIN-BARBERO (1995, p.29):

a Modernidade é postmoderna a seu modo, se realiza efetuando fortes deslocamentos sobre os compartimentos e exclusões que durante mais de um século instituíram aqueles, gerando hibridações entre o autóctone e o estrangeiro, o popular e o culto, o tradicional e o moderno. Categorias e demarcações todas elas incapazes de dar conta da trama que dinamiza o mundo cultural, do movimento de integração e diferenciação em que vivem nossas sociedades.

Na mesma linha de pensamento CANCLINI (1990, p.18), caracteriza a modernidade/modernização latino-americana .

A modernização realoca a arte e o folclore, o saber acadêmico e a cultura industrializada, sob condições relativamente semelhantes. Os trabalhos do artista e do artesão se aproximam, quando cada um experimenta que o ordem simbólico específico em que se nutria é redefinido pela lógica do mercado. Cada vez podem subtrair-se menos à informação e às iconografias modernas, ao desencantamento de seus mundos autocentrados e ao reencantamento que propicia a espetacularização dos meios.

As visões latino-americanas sobre o fim da modernidade, coincidem com os autores que questionam seu fim, como indica Barbero, “há uma postmodernidade... que vem para rearranjar as relações da modernidade com as tradições”.

“A postmodernidade consiste em assumir a heterogeneidade social como valor e interrogar-nos por a sua articulação como a ordem coletiva” (LECHNER 1988, p.30).

## 2.7. A identidade/diversidade cultural na era da globalização.

O objetivo deste sub-capítulo é apresentar a influência da globalização, fundamentalmente um fenômeno histórico-econômico, sobre a principal fonte de riqueza de fins do século XX e começo do XXI, a *Informação* e nos diversos atores sociais, representados pelas diversas identidades no seu interatuar no contexto digital/virtual de rede. A globalização tecnológica provocou que a informação mudasse de um simples registro impresso/gráfico para fontes midiáticas/eletrônicas/digitais e virtuais, causando à sua vez um impacto nos agentes (identidades) que fazem uso deste recurso estratégico.

A Era da Informação, cujas bases principais a constituem as tecnologias de informação e comunicação (TICs) provocou não só uma mudança para novos suportes (Vídeo, CD-ROM, DVD, arquivos eletrônicos, etc...), mas, sobretudo pela interconexão ou vinculação de registros de diferentes tipos de estoques, como bibliotecas, arquivos, centros de documentação ou museus, através de uma troca ou compartilhamento entre seus próprios recursos de informação. O anterior tem levado a constituir, o que se poderia denominar uma

grande *memória coletiva informacional*, que permite ao usuário saber o que existe em outras unidades.

Assim a “*revolução informacional*” das TICs levou a uma mudança tanto na forma de armazenamento, produção, conexão e difusão da informação, hoje em um ambiente online-virtual, através do *hipertexto*, da *web*, o *correio eletrônico*, é possível obter outro tipo de acesso/uso da informação; os textos impressos mudaram para os textos virtuais ou digitais; o contato entre especialistas através do *e-mail*, *salas de discussão*, *blogs* ou videoconferência lhes permite estar ao dia e a trocar informações para o desenvolvimento das suas pesquisas.

Por outra parte, a globalização com sua tendência homogeneizadora e universal, tem levado a uma série de outros fenômenos como o suposto fim das “fronteiras étnicas e políticas” das nações-estados, o aparecimento de novas formas de relacionar espaço e tempo, levando a uma mudança nos tradicionais níveis de integração (nacional, regional, estado) passando hoje o mundo em certa forma a constituir um novo espaço, difuso ou disseminado, como uma *malha* ou *rede*.

Tanto a globalização e o transnacionalismo (fenômeno associado) têm provocado não só um “encolhimento do mundo” e uma desterritorialização, mas também o questionamento e ressurgimento do assunto das *Identidades*. Novas identidades têm surgido, ou, mas bem tem renascido, através de uma heterogeneização contestária representada pelos *movimentos sociais* (de classe, gêneros, etnia.), os quais têm desenvolvido diferentes formas de luta, em contra das políticas imperialistas hegemônicas daquelas nações que pretendem impor suas regras econômicas, políticas e culturais, não aceitando, nem respeitando as particularidades/diferenças das nações que formam parte da sua estratégia globalizadora-integradora.

Nas dicotomias identidade/diversidade e homogeneização/heterogeneização, os interesses das potências mundiais, estão também refletidos, com o plano a hegemonia das suas próprias identidades culturais nacionais, ou através de políticas de assimilação, miscigenação ou hibridização. Aliás, a nova economia transnacional global tem como um dos seus focos, o aspecto cultural, as idiosincrasias e costumes de outros povos, que constituiriam fontes de riqueza ou lucro, fazendo uso de elementos nativos como folclore, artesanato, até a patentação de informações indígenas para o uso no exterior (produtos farmacêuticos), a chamada biopirataria.

Contudo, alguns *movimentos sociais* têm tomado consciência da situação desfavorável



e diferentes respostas são realizadas, desde a mesma organização de acordo aos seus próprios interesses até manifestações à escala global com protestas fazendo uso dos mass mídia e as redes globais como a Internet. A articulação destes grupos é outro aspecto relevante, fazendo uso da *Internet*, espaço virtual que tem servido como ferramenta de denuncia, protesto e informação à comunidade mundial. Uma espécie de *solidariedade global* tem surgido entre as diferentes minorias e o mundo. Além disso, a Internet é uma nova fonte de informação que permite dar a conhecer e recuperar o que eles são, seus objetivos, características, problemas, dificuldades e interesses. Isto provocou um “renascimento” deste tipo de identidades coletivas.

Apesar dos custos das TICs, estas têm demonstrado ser em parte um espaço “democrático”, no sentido de ainda existir a liberdade de poder manifestar-se livremente; apesar da questão do poder, com as alianças entre os grupos mais vulneráveis, nesta nova sociedade em rede, eles têm podido fazer ouvir sua voz. Hoje vivemos em uma economia interdependente planetária, o respeito ao médio ambiente, às minorias faz-se preciso para um equilíbrio, crescimento e desenvolvimento não só econômico, mas, sobretudo social e cultural a escala global.

### 2.7.1. As Identidades, seus sentidos e diferenças.

As identidades são um tema emergente de fins do século passado, a tradicional *teoria social* foi atingida por novos fenômenos de caráter fundamentalmente sociológico, econômico e histórico influenciando sobre antigas estruturas tradicionais como são os Estados-nação, as raças étnicas, as economias tradicionais, as organizações políticas, entre outras.

Acrescentando-se às *tradicionais identidades*, fossem estas individuais ou coletivas, como as identidades nacionais, étnicas, regionais, latino-americanas, de gênero, e de classe estão as *Identidades Relativas* surgidas pelo impacto das novas formas de comunicação que têm diminuído os espaços ou fronteiras entre os territórios.

Segundo HALL (2000, p.10-13) há três concepções básicas de Identidade:

a. Sujeito do Iluminismo; b. Sujeito sociológico ; c. Sujeito pós-moderno.

Cada uma das quais enfatiza diversos níveis de interação entre os indivíduos e o meio ambiente ; influenciando na sua situação os diversos acontecimentos históricos, que determinaram o seu papel de indivíduo na sociedade: um ser com uma liberdade ampla para decidir (Sujeito do Iluminismo); sua dependência do meio “para fazer história” (Sujeito sociológico) e, na época atual com a Globalização, provocando o deslocamento ou fragmentação/pluralização das identidades tanto quanto coletivas ou individuais. (Sujeito pós-

moderno).

Além dos diferentes enfoques das Identidades, como já se indicou está o fim da Modernidade, e o surgimento da chamada pós-modernidade em caminho da Hipermodernidade, nestas etapas as sociedades já não seriam homogêneas ou estruturadas rigidamente como no passado.

GIDDENS (1990, p.6) diz ao respeito, “à medida que áreas diferentes do globo são postas em interconexão uma com outras, ondas de transformação social atingem virtualmente toda a superfície da terra e a natureza das instituições modernas”.

Por outro lado HARVEY (1989, p.12) fala da pós-modernidade como um “processo sem fim de rupturas e fragmentações internas no seu próprio interior”.

Enquanto LACLAU (1990) introduz o conceito de “deslocamento”, nas sociedades atuais existiria “uma pluralidade de centros de poder”, éstas se acham constantemente “descentradas” ou deslocadas por forças fora de si mesma. As sociedades da modernidade tardia argumenta ele, são caracterizadas pela “diferença”, atravessadas por diferentes visões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes “posições de sujeito” - isto é, identidades- para os indivíduos. Se tais sociedades não se desintegram totalmente não é porque elas são unificadas, mas porque seus diferentes elementos estão conjuntamente articulados. Mas essa articulação é sempre parcial: a estrutura da identidade permanece aberta. Sem isso, argumenta Laclau, não existiria nenhuma história.

Portanto, o sujeito moderno estaria sendo atingido pelos seguintes fenômenos a descontinuidade, fragmentação, ruptura e o deslocamento produzindo uma variedade, mistura e renovação constante das identidades sejam estas coletivas ou individuais.

Assim as identidades podem ser diferenciadas desde um nível micro ou pessoal, que é com a qual nascemos (e que vai ser modificada no transcorrer histórico), e macro, a qual incorporaria formações histórico-sociais, como é uma região, nação, etnia (identidade nacional, identidade regional, identidade étnica).

As ciências sociais, incluídas a sociologia, antropologia, comunicação e ciências afins, como a mesma C.I. têm tido interesse em diversos graus no tema, sobretudo no que se refere à identidade nacional ou cultural. Uma das principais causas têm sido a chamada crise dos estados-nação, após o final da Guerra Fria, o fim do mundo bi-polar e o surgimento de uma nova ordem mundial, post-colonial como alguns autores têm denominado.

Uma das principais tipos de identidade é aquela do espaço físico territorial,

denominado *nação* ou país, a *Identidade Nacional*, vinculada ao “ser nacional”, que faz uso do seguinte sentido de identidade “(...) uma cultura partilhada, uma espécie de ‘ser verdadeiro e um’ coletivo, oculto sob os muitos outros ‘seres’ mais superficiais ou artificialmente impostos, que pessoas com ancestralidades e história em comum compartilham”. (HALL,1996,p.68). Esta visão faz uso de uma concepção unicista, essencialista, da identidade sem considerar possíveis conflitos e particularidades de origem.

Contudo, é em fins dos 60 que na Europa e logo nos Estados Unidos, surge um movimento que estuda e “reconhece” esta realidade semi-oculta, o “reconhecimento” da existência das minorias ou grupos culturais, desde mulheres, jovens, negros, imigrantes, homossexuais, indígenas, entre outros. Estes “novos” atores e movimentos sociais, como observa WOODWARD (2000) buscam afirmar a sua *identidade cultural* dos grupos marginalizados e oprimidos pela narrativa homogeneizante e hegemônica da “identidade nacional”.

Os teóricos destes movimentos identitários manifestam que a identidade só existe em relação com o *Outro*, o diferente. A identidade/diferença são interdependentes e produzidas em um mesmo processo, sem que uma venha primeiro que a outra. As Identidades, não são um fato consumado e representado pelas práticas culturais. Segundo HALL (1996, p.68) a identidade é “como uma ‘produção’ que nunca se completa, que está sempre em processo e é sempre constituída interna e não externamente à representação”. As identidades são, portanto, contingentes e carregam sempre o traço da diferença. Por ser um processo nunca completo é que HALL (1998, 2000) prefere utilizar o conceito de “identificação”, ao de identidade, para realçar o caráter de articulação provisória entre o Eu e o Outro.

Na relação estabelecida entre a Identidade e diferença, é de mútua dependência. O “eu” (a identidade) é mais forte do que o “outro” (a alteridade). Ambas são construções sociais e estão sujeitas a relações de poder. (BARBALHO, 2003, p.107).

Em consonância com a vertente teórica anterior, tem surgido uma corrente político-cultural, denominada de “nova política cultural da diferença” (WEST, 1995), entre suas principais características estão a quebra da homogeneidade cultural em benefício da multiplicidade e da heterogeneidade e a rejeição dos valores abstratos e universais em nome do específico, do concreto, do articular. Uma política cultural que historiciza, contextualiza, multiplica, orientada por valores contingentes, variáveis, provisórios, enfim, processuais. (BARBALHO, 2003, p.108).

Além do contexto político e cultural, o novo contexto econômico mundial, da sociedade de consumo, tem determinado também o surgimento de um novo tipo de identidade, “*as identidades de mercado*”, em uma sociedade cuja ordem, como aponta BAUDRILLARD (1995, p.23), é a da manipulação dos signos. Uma ordem que vive de e sob o abrigo dos signos, cuja prática “é sempre ambivalente, tem sempre como função esconjurar, no duplo sentido do termo: fazer surgir para captar por signos (as forças, o real, a felicidade, etc.) e evocar algo para negá-lo e recalcar”

A sociedade de consumo de BAUDRILLARD (apud MELO, 1988, p.101) é “o grande simulacro que define não só a forma dominante das práticas sociais contemporâneas, mas toda a sua *ratio*, ou seja, o pensamento do homem moderno e suas relações com o mundo, bem como as formas concretas dessas relações”

Assim, a economia neoliberal, faz uso de uma de suas principais ferramentas, o consumo, para a manipulação, constituindo também uma orientação nas práticas identitárias das minorias. Ser um *segmento ou nicho do mercado* poder ter um significado para as minorias, constituindo uma instância de dar a conhecer as suas necessidades principalmente de consumo; mas ao mesmo tempo é uma estratégia do discurso homogeneizante da globalização, para fazer acreditar que elas (as minorias) são consideradas nas suas necessidades. Assim, as minorias ou movimentos sociais estão face à uma realidade multifacetária, com discursos homogeneizantes e plurais, cada qual tentando identificar os interesses deste atores sociais.

A capacidade de resposta, independência e crítica, vai ficar clara no tipo de organização e contestação por parte destas identidades, como indica SODRE (2001) um dos aspectos destacados das minorias é a sua luta contra-hegemônica, para serem ouvidas pela maioria. As ferramentas usadas, vão demonstrar quanto autênticas e representativas são.

“*Minorias flutuantes*” um termo ligado ao espaço midiático, têm vindo a representar o espaço de “*atuação*” que estes grupos conseguiram nas mídias, mas que ao mesmo tempo significa uma manipulação, ser instrumentos de consumo, de venda, simples produtos de mercado. Como indica PAIVA (2001) flutuante significa volatilidade na ação, de um grupo específico no campo da luta contra-hegemonica.

No contexto da sociedade em rede, uma nova tendência da identidade, surgiu na década dos 80. Mas, rescentemente, foi desenvolvida, seu precursor foi o autor norte-americano REINHOLD (1993) com o seu livro “*The virtual community*” que tenta

estabelecer uma instância de *memória coletiva e identidade* em relação a uma determinada forma de conceber a chamada “*sociabilidade digital*”. Reinhold apresenta diversos temas, como a *comunicação mediada por computador*, incluída em um espaço público de discussão. Segundo ele, as relações sociais feitas através das comunidades virtuais, estão baseadas em um tipo de companheirismo, portanto, esta visão poderia ser considerada otimista, pois a troca de informações entre os participantes é como uma espécie de *dádiva* que reforça os laços de companheirismo dentro os grupos. (MARTINS, 2003)

### 2.7.2. Internet e as identidades.

A *Internet* modificou não só a forma de comunicação, ademais o corpo do ser humano se descorporeizou, fazendo um entrelaçamento deste com outros nos circuitos interligados virtuais. Estes passaram a ter uma nova conformação, que ultrapassou a dimensão corpórea do ser físico. No ciberespaço, a descorporeização e a desligação do ser humano, numa projeção além da dimensão temporal-espacial, significou um novo “eu” ou “nós”, paralelo à existência real.

A aplicação da tecnologia informática, nos diversos âmbitos da vida, sobretudo no campo social, de relacionamentos, de comportamento, tem levado a teóricos do ciberespaço a questionar as potencialidades deste avanço. Alguns acreditam que a comunicação interconectada pode fazer às pessoas mais conscientes de si mesmas, pois elas poderiam mudar de gênero e interpretar diferentes papéis simultaneamente; inclusive se pensa que para o 2015 a inteligência humana será substituída pelo computador.

Surge assim a seguinte pergunta *Cómo as identidades se manifestam nas comunidades virtuais e na comunicação por computador?*

As identidades tradicionais, como são as nacionais e étnicas, em face à virtualidade interconectada, têm passado a sofrer uma mudança radical, passando a existir uma nova realidade da identidade, a qual se poderiam denominar de *Identidades virtuais, eletrônicas ou digitais*.

Segundo STALLABRASS (1998, p.80) na comunicação por computador a identidade pode-se construir com parcimônia deliberação e fazendo em parte nosso o perfeito funcionamento da máquina.

Existem diversos pontos de vista sobre as possibilidades da computação aplicada aos seres humanos, os *extropicos*, um grupo que vêm à mente como um *software* independente de qualquer plataforma, que poderia existir sem perda alguma em outro *hardware* sempre que

acontecera a apropriada técnica de importação e exportação.

Independentemente de quem tenha a razão para STALLABRASS (1998, p.84) surge a pergunta: o que significa esta rejeição do corpo, a repugnância ante a “carne”, em parte segundo ele ao desejo de desprender-se de toda debilidade corporal e apropriar-se do progresso da máquina. Tal como a descreveu Robert X. Cringeley no seu livro *Accidental Empires* (1992) a cultura informática estadunidense teve seu origem no radicalismo político dos sessenta, que adotaria mais tarde uma fisionomia especialmente solipsista, compensando a recalcitrante realidade com a criação de um mundo virtual que fosse totalmente manipulável.

Na atualidade, para STALLABRASS (1998, p.85) falar de *identidade* é imaginar algo que se compartilha com um grupo de outros; assim as *comunidades da rede* são fundamentais ao referir-se às *identidades em linha*. A primeira comunidade virtual em surgir foi a que os usuários da rede e os proprietários de computadores criaram, quando se ajudavam uns a outros pelas complexidades da comunicação informática nos primeiros tempos. Estes tipos de comunidade dependem em boa medida da honestidade de seus membros, e o fator ético é chave na hora de participar neste tipo de comunidades. (RHEINGOLD apud STALLABRASS, 1998, p.85).

A sua vez, estas *comunidades virtuais* que são a componente base das *identidades incorpóreas eletrônicas*, nos leva a identificar dois tipos de identidades:

\* As lúdicas e plurais, podendo ser em parte fixas, e determinadas pelo usuário;

\*As identidades “comerciais”, estabelecidas nas redes informáticas, feitas apartir de atividades principalmente comerciais. Nas quais se fornecem informações como idade, classe, profissão, que vão desenhando um perfil, usado pelas empresas para desenvolver um tipo de consumidor. Estas identidades existem nos computadores das companhias, constituindo uma valiosa informação comercial e que a gente “controla” só inconscientemente através das suas decisões de compra. (STALLABRASS, 1998, p.88).

A natureza de ambas identidades são muito diferentes, devido ao tipo de controle feito pelo próprio usuário e os dados para identificação de cada uma delas.

Projeções futuras e o que tem acontecido até agora vão depender muito do caminho, controle e interesses dos usuários das redes informáticas, estes últimos deverão estar mais alertas sobre suas próprias informações na rede, pelo uso mercantilizavel destas, o que leva a uma certa invasão de privacidade e manipulação da pessoa humana, por entidades que só

visam o lucro.

Ambos tipos de identidades, têm em comum a virtualidade, a interconexão num espaço além do real, o aspecto instrumental e lúdico, só depende de quem fez ou criou estas identidades e do seu armazenamento e tempo, estabelecidos nas redes.

As novas fronteiras informáticas, a diferença da tradicional fronteira geográfica (independentemente da distância, da história comum, da partilha de um mesmo território), levaram a um descentramento do ser humano em relação aos núcleos culturais, estas “*comunas culturais da era da informação*” (Castells) são grupos de diversa natureza (religiosa, raciais, políticos, gênero) que estão se estruturando e funcionando a partir das redes de comunicação eletrônica que compõem a Internet. (RODRIGUES apud ALVARENGA, 2000, p.7).

#### 2.7.2.1. A nova territorialização da comunicação através da Internet.

O amplo desenvolvimento das redes de comunicação, em ambiente virtual na post-modernidade, significou a desterritorialização do espaço comunicacional das indústrias culturais, logo a chamada convergência causou uma confluência das diversas mídias, num espaço global que não considerou fronteiras tradicionais. A principal destas redes a Internet, constitui assim um “novo” espaço territorial, baseada na interação, deslocamento e difusão abrangente de conteúdo.

Conforme SILVA (1999, p.1):

a Internet possibilita uma comunicação reticular, um espaço público, um Fórum Híbrido em que o sujeito vive a possibilidade de ambivalência entre o local e o global, entre o eu e o anonimato, entre o eu e o outro do pseudônimo, entre a pertença e o desenraizamento, entre o reprodutor e o consumidor de conhecimento à escala global, entre a nacionalidade e o cosmopolitismo”. Este espaço é simultaneamente real e virtual (representacional), informação e contexto de integração, espaço (site) e tempo, que altera as próprias coordenadas espaço temporais a que estamos habituados (...) esta construção social compartilhada possibilita, em parte causa pelos laços e valores sócio-políticos, estéticos e éticos que tipificam este novo espaço antropológico

Além disso, o espaço virtual amplia as fontes de conhecimento, ao possibilitar ter acesso a um maior e variado tipo de suportes, agora não só existentes em meio suporte impresso, pois estes (a maioria) têm outra existência paralela on line. Como afirma SILVA (1999, p.1) “a Internet é um novo tipo de organização sócio-técnica que facilita a mobilidade no e do conhecimento, as trocas de saberes, a construção coletiva de sentido, em que a identidade sofre uma expansão do eu baseada na diluição da corporabilidade (Assistimos a uma aceleração do metabolismo social).”

Geram-se as chamadas *Comunidades Virtuais* (RHEINGOLD, 1996) que se sustentam na partilha intelectual e na convergência da pluralidade e riquezas dos conhecimentos que

emanam dos sujeitos. A Web é uma hiper-ementa de idéias que estão ao dispor dos indivíduos, pois estes têm a possibilidade de se aglutinarem em torno dessas idéias fazendo uso de outros serviços da rede como o *email* ou *grupos de discussão*. (SILVA1999, p.7-8) Portanto, a rede possibilita a geração de espaços de saberes, sua expansão, um tipo de tecnologia de inteligência (LEVY, 1994). Agora o conhecimento não só viria da Escola, como antes esteve na televisão/rádio, novas mídias acrescentam-se. Isto levaria a um processo intensivo de mediação dos conhecimentos através das mídias.

2.7.2.2. As novas denominações do território digital: Ciberespaco/Cibercultura e a geração de um espaço antropológico virtual.

A Internet veio a modificar as coordenadas do conceito de território. “Agora seriam os interesses comuns que determinariam a topologia das relações e não a geografia comum. Simultaneamente o sujeito está enraizado num lugar físico e suspenso na pluralidade de lugares que a navegação em rede lhe permite” (SILVA, 1999 p.5) Por outro lado no espaço físico como no espaço virtual existem lugares e não-lugares (AUGÈ, 1994, apud SILVA, 1999 p.5).

Como se constitui o *Espaço Antropológico* na rede?

existe esta dimensão, constituída pela transferência simbólica e relacional, através da virtualização, ou seja, os símbolos e os processos relacionais constituintes do espaço social são transferidos para o espaço de fluxos infocomunicacionais, a que se tem vindo a dar nome de espaço virtual. (SILVA, 1999, p.5).

Falar da Internet como um espaço antropológico implica considerar o “território é fruto da construção de sistemas de representação (...) enquanto espaço ou território de fluxos de informação e comunicação que geram representações partilhadas” (SILVA 1999 p.6)

- Ciberespaco/Cibercultura a expressão tecnológica da “identidade/diversidade cultural”.

Segundo LEVY (1998) o ciberespaço<sup>18</sup> representa um estágio avançado de auto-organização social, ainda que em desenvolvimento - a *inteligência coletiva*. Assim o ciberespaço seria um *Espaço de Saber*, em que o conhecimento é o fator determinante e a produção continua de subjetividade, a principal atividade econômica. O ciberespaço surge assim como o quarto espaço antropológico: o primeiro á terra; o segundo o território; o terceiro o mercado e o ciberespaço o último.

O ciberespaço por tanto, seria um “espaço” em que confluem distintas instâncias: espaço



comunicacional físico de interconexão de computadores (infra-estrutura mundial); universo oceânico de informações e os seres humanos que navegam e se alimentam nesse universo.

Quanto ao neologismo “*cibercultura*”, SILVA (2004.p.3) faz a seguinte reflexão:

refer se ao conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), práticas, atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. É no ciberespaço que se criam as comunidades virtuais, componentes da cibercultura, a partir de interesses comuns entre pessoas, com diversas formas de expressão Ex.: salas de chat. A partir disso, o termo ciberespaço pode também ser definido como o lócus virtual, criado pela junção das diferentes tecnologias de telecomunicação e telemática, em especial, mais não exclusivamente as suportadas por computador.

A ciberantropologia estuda o espaço eletrônico virtual, considerado como um espaço freqüentado por pessoas, a observação antro-po-análitica volta-se para a compreensão das peculiaridades dos grupos que se constituem no interior. Este análise pode ser a dois níveis interno e externo. O interno considera o ciberespaço como um “nível” da realidade substancialmente específico e diverso dos restantes, dentro do qual se desenvolvem fenômenos peculiares que devem ser abordados com um referencial teórico adequadamente desenvolvido ou adaptado.

O externo considera-o como mais um aspecto da cultura contemporânea estando nela inserido e confrontado a reflexão antropológica com o mesmo tipo de problema. (SILVA, 2004)

Assim na abordagem externa a *antropologia do ciberespaço*, considera o ciberespaço como mais um aspecto de outras realidades, enquanto abordagem interna tenta estabelecer uma *antropologia no ciberespaço* uma *ciberantropologia*. A pesquisa etnográfica em ambientes de sociabilidade virtual poderá contribuir para o enriquecimento da reflexão sobre as sociedades complexas, sendo um exemplo destas, o ciberespaço.

### 2.7.3. A nação como fonte de formação e identidade nacional.

#### 2.7.3.1. A formação da identidade nacional.

A nação é uma construção histórica, ligada à organização de grupos humanos, comunidades que compartilham interesses de vida e um projeto em comum. A sociedade tem baseado sua estrutura, através deste tipo de organização a qual tem como base o Estado Nacional. Para a formação de uma nação se precisam de vários elementos como: um corpo legislativo, uma vontade política, uma história em comum, uma língua, uma educação pública e uma religião.

Existem segundo SMITH (1994), três conceitos de nação, os quais podem coexistir

---

<sup>18</sup> Outra definição é fornecida ao final no Apêndice.

dentro dos estados nacionais.

O *Nacionalismo Cívico ou Civil*, de onde surge o conceito civil de nação, aqui todo indivíduo fica convertido *ipso facto* em cidadão, assumindo todos os direitos e deveres legais e políticos. Fora dessa categoria ficavam os estrangeiros que viviam além das fronteiras do estado nacional e os estrangeiros residentes. Dentre algumas das suas particularidades, a *nação* é considerada uma unidade territorial, uma comunidade política que reside em seu próprio território, que pertence à dita comunidade. O *estado nacional* é a salvaguarda da nação, consolida o espaço nacional e regula as vidas dos cidadãos dentro de sua jurisdição territorial, e existe a obrigação de impor uma cultura pública e uma “religião civil”. (SMITH, 1994, p.8-9) Esta concepção civilista da nação se arraiga muito no Ocidente, sobretudo na Europa, cujas diferenças étnicas e as comunidades minoritárias, mais ou menos têm sido integradas ou assimiladas. (WILLIAMS (1983) apud SMITH, 1994).

A situação anterior tem levado a outro tipo de nação, a *Nação étnica ou nacionalismo étnico*, o qual se baseia sobre as etnias preexistentes para a criação de uma nação. Elas baseiam seus interesses nacionalistas, na crença de uma genealogia comum, a qual pode levar até as origens da nação, da sua idiosincracia, a um suposto antepassado remoto; o objeto deste nacionalismo é toda a comunidade e não o cidadão como o membro individual da nação, como no caso anterior. É uma comunidade popular ou demótica, há ademais uma certa preocupação pela cultura popular (NAIRN (1977) apud SMITH 1994. p.11), o povo pode ser mobilizado através da cultura autóctone. Assuntos como a língua, a história, os costumes e tradições sofrem uma politização e passam a ser um instrumento de luta contra o opressor, vizinhos ou elites autóctones.

Desde o ressurgimento dos nacionalismos étnicos no Este da Europa e na antiga União soviética, existe um renovado interesse em contrastar as *concepções cívicas e étnicas da nação*.

Segundo SMITH (1994), o que se precisa é fazer mais clara nossa percepção dos nacionalismos isto é, adotar algum critério que nos ajude a distinguir as formas “saudáveis” e estáveis de nacionalismo das “patológicas” e perigosas.

Contudo, existe uma visão que tem pretendido em certa forma fazer uma fusão de ambas visões, a qual responde melhor às aspirações das etnias menores, é a chamada *visão pluralista da nação*. Aqui o estado nacional está composto de comunidades culturais diversas que se mantêm unidas graças à ação de uma cultura pública, mas conservando um grau considerável de autonomia institucional em áreas como educação, a vida cidadã, tempo livre,

seguridade social e imprensa, cultura e língua. As elites do estado e os representantes da cultura étnica dominante dão um marcado reconhecimento às culturas das etnias minoritárias e a sua contribuição à construção da vida nacional. (SMITH, 1994, p.18). Isto se tem dado, sobretudo nas sociedades de imigrantes.

O terceiro tipo de conceito de nação e seu *nacionalismo providencial* têm obtido terreno em algumas das sociedades mais antigas, especialmente aquelas com sucessivas oleadas de imigrantes Ex. Espanha, França e os Estados Unidos. O resultado tem sido uma identidade nacional “hibridizada” e “ambivalente” que deve estar definindo-se constantemente em função do outro: o minoritário, o imigrante, o colonizado, o subalterno. (SMITH, 1994, p.19)

Ao final cada uma destas visões sobre o que deve ser a nação, não tem resolvido o problema da tensão moderna entre Estados centralizados e as etnias revitalizadas, em muitos estados nacionais se podem comprovar a existência de ambas vertentes, tentando cada uma se impor à outra.

Assim a visão de HALL (2000) da identidade nacional como algo em constante mudança e não determinado historicamente-geograficamente, vem a abalar em parte as concepções de identidade nacional de Smith, pois para HALL (2000, p.48) as *identidades nacionais* não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformados no interior da representação. Desta forma a gente vem a ser parte de uma cultura nacional ou uma nação com o “poder (ou não) para gerar um sentimento de identidade e lealdade” (SCHWARZ, 1986, p.106).

No que num tempo foram a tribo, povo, feudo como símbolos de identificação e lealdade, hoje a tem a Cultura Nacional, representado pelo Estado-Nação atualmente passando por uma crise. As atuais nações se originaram pelo poder das narrativas e das imaginações que ajudaram a construir uma Identidade Nacional como uma “*comunidade imaginada*”.

As “nações” observou BHABHA (1990, p.1), “tais como as narrativas perdem suas origens nos mitos do tempo e efetivam plenamente seus horizontes apenas nos olhos da mente”. Assim os diferentes tipos de discursos da Cultura Nacional se perdem na origem dos tempos reinventando-se sempre com novas histórias e novos inventos.

As Culturas Nacionais estão constituídas por diferentes identidades agrupadas em um só sistema de representação, apresentado comumente como uma Nação. O anterior se produz por três princípios interdependentes: as memórias do passado, o desejo por viver em conjunto e a perpetuação da herança.

Não obstante o anterior, as Identidades Nacionais não são totalmente unificadas, pois estão conformados por diferentes identidades, classes sociais, grupos étnicos e de gênero, entre outras.

Segundo HALL (2000, p.62-65) as nações como sinônimos de culturas nacionais são híbridas culturais, que não podem subordinar todas as outras formas de diferença e não estão livres do jogo de poder, de divisões e contradições internas, de lealdades e de diferença sobre postas.

#### 2.7.3.2. A identidade “regional” latino-americana, antecedentes.

As origens dos países do continente americano levam acreditar na opção de uma integração ou cooperação entre as nações. O continente americano foi colonizado por metrópoles da Europa tendo culturas muito diferentes, a América do Sul foi descoberta pelos espanhóis e portugueses, o que se tem vindo a denominar na atualidade como América Latina.

O termo “*latino-americano*” expressa uma grande convergência de povos que apresentam uma problemática comum, “o ‘ser’ latino-americano que é basicamente um processo histórico-cultural passado, presente e futuro. É o contexto cultural, de grande potencialidade e de maior “destino” cosmopolita onde emerge e realidade essencial latino-americana”. (HERRERA, 1983, p.77).

A Identidade Latino-americana estaria reafirmada pelas regiões culturais que compartilham um passado em comum, tendo um patrimônio cultural histórico que as fronteiras não podem apagar, assim, por exemplo, há uma realidade transnacional do patrimônio histórico Maia e Andino. A identidade latino-americana contribuiria assim à integração, promoção e proteção desta herança e que está em continuo desenvolvimento, com os seus diversos produtos culturais.

Os laços comuns deste continente estão levando a um “*diálogo entre culturas*” passando a formar parte de um espaço global mundial, onde as integrações entre as nações afins estão formando um novo mapa com estruturas nacionais unidas por interesses comuns. Assim, América Latina tem passado a estar em contato com realidades de outros povos e continentes que também hão passado a constituir conjuntos territoriais afins.

Assim no contexto latino-americano identidade nacional há que vê-la:

como uma forma de autopercepção (...) em que cada habitante reconhece aos demais como membros da mesma comunidade e se vê como parte dela ao ser reconhecido pelos outros como tal. É algo que se desenha na complexa trama que relaciona região e nação, o próprio e o estrangeiro, o popular e o elitista, passado e presente e destino possível. A identidade nacional é essencialmente um discurso, suas unidades formativas são as imagens, os termos e palavras que recebemos na infância, na escola, nos

jornais, em todas as formas de comunicação. Os discursos sobre a identidade se configuram com símbolos, frases, mitos, estereótipos, noções vagas, imagens coletivas. As descrições dela são elementos na sua formação mesma. (MELO, 1989, p.28).

A identidade latinoamericana é uma auto-identificação que existe em geral nos seus habitantes para assinalar a região comum que compartilham nesta parte da América, que apesar do nacionalismos ter-se imposto como uma política organizativa, o fator de identidade regional manteve-se no tempo até agora.

Na América Latina a idéia de identidade nacional, começa desde tempos da Colônia, reafirmada por nacionalismos político setoriais, aonde o caudilhismo teve um papel importante, mas ao final as idéias libertárias de igualdade da Ilustração marcaram as diferenças entre as regiões e complexos culturais afins. Num primeiro instante surge a expressão “*pátria*” associada com o americano, em contraposição a América-Espanha. (MELO, 1989)

São os “criollos” os primeiros a desenvolver uma *consciência nacional*. Eles começam a pensar no problema étnico, surgem respostas de intelectuais de como “eliminar toda diferenciação étnica frente ao estado - emancipar os escravos e igualar aos índios com o resto da população”. (MELO, 1989). Propõem-se diferentes medidas por parte dos intelectuais para criar uma sociedade civilizada. Uma mestiçagem ou uma raça branca. Porém, a maioria da população se acha habitante de um mundo centrado em um *núcleo urbano*, vasalo, súdito do império espanhol e nas elites é onde surge uma forma de nacionalismo “americano”.

A Independência de alguns países constituiu o acontecimento histórico que vai afetar decisivamente os futuros nacionalismos, MELO (1989) oferece a seguinte indagação: *é possível conformar uma nação quando os direitos fundamentais correspondem a identidades e pertencas étnicas?* Bolívar ofereceu cedo uma formulação, na sua *Carta de Jamaica*: “não somos índios nem europeus, mas uma espécie média entre os legítimos proprietários do país e os usurpadores espanhóis; em suma, sendo nós americanos por nascimento e nossos direitos os de Europa, temos que disputar isto (..) e manter-nos nele contra a invasão dos invasores”. (BOLIVAR apud VELASCO, 1989, p.32 )

Mas o idealismo romântico de Bolívar não forneceu a solução. Só a linguagem da Revolução Francesa vai permitir o surgimento de uma ideologia nacional. Era preciso se deixar de ver como o ladrão, usurpador dos direitos índios. Assim a idéia de *cidadão* vai suplantar ao de índio, negro ou “criollo”, permitindo definir ao sujeito político a partir do Estado e não de particularidades culturais ou locais.

Durante este período a identidade nacional, está vinculada ao termo nação. Um discurso construído, um projeto de uma elite, a idéia é construir um Estado no qual se pode exercer um domínio político: “o que define o âmbito do nacional é extensão da divisão administrativa colonial, que se prolonga agora nas nascentes instituições do Estado” (MELO,1989, p.33),

Ao final a idéia de região como formadora de uma identidade nacional não avança “em nenhum caso foi possível manter unidas entidades que administrativamente estiveram desunidas durante a época colonial” (MELO 1989, p.33). Por exemplo, no América Central os intentos de conformar uma nação centroamericana fracassaram, assim como os de unificar a Argentina e Paraguai, Perú e Bolívia, Venezuela e Equador.

As primeiras Constituições às vezes nem sequer incluíam a idéia de nação. Elas falavam a nome de “os povos”, um termo cujo sentido podia incluir tanto a referencia às comunidades urbanas coloniais como uma alusão ao “povo” abstrato dos ideólogos políticos do liberalismo nascente. Mas o decisivo é o conceito de *cidadania*, que encobre e tenta de ocultar a supervivência de *questão étnica*.

Assim a conformação da nação na América Latina é um projeto político ligado à formação do Estado, a afirmação da nação passa pela justificação da sua existência. Por contraposição com a herança espanhola, que é condenada. Assim a influência da região na formação da América latina, se apóia em grupos étnicos regionais, o projeto democrático liberal que apóia a mestiçagem.

A pertença à comunidade latino-americana é destacada por José Maria Samper no seu *Ensayo sobre las revoluciones de los pueblos colombianos*. O “colombiano” do título se refer a todos os povos da América Latina. Não há esquecer que foi o colombiano José Maria Torres Caicedo que inventou o termo América Latina, para incluir dentro da comunidade ,da que era parte o Brasil e aos países colonizados por França.(apud MELO, 1989, p.?)

Assim a configuração nacional na América Latina em geral se caracteriza e reforça substancialmente por oposição a um “inimigo exterior”.

A chegada do século XX, com seu crescimento econômico e processo de urbanização, uma economia fordista dependentista dos Estados Unidos, novos pensamentos surgiram em torno à questão racial, nacional e de identidade. Muito do atraso é culpado à mestiçagem endêmica do continente. Para Fernando Gonzáles no seu livro *Los Negroides*, indica que a cultura hispano-americana é simuladora e a mestiçagem incompleta tem produzido só forma

de submissão. Só a mestiçagem completa tem sentido “só o homem futuro de América do Sul, mistura de todas as raças, pode ter consciência de todos os instintos humanos, a consciência universal. Será o homem completo. América do Sul será o berço do grande mulato” (apud MELO, 1989, p.?)

Durante o século XX vai surgir também uma *definição nacional de identidade de conteúdo popular*, na América Latina se vê afiançada pelas políticas educativas da República liberal, o surgimento da etnografia, do indigenismo. A modernização, a cultura de massas dos anos 40 e 50, com entidades como a escola, rádio, TV, a imprensa nacional, a publicidade, vai formando uma unidade viva e simbólica nacionalista. A cultura de massa altera a cultura popular, a divisão entre uma cultura de elite, muito europeu e exigente, e a cultura popular tradicional e folclore, ambos extremos são parte de um contínuo de consumo cultural. Contudo, *projetos culturais nacionalista*, não existem por causa de uma burguesia débil, de grupos dirigentes sem preparação e uma esquerda desunida.

Só uma intelectualidade da classe média, das universidades públicas, vai surgir algum pensamento, mas será manipulado e tergiversado pelos mass média.

Por conseguinte se poderiam indicar as seguintes características comuns na formação da identidade nacional latino-americana:

- a mestiçagem é o rasgo central da conformação nacional de cada país que conforma a região latino-americana, - em geral não existem forças centrífugas importantes, formas de separatismos étnicos, regional ou lingüístico, - Os elementos “empíricos” da identidade nacional são de baixa intensidade, não há um grande nacionalismo, não há culturas muito específicas, que nos diferencie de outros povos americanos. (MELO, 1989, p.45.)

2.7.4. Do Pluralismo cultural/ sociedade Multicultural á diversidade cultural, o novo paradigma no Estado-nação.

As nações modernas em geral se têm formado tendo em conta fatores como afinidades culturais, sociais, ao redor de fronteiras políticas, que têm levado a formar estados mono-étnicos na sua maioria. O Estado-nação constitui o estágio mais elevado de formação, as primeiras comunidades, têm tido diferentes nomes, Smith as denomina, *ethnic categories* e *ethnic communities*, cada uma com diversos graus de consciência de pertencerem a sua comunidade, a memória de um passado comum (*memory*).

A formação da identidade nacional tradicional, também pode considerar fatores de relaciones humanas, assim a comparação dos membros de uma comunidade com outros dos que tinham tido conhecimento, sobretudo grupos com mobilidade social (políticos,

comerciantes) e as relações de vizinhança imediata, levaram de a pouco a formação de identidades nacionais. Todo conhecimento, toda percepção do “outro”, do diferente levou á realidade de fronteira, uma recepção institucionalizada da diferença. Contudo, eram mais fortes os interesses políticos de soberanos e nobreza, assim num começo as fronteiras políticas tiveram mais importância que a fronteira da diferença étnica.

Durante o século XX o paradigma do Estado Nacional tem sido abalado, por dois fenômenos que têm vindo acontecer (QUIJADA, 1994, p.61-62), a reafirmação crescente de “nações” periféricas frente à “nação”, a qual se autovincula ao âmbito de projeção do Estado central. Por outro, a presença, também crescente da diversidade fornecida pela imigração de grupos humanos. Ambos são formas de heterogeneidade e estabelecem desafios, por suas particularidades, por exemplo, no tipo de relações verticais ou horizontais, aspectos culturais, grau de autonomia.

Dentro do contexto antes definido, o paradigma de “nação homogênea” está dando passo a um novo modelo o de *pluralismo cultural*. Há uma valorização do auto-reconhecimento dos Estados como entidades multinacionais, multiétnicas ou multiculturais.

Segundo ENZENBEGER (apud QUIJADA, 1994, p.65) a *sociedade multicultural* seguira sendo um tema confuso enquanto as dificuldades que o conceito tem, continuam considerando-se um tabú em lugar de ser esclarecedor. Dentre as dificuldades estariam:

- “*Da essencialização da homogeneidade à essencialização da diferença*”, a absolutização do pluralismo cultural pode levar a exacerbar a diferença, contribuindo à “etnização” forçada e artificial dos grupos humanos.

-*Até onde pode chegar os limites do pluralismo cultural?* De acordo a esta perspectiva a diversidade cultural não deve entrar em conflito com os direitos, integridade e dignidade humana; assim está o desafio da criação de uma versão universal dos direitos aceita por todos.

- O modelo de pluralismo cultural, implicitamente considera que todas as sociedades assomem a pluralidade da mesma forma, não considera que os contatos entre as diferentes etnias e culturas têm sido variados de uma sociedade a outra.

- Uma heterogeneidade universalizada pode levar a uma falta de consenso e coesão social, existindo um potencial foco de conflito. (QUIJADA, 1994, p.66-77)

Estes questionamentos refletem a preocupação feita por alguns estudiosos da Europa



no tema (pluralismo cultural), pois esta região tem sido um foco constante de atração para povos de outros espaços geográficos, pondo em “alerta” às nações europeias, ademais de constituir o espaço hegemônico (a sociedade ocidental) da qual tem emanado o conhecimento/saber para o mundo.

2.7.4.1. As novas “ideologias” pos-modernas da infodiversidade: *post-colonialismo, multiculturalismo, post-imperialismo e interculturalismo*.

Desde o fim do conflito entre as principais potências (Estados Unidos e URSS), e o triunfo de uma ideologia e sistema econômico a escala global ligado ao mercado e ao transnacionalismo, novas formas de resposta ou organização se têm criado, à chamada crise do socialismo ou opção alternativa de organização da sociedade. Efeitos resultantes do anterior tem sido o fim do Estado de Bem estar (*welfare state*) das economias de países fortes da Europa e o debilitamento das nações nas suas fronteiras.

Desde os países centrais ou nos blocos Ex. da União Europeia, se desenvolveram no âmbito acadêmico, diversas propostas teóricas, que pretendem fornecer uma solução, reconhecimento ou alternativa de inclusão aos grupos, denominados *minorias étnicas*. As origens destes discursos têm causado diversas opiniões e críticas, algumas a favor outras em contra, estas últimas por causa, dos supostos interesses das nações do chamado Primeiro Mundo, por manter sua influência e poder sobre as culturas minoritárias.

Um dos críticos a estas ideologias é Pierre BOURDIEU (2002, p.15), quem liga estas “soluções” ocidentais, ao chamado *imperialismo cultural*, e diz “que este repousa no poder de universalizar os particularismos associados a uma tradição histórica singular, tornando-os irreconhecíveis como tais”. Bourdieu (2002, p.16), califica os debates sobre “multiculturalismo”, imprecisos e inconsistentes, segundo ele, o termo na Europa, foi utilizado, sobretudo, para designar o pluralismo cultural na esfera cívica, enquanto nos Estados Unidos, ele remete às seqüelas perenes da exclusão dos negros e à crise da mitologia nacional do “sonho americano”, correlacionada ao crescimento generalizado das desigualdades no decorrer das últimas duas décadas.

Para BOURDIEU (2002, p.16) o multiculturalismo “tem como principal questão, não o reconhecimento das culturas marginalizadas pelos cânones acadêmicos, mas o acesso aos instrumentos de (re) produção das classes médias e superior - na primeira fila das quais figura a universidade - em um contexto de descompromisso maciço e multiforme do Estado”

Uma visão a mais a favor do multiculturalismo é a de o filósofo KYMLICKA (1996,

p.36), no seu livro “*Ciudadania multicultural: uma teoria liberal de los derechos a las minorias*” faz uma descrição das sociedades contemporâneas, em termos da sua formação cultural identitária. O multiculturalismo aqui é visto “derivado das *diferencias nacionales e étnicas*, sem ter em conta estilos de vida grupal, movimentos sociais e associações voluntárias que outros englobam dentro do âmbito multicultural”.

Para autores como RIBEIRO (2004, p.164) “a aceitação e incorporação acrítica de denominações como *cultural studies* e *post-colonialism* é problemática, pois muitas vezes vêm com categorizações que implicam uma essencialização ou uniformização do outro desde acima”.

No caso do post-colonialismo, este começou com “intelectuais étnicos”, abrindo espaço político e profissional para substituir a literatura da “*Commonwealth*” por um “novo objeto”. Contudo, no caso latino-americano, o post-colonialismo seria igual ao que o mesmo condena, um discurso externo sobre o *Outro* que chega por via de um poder metropolitano. (RIBEIRO 2004, p.165).

Respostas alternativas aos discursos anteriores sobre representação, recuperação e difusão das minorias, têm sido fornecido por discursos, alguns ainda ligados aos chamados centros de poder metropolitano do conhecimento hegemônico, são o Post-imperialismo e as Cosmopolíticas (RIBEIRO 2004). Contudo, a opção mais autêntica e realista da realidade latino-americana, é a da Inter-culturalidade. (CANCLINI, 2005)

O interculturalismo constitui principalmente um tipo de questionamento aos saberes hegemônico (eurocêntricos), pois “em *nuestra América* mais que hibridismos há que reconhecer que há pensamentos que aprenderam a viver *entre* lógicas distintas, a se mover *entre* diferentes códigos e, por isso, mais que multiculturalismo sinaliza para interculturalidades” (GONCALVES-PORTO, 2005, p.13.)

#### 2.7.5. A Ciência da Informação (C.I.) a Identidade/Diversidade Cultural.

A C.I. apesar de ser uma ciência com características interdisciplinares, desde o começo da sua formação não abordou temas relativos às minorias étnicas ou identidade/diversidade cultural, estes assuntos só foram estudados por disciplinas do âmbito das ciências sociais, como a Antropologia ou Sociologia.

O interesse ativo pela temática Identidade/Diversidade Cultural, só tem vindo a acontecer recentemente, em parte devido às influências de fatos acontecidos no campo

bibliotecológico, como é a criação de *bibliotecas indígenas* e por estudos dentro da mesma C.I., por parte de especialistas do âmbito das ciências sociais e humanas. A interdisciplinaridade neste âmbito, apesar de ter começado nos países do Norte, como os Estados Unidos, a fins dos 60, nunca atraíu o interesse principal dos pesquisadores em C.I., fato que pode ter determinado que temas relativos à diversidade e identidade cultural fossem considerados tardiamente.

Contudo, há exceções por parte do pessoal, vinculado diretamente a C.I., como são os bibliotecários e arquivista, os quais se têm dedicado a desenvolver serviços/produtos de informação, tendo em conta a diversidade de tipos de usuários; assim como estudos sobre as ferramentas de análise de informação (Tesauros), com um forte caráter etnocêntrico.

Há que salientar iniciativas, pesquisas e estudos, nos quais a C.I. tem tido em conta diretamente o assunto em questão:

- É o caso do *Projeto Programa Sociedade da Informação no Brasil - SocInfo*, com o Grupo de Trabalho multidisciplinar, denominado GT sobre *Conteúdo e Identidade Cultural*, em 1996, cuja finalidade substantiva era:

lançar os alicerces de um projeto estratégico, de amplitude nacional, para integrar e coordenar o desenvolvimento e a utilização de serviços avançados de computação, comunicação e informação, além de suas aplicações na sociedade, de forma a alavancar a pesquisa e a educação, bem como assegurar que a economia brasileira tenha condições de competir no mercado mundial. (MIRANDA, 2000. p. 78).

Por outro lado, há que destacar a pesquisa feita no âmbito da *infodiversidade*, a qual considera a *informação latino-americana*, uma fonte rica de conteúdos e formatos, que deve e precisa ser organizada, resgatada e difundida a escala mundial, dando conhecer seus conteúdos, através de produtos informativos com um valor agregado:

A *infodiversidade* compreende o respeito à pluralidade, o resgate da informação de cada localidade, a conservação, a disponibilidade e o livre acesso a essa informação. O conjunto de ações e funções que implica a infodiversidade permite a todo ser humano viver em um ambiente de pluralidade de pensamentos, tanto do passado como do presente, que lhe darão um equilíbrio na sua vida como indivíduo ou como parte de um grupo social; além disso, lhe forneceram elementos com o fim de conhecer os fatos desde o eu e desde o outro, para entender e aceitar plenamente a diversidade como valor universal e alcançar a unidade na diversidade. O comum e o diferente não se destroem, mas se complementam; em cada indivíduo a diversidade é uma fonte de energia social (MORALES, 2006, p.327)

Um signo mais da confluência, integração e trans-disciplinaridade é apresentada por CANCLINI no seu livro *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas de inter-culturalidade*, quem cita a Guillermo Bonfil e sua conferencia “*Desafios à antropologia na sociedade contemporânea*” (1991), quem faz um paralelo com o trabalho do profissional da informação ao dizer que:

a primeira tarefa desta disciplina [antropologia] é ‘*documentar o estado atual*’ das características que não correspondem a um modelo de sociedade moderna que está se implantando, resgatar pelo menos o testemunho de vida, das experiências humanas, de rostos culturais da humanidade, de projetos germinais, que são diferentes do projeto que se tem tratado de propôr como homogêneo e como hegemônico. (BONFIL, 1991, p.80).

#### 2.7.5.1. O papel da biblioteca e do profissional da informação na formação e recuperação da identidade / diversidade cultural.

As bibliotecas podem ser de diferentes tipos, universitárias, públicas, escolares, tendo como missão em comum a organização, processamento, resgate, e difusão da informação, para satisfazer as necessidades reais e potenciais de informação dos seus usuários. Contudo, só algumas têm uma finalidade mais social e cultural, como é o caso da *Biblioteca Pública*. Isto devido à realidade na qual está inserida, pois precisa cumprir uma série de funções que visam à formação integral do ser humano, para o seu desempenho adequado na sociedade.

A Biblioteca Pública contribui em grande parte ao desenvolvimento de uma nação, é a continuadora do trabalho feito na Biblioteca escolar, ao ampliar através dos seus recursos e serviços, o universo de possibilidades informativas. Seu papel educativo, de extensão, informação e referência, fazem da sua missão relevante para o progresso de uma comunidade. Ao ser esta última a razão de ser deste tipo de unidade, ela deve ter em conta diversos tipos usuários e suas variadas necessidades informativas.

No *Manifesto para as Bibliotecas Públicas* da UNESCO (1994) se estabelece que “a participação construtiva e a consolidação da democracia dependem da boa educação e de *um acesso livre e ilimitado ao conhecimento, ao pensamento, à cultura e à informação*”.

Assim o bibliotecário deve intervir na realidade a partir de uma clara definição de seu campo de ação, que prioritariamente deve ser *proporcionar e facilitar o acesso à informação*.

Seu desafio é:

fazer da informação um bem cultural ao alcance de todos e uma ferramenta indispensável de trabalho para que cada pessoa e país, e nele as múltiplas comunidades que o conformam, avancem com processos de desenvolvimento humano e social em caminho a uma consolidação da democracia, o estabelecimento de uma convivência pacífica, e a obtenção de uma maior produtividade, a equitativa distribuição da riqueza e o estabelecimento da justiça social. (VELÁSQUEZ, 2001, p.86).

O mundo tem uma série de problemas e desafios, provocados, sobretudo por fatores de índole econômico, que têm causado um desenvolvimento desigual. A modernidade nos levou a um progresso macro, sem considerar as peculiaridades, as tradições, as diferenças

culturais locais, nacionais e regionais. Assim a Biblioteca pública pode em grande medida contribuir para a solução deste problema, através de seus serviços e produtos de informação.

Uma modernidade desvinculada das peculiaridades culturais pode levar a uma nivelação progressiva das diferenças culturais, sociais... um projeto universalista de modernidade ameaça a identidade cultural dos diferentes Estados; pois se cortam com o mesmo padrão as diferentes etnias e fases de desenvolvimento cultural e se submete a cultura mesma, a uma modernização tecnológica científica (...) Os Estados do Pacto Andino devem aspirar a uma unidade que concilie ambos pólos, universalidade e particularidade, isto é, tradição e modernidade, razão e intuição, tal como se desprende da história que precede e segue a colonização. (BARLOEWEN, C. (1995)apud VELÁSQUEZ, 2001, p.88)

Por isso:

a promoção da leitura que assume a biblioteca pública contemporânea deveser orientada à formação e consolidação de leitores críticos, autônomos e universais. Os quais descobriram no ato da leitura a possibilidade de recriar-se, criar-se, construir-se, transformar-se e transformar seu entorno, pois um leitor íntegro e múltiplo terá acesso, não só à informação produzida pela humanidade no transcurso do tempo, mas também reconheceria sua própria informação, a gerada por a sua comunidade e terá acesso a ela de forma autônoma, sem intermediários, a compreenderá e o mais importante saberá que fazer com ela, guiado por um mandato único: o da sua própria consciência (BETANCUR (1996) apud VELÁSQUEZ, 2001,p.88)

A informação é o insumo principal, que pode levar a fazer surgir, manter, desenvolver, dar sentido às identidades e criar uma ligação social e cultural de um povo. Informações, por exemplo, da situação atual do país e acontecimentos principais que incidem nas relações internacionais ou de caráter mundial, mas também de circunstâncias específicas nas quais se desenvolve a organização social e econômica da comunidade na qual está inserido o usuário, podem fornecer informações chave para a formação da *identidade nacional*.

A informação verídica, precisa, oportuna e suficiente, é vital para a realização pessoal, a construção e o *desenvolvimento da identidade*, a convivência pacífica e a qualidade de vida cidadã. Assim diversas atividades podem ser feitas nas bibliotecas, como o *fomento e promoção da leitura, o resgate de informações locais, regionais e nacionais que dêem conta do fazer humano nos diferentes culturas e da própria, a difusão de informações sobre culturas extintas ou minoritárias, através de exposições, palestras, convite a especialistas, pode levar a uma tomada de consciência e valorização por parte dos usuários*.

Daí o desafio dos sistemas educativos e culturais de toda nação, para a criação de estratégias que possibilitem aos cidadãos a aquisição de conhecimentos e o estabelecimento de condições materiais para superar as limitações. Medidas no âmbito político precisam ser tomadas, para a criação de *políticas e sistemas de informação*, que considerem os interesses de região latino-americana e em particular de cada nação integrante desta região. Países

desenvolvidos já têm feito suas próprias políticas, inclusive considerando às nações do Terceiro Mundo, mas de acordo a seus próprios interesses.

Assim no âmbito latino-americano a função e uso da informação têm as seguintes prioridades:

Ensinar a respeitar a dignidade de todos os indivíduos, o exercício da soberania democrática, o funcionamento de uma democracia justa, a valorização e o desenvolvimento da identidade cultural, e o desenvolvimento de um pensamento crítico, a recoleção e preservação da informação produzida pelas culturas de tradição oral, tão numerosas em nossos países e a sua vez tão injusta e erroneamente menosprezadas e desatendidas. Culturalmente falando tem se a responsabilidade de proceder a salvar dito patrimônio, quiçás mais imenso do imaginado se temos presente que dos três mil idiomas falados hoje no mundo, unicamente 78 possuem uma literatura viva, fundada em algum dos 106 alfabetos criados ao longo da história. Em outras palavras centenas e centenas de línguas, empregadas atualmente em nosso planeta, carecem de escrita e sua comunicação é exclusivamente oral (GOYTOSOLO (2001) apud VELÁSQUEZ, 2001, p. 90).

*Até que ponto as Bibliotecas podem contribuir nos processos da identidade cultural?*

A responsabilidade que cabe a este tipo de instituição, transcende inclusive o tipo de unidade (pública, universitária, etc.) é preciso que esta considere a heterogeneidade/diversidade e constante mudança da informação, que acontece no seu ciclo de vida, a qual tem ido evoluindo e mudando através da história dos seus registros, mas cuja base ou origem, não se tem considerado. A origem da informação está no povo ou comunidade mesma, a qual tem tido diversos níveis de “desenvolvimento”, mas ao final refletindo culturas, com informações próprias, costumes, valores, conhecimentos ou saberes que se precisam recuperar e difundir para a formação de uma sociedade realmente informada e consciente do seu passado.

A identidade é a fonte de sentido e experiência para a gente, não conhecemos gente sem nome, nem línguas ou culturas na que não estabeleçam de alguma maneira distinções entre o eu e o outro. [...] O conhecimento de um mesmo - sempre uma construção apesar de que se considere um descobrimento - nunca é completamente separável das exigências de ser conhecido pelos outros de modos específicos (CALHOUN (1994) apud VELÁSQUEZ, 2001, p.94).

Daí que os bibliotecários, e o pessoal ligado ao trabalho com informação, devam assumir com maior consciência que nunca, as funções que lhes correspondem em face à *identidade cultural*.

com uma maior criatividade, se não existir as condições econômicas adequadas, deveram gestionar o surgimento das condições que permitam a suas comunidades participarem ativamente nos processos de criação, depuração, enriquecimento, conservação, transmissão e evolução da cultura local, regional e nacional, na que cada um se concebe, pois não pode haver identidade sem uma sólida vinculação do homem na sua própria cultura e no conhecimento da sua própria história. (VELÁSQUEZ, 2001, p.96).

### 3. METODOLOGIAS.

#### 3.1. O CAMPO DE PESQUISA-DELIMITAÇÃO.

A escolha de comunidades indígenas, especificamente as comunidades participantes do programa de inclusão digital no Brasil, como campo de pesquisa, se estruturou a partir dos contatos mantidos com estas organizações desde o tempo de Mestrado, no qual realizamos uma pesquisa orientada para a caracterização da documentação produzida pelos investigadores - especialistas não indígenas, (*“A informação indígena na América Latina e no Caribe”*). Desde aquele tempo tínhamos a inquietude de conhecer a realidade dos povos originários em relação às suas próprias criações artísticas e intelectuais. Com a possibilidade de fazer um doutorado na mesma linha indigenista e tendo tido contatos com alguns representantes indígenas através de uma lista de interesse/discussão indígena da Internet e na mesma FUNAI (Fundação Nacional Indígena) no Brasil, surgiu um novo tema de pesquisa, manifestado por estes últimos contatos, isto é, *o impacto as TICs nas populações indígenas, referido a seu uso e acesso de acordo a suas necessidades de informação.*

Posteriormente, em reuniões com o orientador, conhecemos o programa governamental de inclusão digital do Ministério das Comunicações (GESAC) iniciado no Brasil faz pouco tempo, o qual está considerando incluir agrupações, como escolas ou outro tipo de entidades indígenas, no acesso e uso das TICs. Esta nova realidade permitiu-nos enfocar mais ainda o campo de estudo, o qual em um começo se limitou aos chamados *pontos de presença* do GESAC (Governo Eletrônico-Programa de Inclusão digital do Brasil) ativos em comunidades indígenas, as quais consideram diversas etnias, de diversas regiões do Brasil.

Desta forma entramos em contato com o GESAC, para indagar sobre a temática de inclusão digital indígena e a ONG *Thydewas* e a rede *Indios on line*, os quais estão em algumas comunidades indígenas fazendo um trabalho de inclusão digital. A organização não governamental *Thydewas* e sua rede *Indios on line* desde aproximadamente o 2000 vem trabalhando na temática indígena e já tinha nesse tempo iniciado um trabalho tecnológico e cultural com algumas comunidades indígenas do Nordeste.

Em novembro de 2007, aconteceu um evento organizado pelo Ministério de Cultura, TEIA 2007, em Belo Horizonte, que pretendeu reunir, em nível nacional, diversas organizações/agrupações que trabalham na temática da cultura, de vários segmentos da sociedade civil, como os indígenas, camponeses, etc. Este evento permitiu tomar contato com

a rede *Indios on line* e ir já conhecendo alguns dos representantes das etnias que integram essa rede e sobre o papel do Ministério de Cultura que também tem um programa de inclusão digital, os *pontos de cultura* como eles denominam.

Depois destes contatos fizemos a delimitação do campo de estudo: a comunidade indígena Pankararus (Estado de Pernambuco), que é uma das mais destacadas no uso das TICs, participante da ONG *Indios on line*. Entramos em contato via email com o presidente da Rede *Indios on line*, da etnia Pankararu para planejar visita à comunidade, em dezembro de 2007, ocasião em que vários acontecimentos ocorreriam como a reunião geral dos representantes indígenas da Rede *Indios on line* e um cerimonial de um dos indígenas (Presidente do Ponto de Cultura Pankararu).

Ao falar com o presidente da *Thydewas*, (ONG da Rede *Indios on line*) soubemos da inauguração no mês de dezembro de uma rádio comunitária na etnia Kariri-xocó (o qual ao final não aconteceu) uma das etnias também integrantes da Rede *Indios on line*, e estando planejado que dois de seus representantes iriam para o Encontro inter-tribal na aldeia Pankararus, decidimos visitar esta comunidade do Estado de Alagoas. Assim tivemos a possibilidade de conhecer a realidade do seu telecentro, que também realiza atividades com seus jovens indígenas.

Conseqüentemente, o campo de pesquisa, ficou delimitado a duas comunidades indígenas da região Nordeste que participam na Rede *Indios on line* com o apoio do governo brasileiro através do GESAC do Ministério das Comunicações e o Ministério de Cultura. Estas comunidades são os Pankararus (Estado de Pernambuco) e Kariri-xocó (Estado de Alagoas).

A pesquisa de campo foi realizada entre os dias 6 e 30 de dezembro de 2007. Previamente fizemos contato via email e telefone, com o diretor da ONG *Thydewas* quem nos recebeu na cidade de Maceió, onde assistimos a uma palestra sobre *Linguística indígena* organizada pela Universidade Federal de Alagoas, na qual participaram alguns indígenas da etnia *Fulniô* e estudantes nesse campo. Pela tarde desse mesmo dia 7 de dezembro, fomos à aldeia indígena Kariri-xocó para contato com um dos seus representantes, encarregados do telecentro indígena, por eles denominado *Ciberoca*.

Na ida para a comunidade indígena Kariri-xocó tivemos contacto no ônibus com parte da sua comunidade que sempre viaja a Maceió; eram uns professores indígenas que vinham de volta de um curso organizado pela prefeitura sobre Educação indígena. Logo na chegada



na comunidade, fomos onde o *Pajé*, uns dos encarregados da comunidade, quem ofereceu tudo o apoio na pesquisa. Já a partir do 10 de dezembro segunda-feira começamos com os pré testes na comunidade indígena Kariri-xocó.

Realizamos um pré-teste nesta primeira comunidade indígena com 5 usuários do telecentro, jovens entre 13 e 35 anos aproximadamente.

### 3.2. ETAPAS E TÉCNICAS.

#### 3.2.1. ETAPA 1. PRIMEIROS CONTACTOS.

O primeiro contacto com a temática da inclusão digital indígena, isto é, comunidades indígenas que já iniciaram ou já têm experiência no uso/aceso às tecnologias, aconteceu no GESAC de Brasília, abril de 2007, cuja sede principal está no Ministério das Comunicações, aqui tivemos contato com uma das pessoas encarregadas de coordenar os pontos de presença, incluídas as do nosso interesse nesta pesquisa, as comunidades indígenas. Neste primeiro contato, apresentamos a proposta de pesquisa e após esclarecimentos iniciais, se verificou a possibilidade de realização do trabalho junto a alguns pontos de presença.

#### 3.2.2. ETAPA 2. COLETA DE DADOS.

Num primeiro momento, se utilizou a técnica de *pesquisa documental tradicional e na Internet*, visando conhecer a realidade a situação atual e os antecedentes históricos do uso/aceso à informação eletrônica por parte das comunidades indígenas.

Logo no estudo de campo, realizado em duas comunidades indígenas da região do Nordeste brasileiro, se utilizou a técnica do *questionário*,<sup>19</sup> que objetivou caracterizar o contexto particular e os entrevistados. Os dados coletados foram os seguintes: data de entrevista, local de entrevista, duração da entrevista, nome do entrevistado, gênero, idade, etnia, nível de estudo, exercício de algum trabalho ou profissão, participação em algum tipo de organização social (Movimento indígena, juvenil, sindicato), há quanto tempo utiliza as TICs, assiduidade no uso das TICs. Ainda no momento de aplicação do questionário de identificação dos entrevistados, em alguns itens (participação em algum tipo de organização social, há quanto tempo utiliza as TICs, quão assíduo (em termos de vezes por semana), objetivando uma maior representatividade dos dados coletados, se usou a técnica de *história oral*, para caracterizar de maneira mais profunda cada situação da entrevista.

---

<sup>19</sup> Mais detalhes do questionário aplicado aos indígenas estão no Apêndice B.

Para conhecer melhor o impacto das TICs nas comunidades indígenas pesquisadas foi aplicado em um começo a técnica de *observação não participante* que permitiu ir tendo um contato gradual com os usuários, na maioria jovens dos pontos de cultura/de presença, o que me permitiu melhor caracterizar o perfil geral e particular dos membros participantes. Logo a técnica da *entrevista não diretiva e entrevista (não estruturada)* <sup>20</sup> ampliaram o conhecimento sobre a situação do uso/acesso às TICs. Nesta última técnica foram aplicadas diversas perguntas abertas, com algumas possibilidades de escolha para, sobretudo deixar ao entrevistado apresentar suas idéias e percepções de forma livre. Estas duas últimas metodologias se completam mutuamente, pois permitem aos entrevistados serem participes do processo de geração de informação sobre a sua realidade, além de permitir ao entrevistador ser partícipe também das suas inquietudes, dúvidas e propostas sobre o problema estudado.

A entrevista foi aplicada fundamentalmente a um universo de jovens indígenas das comunidades Kariri-xocó e Pankararus. Esta foi dividida em duas partes, em uma primeira parte se pediu ao entrevistado que contasse situações em que teve experiências com as tecnologias específicas, a primeira vez que ouviu falar sobre tecnologia da computação/internet, sua reação imediata; o significado para ele de Internet, a primeira experiência no uso de tecnologias de informação, a rede Internet, opiniões sobre esta nova realidade tecnológica na sua própria comunidade indígena, sobre os programas de inclusão digital do governo, a relação ou não entre identidade/diversidade cultural e a TICs, a contribuição para sua própria identidade cultural indígena, desenvolvimentos tecnológicos futuros, etc.

A segunda parte visou a um conhecimento mais específico no uso e acesso às TICs, fazendo perguntas sobre demandas (necessidades) de informação, sobre a satisfação/uso, sobre a imagem, as causas (porquês), dificuldades, críticas, valorização/recomendação, etc.

Com o objetivo de fazer um registro mais objetivo das comunidades indígenas com telecentros se fez um registro fotográfico, para registrar as particularidades de cada cultura indígena com sua etnia, seu ambiente, costumes, forma de vida, isto é, a sua cotidianidade.

Assim, a fase de coleta de dados usou as seguintes técnicas de pesquisa:

*A primeira técnica utilizada foi a pesquisa documental e na Internet sobre a inclusão digital indígena;*

---

<sup>20</sup> Mais detalhes da entrevista aplicada aos indígenas estão no Apêndice C.

A *segunda técnica*, o *questionário* utilizado para caracterizar as pessoas escolhidas da comunidade indígena;

A *terceira técnica* foi a *história oral*, na qual os entrevistados relataram fatos relativos à sua vida profissional ou laboral e à sua atuação em programas de inclusão digital;

A *quarta técnica* a *observação não participante* a qual permitiu conhecer e ter contato com esta realidade, evitando exercer pressão sobre os usuários dos telecentros, com a finalidade de conhecer seus usos e atividades realizadas;

A *quinta e sexta técnica* foram a *entrevista não-diretiva* e a *entrevista (não estruturada)*, para ter um contacto mais direto e assim recolher impressões, opiniões e inquietações dos usuários da TICs no posto de presença.

Finalmente, a *última técnica*, foi a coleta de documentos escritos de autoria das organizações pesquisadas. Estes documentos foram livros de autoria da rede *Indios on line* com a ONG *Thydewas*, documentos do Ministério de Cultura, panfletos, cartazes, entre outros. Esta coleta de documentos teve por objetivo ampliar as fontes de informação sobre os pontos de presença/cultura indígenas pesquisados. Uma vez coletados esses dados, se começou a organização e análise dos memos.

### 3.2.3. ETAPA 3. ORGANIZAÇÃO DOS DADOS COLETADOS.

A organização dos dados seguiu os seguintes momentos:

1. seleção de informação etnográfica sobre as duas culturas indígenas estudadas, as etnias *Kariri-xocó* e *Pankararus*, obtidas via internet;
2. tabulação dos dados obtidos através dos questionários aplicados aos usuários indígenas;
3. transcrição das entrevistas gravadas;
4. leitura de material impresso fornecido pela rede *Indios on line*, o Ministério da Cultura, etc;
5. organização do material coletado através da divisão entre as seguintes categorias:
  - a. *dados que caracterizam as comunidades indígenas*;
  - b. *dados que caracterizam os entrevistados*;
  - c. *relatos sobre as práticas informacionais* (recepção, geração, transferência de informação)
  - d. *relatos sobre a relação entre práticas informacionais e identidade cultural indígena*.

Esta etapa permitiu identificar características e relações nas práticas informacionais

desenvolvidas nos pontos de presença/de cultura das comunidades indígenas. O material escrito, os dados dos questionários e as entrevistas foram cuidadosamente transcritos e classificados entre as categorias citadas acima. Todas as anotações foram lidas. As colocações de cada entrevistado foram comparadas. Vale salientar que as entrevistas foram transcritas em dois cadernos cujas folhas tinham na parte superior o nome da comunidade indígena (etnia) e do jovem entrevistado, com os dados específicos (idade, escolaridade, etc.), para logo desenvolver as perguntas mais amplas. Objetivando com isso a identificação das comunidades e de seus membros entrevistados em suas respectivas realidades. Uma vez organizados iniciou-se a análise dos dados.

#### 3.2.4. ETAPA 4. ANÁLISE DOS DADOS.

A etapa de análise dos dados procurou de forma ampla, atingir três objetivos: estabelecer uma compreensão dos dados coletados, confirmar ou não a questão/problema de pesquisa e os pressupostos específicos e ampliar o conhecimento sobre o assunto pesquisado. Com a finalidade de aprofundar o sentido dos depoimentos nesta etapa também se utilizou a técnica de análise do discurso denominada Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Esta técnica permitiu uma melhor descrição do pensamento indígena como coletividade. O DSC é uma “metodologia de processamento da matéria-prima dos depoimentos para que sobre essa matéria-prima preparada, que revela *o que pensam as coletividades*, possa ser executada toda a força da explicação sociológica, antropológica (...) capaz de dar conta do porque *pensam assim* as coletividades pesquisadas” (LEFEVRE 2005, p.8)

Decidiu-se aplicar esta metodologia, pois no caso do estudo (duas comunidades indígenas) se poderia obter (devido as suas características de povos indígenas) um pensamento coletivo, um discurso do sujeito coletivo. Assim se procedeu em uma primeira etapa para entender o que estas coletividades pensam, logo descrever e interpretar.

Em termos metodológicos, “o pensamento coletivo está mais validamente presente no indivíduo que no grupo, uma vez que o pensamento coletivo é a presença, internalizada no pensar de cada um dos membros da coletividade, de esquemas sociocognitivos ou de pensamento socialmente compartilhado” (LEFEVRE 2005, p.20) Então, para obter o pensamento coletivo, “é preciso, convocar os indivíduos, um a um, para que cada um deles possa expor seu pensamento social internalizado, livre de pressão psicossocial do grupo, e para que o conjunto dessas individualidades opinantes possa representar sociológica e estatisticamente uma coletividade” (LEFEVRE 2005, p.20)

Tendo em vista estes antecedentes, se iniciou a análise dos dados.

#### 4. PRÁTICAS INFORMACIONAIS NO CONTEXTO DAS COMUNIDADES INDÍGENAS BRASILEIRAS: RECEPÇÃO, GERAÇÃO E TRANSFERÊNCIA DE INFORMAÇÃO.

Na primeira parte se analisa o campo de pesquisa: Comunidades indígenas brasileiras selecionadas a partir dos levantamentos de características das etnias e dos usuários jovens indígenas entrevistados. Na segunda parte se analisa, caracteriza (a partir das opiniões dos entrevistados) as práticas informacionais (sobretudo de geração e transferência de informação) desenvolvidas no contexto do campo desta pesquisa e como se dá a relação entre práticas informacionais e práticas culturais.

##### 4.1. CAMPO DE PESQUISA – CARACTERÍSTICAS GERAIS.

O campo de pesquisa como já se indicou em capítulo anterior, ficou empiricamente determinada em duas comunidades indígenas localizadas na região Nordeste, especificamente as etnias Kariri-xocó (Estado de Alagoas) e os Pankararus (Estado de Pernambuco). Nesta primeira parte, se caracterizara, separadamente e através de uma visão histórica, cada uma das etnias pesquisadas e, em um segundo momento, o perfil geral dos entrevistados.

##### 4.1.2. OS KARIRI-XOCÓ.

A denominação Kariri-xocó foi adotada como consequência da mais recente fusão, ocorrida há cerca de cem anos entre os Kariri de Porto Real de Colégio e parte dos Xocó da ilha fluvial sergipana de São Pedro. Estes, quando foram extintas as aldeias indígenas pela política fundiária do Império, tiveram suas terras aforadas e invadidas, indo buscar refúgio junto aos Kariri da outra margem do rio.

Kariri (ou Kirirí), por outro lado, é um nome recorrente no Nordeste e evoca uma grande nação que teria ocupado boa parte do território dos atuais estados nordestinos desde a Bahía até o Maranhão. As referências a Xocó remontam ao século XVIII. A denominação Kariri-xocó para se referir ao grupo, identificar a aldeia bem como o posto indígena é, porém, recente, posterior à criação da FUNAI. (MATA, 1999, p.1)

Os Kariri-xocó estão localizados na região do baixo São Francisco, no município alagoano de Porto Real do Colégio, cuja sede fica em frente à cidade sergipana de Propriá. A aldeia e o

posto indígena estão cerca de um quilômetro da praça central da cidade. Representam, na realidade, o que resta da fusão de vários grupos tribais depois de séculos de aldeamento e catequese. Seu cotidiano é muito semelhante ao das populações rurais de baixa renda que vendem sua força de trabalho nas diferentes agro-pecuárias da região. Contudo, pode-se dizer que é um grupo que tem sua indianidade preservada pela manutenção do ritual do *Ouricuri*. Em novembro de 1978 esta identidade foi revitalizada pela retomada da *Fazenda Modelo* ou *Sementaria*, então administrada pela Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (CODEVASF) e por eles consideradas parte de seu território ancestral. (MATA, 1999, p.1)

Os Kariri-xocó não preservaram sua língua. Apenas alguns termos foram mantidos.

Conforme relatório do primeiro agente do Posto Indígena, havia em 1944, 166 pessoas identificadas como índios. Em 1983 o número se elevava para 1.050, em parte devido à reocupação de terras da Fazenda Modelo ou Sementaria, que provocou a volta à aldeia de parentes dispersos e tornou vantajoso o casamento misto, numa região de escassez de terras. De acordo com dados fornecidos pela FUNAI, em 1997 a população Kariri-xocó estava estimada em 1.500 pessoas. Em notícias publicadas na *Gazeta de Alagoas* de 22-11-92 e 1-10-93, porém, os números variam de “1.700 índios” na primeira data para “2.500 integrantes” na segunda. Cabe ressaltar que esta última notícia se refere à ida de um representante do grupo à Câmara Municipal de Maceió para pedir apoio dos vereadores à causa das terras indígenas. (MATA, 1999, p.1)

Os jesuítas chegaram às margens do rio São Francisco provenientes dos Colégios da Bahia e de Pernambuco. A cidade de Porto Real do Colégio tem este nome por ter-se originado da Residência do Urubumirim, fundada em terras doadas ao Colégio Jesuíta de Recife. Em torno desta Residência foram estabelecidas duas aldeias para fins de catequese, de acordo com a Lei de 4 de junho de 1703. Esta se baseava no Alvará Régio de 1700, que determinava que “a cada missão se dê uma légua em quadra para a sustentação dos índios e missionários”. A aldeia de Colégio estava a sete léguas a montante de Penedo e a de São Brás, cerca de duas léguas acima de Colégio.

Com a expulsão dos jesuítas em 1759, suas fazendas de gado foram arrematadas em hasta pública. As aldeias indígenas, porém, passaram para a administração de outros missionários ou à leiga, apoiada por um assistente espiritual.

Na aldeia de Colégio viviam *Cropotós*, *Cariris*, *Aconanas*, *Ceococes* (certamente

plural de Ciocó ou Xocó) e *Prakiós*. A aldeia missionária é, pois, o berço do “caboclo”, identificação genérica que, no século XIX adquire um conteúdo racista, através do qual a política do Império ira desqualificar as populações indígenas numa política a que o jurista Dalma Dallari denomina “anti-aldeia”. Alegando a inexistência de “índios de raça primitiva”, as aldeias são extintas em 17 de julho de 1873 pelo Ministério de Agricultura, Comercio e Obras Públicas.

Curiosamente, a tradição oral do grupo, como, aliás, ocorre entre outras populações indígenas do Brasil, atribui o direito à posse imemorial das terras a uma doação do imperador Pedro II. No caso, a mesma teria ocorrido em sua viagem à cachoeira de Paulo Afonso em 1859. D. Pedro efetivamente esteve em Porto Real do Colégio e foi recebido por um grupo de índios. O episódio está registrado no *diário de viagem* do imperador que se refere aos índios como “descendentes de raça já bastante cruzada”. (Pedro II, 1959. p.111). A política fundiária do império parece reforçar a idéia que desta população fazia o imperador e nenhum termo de doação foi localizado nos arquivos pesquisados. (MATA, 1999, p.2)

-Remanejamento das atividades econômicas. Com a instalação da Hidroelétrica de Sobradinho, que começou a funcionar em 1979, a agricultura de inundação teve de ser repensada, pois, devido à barragem, o rio já não teria seu ciclo de enchentes e vazantes determinado pelo sistema de seus afluentes. Assim sendo as áreas anteriormente inundáveis são desapropriadas para dar lugar a projetos de agricultura de irrigação. As mudanças atingem os índios enquanto trabalhadores meeiros ou alugados. É neste contexto de mudanças que o momento propício para tomada das terras é vivenciado pelo grupo.

A *Fazenda Modelo* também teve suas lagoas de plantio de arroz afetadas pelo novo regime imposto pela barragem de Sobradinho. Tanto assim que a CODEVASF planejava nela criar um programa de piscicultura (1979), quando a mesma foi invadida pelos Kariri-Xocó.

Tendo em vista as modificações provocadas pela barragem de Sobradinho, que inviabilizava a agricultura que obedecia ao ciclo de enchente e vazante do rio São Francisco, as várzeas inundáveis são em grande parte desapropriadas para que se implantem projetos de irrigação baseados em lotes distribuídos num sistema de cooperativa agrícola. Um deles foi o Projeto Itiúba, implantado em 1975 na região do Colégio. Alguns índios conseguem nele inscrever-se como parceiros, com acesso a empréstimo bancário pagável com produção agrícola, participação nas reuniões dos cooperativados, devendo obedecer aos horários de abertura da água para irrigar seus lotes e aceitar a supervisão dos agrônomos da CODEVASF, que

distribuía a semente de arroz padronizada.

Outra fonte de renda é o uso do barro para fabricação de tijolos pelos homens, sendo as mulheres do grupo famosas ceramistas. Normalmente a cerâmica é feita na entressafra, quando as mulheres não trabalham na agricultura. Fabricam potes e outras peças utilitárias. Registros antigos se referem a esta atividade como uma alternativa para os períodos de crise. Durante a enchente de 1979, foi a única atividade que pôde ser realizada para ajudar no sustento do grupo. (MATA, 1999, p.3)

Respeito a sua organização social e política, a estrutura familiar do grupo em nada difere à encontrada entre as populações rurais. A família se constitui de pai e mãe e filhos menores, havendo unidades em que o pai é ausente. A liderança da aldeia está dividida entre “cacique” e “pajé”, estrutura, ao que parece introduzida pelo primeiro chefe do Posto Indígena. Este também teria acrescentado aos sobrenomes portugueses de longa data adotados pelos índios, outros que considerou de origem indígena. Assim temos Suíra, Tare, Ninde, Piragibe... anexados a Queiroz, Santiago, Pires...

Com o tempo, os cargos foram legitimados e atualmente o pajé e o cacique são escolhidos no Ouricuri, quando não há uma interferência mais direta do órgão tutelar. Há ainda um Conselho formado pelos mais velhos.

Na condição de integrados, os Kariri-xocó participam intensamente do cotidiano da sociedade local, como representantes das camadas mais vulneráveis. Como acontece entre estas, fazem uso do clientelismo e do compadrio como formas de lidar com a ordem restabelecida. O compadrio ajuda a resolver problemas de saúde, obtenção de empregos, vaga na escola. O clientelismo se faz presente, sobretudo na política local. Os índios, apesar de tutelados, podem votar e serem votados. Em 1983 havia um índio vereador na câmara municipal de Porto Real do Colégio. (MATA, 1999, p.3-4).

-O ritual do *Ouricuri* e a dança do *Toré*. Denomina-se *Ouricuri* o complexo ritual e o local onde se realiza. É praticado por vários grupos do nordeste. Em Colégio as festividades duram 15 dias, nos meses de janeiro-fevereiro. A fartura faz parte da festa e para lá é levado sob a forma de alimentos, tudo o que se consegue acumular durante o ano. Na mata cerrada há uma clareira, o “limpo”, onde ocorre o ritual. Em volta do “limpo” há construções de tijolo para alojar as pessoas durante sua permanência. O corpo ritual do *Ouricuri* se constitui num conjunto de cantos e danças e na ingestão de *jurema*, infusão feita de entrecasca da raiz desta árvore posta a macerar para produzir o vinho. O clímax do ritual é o transe resultante do uso



da *jurema*. Neste estado os participantes dizem romper as barreiras entre passado, presente e futuro numa comunhão com seus ancestrais e suas divindades.

Além do ritual, os índios de Colégio mantêm a tradição da dança do *toré*. Existem duas modalidades. O chamado *toré* “de roupa” é uma simples forma de folguedo, que pode ser dançado em qualquer festa, com roupas comuns. O *toré* mais ritualizado, o “de búzios” (espécie de trombeta) “faz parte do segredo, mas não é segredo”. Quando dançado, evoca o segredo do *Ouricuri*. Após a invasão da fazenda, usando saiotos de palha e soprando os búzios, os índios de Colégio dançaram um *toré* de búzios para as autoridades presentes, a fim de mostrar sua condição de “índios verdadeiros”. (MATA, 1999, p.5)



Figura 1. Entrada Aldeia Indígena Karirí-xocó

Fonte: Foto de Alejandra Aguilar.



Figura 2. Entrada principal na aldeia

Fonte: Foto de Alejandra Aguilar.



Figura 3. Uma das ruas da Aldeia.

Fonte: Foto de Alejandra Aguilar.



Figura 4. Comunidade Karirí-xocó.

Fonte: Foto de Alejandra Aguilar.



Figura 5. Crianças Kariri-xocó.

Fonte: Foto de Alejandra Aguilar.



Figura 6. Trabalho tradicional.

Fonte: Foto de Alejandra Aguilar.



Figura 7. Atividade cotidiana no Rio São Francisco.

Fonte: Foto de Alejandra Aguilar.



Figura 8. Escola indígena.

Fonte: Foto de Alejandra Aguilar.



Figura 9. Família Kariri-xocó.

Fonte: Foto de Alejandra Aguilar.



Figura 10. Líderes indígenas. Ayra e Nhenety.

Fonte: Foto de Alejandra Aguilar.

#### 4.1.3. OS PANKARARUS.

A exemplo de quase todos os grupos indígenas do Nordeste brasileiro, a história dos Pankararu remete a políticas públicas e ação missionária implementadas desde o início da colonização portuguesa, que incluíam deslocamentos e aldeamentos forçados, impondo a convivência e a posterior indiferenciação de etnias diversas na região.(ISA. <http://socioambiental.org/pib/pankararu/hist.shtm>)

Os Pankararu fazem parte de um grupo mais amplo de “índios do sertão” conhecidos como *Tapuia*, assim designados pelos *Tupis* da costa brasileira a todo grupo não- *Tupi*. Eles ocupariam uma faixa de terra entre os *Jê* do cerrado e os *Tupis* que habitavam o litoral tendo se estabilizado no médio São Francisco, antes da chegada dos colonizadores. (FUNAI, Ministério da Justiça, [www.mj.gov.br/data/pages](http://www.mj.gov.br/data/pages))

Este grupo indígena está localizado na zona do Sertão de Pernambuco, nas margens do rio São Francisco A população atual é de 5.880 (FUNASA, 2005 apud ISA) índios distribuídos em núcleos familiares, ocupando uma área de 14.294 há. O centro da reserva, cujas terras foram demarcadas em 1942, é a localidade de *Brejo dos Padres*, um pequeno vale de terras férteis que possui várias fontes de água. Há também diversas outras comunidades como *Tapera*, *Serrinha*, *Marreca*, *Caldeirão*, *Bem-Querer* e *Cacheado*.

A referência histórica mais antiga e mais precisa sobre os Pankararu data do surgimento da antiga Vila de *Tacaratu*, por volta do século XVII, onde estes indígenas foram aldeados por missão de catequização. Nestes primeiros séculos de colônia as missões religiosas foram a principal forma de “proteção” que dispunham os índios.

Os Pankararu, por volta do século XVIII, foram aldeados em uma região conhecida por Brejo dos Padres, onde ali foi organizada uma missão dirigida por padres da congregação de São Felipe Nery. Já no século XIX, era percebida uma redução da população Pankararu, sendo nesta época constatada a presença de posseiros brancos nas terras doadas aos índios por carta Régia de data ainda imprecisa. A extensão das terras na época é também desconhecida, supondo-se duas léguas em quadro que nunca chegaram a serem demarcadas. (FUNAI, Ministério da Justiça, [www.mj.gov.br/data/pages](http://www.mj.gov.br/data/pages))

Desde o início da década de 1920, os Pankararu, por meio de suas relações com os *Fulni-ô*, haviam estabelecido contactos com o padre Alfredo Dâmaso - que passaria a apoiá-los em reivindicações fundiárias desde os primeiros contactos, recomendando-os à autoridades militares de Paulo Afonso (BA), que, nessa época, era a principal cidade das

redondezas, onde os Pankararu freqüentavam a feira semanal.

Mas foi na cidade de Águas Belas, em 1935, que o pesquisador Carlos Estevão de Oliveira toma contato com um Pankararu e em seguida faz sua primeira viagem ao Brejo dos Padres. Dois anos depois, profere palestras divulgando a existência do grupo. Então o Ministério da Guerra, ao qual o SPI estava subordinado, envia ao local um funcionário para uma primeira avaliação. Os trabalhos não teriam continuidade até que, três anos mais tarde, depois transferência do SPI para o MAIC (Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio), o órgão instalasse um posto indígena no Brejo dos Padres. (ISA. <http://socioambiental.org/pib/pankararu/hist.shtm>)

A base da economia Pankararu é a agricultura e a comercialização do que é produzido, sendo complementada por alguma atividade artesanal ou de transformação. Toda produção é fruto do trabalho do núcleo familiar e ao contrário de outros grupos, não se ouviram notícias de “índios sem terra”. No grupo indígena Pankararu, o feijão, o milho, a mandioca e o algodão são as lavouras principais, além de uma variedade de frutas como caju, pinha, banana, goiaba, e coco. Estes aparecem concentradas nos pés de serra, enquanto os roçados estão espalhados por toda a área que, embora relativamente pequena, apresenta paisagens distintas por conta da topografia.

Os Pankararu dispõem de várias fontes de água, um bem particularmente inestimável no sertão. No entanto, as fontes existentes na reserva – no Brejo dos Padres e na Tapera - correm livremente sem qualquer forma de uso racional.

O artesanato Pankararu emprega, quase exclusivamente, mão-de-obra feminina na manufatura de abanos, cestos, bolsa cipós, vassouras, mantas e potes de barro. (OS PANKARARU, [www.almirtorresslva.kit.net/html/pankararu.html](http://www.almirtorresslva.kit.net/html/pankararu.html), p. 2-3)

Os Pankararu, remanescentes dos “Jês”, possuem traços das sociedades pertencentes a esse tronco lingüístico, devido suas proximidades culturais com tais sociedades, entre os quais: o avental de tufo de ervas, a palheta de arremessar, a lança, o forno subterrâneo, etc.. Sendo as festas e danças, um dos traços culturais mais interessantes. Estas festas e danças tomam vários aspectos, com denominações especiais, tais como o “toré”, o “flechamento do imbu”, a “corrida do imbu”, a “ajuca”, “o menino do rancho”. (FUNAI, Ministério da Justiça, [www.mj.gov.br/data/pages](http://www.mj.gov.br/data/pages))

O próprio nome da localidade onde estão o Brejo dos Padres, evidencia o papel desempenhado por missionários católicos, responsáveis pela fixação definitiva da tribo no

local onde vive. Em consequência deste trabalho missionário, eles cultuam em geral a religião católica e observam o calendário de festejos populares de cunho religioso, no mesmo estilo das populações sertanejas. Paralelamente e com igual fervor, eles mantêm rituais danças e folguedos da cultura indígena.

O catolicismo é mais evidente, e seus sinais, além de uma igreja, estão na decoração das casas, onde estampas de santos são freqüentes. A expressão maior de sentimento religioso católico da comunidade é a festa em louvor a Santo Antonio, ocasião em que se comprova o título de “grandes festeiros” dado na região aos Pankararu. (OS PANKARARU, [www.almirtorresslva.kit.net./html/pankararu.html](http://www.almirtorresslva.kit.net./html/pankararu.html), p.3)

Este mesmo entusiasmo é dedicado aos rituais e danças indígenas:

O *Toré* é dançado ao ar livre por homens, mulheres e crianças, em qualquer época do ano dependendo apenas da disposição da comunidade. Para os Pankararu, o *Toré* é uma expressão de contentamento, um folguedo a que se entregam freqüentemente “se a vida não estiver muito difícil pela falta de chuva”. Dança-se, de preferência, nos fins de semana “sem hora para terminar, varando noite e dia” em certas ocasiões. O local da dança é um terreiro onde os participantes, aos pares, formam um grupo compacto em formação circular que gira em torno do centro. Cada par, ao acompanhar o movimento do grupo, gira também em torno de si próprio e o terreiro é pisado furiosamente por todos marcando o ritmo da dança. Além do baque surdo dos pés, o ritmo é marcado por maracás (elaborado com pequenas cabaças) e pelas vozes em coro dos dançarinos. (OS PANKARARU, [www.almirtorresslva.kit.net./html/pankararu.html](http://www.almirtorresslva.kit.net./html/pankararu.html), p.4)

Existe outro ritual chamado “*Praia*” que celebra a iniciação dos meninos em torno dos doze anos, sendo os praiás os componentes deste ritual e protetores espirituais do grupo. A cerimônia tem lugar num rancho previamente armado para este fim, onde a criança, pintado de branco e vestida de palha de ouricuri, é disputada por dois grupos, um formado por protetores mágicos e outro pelos padrinhos. Trava-se uma luta que termina com a vitória dos sacerdotes e a destruição do rancho. Da descrição feita por uma índia no Brejo dos Padres, deduz-se que a cerimônia, hoje, está muito modificada ou, a exemplo do cacique da tribo, a declarante não quis expor os segredos dos “trabalhos que a gente faz só pra nós mesmos”. Segundo seu relato a festa é denominada de “menino do rancho” e é dedicada a *Mãe D’água* que ameaça roubar a criança. Os Praiás que são em torno de vinte e dois são os padrinhos secretos da criança e escondem sua identidade com longas vestes, cobrindo totalmente seus

corpos. O ritual termina com a destruição do rancho, enquanto os participantes dançam o toré. (OS PANKARARU, [www.almirtorresslva.kit.net./html/pankararu.html](http://www.almirtorresslva.kit.net./html/pankararu.html), p.4)

São nas danças e rituais que parecem ter resistido os traços mais fortes da cultura dos índios Pankararu. Da sua língua, existem vestígios nos cânticos que acompanham as danças e notícias de raros índios mais idosos capazes de falar em sua língua ancestral. (OS PANKARARU, [www.almirtorresslva.kit.net./html/pankararu.html](http://www.almirtorresslva.kit.net./html/pankararu.html), p. 5)



Figura 11. Uma das ruas Pankararus.

Fonte: Foto de Alejandra Aguilar.



Figura 12. Aldeia dos Pankararus

Fonte: Foto de Alejandra Aguilar.



Figura 13. Posto indígena da FUNAI.

Fonte: Foto de Alejandra Aguilar.



Figura 14. Igreja da aldeia.

Fonte: Foto de Alejandra Aguilar.



Figura 15. Escola indígena Pankararus.

Fonte: Foto de Alejandra Aguilar.



Figura 16. Família Pankararus (irmãos).

Fonte: Foto de Alejandra Aguilar.



Figura 17. Menino do rancho. (ritual)

Fonte: Foto de Alejandra Aguilar.



Figura 18. Menino do rancho.

Fonte: Foto de Alejandra Aguilar.



Figura 19. Toré.

Fonte: Foto de Alejandra Aguilar.



Figura 20. Jovens Pankararus.

Fonte: Foto de Alejandra Aguilar.

#### 4.1.4. PERFIL GERAL DOS ENTREVISTADOS.

Um elemento importante na caracterização do campo de pesquisa deste estudo é a constituição do perfil dos usuários reais que fazem uso dos telecentros instalados nas comunidades indígenas. Os dados apresentados a seguir nos indicam uma série de afinidades e convergências sobre este tipo de *indigenas-usuários*, o que acaba por possibilitar a elaboração desse perfil.

#### 4.1.4.1. OS KARIRI-XOCO e PANKARARU.

Entrevistou-se um total de 38 pessoas, principalmente jovens.

Tabela.1: Relação dos jovens indígenas, divididos por gênero e etnia.

Gênero	Kariri-xocó	Pankararu
Masculino	11	10
Feminino	8	9

Fonte: Dados da pesquisa.

No caso dos Kariri-xocó o dado inicial coletado foi o *gênero, feminino ou masculino*, não existindo uma diferença muito ampla em gênero, o que representou uma quase igualdade de interesse entre homens e mulheres no uso/acesso à ciberoca.

Já os Pankararu apresentaram também uma quase igualdade entre homens e mulheres com interesse no uso/acesso ao ponto de cultura.

Tabela .2.: Relação dos jovens indígenas, divididos por idade e etnia.

Grupo idades	Kariri-xocó	Pankararu
14 -17 anos	8	3
18 –21 anos	5	8
22- 25 anos	4	5
26anos- 44 anos	2	3
Total	19	19

Fonte: Dados da pesquisa.

O segundo dado coletado foi a *idade*. Há que ressaltar que no começo da pesquisa não se tinha decidido que nível de idade se iria estudar, durante o período de observação se viu



que os principais usuários eram jovens, entre 13 e 30 anos aproximadamente.

Em geral assim em ambas comunidades indígenas, não existe muita diferença, variabilidade entre as idades dos jovens.

Tabela. 3: Relação dos jovens indígenas, divididos por nível de estudo e etnia.

Nível estudo.	Kariri-xocó	Pankararu
Prim.grau compl.		
Prim grau incom	7	
Seg. grau comp	8	11
Seg. grau incom	3	4
Terc.grau comple		
Terc. grau incom	1	4

Fonte: Dados da pesquisa.

Outro dado coletado foi o nível de estudo atual. No caso dos Kariri-xocó o que se pode detectar aqui é uma certa igualdade entre os jovens que têm finalizado o ensino médio e os que estão em andamento no primeiro grau. Contudo, há um escasso número de jovens com estudos de terceiro grau completo, o que demonstra a falta de pessoal neste período de educação na comunidade, muitos jovens sobre os 20 anos poderiam estar cursando algum tipo de curso, desde o nível profissionalizante ou técnico, mas não o estão fazendo. Há casos de jovens com idade avançada ainda estão na 8ª série. Isto revelou uma grande diferença e heterogeneidade na formação escolar destes jovens desde um secundário completo, em andamento, ou só com até oitava ou sexta séries.

No entanto no caso dos pankararus todos os jovens entrevistados tinham completado seu primeiro grau de educação básica. Aqui o nível de formação dos jovens está mais de acordo com suas idades, assim como um maior número de pessoas com estudos universitários, porém nenhum terminou, pois está cursando ou teve de trancar.

Tabela 4: Relação dos jovens indígenas, divididos por situação laboral e etnia.

Nível de estudo.	Kariri-xocó	Pankararu
Estuda	11	6
Semtrab.nada faz	3	3
Trabalho profiss.	2	2
Trabal. e estuda	2	0
Trabalha	1	8
Total	19	19

Fonte: Dados da pesquisa.

Respeito ao dado *exercício de algum trabalho*, em geral quiçás pelo nível de idade, os Kariris foram poucos que informaram que trabalhavam ou que trabalhassem e estudassem, a grande maioria está fazendo algum curso em andamento, no segundo grau ou primeiro grau. Já os Pankararus também quiçás pelo nível de idade foram poucos que informaram que trabalhassem e estudassem, a grande maioria está estudando ou desempenha algum tipo de trabalho. (No ponto de cultura, de tipo informal, etc.)

Tabela 5: Relação dos jovens indígenas, divididos por tipo de participação social e etnia.

Nível participac. social.	Kariri-xocó	Pankararu
<i>Índios online</i>	12	13
Não partici. nada	3	1
Sindicato	1	
Movim. juvenil	1	2
Coral Igreja		2
Movim. indígen.	2	1

Fonte: Dados da pesquisa.

Referente ao dado *participação em organização social/movimento social*, chamou à atenção a menção reiterada pelos indígenas Kariri à rede *Índios online*, como um tipo de organização aonde eles participam de diversas formas, desde simples usuários do seu *site* na Internet até como eles denominam contribuir “*fazer matérias*” ou sendo monitores. Contudo, se apresentou uma carência na participação em organizações etnopolíticas ou movimento social indígena. Só duas pessoas indicaram como movimento indígena a *Thydwawas*. Na história de vida destas pessoas também foi possível detectar diversos níveis de participação,

respeito á estrutura organizacional do telecentro indígena, sendo poucos os coordenadores e monitores. Já na participação externa a este, é muito menor.

No caso dos Pankararu chamou a atenção também a menção reiterada à rede *Índios online*, na qual participam desde simples usuários do seu *site* na Internet, até outras variantes como : monitores ou ex-monitores, colaboradores. Contudo, se apresentou uma carência na participação em organizações etnopolíticas ou movimento social indígena. Só uma pessoa é participante do movimento indígena.

Tabela 6: Relação dos jovens indígenas, divididos por tempo uso das TICs e etnia.

Tempo uso TICs	Kariri-xocó	Pankararu
1 mês	3	
2 – 4 meses	9	
5 - 6 meses		4
1 – 3 anos	5	9
4 anos	1	3
5 anos	1	2
6 anos		1
Total	19	19

Fonte: Dados da pesquisa.

Já vinculado ao tema das tecnologias de informação e comunicação, especificamente ao dado *há quanto tempo utiliza as tecnologias*, desde o acesso/uso a internet até o uso do software como o Word, Excel, etc. Em geral não se detectou muita diferença ou variabilidade entre os jovens Kariri e Pankararu, acontecendo desde muito pouco tempo um ou dois meses, até como três anos ou mais, desde o começo daí. Existe um uso maioritário mais recente por parte dos Kariri e mais antigo pelos Pankararu.

Tabela7.: Relação dos jovens indígenas, divididos *assiduidade (vezes por semana)* tempo de uso das TICs e etnia.

Assiduidad. TICs	Kariri-xocó	Pankararu
Todos os dias	10	2
6 - 5 vezes sema.	4	5
3 - 1 vez semana	3	7
Irregular	2	4
Uma vez ano		1
Total	19	19

Fonte: Dados da pesquisa.

Outro dado para ter uma visão respeito ao acesso às TICs foi determinar assiduidade (vezes por semana) fazem uso delas. Analisando os dados se pode observar que existe uma ampla assiduidade no uso, de 10 pessoas Kariri que vão todos os dias, porém ressalta também que é quase a metade dos jovens, também que não vai muito seguido. Já no caso dos Pankararu a situação é mais heterogênea, existindo nesse momento da pesquisa um número menor de pessoas que fossem todos os dias.

Finalmente sobre o dado peculiaridades da entrevista este campo se deixou para indicar características do momento em que se efetuará a entrevista, como a local onde foi aplicada, a hora, a ocasião em que o entrevistado estava (na ciberoca, em casa, na rua, etc.). A maioria das entrevistas aplicadas aos kariri foram na ciberoca, só duas em casa dos entrevistados. Cabe indicar também que algumas vezes se solicitou ao entrevistado fornecer seu email se tinha, para encaminhar no futuro, para eles, os resultados da entrevista. No caso dos Pankararu a maioria das entrevistas se aplicaram no local do telecentro, só três foram nas casas dos entrevistados. Cabe indicar também que algumas vezes se solicitou ao entrevistado fornecer seu email se tinha, para encaminhar para ele os resultados da entrevista.

## 4.2. PRÁTICAS INFORMACIONAIS (P.I): RECEPÇÃO, GERAÇÃO E TRANSFERÊNCIA DE INFORMAÇÃO.

Esta pesquisa analisou as *práticas informacionais*<sup>21</sup> dos usuários indígenas do ponto de cultura ou ciberoca, principalmente as práticas de *geração* e *transmissão*, pois a *recepção* de informação, não mudou muito, já que basicamente era recebida através da Internet, a principal fonte de informação.

Assim na *geração* se tentou detectar as opiniões sobre os primeiros contatos com as TICs, o seu significado para eles, o espaço que ocupa na vida, o impacto dos programas de inclusão do governo e da rede Índios on line, o seu pensamento sobre se existe ou não uma relação entre a identidade/diversidade cultural e as TICs, entre outros. Também se procurou observar desde o ponto de vista da criação de conteúdos, demandas (necessidades de informação), assuntos mais consultados na Internet, *sites* consultados, uso de software ou outros programas, críticas, recomendações, benefício pessoal, etc.

A *transferência* foi uma prática que se pode ver em todos os depoimentos manifestados, sobretudo nas práticas de comunicação e troca de conhecimentos entre as comunidades.

A continuação se dão a conhecer as respostas dos jovens indígenas entrevistados, se escolheram as respostas mais relacionadas com a questão e mais completas, visando selecionar as principais expressões dos seus depoimentos, se decidiu apresentar por ordem das perguntas realizadas.

### KARIRÍ-XOCÓ: CIBEROCA NA ALDEIA.



Figura 21. Ciberoca dos karirí-xocó.

Fonte: Foto de Alejandra Aguilar.



Figura 22. Jovens karirí na Ciberoca.

Fonte: Foto de Alejandra Aguilar.

<sup>21</sup> Para uma definição de P.I. ver Apêndice.



Figura 23. Jovens kariri-xocó consultando Internet.

Fonte: Foto de Alejandra Aguilar.



Figura 24. Monitora orientando no uso da Internet.

Fonte: Foto de Alejandra Aguilar.

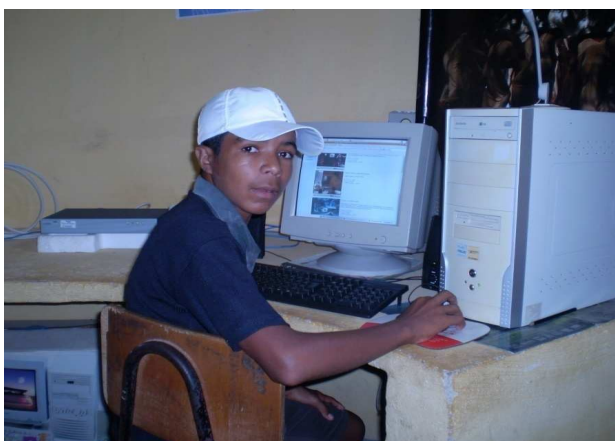


Figura 25. Menino Kariri consultando internet.

Fonte: Foto de Alejandra Aguilar.



Figura 26. Usuários da Ciberoca.

Fonte: Foto de Alejandra Aguilar.



Figura 27. Entrevistando Prof.indígena, usuária da ciberoca.

Fonte: Foto de Alejandra Aguilar.



Figura 28. Jovem consultando Internet.

Fonte: Foto de Alejandra Aguilar.

PANKARARUS: PONTO DE CULTURA NA ALDEIA.



Figura 29. Ponto de Cultura Pankararu.

Fonte: Foto de Alejandra Aguilar.



Figura 30. Jovens no Ponto de Cultura.

Fonte: Foto de Alejandra Aguilar.



Figura 31. Jovens consultando Internet.

Fonte: Foto de Alejandra Aguilar.



Figura 32. Jovens no Ponto de Cultura.

Fonte: Foto de Alejandra Aguilar.



Figura 33. Ponto de cultura Pankararu.

Fonte: Foto de Alejandra Aguilar.



Figura 34. Ponto de cultura Pankararu.

Fonte: Foto de Alejandra Aguilar.



Figura 35. Jovens usuários de internet, durante entrevista.

Fonte: Foto de Alejandra Aguilar.

#### 4.2.1. OS KARIRI-XOCÓ - ANÁLISE E SELEÇÃO DOS PRINCIPAIS DEPOIMENTOS.

- Primeira vez escutar sobre tecnologia da computação ou Internet.

Respeito aos tempos (período em que foi escutado) estes foram muito variados, porém o promedio foi a partir do ano 2002.

O papel da televisão como meio informativo sobre as TICs ficou claro na maioria dos depoimentos, porém, esta ferramenta não constituiu a maioria absoluta (9 jovens a indicaram); a escola foi outro local citado (4 pessoas), em menor número forma: no mesmo local (Ciberoca) duas, em reunião uma, com amigos duas, na família uma, foram outros espaço de socialização onde foram dadas a conhecer ou escutadas pela primeira vez as TICs.

*“Na escola... eu tinha 14 anos” (Lali).*

*“A primeira vez foi pela televisão, tinha 18 anos, que nunca tinha visto esse negocio da Internet, computador”. (Wýrisa)*

*“Tava aqui mesmo, foi pelo colégio e pela televisão e a casa...” (Rosemarie).*

*“Eu ouvi falar quando eu estava assistindo jornal, ai eu ouvi falar sobre essa nova tecnologia que era o computador avanço... a questão da globalização essa coisa toda...” (Janeclia).*

*“Estava em casa acho... em casa, com amigos, foi no lar” (Rosivaldo).*



- Respeito à consulta sobre reação imediata ao escutar sobre tecnologia ou ter contato com ela foram poucos os depoimentos que indicaram.

Existiu uma dificuldade por parte dos jovens de expressarem este aspecto, os que conseguiram indicavam expressões como “*me deu um susto*”, “*pouco de medo*” “*eu gostei*” “*foi muito bom*”.

Cabe destacar que alguns indicaram mais completamente o porque desta reação:

*“Tive medo um pouco de medo, mas depois de contato com a Internet eu comecei a conhecer outra cultura (...) conhecer o mundo...” (Nhenety).*

*“Pela primeira vez, me deu um susto, porque nunca tinha visto um computador, nada de Internet, nada..., mas depois eu fui aprendendo a mexer, aí me deu mais tranquilidade, mas depois de aprender...”. (Lali)*

Outros em cambio não foram tão expressivos:

*“A primeira vez que eu ouvi, eu gostei fiquei com vontade de aprender de estar acessando ali tudo” (Maria Elinaura).*

*“Minha reação foi muito bom é... eu reconhecer muita coisa aqui dentro, quero conhecer mais ainda...” (Carlos André).*

- Significado da tecnologia da computação e/ou Internet.

O significado da tecnologia informática é uma inquietação que pretendemos conhecer, para saber qual é o conhecimento que sobre ela tem, a que a vinculam ou a relacionam.

Nesta indagação a totalidade dos entrevistados responderam, foram pouquíssimos (não mais de três) nos que se teve que influir para que eles responderam. A maioria tinha dificuldades em responder, pois ao parecer eram “muitas as idéias” que não sabiam expressar. Dentre alguns expressões qualificativas: “*Só coisa boa...*”, “*Acho que é tudo...*” “*Facilita muito a vida do ser humano...*”

As TICs foram definidas de diferentes formas:

Dentre as expressões destacadas foram a tecnologia ser um *arma*:

*“Quando penso para mim o computador é como uma arma sabe... uma arma que pode demonstrar que nós podemos mostrar nossa cultura, nosso ponto”. (Lali)*

Fornecer a possibilidade de desenvolver *projetos, desenvolver a comunidade*, vinculada com a

idéia de criar futuro, levar a comunidade para frente no progresso:

*“a gente pensa assim, a gente vem fazer projetos e fazer caçadas na Internet, fazer os projetos para desenvolver nossa comunidade e descobrir novos conhecimentos para aplicação de benefício da comunidade” (Nhenety)*

*“Só coisa boa, através disso nós podemos desenvolver um pouco, conhecimento mesmo pode desenvolver, e correr atrás de algum sonho que temos lá afora, aqui mesmo nós procura...” (Wyrisa).*

*“Muitas coisas... porque a pessoa pode trazer novo projeto para aqui, pra dentro e outras coisas” (Rosivaldo)*

Uma opção de comunicação, um meio para conversar com outras pessoas, uma forma de comunicar-se:

*“Acho que significa varias coisas... porque com a computação a gente pode se comunicar, pode fazer trabalhos, pode ter acesso a muitas coisas, né?” (Gilvania).*

*“Significa assim meio de conversar com outras pessoas, conhecer outros lugares, divulgar o que se passa aqui na aldeia... meio de comunicação” (Jose Evandro).*

*“Acho que é tudo... forma de comunicar-se com outras pessoas” (Rosemarie).*

Uma fonte ou recurso de informações, uma “biblioteca virtual”:

*“Significa para mim um mundo de informações, que passa por aí dentro do computador (...)” (Josemar).*

*“Acho assim um dicionário enorme de informação, de ajuda, de autoajuda para as pessoas” (Maria Elnaura)*

*“Realmente a informação eletrônica ela tem muitas vantagens porque nós temos na verdade uma biblioteca nossa frente, biblioteca de pesquisas, de informações, e assim nós podemos conhecer...” (Wesley).*

Meio que permite, estimula e facilita o aprendizado, para fazer trabalhos de estudo e acadêmicos:

*“Aprender mais e ter mais conhecimento de cada coisa na computação”*

*“Aprender alguma coisa diferente... alguma coisa que não consegui entender...” (Vanir).*

*“Vem a minha mente assim que eu gosto de participar de Índios on line, quero mais aprender, ainda muitas coisas, porque quero trazer muitas coisas aqui para dentro também” (Carlinhos).*

*“Para mim significa uma coisa muito importante, porque na Internet, no site, na computação a gente aprende muitas coisas que a gente nunca viu na vida, que nunca tinha nem sonhado, e hoje aparecem coisas que a gente nem sabe e a gente descobre facilmente” (Edmilson).*

Uma mistura de fins cumprem as tecnologias, desde serem um instrumento de comunicação, de informação, de pesquisa; permitirem a atualização constante, uma ferramenta de aprendizado e construção de conhecimento. O que demonstra a inter-relação dos processos da comunicação, informação e tecnologia.

*“A Internet é uma forma de comunicar, é um instrumento valioso para o ser humano que ajuda em várias coisas, questão de comunicação de informações, de pesquisa. Então ela facilita muito a vida do ser humano, nessa questão de informações e pesquisas, de ficar sempre atualizado com temas que acontecem no dia a dia do ser humano. Quando a gente está de frente ao computador a gente consegue as informações e consegue se atualizar e com isso construindo conhecimento” (Janeclia)*

*“Significa assim que posso conhecer muita gente, não pessoalmente (...), mas pela Internet posso conhecer os índios on line (...) eu posso aprender mais um pouco das coisas que eu não sei” (Gicleane).*

*“Conhecimento... assim conhecer gente de fora, sem querer pode encontrar com uma pessoa de fora e ter um conhecimento pela Internet. Eu de vez em quando peço uns emails no site dos índios (...) falo com eles (...) vejo fotos (...) posso conhecer, se eu for para Pataxo Hã Hãe, posso conhecer, uns sem querer” (Rubem).*

- Primeira experiência física (acesso físico) com a tecnologia da computação e comunicação.

Apenas uma pessoa já tinha algum contato físico na escola e outras duas por terem feito curso de informática fora da aldeia. Dos treze que responderam, dez jovens tiveram sua primeira experiência física na ciberoca.

*“(...) quando fui mexer, foi há três meses atrás, não sabia, foi aqui na ciberoca” (Gilvania)*

*“Foi lá mesmo assim, no Índios on line, na ciberoca” (Eliziene).*

*“Foi na ciberoca” (Edmilson)*

*“Foi aqui a primeira experiência, antes nunca tinha tido (...) nunca tinha mexido com computador” (Janeclia)*

*“Eu fiz um curso, eu fiquei assim muito curiosa para saber como era que mexia no computador e tudo..., foi por causa disso que fiz o curso na cidade. (...) aprendi não muita coisa, mas o básico (...)” (Maria Elinaura)*

*“A primeira vez... é quando fiz o curso de informática. Fiz lá em Sergipe, Propriá, eu tinha que me deslocar daqui pra fazer lá, foi a primeira vez” “Valeu a pena, eu tinha 15 anos”. (Wesley)*

*“Eu estava na escola, aí meu pai me levou para mexer. Aí eu não sabia nem mexer... aí foi muito bom porque eu estava lá, aí eu comecei a mexer numas coisas, lá eles me ensinaram um pouquinho, aí eu fui aprendendo...” (Lali).*

O espaço significativo da ciberoca, como primeiro local de acesso físico às TICs e a valorização dada pelos usuários que estão tendo a possibilidade de terem acesso (a maioria pela primeira vez), demonstra a importância da inclusão social e digital das comunidades indígenas, nas suas próprias realidades, sobretudo pela impossibilidade da maioria terem acesso em forma particular, principalmente pelo custo dos cursos particulares. A situação social dos Kariri-xocó é de muita desvantagem social, apesar do tempo que a FUNAI tem na comunidade, esta nunca assumiu a responsabilidade nesse campo, só recentemente em nível governamental (principalmente Ministérios como o da Cultura e das Comunicações) se está fornecendo algum tipo de apoio em equipamento.

- Espaço das TICs na vida de cada um, sua importância, em que ajuda...

Aquí quinze depoimentos informaram sobre a importância das TICs na vida de cada um. No tempo que estivemos de campo, pudemos observar, contudo não muita demanda dos jovens, em parte talvez, por estar já todo planejado. O apoio no trabalho escolar, de docência, acadêmico, de pesquisa, resolver dúvidas de aprendizado, foram as principais “ajudas” que as

TICs fornecem na a vida de cada um.

Pelas diversas falas se detetou que as TICs ocupam um espaço importante e/ou destacado na vida de cada um Alguns o expressaram diretamente: *“hoje está sendo uma das coisas importantes...”* *“Bom... eu não sei que seria de mim, se eu não passar um tempo, se não usar o computador...”* *“Bastante...”* *“Ocupa um lugar muito grande na minha vida”*.

Só um depoimento indicou que as TICs não tinham um espaço importante: *“Não muito importante, porque têm coisas, mais importante na vida da gente, mais muitas coisas sim....muito importante a tecnologia para mim”*(Gicleane) Contudo ao final afirmou que as TICs são algo importante.

Dentre as situações relatadas que deixaram mais claro esa “importância”:

As TICs como ferramenta que fornece um apoio em temas como o estudo de escola, de pesquisa independente, aprendizado em geral.

*“Ajuda-me muito, porque quando estou fazendo um trabalho que o professor passa, ele manda pesquisar, eu não tenho livro, não tenho essas coisas... eu vou à internet pesquiso... ocupa um lugar muito grande na minha vida”* (Lali).

*“Eu uso a tecnologia pra gente, pra eu estudar, eu estudo muito... pesquiso, pra estudar como é a sociedade brasileira e mundial, para nós pudesse relacionar bem (...) também conhecer como a gente recuperar os danos que foram causados no meio ambiente (...)”* (Nhenety).

*“Um espaço muito importante... no trabalho, sobretudo, trabalho acadêmico, de estudo...”* (Josemar).

*“Importante, porque como já havia falado sobre a questão de informação, de pesquisa, porque eu sou professora, eu sempre busco informações (...)”* (Janeclia).

As TICs permitiram que a aldeia fosse para frente, se ampliaram os horizontes, em diversos sentidos, como na possibilidade de terem contato com gente que antes não conheciam e informar-se do que acontece no mundo (meio informativo e de comunicação); constituem as TICs uma utilidade prática, e permitir acesso aos programas oficiais de governo, pelos editais que oferecem uma concorrência aos recursos tecnológicos.

*“Hoje esta sendo uma das coisas importantes, porque nós tivemos tudo parado, através disso a gente vai correr*

*atrás de projetos, vai conhecer amigos fora, que nós não temos contato” (Wyrisa).*

*“... Com o computador você vê notícias que acontecem aqui dentro e fora do mundo (...)” (Douglas).*

*“Cadastrar CPF... então me ajudou, porque foi fácil cadastrar e foi bom, porque aí pertinho né? Não precisei ir para cidade (...) e ninguém paga” (Gilvania).*

*“Muito importante, para se ficar mais informado e com as outras aldeias e no mundo” (Jose Luis).*

- Opinião sobre a “nova” realidade tecnológica na comunidade.

Ter uma visão macro sobre o impacto da ciberoça na própria comunidade permitiu conhecer sua opinião sobre essa nova realidade que veio em certa forma alterar a vida diária dos jovens, principais usuários dela. Tentamos nesta pergunta que não só afirmassem, e desenvolvessem mais a idéia do porquê, mas em geral custou que expressarem as causas que os levaram a opinar dessa forma.

Dezesseis pessoas responderam, dentre as expressões qualificativas usadas: “*uma coisa boa...*” “*(...) é muito importante*” “*Bastante importante...*”, mas não explicaram a razão ou causa disso, os que disseram:

*“Têm muitas coisas... passar informações para outras aldeias, conhecer culturas novas (...) se informar sobre o mundo, que está acontecendo” (Josemar).*

*“É importante, porque a gente se informa muito sobre outras coisas que a gente não sabe... fala sobre a nossa aldeia para o mundo e para as outras aldeias também” (Jose Luis)*

*“(...) porque fala da realidade da aldeia do que se passa, porque muita gente pensa que todos os índios ainda vivem nós e hoje é diferente tanto que a gente mexe em computador, trabalha... mas nunca esquecendo de nossa cultura preservar” (Jose Evandro).*

*“É muito importante para a gente, para a gente aprender também...” (Rosemarie).*

*“(...) porque antes nós os índios eramos vistos como seres assim que tinham paralisado, então quando algumas pessoas ouviram falar os índios estão tendo acesso ao computador...” (Janeclia).*

*“Tem... importante” “Trabalho para a comunidade” (Rosivaldo)*

*“(...) porque aqui nós podemos aprender muitas coisas que nos não sabemos, não só eu, como a maioria das pessoas que têm vontade de vir para aqui e não conseguem, né?” (Glicleane).*

*“(...) quem tiver alguma dívida vem pra cá, eu já fiz muitas pesquisas...” (Rubem).*

A “nova” realidade tecnológica significou mudanças internas à pessoa e externas na comunidade, além disso, causou uma abertura/difusão da sua territorialidade indígena para o mundo através dos dispositivos tecnológicos, dando a conhecer a sua cultura. Isto pode demonstrar a “limitação” que tinha esta cultura, no sentido que antes da chegada das TICs não podiam comunicar e difundir sua realidade cultural.

- Conhecimento sobre o apoio ou participação do governo (MINc e/ou GESAC)

Aqui 17 pessoas responderam, alguns não conheciam o papel do governo no fornecimento de alguns insumos tecnológicos para a implementação da sua *ciberoca*, porém, é bem escasso o desconhecimento, em geral a maioria 11 pessoas tinha alguma opinião ao respeito (Quatro não sabiam, sete opinaram à favor, tinham uma opinião positiva, seis sabiam mas criticaram.) dentre as expressões utilizadas estiveram: *“foi bom”, “muito bom”, “uma ajuda”, “um apoio”, “uma oportunidade”*. Foram bastante escassas as opiniões com críticas, só quatro pessoas em certa forma criticaram o escasso apoio. Também existiram pessoas que desconheciam o tema, só duas justificaram o porquê e as outras não sabiam dele. Estes resultados demonstraram uma ampla maioria sabendo no tema, mas divididos entre os que estão a favor ou em contra no sentido de criticar ou não ao governo.

O reconhecimento à participação do governo ficaria demonstrado nos seguintes depoimentos selecionados.

Existiu um reconhecimento pela possibilidade que brindou de terem um dispositivo tecnológico que permitiu acesso à internet. *“Eu tenho... porque [é] uma oportunidade, se não fosse eles que deram antena, não tinha como conhecer internet, nada” (Lali).*

O reconhecimento ao apoio do governo em parte se deveu principalmente a não existência dele antes na aldeia:

*“É um programa muito bom, ótimo, porque nunca foi antes feito isso. Hoje em dia nós já temos contato. Esse programa Cultura Viva do Ministerio do Minc, ele está apoiando muitas iniciativas indígenas e não indígenas, do movimento popular. (...) estamos conseguindo*

*reforçar essas atividades culturais, que já existem.” (Nhenetý)*

*“Esta sendo coisa boa... acho que é bom, porque nós não tínhamos contato com o Minc, não sabia que existia. Ele trouxe computador, Internet, trouxe pra cá umas bolsas, sete bolsas ele ajudou...” (Wyrisa).*

Aqueles que não sabiam:

*“Eu entrei há pouco tempo aí... não tenho muita informação” (Jose Luis).*

*“Não conheço, não” (Eliziene).*

*“Sobre isso conheço muito pouco, não sei muito não” (Gicleane).*

As críticas, que como se indicou quase constituíram a metade das falas, foram de diversos graus, isto é, desde demandas de mais equipamentos, até a falta de fiscalização, não conhecer a realidade em terreno.

*“Acho bom eles poder ajudar, mas não é sempre que eles ajudam... é bom e não é, mas tá sempre assim” (Maria Elnaura).*

*“Eu acho bom... pouquinho... falta mais!” Aqui é muito pequeno! Ficasse maior, trouxesse algumas coisas para... tivesse um professor também, era para aprender...” (Rubem).*

*“Eu acho bom, mas acho que o governo deveria ampliar mais, apoiar mais, que isso nós estamos precisando, já temos um computador quebrado, mas não podemos consertar...” (Edmilson).*

- Relações/complemento entre Identidade/diversidade cultural e as TICs.

Apesar da dificuldade que podia ter esta consulta, foram 16 pessoas que responderam, contudo, não foi muito explicada esta possível relação (identidade/diversidade cultural e as TICs) por parte dos indígenas, sobre. Porém, algumas respostas foram desenvolvidas. Cinco pessoas indicaram que sim, mas sem dizer claramente o motivo.

*“Acho que sim, tem tô de acordo com isso” (Lali).*

*“Acho que sim, agora isso... nao sei explicar não” (Gicleane)*



*“Eu acho que sim...” (Vanir).*

Oito indicaram as causas desta relação. A relação ente identidade/diversidade cultural se expressaria pela possibilidade que as TICs oferecem de comunicar-se com o mundo e com o pessoal de outras etnias, uma interconexão, uma rede de comunicação, manifestada de diversas formas como no *chat* que permitiria falar e conhecer-se entre as tribos.

*“As duas têm relação... vamos buscar conhecimento de áreas que não conhece, entro no chat falar com a tribo Pankararu, Tumbalala... aí aos poucos têm relação” (Wyrisa)*

*“Se relacionam, porque a gente quando entra no chat se comunica com os índios das outras aldeias e se conhece” (Rosemarie)*

*“Acho que sim... pois com ela é que a gente, passa a nossa realidade, qual é aqui na aldeia” (Jose Evandro).*

Manifestada pela situação de “modernização” acontecida desde a inserção das TICs na comunidade.

*“Sim, agora tem... que nos estamos mais modernizados, evoluídos, já entendemos algumas coisas...” (Josemar).*

Elas ajudaram no autoconhecimento e o conhecimento dos outros.

*“Acho que tem, porque descobre as identidades de outras pessoas...” (Maria Elinaura).*

A relação existiria pela vinculação natural entre a cultura indígena e a comunicação.

*“Se relacionam eu acho assim... esse elo que existe entre a cultura indígena e a comunicação, a tecnologia” (Janeclia)*

O seguinte depoimento advirtiu sobre as conseqüências desta relação.

*“Nós os indígenas temos que também acompanhar os avanços dos brancos. Só que não perdendo as culturas, temos que nos aperfeiçoar na rede de informática,*

*mas sempre levando em questão a nossa cultura (...)" (Douglas)*

Aquele indígena que indicou que não:

*"nossa cultura é totalmente diferente... nós somos simplesmente nós e a vida, nossa mãe que é o meio ambiente..." (Wesley)*

- Contribuição à cultura indígena por parte das TICs.

A maioria dos jovens (17) indicaram que sim, mas oito não indicaram o motivo desta relação.

Os jovens indígenas em geral encontraram que as TICs têm contribuído a sua cultura, seja através do aprendizado, a interação estabelecida com outros povos, a possibilidade de mostrar a sua cultura via internet.

Dentre os que não expresaram o motivo indicaram:

*"Sim, com certeza" (Jose Evandro)*

*"Têm, bastante..." (Maria Elinaura).*

*"Têm" (Rosemarie)*

*"Elas têm contribuído" (Janeclia)*

E os que indicaram a contribuição a sua cultura.

*"Têm, mostrado sua cultura né? nós estamos mostrando sua cultura e também as culturas de outras aldeias" (Gilvania)*

*"Têm... as outras aldeias, nós aprendendo com eles aprendendo com a gente" (Josemar).*

*"Têm, porque a gente através de matérias se informa... fala da nossa aldeia para outras aldeias e para nossa cultura" (Jose Luis).*

*"Sim têm, porque a tecnologia o que traz, a contribuição de tudo, de tudo o que acontece no mundo e para aqui dentro" (Eliziane).*

*"(...) em alguns aspectos, um bom exemplo como já falei sobre a preservação do meio ambiente, do lixo, essas coisas problemas..." (Wesley).*

- Desenvolvimento tecnológico futuros na sua comunidade indígena.

Só 12 pessoas responderam o que demonstrou ser uma pergunta difícil de responder. O pessoal ficava incomodado, não imaginando avanços futuros na *ciberoca*. Os que responderam se orientaram a solicitar melhorias nos equipamentos, ampliação física do local, treinamento aos monitores, etc.

*“Eu imagino a gente se formar mais no futuro, eu espero... e a gente buscar autonomia, conhecer mais as tecnologias e cada vez mais a gente ir buscando uma inter-relação com ela, para nós não depender tanto de outras pessoas, a gente vai buscar dentro da tecnologia implantar tudo o que a gente necessita dela, tentar conhecê-la, e, por exemplo, como falei antes... a gente vai filmar, a gente tem que impulsar uma edição de ilha, a gente edita nosso filme, a gente também vai ser fotógrafo, nós mesmos fazemos nossos projetos, nós mesmos desenvolvemos, gerenciamos nossos projetos através da tecnologia, estudando ela, é o conhecimento técnico. O que espero do futuro [ao final] é o conhecimento técnico da tecnologia” (Nhenety)*

*“Gostaria que houvesse mais computadores e ter mais conhecimentos. Muitos dizem que índio é bruto... aos poucos vamos mostrando nossa história lá fora” (Wyrisa)*

*“(...) ampliar mais a ciberoca, para que não só a gente de Índios on line, outros também participem da aldeia Kariri-xocó...” (Gilvania)*

*“Ampliação do ponto de cultura Kariri-xocó, abranger mais gente” (Josemar).*

*“(...) que houvesse alguém orientar a gente como deveria fazer, ensinar como deveria fazer, ensinar como a gente deve prosseguir (...)” (Edmilson).*

*“(...) deveríamos ter cursos mais apropriados para saber encontrar sites, muitas pessoas utilizam sem entender o uso nem nada não conhecem, só conhece uma pequena parte (...)” (Wesley)*

O aspecto técnico de conhecimento, formativo (cursos, orientação no uso das TICs, etc.), de melhoria na infraestrutura (hardware, software e local físico), o desenvolvimento de uma autonomia no uso/acesso às TICs para conseguirem uma independência dos outros, o que pode ser entendido como o desejo do fim da sua tutela, e que atualmente eles estão lutando para não estarem nessa categoria legal, através da mudança do *Estatuto do Índio*. Assim, estes

aspectos constituíram o foco principal do *desenvolvimento tecnológico* que no futuro espera esta comunidade.

A continuação se indica algumas respostas selecionadas, relacionadas diretamente ao uso das TICs, enfocado principalmente ao uso de computador, seus programas e as informações da Internet.

#### I. Perguntas sobre demandas/necessidade de informação.

##### 1. Temas/assunto pesquisados/consultados na rede Internet.

Como se esperava, os temas pesquisados foram muito variados, não estando só relacionados ao assunto cultural, pois aspectos sociais, econômicos, políticos, educativos, foram surgindo nas suas falas. Assim desglosando os assuntos das suas falas o constituiu: o conhecimento sobre outras aldeias, de outras culturas indígenas, assuntos de trabalho e concursos, foi mais de uma vez mencionado como assunto de pesquisa. As informações de organizações de governo como o MINC, com seu programa *Cultura Viva*, é outro tema de pesquisa, pois motiva a participar em projetos. Sobre estudos duas declarações. Pode-se ver que os temas de pesquisa na net vão além dos assuntos de estudos, é mais uma forma de autoconhecimento e de outras culturas indígenas, para eles por muito tempo desconhecidas, a possibilidade de autodesenvolver-se com uma participação, ou ajuda como alguns denominam por parte do governo, através de projetos é outra opção de pesquisa. A oportunidade trabalho, espaço informativo laboral da rede, é bastante mencionada, constituindo a Internet um apoio nesse aspecto.

O uso do site *Indios on line* para conhecer a outras comunidades indígenas.

*“O site Indios on line, [para] conhecer outras aldeias, e ao redor do mundo” (Rosivaldo).*

*“(...) o que mais pesquiso é o site o chat Indios on line, que [é] bom [para] conhecer outros índios de outras aldeias e as matérias... começo a olhar as matérias que acho muito interessante, [pois] têm coisas que nunca ouvi falar” (Gicleane)*

Os projetos foram dito não mais de três vezes. Mas como se pode apreciar nas perguntas anteriores, estaria relacionado ao sistema em que estão inseridos atualmente os indígenas, o qual consiste em um tipo de apoio governamental, fundamentalmente tecnológico, através de

*editais*, no qual devem concorrer os indígenas com outros indígenas.

*“Sobre projetos, coisas sobre outros indígenas fora... que devemos mudar na nossa vida que não temos, a educação...” (Lali)*

*“(...) Procuo muito pelo Ministério da Cultura [para] pesquisar quais são os futuros projetos” (Douglas).*

No aspecto educativo, dependendo do nível ou grau de instrução, influenciou também no que se procura, por exemplo, uma professora indígena indicou que pesquisava sobre o *projeto político pedagógico*.

*“São os temas mais ligados à educação que eu pesquiso” (Janeclia)*

*“(...) estudos sobre informação de enfermagem, que eu gosto muito saber...” (Maria Elinaura)*

O tema laboral/trabalho em três depoimentos de jovens adolescentes que na sua escassa idade já tinham a inquietação de entrar no mundo laboral.

*“(...) eu procuro assim trabalho (...) procuro muitas coisas...” (Eliziane).*

*“(...) algumas coisas assim para procurar emprego, eu a essa idade tenho que achar alguma coisa assim, para me empregar”. (Rubem)*

O tema cultural é algo implícito na maioria dos depoimentos.

*“Eu procuro mais assim saber as outras culturas indígenas, sobre[sobre] outras aldeias, como elas funcionam, como são os trabalhos deles, como elas fazem, sobre seu meio de vida, só para conhecer assim... Pesquisar sobre o próprio índio mesmo, como é a relação entre o branco com índio” (Edmilson).*

Meio ambiente/saúde não é algo destacado, mas se menciona. Isso que pode demonstrar certo interesse no tema ambiental, se podem dar para diversas interpretações: problemas ambientais constantes, a situação de pouco apoio no tema saúde por parte da Fundo Nacional de Saúde (FUNASA), que faz um atendimento diferenciado, mas que no caso desta comunidade é muito precário. (Kariri-Xocó)

## 2. Pesquisa sobre informação bibliográfica ou de documentos.

Foram escassas as respostas, os jovens em geral, não sabia responder a consulta sobre informação *bibliográfica on line*.

*“Sim procuro, procuro às vezes” (Lali).*

*“Sim, é o que mais pesquiso” (Nhenety’)*

*“Os temas que não têm na biblioteca e de autores que não têm livros ainda feitos ainda...” (Rosemarie)*

*“Estava na revista Ciência Hoje, foi o que eu pesquisei, a questão da saúde...” (Janeclia).*

*“Sim informações de documentos... os documentos que eu gosto mais de pesquisar é sobre os órgãos que ajudam às tribos indígenas, como documentos sobre a FUNASA, documentos da FUNAI, gosto de pesquisar... do GESAC...” (Wesley)*

## 3. Sites/páginas da Internet que consulta. (favoritos se tiver...)

Das 17 pessoas que responderam, 14 têm o site *Índios on line* como seu favorito, porém, alguns incorporando outros programas ou sites/serviços da Internet. Sendo o serviço mais usado o *chat* de *Índios on line* para terem contato direto com outras comunidades. Respeito a Internet se mencionou, o *Google* como site de pesquisa e o *MSN*, *Orkut* para comunicar-se.

*“Só Índios on line mesmo” (Wyrisa)*

*“Índios on line, só esse” (Rosivaldo)*

*“Índios on line primeiramente e alguns sites de informações” (Josemar)*

*“Índios on line, é o favorito e uso o Google” (Lali).*

*“Índios on line, o chat de Índios on line... saber o que passa nas tribos e passa na nossa” (Jose Evandro)*

*“Índio on line, Orkut, Messenger” (Carlinhos)*

*“(...) Índios on line é o site que eu mais gosto de entrar” (Edmilson)*

*“Índios on line” (Rosemarie)*

*“Não tem não. A gente que mais usa é o Google,*

*foi indicado, se nos indicou...” (Janeclia)*

*“Site de Índios on line, página de bate papo (...).” (Rubem)*

#### 4. Uso de software (Word, Excel, software livre...)

Dos 19 entrevistados, 14 responderam, oito só usam a Internet, cinco o Word e um não conhecia. Assim a maioria fazem uso da Internet, especialmente da página *Índios on line*, e seu *chat*, porém aqueles que criam conteúdos, matérias, fazem uso do Word.

*“Só Internet mesmo. Eu não entendo muito disso” (Wyrisa)*

*“Uso o Word” (Nhenety)*

*“Uso o Word para escrever” (Douglas)*

*“Word na hora de digitar...” (Janeclia)*

*“(…), uso mais o Word, que é para escrever, eu gosto escrever histórias, atualmente eu tenho livro (...) vai em mente... sobre a minha vida mesmo” (Wesley)*

## II. Perguntas sobre criação de conteúdos.

#### 5. Criação de conteúdos usando as tecnologias.

Dos 14 respondentes, 13 pessoas participam de algum jeito, foi difícil conseguir que indicassem em que temas ou assuntos contribuem, dentre alguns de seus comentários: *“matérias” “fiz comentários” “dou opinião”*; as pessoas com mais experiência no acesso e uso na ciberoca, são as que mais participam com matérias. As formas de participação detectadas foram as seguintes: contribuindo com matérias para a rede *Índios on line*, comentários ou dando opiniões às matérias ou temas do site *Índios on line*, e no chat ‘batendo papo’ com indígenas de outras etnias. Sobre o que se tem escrito, os temas detectados, ou mais indicados foram: história da tribo, meio ambiente, saúde indígena, preconceito, discriminação, histórias particulares, a cultura deles.

*“O ano passado, 2006 fizemos... eu contribui no curso Arco Digital, através da Internet, um curso que inclusive eu fiz 231 matérias... fiz matérias o ano passado na rede Índios on line (...) do qual resultou uma edição dum livro.” (Nhenety)*

*“Fizemos sete matérias, a matéria que nós fizemos foi contar a história de nossa tribo, o dia a dia das pessoas, mostrar para o mundo fora, quando acontece algum fato aqui, nos escreve bota na Internet os índios on line vão saber” (Wyrisa)*

*“Participo muito... tem o Diário dos Índios on line onde ficam todas as matérias publicadas e as pessoas podem olhar ver qual é a opinião do índio que se passa dentro da aldeia, quais são as dificuldades , experiências e acho isso muito legal” (Douglas)*

*“Sim, eu tenho feito matérias, o que esta acontecendo aqui na aldeia, e... mostrando não só os outros índios e o povo que acontece aqui na aldeia Kariri-xocó, tá entendendo? Faço matérias, dou opinião sobre os outros que vejo, né? (Gilvania)*

*“Sim, matérias... fiz comentários das outras aldeias, que eu achei daquela matéria, escrevo minhas matérias, assino com meu nome” (Josemar).*

*“Sim, dando opinião, fazendo matérias...” (Maria Elinaura).*

*“Se eu tenho participado (...) escrevendo matérias, participo no chat... eu já escrevi tanto tipo de matérias..rs..rs..meio ambiente, de nossa vida, a saúde indígena, preconceito e discriminação...”(Wesley)*

*“Tenho duas... a primeira foi a história da minha irmã e a segunda foi a cultura dos índios” (Gicleane)*

Em geral se pode indicar que a participação , no sentido de criação de conteúdos, é algo que está presente na interação esporádica com a Internet, fazendo uso principalmente do site Índios on line, o qual possibilita postar matérias e bater papo. A contribuição de cada jovem esteve de acordo a sua idade, sua situação social , assim como se era ou não parte do “grupo” do momento, isto é, se era monitor ou usuário temporal do serviço. Cabe destacar também o expressivo de alguns depoimentos: *“Foi a pessoa que mais fez matérias o ano passado na rede Índios on line...”*, *“participo muito...”*, *“(...) faço um monte de coisas”*.

### III. Perguntas sobre usos/satisfação dos usuários.

#### 6. A informação das páginas web lhe ajudou no que necessitava.

Só oito pessoas responderam, existiu uma dificuldade em fazer lembrar sobre os últimos sites, ou os mais recentes, para conhecer se ajudou ou não no que procuravam. Teve-se certa dificuldade em responder, mas os que o fizeram, indicaram que em geral lhes ajudou.

*“Sim, tem ajudado” (Lali).*



*“Sim, é muito completa. Porque quando vou a precisar um dado histórico sobre a minha comunidade vou a pesquisar esse dado, eu vou a encontrar documentos do século XVI de índios que já morreram, coisas antigas...Então eu tô tendo contato com conhecimento do meu antepassados, então têm muitas coisas escritas na época do Brasil colonial (...) tá muito documento histórico lá guardado. Aí isso me faz complementar, mais meu conhecimento. (...) no Google, através do estudo, eu consigo estudar, pode todo conhecimento acessar, consigo entrar na aldeia, todas as informações que preciso, todo conhecimento...”(Nhenety)*

*“Sim sempre...” (Rosemarie).*

*“Ajudou bastante, selecionando, pegando os pontos principais...” (Janeclia)*

*“Tá, ajudou muito na web” (Wesley)*

*“Ajudou” (Gicleanae)*

## 7. Usos/utilidades da informação procurada na internet.

Nesta indagação procuramos conhecer os usos práticos da informação recuperada pela Internet. Aqui os usos/utilidades da informação, a meta da informação recuperada, foram muito variados: desde fazer trabalhos, aplicar na escola, solucionar problemas de informação, aprender mais, etc.Só dez responderam, dando respostas muito amplas, não se conseguimos exemplos específicos de usos da Internet.

*“Aplicação do conhecimento na escola, eu sou professor e aplico isso na escola como um complemento de auto-formação no professor para os alunos” (Nhenety).*

*“Para ter mais conhecimento” (Wyrisa)*

*“(...) é uma ferramenta para solucionar problemas de informação...” (Douglas)*

*“Para me informar mais, aprender mais coisas” (Josemar).*

*“(...) Além de ser um meio de trabalho para gente...” (Eliziane).*

*“Hoje aqui eu faço para ajudar à comunidade, quando eu quero fazer algo de interesse meu vou para a rua, uma lan house para mexer, mas pra cá... para ajudar aos alunos e à comunidade” (Jose Evandro).*

IV. Imagem/estrutura do *site(s)* que costuma consultar.

8. Imagem/estrutura dos sites que costuma consultar, exemplo, fácil, difícil, com muita informação, etc.

Aqui a maioria respondeu (14) pensando no site *Índios on line*, a página mais usada/acessada pelos indígenas desta comunidade. Não aconteceram queixas sobre a sua estrutura, as críticas eram, sobretudo, para outras páginas de Internet, que têm muita informação, ou informação incompleta, a dificuldade que representa o idioma inglês em *sites*, etc. Dentre alguns qualificativos usados expressados respeito a *Índios on line*, durante a entrevistas foram: *“muito boa, muito fácil de mexer...”* *“Boa, muito boa ...”* *“Acho bom...”* *“Eu acho a página boa assim...”*

*“Eu acho ótimo... é aquilo que a minha comunidade necessita” (Nhenety).*

*“Se eu gosto da página (...) porque não é difícil (...). Pra mim é fácil” (Gilvania).*

*“Boa muito boa... não é difícil” (Josemar).*

*“Acho boa a estrutura dos sites...” (Jose Luis)*

*“Acho bom... não foi tão difícil porque com ele a gente aprende melhor, ela [indicando a entrevistada a Lali (monitora)] nos ensina pra a gente que não sabe muito ela está sempre aí, orientando a gente com entra não entra” (Eliziene)*

*“Acho fácil de entender para todos nós” (Jose Evandro)*

*“Acho assim boa, difícil assim, para quem não sabe entender muito (...)” (Maria Elinaura)*

*“Eu acho essa página, boa assim, acho legal” (Edmilson)*

*“Eu não acho muito difícil não, mas dá para ir...” (Rosemarie)*

Os que não opinaram pensando em *Índios on line*, mas em outros *sites*:

*“Eu acho que depende da forma que você vai pesquisar, porque o computador assim às vezes não sabe fazer uma pesquisa (...), assim quando você sabe fazer uma pesquisa, aí facilita mais um pouco” (Wesley).*

Só alguns dificuldades foram ditas:

*“(...) a gente não acha texto inteiro, são mais*

*pedaços (...) informações da Internet que são vagas..” (Janeclia)*

V. Perguntas sobre opinião.

#### 9. Opinião sobre o “projeto Índios on line.”

Aqui 15 pessoas responderam em geral as opiniões são positivas, de aprovação e apoio no que está acontecendo com essa rede que tem um de seus pontos nessa comunidade indígena. *Índios on line* é visto como uma oportunidade, possibilidade de dar a conhecer a própria cultura, meio para o aprendizado, que o facilita e estimula, reforça identidade cultural e étnica dos povos, “*uma rede de inter-relação de tribos, que busca a união deles pela luta de objetivos, para a troca de conhecimentos entre as aldeias*” é um exemplo das expressões. Uma rede que segundo os indígenas, se deve expandir, que abriu novas possibilidades ao ampliar seus horizontes informativos, estimulou o interesse pela Internet e criou um novo conhecimento entre brancos e índios.

*“(...) foi uma oportunidade muito boa (...) para a gente porque nós mostramos um pouco de nossa cultura, um pouco de tudo... Nós aprendemos tudo por causa de Índios on line, tudo o que eu aprendi, foi tudo por eles” (Lali)*

*“É um projeto que ajuda muito, que veio a reforçar mais nossos povos. É uma rede de inter-relação de tribos que cada vez mais a gente busca união das tribos pela luta de nossos objetivos de troca de conhecimento entre aldeias e tribos e da tribo com a sociedade” (Nhenetý).*

*“É um projeto bom para se conhecer pessoas, os povos indígenas que você não tem contato...” (Douglas).*

*“(...) foi um projeto bom que veio para os índios e que porque sem Índios on line a gente não tinha como se informar sobre o mundo, sobre as aldeias e nem o que está acontecendo no mundo” (Jose Luis).*

*“(...) se não houver um meio de trabalho entre todos juntos, unidos, acho que não se adquiriria nada e nós trabalhando assim... a gente traz recursos de tudo de bom aqui pra dentro, (...) porque não adianta um trabalha de lá e outro de cá, todos juntos, a união faz a força” (Eliziane).*

*“Minha opinião é que um projeto, eu achei bom demais, está ajudando não só a mim, mas em outras aldeias também, e também busca a gente para ter interesse da Internet” (Maria Elinaura).*

*“Minha opinião é, achei legal porque conheci muita gente, muitos índios, outros índios, eu quero conhecer muito mais ainda” (Carlinhos).*

*“Esse projeto Índios on line é importante, pela questão da participação, da comunicação e de se informar sobre as comunidades indígenas. Então é importante isso, esse intercâmbio entre as sociedades indígenas e não indígenas” (Janeclia).*

*“Acho que Índios on line foi um caso essencial para nós os índios, porque nós estamos demonstrando nossa realidade (...) aos brancos [que] não conhecem, porque discriminam muito os índios nordestinos... podemos mostrar a eles quem somos nós..., o que acontece aqui, qual é a nossa realidade hoje...” (Wesley)*

*“(...) foi muito bom trazer Índios on line porque a gente não tinha muito conhecimento, hoje nós temos matérias que escrevemos e (sabemos de ) outras aldeias que a gente nunca sabia que tinha acontecido (...)” (Gicleane).*

## VI. Dificuldades.

10. Dificuldades usar algum tipo de ferramenta tecnológica de software, hardware ou internet.

As dificuldades se manifestaram, sobretudo no começo no uso das TICs, porém com o passar do tempo foram solucionadas. Das 17 pessoas que responderam; quatro nunca tiveram, oito no começo tiveram dificuldades e agora não e cinco tinham ainda naquele tempo.

*“Não, nunca” (Lali)*

*“Na verdade, não” (Douglas).*

*“Muitas ao começo, não tenho mais, mas não sabia ligar o computador” (Josemar).*

*“Teve, foi muito difícil para eu aprender, mas acabou sendo fácil para quem gosta de acessar” (Carlinhos).*

Nove pessoas indicaram as causas da sua dificuldade, e às vezes como solucionaram esse problema; dificuldades no uso da Internet, de software e hardware foram detectadas em alguns depoimentos.

*“Inicialmente sim, era o conhecimento de operação de Internet. (...) hoje em dia eu já domino um pouco. Eu aprendi por minha conta” (Nhenety).*

*“Tenho... e muitas coisas que eu não sei, [assim] peço explicação, (...) aos coordenadores para receber ajuda (...) têm emails, sites, que eu não sei o que é (...)” (Gicleane).*

*“(...) não sabia nem como ligar o computador” (Josemar)*

*“(...) Assim de caçar as letras (...)” (Rubem)*

*“Eu tenho dificuldade ainda, (...) qual é a tecla que eu devo mexer (...); de equipamento (...), como fazer pesquisa, tenho um pouco de dificuldade, sei pouco coisa ainda...” (Edmilson).*

*“Teve, foi para mexer na tecla” (Rosemarie).*

*“Entrar mesmo em algum programa (...) que eu não conheço” (Rosivaldo)*

*“Tenho dificuldades porque eu vou aí, esqueço aonde se apaga [pois] tenho pouco tempo que mexo (...) Ainda tenho dificuldades” (Ganeclia).*

## VII. Críticas.

### 11. Índios on line ou programa governamental.

14 pessoas responderam das quais 11 não criticaram nada, o qual pode demonstrar a aceitação do que acontece com essa iniciativas tanto de governo e da sociedade civil, porém alguns respondem que ‘por agora não...’ o que pode também demonstrar sua não confirmade a futuro..

*“Acho, não tenho nenhuma crítica” (Lali)*

*“Bom, não tenho nenhuma critica, é mais agradecer” (Douglas)*

*“Até agora não tem” (Wyrisa)*

*“Hoje mesmo esse novo grupo, tá tudo bem, não tem critica não” (Jose Evandro).*

*“Nenhuma” (Rosemarie)*

*“Não tenho não” (Janeclia)*

*“Não tenho não por enquanto” (Maria Elinaura)*

Só dois criticaram:

*“(...) falta mais participação de outras comunidades, nós temos onze, nós queremos ter outras comunidades*

*entendeu?. Eu acho minha crítica é [também] à parte burocrática. Eu queria que fosse democratizado mais (...)a burocracia é um empecilho grande, que essa relação seja aberta”[respeito ao Governo] (Nhenety)*

*“(...) de horário, que tem gente, que entra aqui, essa coisa (...) que tem um grupo de horário, né? (...) só entra aqui se for de Índios on line às 12 hrs (...) aí não tem espaço para os outros..”(Rosivaldo)*

### VIII. Projeção/Impacto.

#### 12. Como estas tecnologias podem beneficiar daqui prá frente.

Só cinco pessoas responderam o qual demonstrou o pouco conhecimento do valor e/ou papel que podem ter as tecnologias para o futuro de cada um. As respostas foram em geral muito amplas, foi difícil que ele/elas indicassem a forma em que as TICs poderiam fornecer algum tipo de “apoio” ou estímulo na vida futuro de cada um deles.

*“Sim, (...) se a gente não sabemos usar, esse instrumento tecnológico, a gente fica para trás, ultrapassado, então é muito importante o uso da tecnologia nos dias de hoje” (Janeclia).*

*“Sim com certeza. (...) nós jovens indígenas estamos tentando lutar [pela] melhoria de nossa tribo e com tecnologia poderíamos saber lutar em prol de nossa causa” (Wesley).*

*“Pode, sim, são uma ferramenta do futuro do jovem” (Rosivaldo)*

*“Acho que sim, porque a maioria das empresas (exige) saber um pouco mexer em computadores acho que a tecnologia melhora muito. Assim porque (...) quando a gente está formada vai procurar emprego sempre vai exigir um pouco da tecnologia pra gente. Eu gosto da tecnologia” (Gicleane).*

Nestes poucos depoimentos ficou claro que as TICs são ferramentas chaves para o futuro do jovem, apesar de elas “obrigarem” a conhecer seu uso para poder se inserir nesta sociedade, elas podem contribuir à melhoria da comunidade.

### IX. Valorização/recomendação.

#### 13. Este projeto pode ter utilidade em comunidades ou grupos indígena. Por que.

Aqui a maioria respondeu muito entusiasmadamente (18), sobre a utilidade que poderia ter uma *ciberoca* instalada em outras comunidades. “Claro sempre é bom para os indígenas essa oportunidade...” “Sim, já tá provado...” “Acho que é muito bom” “Sim, com certeza...” “Deveria, né?” foram algumas das expressões usadas pelos entrevistados. *Índios on line* é visto como uma nova oportunidade, um apoio em geral que possibilita a participação de outras comunidades, podendo ter mais um autoconhecimento, trabalhando em conjunto, comunicado-se e aprendendo mutuamente.

Os motivos que levariam a *Índios on line* ser útil para outras comunidades são muito variados:

O interesse é manifestado pelos mesmos indígenas:

*“Sim, já tá provando isso... muitas aldeias já querem participar no Índios on line” (Nhenety)*

Ante o “benefício” trazido às mesmas comunidades indígenas, poderia também ser útil para outras:

*“Acho... que é muito bom como vem participando nossas tribos, outros participantes, [para] ter mais conhecimento do mundo...” (Wyrisa)*

*“Sim, com certeza esse projeto ajuda, como tá ajudando a nossa tribo, pode ajudar várias” (Jose Evandro)*

A possibilidade que brindaria de ampliar o projeto:

*“Acho que pode... porque, se não me engano, são sete aldeias que estão conectados on line, mas quem sabe... no futuro nós englobamos todas as aldeias que têm aqui e as que têm lá fora, em outras regiões” (Douglas).*

Permitiria ampliar a informação, comunicação, e aprendizado dos outros indígenas:

*“Acho... para nós informar também dos outros, eles conhecer a gente, conhecer o projeto Índios on line” (Josemar).*

*“Acho que sim, porque eles iam conhecer mesmo o que a gente está conhecendo, muitas coisas boas, e ter acesso ao mundo lá fora, poder mostrar a realidade que acontece na aldeia deles, não só a para a gente, mas para os brancos, né? Que o branco pensa que índio (...) anda nú...E hoje não é assim mais.” (Gilvania)*

*“Seria... porque também outras pessoas têm que aprender, né? Como a gente está aqui aprendendo, outras tribos indígenas também tinham que aprender” (Vanir).*

*“Pode, como nós... outras aldeias também, para a gente se comunicar com eles e eles com outras pessoas aí fora” (Rosemarie).*

*“Acho, acho bom... porque a gente ia aprender (...) era bom se existisse também nos outros que não têm...” (Gicleane).*

*“Para outras tribos indígenas sim... porque eles também podem mostrar a realidade deles e interagir com nós mesmos, uma troca de experiências” (Wesley).*

## X. Sugestões.

14. Sugestões/idéias para o projeto Índios on line ou governo, ou o que esta acontecendo na ciberoca.

As sugestões se concentraram principalmente na modificação do espaço físico da *ciberoca*, sua ampliação, melhorar o desempenho do pessoal monitor e mais equipamentos.

### Infraestrutura física:

*“Ampliação do ponto Kariri-xocó” (Josemar)*

*“(...) tivesse um espaço maior para nós trabalhar e não apertado. Fica muito apertado...” (Jose Luis)*

*“Mais espaço para mais gente ir aprendend. É muito pequeno muita gente quer vir, nós não pode por causa que é muito pequeno, só tem dois”(Vanir)*

### Infraestrutura tecnológica:

*“(...) se fosse possível tivesse mais condições de dar mais computadores, porque é muita gente aqui (...)” (Jose Evandro).*

### Capacitação:

*“Que tivesse um pouco de aula para a gente aprender...” (Rosemarie).*

### Autonomia como comunidade, do ponto de vista administrativo e operacional:

*“Buscar nossa autonomia como instituição.A rede tem uma estrutura administrativa, organizacional com as tribos on line e nós todos decidir via internet. É uma rede internet de índios, a gente nasceu dum projeto da Thydewas junto com os índios, mas hoje em dia nós temos a*



*necessidade de ... uma coisa independente”  
(Nhenety)*

*“(...) que nós soubéssemos resolver problemas  
que existissem aqui dentro da ciberoca...”  
(Edmilson).*

Melhoria no desempenho, funcionamento da ciberoca:

*“Gostaria que acontecesse aqui... era que o  
desempenho crescesse mais...” (Edmilson).*

*“Acho que esse pessoal que trabalha aqui dentro  
que têm horário, que só entrasse com uma hora  
(...) para outros também entrar, participar”  
(Rosivaldo).*

As sugestões dirigidas principalmente à infraestrutura física e tecnológica, reflete o limitado do apoio que até agora o governo tem fornecido, permitindo o funcionamento de um escasso equipamento, sem projetar-se no futuro. Esta comunidade olha a sua realidade atual, a qual careceu por muito tempo de um “apoio” deste tipo, por isso valoriza e apresenta um entusiasmo no acesso\uso, mas também se dá conta, que esta “nova realidade” não tem uma real projeção, no sentido de garantir uma continuidade no tempo.

#### 4.2.2. Os Pankararu - análise e seleção dos principais depoimentos.

- Primeira vez escutar sobre tecnologia da computação ou Internet.

A diferença dos jovens indígenas kariri-xocó, a maioria aqui a primeira vez que escutou falar sobre as TICs foi na escola (13 pessoas), não da comunidade, se não de fora, na cidade mais próxima, durante o ensino médio ou básico. No ambiente de casa (1), em nível de grupo ou de amizade, só houveram dois depoimentos (2). A televisão foi mencionada só duas vezes. Várias pessoas (9) indicaram datas aproximadas: “foi no 2005... por aí... 2004” “março 2007” “janeiro 2007” “2003... 2002” “2002” “em torno de 1999” e suas idades, entre 16 anos e 24 anos.

Na escola:

*“A primeira vez que eu ouvi falar sobre a  
computação foi na escola, eu estava na 8º série  
de ensino fundamental, na Escola Estadual de  
Itaparica” (Ronaldo).*

*“Bom, a primeira vez que eu ouvi falar (...) foi na escola mesmo, né? Eu me formei na de Itaparica” (Luciana).*

*“Foi na escola, quando estudava em Itaparica, no ensino médio (...) aí eu fiz um curso de informática lá (...) foi no 2002” (Luciano).*

*“Primeira vez que ouvi foi na escola, né? Um curso normal, que eu fiz... eu tinha 24 anos, comecei o curso normal, aí tinha uma disciplina que era teórica (...)” (João).*

*“Quando eu ouvi falar eu estava cursando o 2º grau ainda, né? Na Escola Estadual de Itaparica, é quando a gente passa a ter uma aula teórica sobre a questão de computação (...) eu tinha 20 anos” (Tiago)*

-Significado das TICs /Internet.

Aqui as 19 pessoas responderam, dentre as principais expressões utilizadas para definir as TICs, foram Aprendizado, Conhecimento, Informação, Comunicação, Avanço, Globalização e Instrumento. Uma arma digital que permite a resistência, a luta, a preservação da cultura, o conhecimento, a comunicação e a inclusão:

*“Antes que não tinha esse conhecimento e não tinha a consciência de que poderia servir como arma (...) de resistência, de conhecimento; eu achava que era só para entrar (...) não tinha essa formação crítica que tenho hoje. Hoje eu vejo que se tornou uma arma digital. Nosso Arco digital é uma arma de resistência, de luta, de preservação e até a gente se inserir no meio de branco, mostrando que a gente está vivo, que está mantendo nossas tradições. É assim uma rede em que você conhece varias pessoas, várias histórias, você troca experiências, contribui para a nossa própria cultura, mas [também] para a cultura de outros povos, porque você cria laços com essas pessoas, contribui muito...” (Luana).*

Instrumento para o aprendizado/conhecimento de outras culturas, a sua diversidade, meio de divulgação do que acontece na comunidade, instrumento de comunicação:

*“Aprender sobre os povos indígenas, conhecer mais sobre a diversidade que a gente encontra pela rede e mostrar a cultura de nossa etnia para*

*povos que não a conhecem ainda. Às vezes também declarar os fatos que acontecem como intrigas, ameaças na aldeia e isso...” (Bartolomeu).*

*“O que significa para mim... é que eu aprendo muitas coisas novas que têm no computador e assim também converso com outras pessoas e acho mais fácil a pessoa aprender pelo computador, porque no computador é mais prático pra a gente aprender do que outra pessoa falando” (Rosekelly).*

*“Eu penso numa concepção bastante cosmológica, tá entendendo?... numa dimensão bastante ampla da questão informática, enquanto elemento de comunicação (...) de divulgação (...) de formação um ser também” (Tiago).*

Avanço tecnológico ou modernidade, que permite um novo conhecimento:

*“O que vem a mente, é a tecnologia, né? Até que onde o homem pode chegar com a invenção, a invenção do homem tão perfeita que foi o computador, né? Que ali tudo o que você pensar você consegue pela internet, fazer compras, tirar dinheiro (...)” (Ronaldo).*

*“(...) é que é muito bom, porque é uma forma de evolução” (Luciana).*

*“Eu penso no avanço, ter amizade... significa assim a tecnologia avançada, né? Tecnologia que apesar não tinha conhecimento, mais agora já estou fazendo parte dela um pouco, eu achei muito bom” (Geovam).*

*“Pra mim... é a minha vida, foi uma coisa que me fez evoluir muito como pessoa, porque me trouxe mais conhecimento muita coisa desse tipo”. (Luciano)*

*“Significa pra mim um avanço, porque assim para nós aqui oportunidade de ter esse ponto de cultura, né? Assim, para gente ficar mais informado, mais atualizado das coisas que acontecem no mundo” (Aparecida).*

*“Acho sim... para mim significa dentro da aldeia mesmo um avanço porque a gente for analisar as aldeias de antes, né? se a gente for analisar, deu um pulo enorme (...) foi um enorme avanço, um avanço muito bom, importante” (Marcela)*

Globalizacão, índios conectados, inovação:

*“Globalização, índios globalizados, significa muito...” (Erika).*

*“Tecnologia, né? Inovação, globalização...” (Jusimeire).*

*“Quando penso em Internet, eu penso... que o homem conseguiu um avanço muito grande, né? Assim tá... globalizado, acesso, só bastar saber procurar, né?” (João).*

Lado ruim e positivo:

*“Acho que como qualquer outro equipamento, sabe..., têm dois lados, seu lado bom e ruim. A internet tem esse portal que cada vez está mais acessível, mais permissivo... muitas coisas negativas, de má influência (...) mas também esse lado positivo da informação instantânea, você pode se comunicar com pessoal de outro lado do mundo, pelo MSN, você consegue fazer uma pesquisa eletrônica sobre determinado assunto, você consegue muita bibliografia...” (Cristiane).*

Meio que ajuda encurtar as distâncias, a fazer a diferença, que ajuda a promover a paz, a cultura e que pode ao mesmo tempo trazer benefícios para a comunidade:

*“Na minha mente, quando ouço falar sobre Internet, a ciência da computação, eu penso que é um meio, que pode fazer a diferença, quando ele se usa para o bem, para promover paz (...) a cultura, buscar meios que possam ser mais benéficos pra nossa comunidade indígena. Então, eu acho (...) que é um meio que encurta os espaços, e ao mesmo tempo traz aquilo que você poderia levar muito tempo de pesquisa, aí traz...” (Jailton).*

O principal foco dado às TICs nesta comunidade, é ser um meio de comunicação que ajuda no aprendizado próprio, fornece uma facilidade, por conseguinte permite uma nova forma de educação ou de formação. O conhecimento é, sobretudo específico, sobre os povos indígenas, conhecer a sua diversidade permitindo estar mais informado, atualizado. Permite também o acesso a informações, a pesquisa e encontrar conteúdos de outros âmbitos.

Ademais é um elemento de comunicação de conversa com outras pessoas, que cria amizade, laços com outros povos, uma rede de vínculo com pessoas de diferentes lugares, que estimula a troca de experiências.

A tecnologia também se relacionou com a modernidade, com o avanço, uma invenção avançada do homem que leva a uma globalização, uma inovação, formando índios globalizados.

Respeito à situação de relação com a sociedade, a tecnologia constitui uma oportunidade, um meio para inserir-se no branco, para fazer a diferença, em benefício da comunidade.

Sobre a cultura é uma ferramenta de divulgação cultural étnica, uma *arma digital*, de resistência, de preservação e divulgação da própria cultura.

Nesta comunidade está acontecendo ainda uma descoberta do papel das TICs, as possibilidades que permitem, sobretudo na comunicação, no contato com outros, na opção de divulgar sua cultura cotidiana, e ao mesmo tempo informar-se sobre outras. Talvez pela novidade do ponto de cultura o uso no aprendizado ainda é pouco. A principal causa pode ser a falta de equipamentos e as dificuldades físicas do local, existindo muita demanda no acesso/uso.

-Primeira experiência com a tecnologia da computação ou Internet.

Aqui sete jovens pankararu tiveram a possibilidade de realizar cursos particulares o que lhes deu uma base para um melhor desempenho no ponto, inclusive os dois monitores, tiveram essa experiência. O acesso físico pela primeira vez, à diferença dos kariri, que foi principalmente na *ciberoca*. A aqui só quatro pessoas tiveram acesso no *ponto de cultura*. No colégio, foram cinco pessoas no total, no colégio municipal de fora da aldeia (quatro), e uma em colégio particular, onde adquiriram conhecimentos básicos, mas em geral foi um contato escasso, mais de visão. Só uma pessoa indicou que foi no trabalho que teve acesso pela primeira vez.

Curso particular:

*“(...) minha primeira experiência foi..., eu fiz curso de informática na cidade, a duração foi de oito meses aprendi vários programas, a mexer com eles para ajudar aqui o povo da aldeia. Curso financiado por meu pai” (Bartolomeu).*

*“(...) eu fiz aula de informática, aí foi a minha primeira experiência. Eu fiz em Itaparica, seis meses, foi no fim do ano passado e terminei o mês de junho desse ano” (Luciana).*

*“Foi em Itaparica no curso 2002” (Luciano)*

*“Foi em Petrolândia que eu fiz um curso de computação lá. Foi em 2002 (...) era curso Windows, Word, Excel... aprendi a digitar salvar matérias, foi só isso” (Aparecida).*

*“Na cidade de Jatobá, classe particular, em 2006, foi seis meses de estudo” (Erika).*

*“(...) Foi no 2005, no curso de informática, em Paulo Afonso na Bahia” (Jusimeire).*

No ponto de cultura:

*“Foi aqui, Índios on line, há cinco meses” (Ivan).*

*“Foi aqui, no espaço Índios on line, né?” (João).*

Na escola:

*“Bom, como eu falei aprendi um pouquinho na escola que estudava, [também] no caso eu aprendi aqui nos Índios on line, foi aonde eu tive um contato maior...” (Marcela).*

*“Eu acho que tinha em média 19 anos. Foi no colégio, também foi aqui dentro da área, porque já tem muito tempo que o computador chegou (,,) aqui dentro da área” (Tiago)*

*“Quando a gente ia fazer trabalho... no colégio era difícil acesso (...) e o acesso que tinha era só para Word, para Excel, aí Internet menos tinha. Eu estudei no colégio Isabel de Souza, privado. Era um computador só para cinco pessoas” (Luana).*

No trabalho:

*“(...) foi lá aonde eu trabalhava em São Francisco, no mercado (...). Lá a gente tinha acesso, podia mexer um pouco no computador, isso foi (...) no ano 2002, em Sergipe” (Jailton)*

-Espaço das TICs na sua vida hoje.

Existe em geral um acordo para qualificar as TICs como elemento muito importante e

significativo na vida de cada um. Estes qualificativos estão muito ligados ao significado dado às TICs, pois a importância está nas áreas que estas apóiam: o aprendizado, o trabalho, o conhecimento, a comunicação e troca de experiências com etnias diferentes, um apoio nos estudos, na postulação e inscrição de cursos, uma ferramenta de informação e uma fonte de pesquisa. Oportunidade de usá-la no tempo livre e no tempo produtivo. Aqui tentamos que eles fornecessem exemplos práticos.

Uma ferramenta que permite um aprendizado, interagindo ou comunicando-se ao mesmo tempo:

*“Hoje a tecnologia está sendo importante para a gente poder aprender mais, conhecer e mostrar que os índios estão também aprendendo, se adaptando ao tempo atual” (Bartolomeu).*

*“Um espaço importante, para a gente estar-se comunicando com outros índios que são parentes e ter mais informações sobre eles. Saber como eles vivem lá, conhecer as diferenças das duas aldeias” (Erika)*

*“Sim, importante porque principalmente agora que fui morar em Recife, que me afastei daqui do ponto de cultura aqui em Pankararu, mas eu de lá acompanhava enviando meus comentários (...) então ia para lan house e aí numa hora, nessa hora tinha que, ler as matérias, que verificar as chamadas do vestibular, fazer pesquisa (...) espaço ficou pequeno pra as matérias de Índios on line” (Luana)*

*“Sim, é muito importante. Primeiro porque ninguém vive sem informação, e já que é um portal, um espaço de acesso fácil à informação, eu sempre procuro fazer uso nesse sentido, tanto pra me comunicar com outras pessoas, com outros parentes (...) através de email; a gente troca muita informação com os parentes do Amazonas, de Roraima, de Minas, do Rio Grande do Sul e pesquiso... muita pesquisa” (Cristiane)*

Permite um acesso à distância a programas oficiais de governo e particulares no campo da educação:

*“A tecnologia para mim é muito importante, tudo que estou fazendo agora, tô tendo auxílio da Internet, nos meus estudos que estou terminando*

*agora, quero fazer faculdade (...) não sei se eu vou conseguir... então na Internet tô acompanhando o processo seletivo do Prouni, então tá tendo um grande significado na minha vida, né?” (Ronaldo).*

*“Hoje a computação tem um espaço muito significativo em minha vida, eu tô matriculado num curso de matemática à distância, assim eu vou ter que ter acesso cinco dias da semana a Internet, prá poder fazer esse curso, né? de ensino superior” (João)*

Alguns indígenas responderam pensando no site *Índios on line* que permitiu ampliar seu universo comunitário, convertendo o tempo vago em algo útil, inclusive ser uma fonte laboral.

*“Um espaço muito importante para mim, porque antes de Índios on line, tinha um espaço vago, né? Era preenchido assim com coisas que... não valia a pena, aí agora tô aproveitando muito meu tempo” · (Ivan).*

*“É um espaço importante, muito importante, porque tem o chat Índios on line, tem o MSN, a gente pode conversar, conhecer outros povos (...) outra realidade do índio” (Geovam).*

*“Pra mim é tudo, porque quando eu não tô fazendo nada, eu tô no computador, sempre pesquisando, tecendo...” (Rauli).*

*“Antes eu não tinha trabalho, agora eu tenho depois quando vim aprender informática eu consegui, é um espaço importante” (Luciano).*

O aspecto político mencionado só uma vez:

*“(...) ela serve como elemento, como subsidio de ação e luta dos povos (...)” (Thiago)*

-Nova realidade tecnológica na sua comunidade.

Aqui tentamos ter uma visão macro, sobre o que acontece com o ponto de cultura na comunidade, saber se eles estão a favor ou contra. Aqui a totalidade dos entrevistados/as responderam, o que de mostrou o engajamento de cada um, quando se trata de falar da comunidade, de algo que impacta a sua convivência diária. Eles não duvidaram em opinar, à diferença das perguntas mais pessoais, sobre dificuldades, críticas, etc.

As TICs como elemento de divulgação, comunicação, um meio informativo de contato com



parentes de fora e para estar ao tanto do que acontece em cada local:

*“Sim, é bom ter a tecnologia, pois ajuda aos povos, a passar por email para os que estão fora da nossa etnia, [permite ter] muita comunicação, traz fotos... [do] o que está acontecendo com as pessoas que estão em São Paulo (...) isso ajuda a diminuir muito, o espaço de longe” (Bartolomeu)*

Uma ferramenta para demonstrar as potencialidades/capacidades dos povos índios à sociedade “branca”, que eles têm condições de gerar conhecimento:

*“É importante, justamente quando [muitos] têm a visão de que os índios são pessoas que não merecem ter o conhecimento, não merecem estar atualizados; então esse ponto de cultura veio a quebrar o tabú (...) isso é bom porque está gerando conhecimento aqui dentro da nossa área indígena, a gente está encaminhando às pessoas da humanidade, que a gente não está ficando parado no tempo, no espaço, a gente está acompanhando junto com eles...” (Ronaldo)*

*“É importante, uma novidade tecnológica para as pessoas aqui, né? (...) pra não (...) ficar atrasadas, pois tem conhecimento que acontece no mundo fora, é isso”. (Jusimeire)*

*“É importante pra mim e também para meus parentes... avanço ... que os índios conseguiram (...) o pessoal tem uma discriminação, certo? Não todos, mas a comunidade branca sempre tem um receio com índios, os índios são bichos brutos, não tem informação, mas o índio está buscando, tá buscando conhecimento, né?” (João).*

Os monitores responderam de acordo os seus papéis como orientadores “professores” do pessoal:

*“Muito importante, isso por sinal, né? Porque antes era aquela coisa, tinha o analfabeto (...) e hoje a gente está se preocupando com aqueles analfabetos digitais, a gente com esse ponto de cultura, além de exercer todo o nosso trabalho, (...) de vez em quando está também ajudando ao pessoal, pelo menos a ter noção do que é computador (...)” (Luciana).*

*“Ah... é muito importante, porque antes de não ter esse ponto, muita gente não sabia, nem o que*

*era um computador” (Luciano).*

A possibilidade de organizar e incentivar o aprendizado:

*“Esse projeto foi ótimo para organizar os índios pankararu, graças a Deus chegaram com esse projeto, muitos jovens já alguns já saíram para fazer curso de computação e sabendo o básico, sabendo muito daqui” (Ivan)*

Espaço de amizade e comunicação:

*“Acho importante, assim para nós esse projeto foi muito bom aqui na aldeia Brejo dos Padres, vem assim vários índios das outras aldeias para cá...” (Aparecida)*

*“Assim a Internet aqui na minha comunidade... é muito importante! Porque assim não só eu tenho a oportunidade, como os meus parentes, né? (...) é um espaço em que eu posso ter os meus amigos também, né?” (Marcela)*

*“É, porque o pessoal interage com outras etnias (permite) conhecer outros povos, outras culturas, conversar até com parentes (que) moram em outros lugares(...)” (Joabson)*

Formação de uma “consciência” nos jovens, futuros cidadãos conscientes:

*“É... muito, muito importante, um espaço que vem justamente aos pouquinhos trazer essa coisinha pra os jovens de trabalhar, de preservação da cultura, de fazer pesquisa, de entregar nossas histórias, de procurar conservar nossa própria história. Então, é importante esse passo assim, futuramente eu vejo que eles poderiam sair daqui, cidadãos conscientes (...)” (Luana)*

Benefícios para a comunidade:

*“Muito importante, graças a ele a gente conseguiu, muitos benefícios, muitos projetos aprovados através da Thydewas, [como] o projeto Esperança da Terra, que é formado por índios de diferentes nações, mais não índios (...)” (Jailton)*

Esta nova realidade tecnológica na comunidade gerou um impacto positivo, só duas pessoas

indicaram que podia afetar de forma negativa.

*“(...) poderia estar tirando um pouco de pureza, de inocência vamos dizer assim (...)” (Joason)*

*“(...) é bom e é ruim [alguns] banalizam, vão para Orkut, MSN, chat, abrir portal pornô...” (Cristiane)*

- Participação/apoio do governo. (GESAC/MINC)

Aqui os entrevistados/as estiveram divididos (18 responderam) , entre aqueles que encontraram que é “*bom*” “*importante*”, os que não sabiam dele e aqueles que foram também algo críticos.

Oito pessoas estiveram a favor, concordaram com o “apoio” do governo, alguns indicaram conhecer o programa que levou o ponto de cultura, outros forneceram elogios ao atuar do governo, porém, os que concordaram em geral não demonstraram um entusiasmo como ficou refletido na consulta sobre o significado dessa nova realidade tecnológica na sua comunidade.

É um fato destacado que quase a metade das pessoas não conheciam o programa *Cultura Viva*. Mas, este desconhecimento não implicou uma crítica ao governo. Só três pessoas criticaram de algum jeito.

A favor desse apoio, opinião positiva:

*“É bom, eles nos estão apoiando (...)” (Bartolomeu)*

*“O GESAC, o Ministério da Cultura, estão dando um apoio muito grande às áreas indígenas atualmente, eles já fizeram vários pontos de cultura (...), se não fosse por eles talvez não tivesse acontecido” “Foi digamos assim a união perfeita que ajudou a gente” (Ronaldo).*

*“Muito importante para nós pankararu, porque está incentivando os jovens pankararu a terem desenvolvimento cultural” (Ivan).*

*“Acho bom, ajudam”. (Geovam)*

Não conhecem, não sabem ou poucos conhecem:

*“Eu não tenho conhecimento, mas sei que ele atua. Importante assim para a aldeia não fica desconhecida, esta bom... rs..rs...” (Jusimeire)*

*“(...), mas com certeza esse aqui foi um apoio do*

*governo, né? Não é bem do meu conhecimento ainda...”. (João)*

*“Eu acho muito importante, eu conheço pouco, mas pelo pouco que conheço... eu acho que é uma iniciativa muito importante do Ministério da Cultura (...) projeto que reúne vários tipos de projetos, (...) torna um país mais diversificado, mais fortalecido, com um olhar mais valorizado pra a questão cultural dos povos que existem aqui no Brasil” (Tiago).*

*“Eu não sei, agora a participação, só até porque eu não tenho um conhecimento muito grande” (Tânia).*

*“Não, no momento não, eu particularmente não” (Rauli).*

Críticas:

*“Eu acho que... o apoio deles... poderia ter um apoio maior, ainda é pouco” (Luciano)*

*“É um mínimo, né! Eles fazem o mínimo com a participação do Ministério, o incentivo, o apoio, mas eu acho que poderia ser um pouco mais” (Luana).*

*“Não é mais que a obrigação do governo, porque se o governo traz uma política indigenista, bota em todas as emissoras aquele comercial, Eu sou índio, sou brasileiro, e não tem essa valorização no real, entendeu? Não vale nada, só propaganda eleitoral, gratuita. Eu acho que deveriam fazer muito mais...”(Cristiane)*

-Identidade/Diversidade Cultural e as TICs se relacionam:

Conhecer a opinião sobre se existe uma *relação entre identidade/diversidade cultural e as TICs* por parte dos indígenas, foi chave para determinar na *práxis* o que eles têm vivenciado ou feito.

A diversidade cultural e identidade são parte do conhecimento das ciências sócias, que estão em processo de formação, são termos “atuais” logo da valorização e reconhecimento que estão tendo nas políticas culturais de alguns países, como estratégia de desenvolvimento integral de uma nação.

Resgataram-se aquelas expressões que manifestavam que existia uma relação:

Assim, para um jovem indígena existe uma relação entre Identidade cultural e as TICs, pois eles estão começando a usufruir as tecnologias agora.

*“Está tendo uma relação agora... pois a gente está começando a usufruir a tecnologia, a gente se está acostumando, (...) a gente aprende mais e mostra nossa diversidade” (Bartolomeu).*

Permitem o conhecimento de outras culturas:

*“Acho que sim (...) [pois permite] conhecer outros povos, saber de outras etnias, como a gente fazia viagens antigamente para outros povos (...) acho que isso mudou tudo nos índios e é bom” (Joason).*

Por causa da comunicação, contacto com parentes e outros indígenas:

*“Justamente eu acho que tem... quando eu converso com meu parente que está lá em outro espaço, em outra tribo, aldeia (...)” (Ronaldo).*

*“Complementam sim, acho que sim se relacionam, porque você se comunica com pessoas de todas as aldeias” (Aparecida).*

*“Tem, se complementam sim, a gente está ligada, né? a outros povos, né? Parentes [com que] a gente tem um contato, conversa, e a gente está buscando... conhecer as aldeias e somos um povo unido, né? Unidos pela Internet, é o que une os povos indígenas”(João)*

*“Sim, porque é conhecimento das outras tribos também, eles conseguem se comunicar com outras tribos, as tecnologias permitem isso, por isso se relacionam” (Jusimeire)*

Renovação e resgate de conhecimentos:

*“Tá contribuindo para a renovação de conhecimentos. Conhecimentos que muito antes eram perdidos no tempo, então quando converso com outros indígenas que estão distantes de mim eu tô ajudando, estou fortalecendo a nossa cultura (...) então eu acho que tem a ver sim, tem muito a ver” (Ronaldo).*

Criação de conteúdos:

*“Tem sim... porque através da tecnologia que a*

*gente vai poder fazer matérias sobre a nossa tribo, né? Ai sempre uma parte cultural que a gente pode divulgar” (Ivan)*

Pois demonstra que o indígena tem a capacidade de aprender e interactuar com as TICs:

*“Eu acho que tem sim... como posso dizer... eu acho que está sendo importante, porque a gente tá podendo mostrar para todos, né? em geral no Brasil inteiro que o índio também tem a capacidade de aprender, de se relacionar, tanto com a máquina como com as pessoas, tem a capacidade de se pôr perante de todos...” (Marcela)*

Subsidio para o desenvolvimento, fortalecimento e divulgação cultural:

*“Eu acho que a tecnologia ela veio como um subsidio bastante importante, em todo contexto hoje a gente está sempre envolvido com a questão tecnológica (...) porque em qualquer trabalho que a gente desenvolve, na comunidade, se a gente vai promover um evento, vai fazer alguma apresentação, está sempre usando o computador. Então ela vem como um parceiro, bastante importante da cultura” (Tiago)*

*“Eu acho que sim, antes apenas o povo pankararu conhecia sua cultura hoje não, hoje acredito que o mundo conhece um pouquinho do que sejam os pankararu, por isso um complementa ao outro” (Tania)*

Instrumento de armazenagem de informações de diversos tipos, como a cultural:

*“Acho que sim, computação, né? ela pode armazenar muitas informações, muitas pesquisas e isso vem através da cultura, a tradição de um povo, então por isso serve de armazenamento, [para] expor as culturas” (Jailton)*

Por causa da inclusão digital que permite mostrar que a cultura indígena está viva, que existe e está fortalecendo-se continuamente:

*“Ah... sim hoje sim com certeza, porque dentro dessa revolução digital, principalmente veio à inclusão e assim*

*é uma forma da gente estar inserido, estar participando, mostrando que somos ativos, que estamos mantendo nossas tradições, estar inserido também usando as armas que a gente tem, que é a Internet... fortalece nossa cultura...” (Luana)*

Não tem relação:

*“Não, porque a nossa cultura de nosso povo aqui, ela é muito restrita, a gente não pode estar divulgando nosso site, em detalhes, coisas que acontecem aqui...” (Luciano).*

*“Não, eu acho que não, dentro da cultura dos rituais, não tem muito a ver não... no sentido de trazer benefício é bom, né? Mas assim no sentido da cultura, da identidade indígena não, não tem muito a ver não” (Cristiane).*

Nas principais expressões recuperadas, ficou estabelecido o valor dado às TICs, como elementos de fortalecimento, divulgação e recriação cultural; que ajudam na interação entre os povos para o desenvolvimento e fortalecimento da identidade/diversidade cultural. Com o acesso/uso das TICs se lhes abriu um mundo ao terem conhecimento de outras etnias, que nem pensavam que existiam e logo a possibilidade de fazer frente ao branco, demonstrando que têm a capacidade de poder criar conhecimento, saber usar as TICs, e, sobretudo escrever sua própria história;

Por outra parte, a existência do *site/rede Índios on line*, constitui um espaço de comunicação, divulgação e criação por excelência, que lhes permitiu ademais de interactuar via *chat* com outros indígenas, também criar conteúdos, dar opiniões sobre a sua realidade onde o elemento cultural, é um fator destacado.

Assim a relação entre Identidade/Diversidade Cultural e as TICs ficou demonstrada pelas mesmas práticas comunicacionais e informativas, executadas através da criação de conteúdos, o diálogo entre eles mesmos, assim como pela capacidade técnica das mesmas ferramentas tecnológicas. Contudo, aqui papel chave para a criação desta relação, foram os próprios indígenas, os quais nos seus depoimentos apresentaram fatos (situações) de uso da tecnologia.

- Tecnologias contribuído a sua cultura indígena.

Aqui a maioria respondeu que sim (13 pessoas) em diversos graus indicaram esta contribuição “*Têm contribuído*”...” “*Sim, com certeza*”...” “*Têm muito*...” “*Têm várias coisas*...” “*Com certeza*...” são algumas das expressões ditas. Contudo outros não foram tão expressivos: “*(...) de uma certa forma assim*...” “*em parte sim*...” “*Têm, em parte têm*...”. Só um indicou que não: “*Acho que a cultura indígena é uma coisa pura, que não devia ser mexida*”. O impacto das TICs sobre a própria *cultura indígena*, entendida como o conjunto das práticas sociais, valores, tradições, crenças e costumes de um povo que contribuem ao fortalecimento e renovação da identidade étnica, foi importante determinar para conhecer o impacto das TICs nos diversos âmbitos da própria cultura. A cultura indígena é um conjunto de práticas e saberes com características bem diferenciadas de uma etnia a outra, mas com elementos em comum, como é o valor dado à terra, à organização comunitária, etc. As respostas aqui estiveram muito ligadas à questão anterior:

Elemento de divulgação e comunicação da realidade indígena e a sua cultura:

*“Têm contribuído... pois a gente demonstra (...) várias coisas que acontecem e nós [permite] comunicar com as pessoas que estão distantes da gente, as nossas famílias” (Bartolomeu)*

*“Têm contribuído bastante, porque através delas que divulgamos a nossa cultura, nosso trabalho, enfim o que acontece aqui, dia a dia” (Rauli)*

*“Têm, em parte têm... porque a gente pode estar mostrando que a gente é real, que a gente existe, nossas lutas, nossa realidade. Nossas histórias, nossa tradição, nossa cultura (...) não totalmente, mas a gente pode mostrar, superficialmente um pouco do que a gente vive hoje...” (Jailton).*

Elemento de comunicação, de conversa e relacionamento com outros indígenas:

*“Têm contribuído bastante, sim porque através desse projeto, a gente tem conversado com indígenas de outras etnias, de outras aldeias e a interculturalidade [que acontece] através de um chat (...) isso tem contribuído bastante para o fortalecimento de nossa cultura e também para o conhecimento do outro também, por exemplo, dos Kariri-xocó, Potiguara, dentre outros. A gente conhece a deles e a gente mostra a nossa ao mesmo tempo, então têm contribuído bastante para a nossa identidade” (Ronaldo).*



*“Sim, porque assim têm índios que moram em outras cidades, né? e através da Internet eles conseguiram se comunicar...” (Jusimeire)*

*“Em parte sim, porque a gente consegue se comunicar com outros povos (...) nesse sentido tá sendo ótimo, porque a gente consegue manter uma comunicação” (Cristiane)*

Elemento de informação, atualidade e notícias:

*“Sim com certeza, o tempo que passei lá, que eu estive em Recife, que eu não podia vir aqui, por causa do tempo, acompanhava lá as notícias, eu lia as matérias e nossa! Aconteceu encontro de professores!” (Luana).*

Conhecimento intercultural:

*“Têm muito (...) a gente está aqui conhecendo outros povos... tá conhecendo a cultura deles e eles estão conhecendo a nossa cultura, esta-se relacionados com outros índios” (Ivan).*

Possibilidade adquirir recursos e projetos:

*“Têm muito, bem abastecendo muito mesmo...” (Geovam)*

*“Sim... em alguns pontos ela contribui, porque muitas coisas aqui (...) o povo foi conseguindo através da informática, projetos, muitas coisas que fizeram, foi nesse ponto aqui...” (Luciano).*

*“Têm varias coisas, projetos, têm muitos projetos que foram através da computação...” (Erika)*

Elemento de reivindicação de direitos e da própria cultura:

*“Contribui porque desde quando a gente busca informação, é capaz de reivindicar nossos direitos e a nossa cultura indígena...” (João)*

- Desenvolvimentos tecnológicos a futuro na comunidade indígena.

Aconteceu algo parecido com os Kariri-xocó, aqui custou que os jovens imaginassem avanços

ou novos inventos tecnológicos no ponto de cultura. Assim só 12 responderam. Eles se enfocaram no que já existia, o que se poderia melhorar ou trazer. Principalmente eles/as se enfocaram no aspecto de infraestrutura física e tecnológica, assim demandaram mais espaço físico, expansão física em outros locais, uma melhor conexão e mais equipamentos. Só três depoimentos se afastaram do âmbito tecnológico, solicitando mais motivação para os jovens no uso do ponto, incluir outros segmentos da comunidade como os velhos, crianças e baixa nos preços dos equipos.

*“Trazer mais computadores para os jovens pankararu, ajudar os indígenas, né?...” (Geovam).*

*“Aqui eu gostaria... que existissem mais pontos como esse aqui, porque só esse aqui não dá [pois] muita gente precisa, são apenas três computadores disponíveis (...) (Luciano)”.*

*“O fortalecimento da conexão aqui e a expansão, porque a gente só tem um ponto de cultura (...) queria que se expandisse mais futuramente... o pessoal se desloca da Serrinha e os jovens têm vontade de participar...” (Luana).*

*“A qualidade da conexão, ampliar, está muito restrito, ampliar... mais pessoas terem acesso, já que está sendo tão usada, disponibilizada, então que mais pessoas, mais aldeias, mais jovens participem também” (Cristiane).*

*“(...) trazer novidades para incentivar os jovens a ter sempre interesse, mais pelo chat, para poder falar (...)” (Bartolomeu).*

*“(...) eu acho que deveria o governo tentar diminuir os preços de exportação dos equipamentos, para que mais pessoas pudessem ter acesso a esses produtos” (Joabson).*

*“O que poderia acontecer, era ter mais máquinas...” (João).*

*“(...) a gente passe a discutir de forma mais ampla essa questão, não só envolvendo os jovens daqui da comunidade, ter mais lideranças, mais velhos, num contexto mais amplo, crianças também, para que ela desde pequeninha já tenha uma noção do que esta mexendo” (Tiago).*

A continuação se indica algumas respostas seleccionadas, relacionadas diretamente ao uso das TICs, focado principalmente a uso de computador, seus programas e as informações da Internet.

## I. Perguntas sobre demandas/necessidades de informação.

### 1. Temas/assuntos pesquisados/consultados na rede Internet.

Aqui acontece algo parecido com os Kariri-xocó, os temas pesquisados não são muito variados, os temas se podem agrupar nas seguintes categorias: história da própria comunidade e de outras etnias, assuntos de apoio para trabalhos de escola, procura de emprego e concursos públicos, atualidade indígena, acontecimentos na aldeia, política local, informação e inscrição de cursos.

#### História própria.

*“Eu sempre pesquiso sobre a história, passado dos índios (...), para ver quanto mudou e quanto está para mudar ainda. Aí a gente sempre pesquisa os índios que estão próximos à região, a diversidade, tudo...” (Bartolomeu).*

*“(...) sobre as nossas tradições...” (Ivan)*

#### Trabalho.

*“A minha pesquisa é mais sobre trabalho (...)” (Ivan)*

*“Particularmente eu procuro mais concursos, emprego, essas coisas...” (Rauli).*

#### Aspectos político-sociais-culturais.

*“(...) temas atuais, coisas que acontecem, por exemplo, a transposição do rio São Francisco, aquecimento global...” (Tiago).*

*“Eu gosto de pesquisar sobre política (...) depende das situações.” (Luciano).*

#### Educação.

*“Eu quando venho aqui [no] ponto de cultura eu vou mais em busca de conhecimento, um exemplo, tipo Prouni, me inscrever no Prouni, buscando resultado do vestibular, é mais voltado para área educação” (João).*

*“(...) principalmente esse tempo que estive lá em Recife, eu buscava me informar sobre data de inscrição de vestibular, fazer pesquisa de resumo de*

*livros (...)” (Luana).*

*“Pesquisa trabalho de faculdade (...)”.*  
*(Jusimeire)*

Diversão.

*“Eu pesquiso muito... baixo apostila de informática, na hora da diversão, baixo muita música e gosto de vídeo como todos os jovens...” (Joabson)*

## 2. Pesquisa sobre informação bibliográfica ou de documentos.

Da mesma forma que os Kariri, foi difícil eles expressarem se faziam busca de informação bibliográfica, isto é documentos impressos, mas agora em versão eletrônica on line. Aqui doze pessoas responderam indicando que têm realizado pesquisas desse tipo de documentos. Cinco não conheciam ou nunca tinham feito.

Têm feito.

*“Livro... eu pesquiso muito assim... trabalho de escola, né? em revistas...” (Geoban)*

*“Procuro... porque na Internet é como falei, um jornal, que a gente pode saber de tudo...” (Marcela).*

*“Pesquisa sempre, questão sobre livros...” (Tiago).*

*“Também... livros que não tem aí [na biblioteca], eu pesquiso na Internet, ajuda a fazer pesquisas, essas coisas...” (Rauli)*

*“Sim, a maioria livros, e sempre notícia de jornal, o que vem acontecendo...” (Luana).*

Não têm feito.

*“Esse tipo de pesquisa, ainda não fiz não...” (Ronaldo).*

*“Não” (Ivan)*

*“Não” (Luciano)*

3. *Sites*/páginas da Internet que consulta. (favoritos se tiver...)

À diferença da outra comunidade indígena, onde o site *Índios on line* foi o mais mencionado, aqui foram indicados outros *sites* de pesquisa, de email e de *bate papo*. O Google foi o *site* de pesquisa (buscador ou motor de busca) mais mencionado; logo a página do *Terra*, do *Yahoo*... respeito a emails se mencionaram o *Hotmail*, o *Yahoo*, e sites de conversa o *MSN*, *Orkut* e o chat do *Índios on line*. Só duas vezes se mencionaram *sites* de governo.

*Sites* de pesquisa, de chat/relacionamento e emails:

*“O Gmail, o Google” (Bartolomeu)*

*“Bom, o que eu gosto muito é o MSN para bate papo, o Orkut e o Gmail também” (Luciana).*

*“O meu Gmail...” (Luciano).*

*“Para mim Índios on line, o Yahoo e Hotmail são os mais usados” (Erika)*

*“Eu uso mais o Google e o Hotmail” (Jusumeire)*

*“Uso o Google e o MSN através deles que a pessoa vai falando com pessoas...” (Rauli)*

*“O Google é meu dicionário para tudo, qualquer coisa que vou lá no Google, eu boto lá e ele me informa” (Cristiane).*

*“Que uso bastante mesmo é o Hotmail, por causa do meu email. O Google por causa das pesquisas, nunca tem o mesmo assunto todos os dias... não tenho muito assim favorito...” (Joabson).*

*Site* de Índios on line.

*“O chat de Índios on line” (Ivan)*

*“Os Índios on line é meu favorito (...)” (Geovan)*

*“... Índios on line” (Luciano).*

*“Em especial Índios on line, porque através dele eu além de conhecer pessoas, estou pesquisando alguma coisa nova e sempre têm matérias que estão*

*produzindo pra você estar conhecendo povos (...)*” (Tiago).

*“Índios on line, o Google que uso nas pesquisas, o Yahoo para meu email”* (Jailton)

Sites de governo.

*“O que eu costumo consultar é o site do INEI, sites do governo em geral, as secretarias da FUNAI, são os sites que eu procuro (...)*” (Ronaldo)

*“... o site do Ministério da Cultura Viva (...)*” (Geovan)

4. Uso de software (Word, Excel...).

Nove pessoas usam o Word, sobretudo para escrever matérias para *Índios on line*, o Excel e o PowerPoint, são escassamente usados, os que o usam é para apoiar apresentações, cálculos, etc. Cabe destacar que o *software livre* foi algo não mencionado, ao igual que os Kariri-xocó.

*“Consulto sempre Word, PowerPoint não muito. Word para digitar as matérias, para depois colocar; digitar trabalhos”* (Luciana).

*“Word, Excel, PowerPoint é isso... que é muito importante porque a pessoa aprende a desenhar escrever, digitar”* (Geovan).

*“Até agora só o Word, para copiar as matérias”* (Aparecida)

*“Para escrever documentar, alguma coisa uso...”* (Erika).

*“Quando escrevia matérias, escrevia no Word e colocava nas matérias. E agora também para trabalhos que faço no Word, às vezes uso PowerPoint pra fazer animação (...)*” (Luana)

*“Sim, uso. Quando vou fazer um trabalho, por exemplo, uso o PowerPoint, para slides (...). O Excel para fazer calculo ... o Word...”* (Cristiane)

## II. Perguntas sobre criação de conteúdos usando as tecnologias.

### 5. Criação de conteúdos.

Quase a totalidades dos jovens fazem algum tipo de contribuição no site/rede *Índios on line*, que é a principal página de Internet consultada ou favorita. Esta contribuição é através da participação com a criação de conteúdos (fazer matérias, como eles dizem) de diversos tipos: opiniões a temas já colocados no *site*, criação de matérias próprias, conversa com outros indígenas no *chat*, etc.

Em geral há uma participação ativa, dependendo da situação em que cada um esteja, por exemplo, os monitores fazem conteúdos, mas devem ademais estar atentos aos usuários, orientando-os nas suas dúvidas, ademais revisar as matérias colocadas por outros usuários.

Foi difícil que os jovens indicassem as matérias, pois muitos diziam que não se lembravam, que eram muitas... Contudo, os temas amplos detectados foram: sobre a própria cultura, sua história, tradições, costumes, comidas e lendas. Também difundem atividades e eventos que acontecem na comunidade. A temática ambiental não foi muito mencionada, mas é algo que o povo considera em parte como os problemas ambientais, a seca das fontes (bicas) de água e o lixo.

Assuntos de divulgação própria, acontecimentos locais.

*“Assim... só criei uma vez, que foi sobre o que tinha acontecido comigo, [também sobre] o que o povo fala, muitas coisas... a gente entrevista o pessoal...”*  
(Rosekely)

*“Tenho sim, inclusive eu tô aí fazendo agora... assim a gente sempre publica, quando vem acontecer algum fato, né? a gente coloca notícias... quando está acontecendo alguma coisa, que a gente veja que dá para ser publicado, que é importante, que vai servir, né?”*  
(Luciana)

*“Eu participo como professor ensinando às pessoas e publicando matérias no site, sobre eventos que acontecem [como] a construção da escola...”* (Luciano).

Aspectos sociais-culturais.

*“Tenho... eu publiquei agora uma matéria sobre a feira cultural aqui no Brejo dos Padres”* (Aparecida)

*“Eu publico com o nome de Arã, quer dizer Deus Sol (...) já escrevi (...) sobre cultura, lendas, rituais...”* (Ronaldo)

*“Participo... faço matérias, [como, por exemplo,] o*

*Palácio Encantado, as comidas... é muito... tá tudo no computador, no arquivo dos pankararu” (Geovam).*

*“Eu fiz matérias... sobre as fontes, que [estão-se] gastando, têm outras da religião católica... pesquiso com os mais velhos para depois botar aí, para todos conhecer a cultura pankararu” (Erika)*

*“(...) até 2006 minha contribuição era ativa, fazia matérias (...), era mais voltada no social, por exemplo, uma entrevista que fiz a meu avô, sobre a história daqui de Pankararu, e assim...” (Luana).*

*“(...) fiz algumas matérias, mas pouca coisa... sobre a cultura daqui, as comidas típicas, mas faz muito tempo...” (Joabson).*

Sem indicar algo específico.

*“Faço matérias (...).” (Ivan)*

*“Eu já di opinião de que tema poderia ser abordado, é legal falar disso aqui... de determinado assunto” (João).*

### III. Perguntas sobre usos/satisfação dos usuários.

#### 6. A informação das páginas *web* lhe ajudou no que necessitava.

Aquí aconteceu que a maioria respondeu que sim, porém foram poucas as explicações ou indicações de que jeito a informação lhes ajudou.

*“Tem, bastante... ela é útil nos estudos atualmente, tô [por exemplo,] esperando o resultado do Prouni”.(Ronaldo)*

*“Tem sim, a maioria das vezes, eu sempre encontro o que procuro” (Luciana).*

*“Ajuda” (Ivan)*

*“Ajuda, ajuda bastante” (Geovan).*

*“Sim” (Luciano)*

*“Tem, muito” (Marcela).*

*“Com certeza” (Jusimeire)*

*“Ajudaram bastante” (João)*

*“Muito, muito até agora todas as pesquisas, sempre encontro...” (Tânia)*

*“Sim, muitas vezes encontrei informação” (Joabson).*

*“... a maioria das vezes sim, a gente*



*conseguia o que buscava” (Jailton).*

#### 7. Usos/utilidades da informação procurada na internet.

Aquí tentamos conhecer se a informação recuperada lhes ajudou em algo prático. Os principais usos foram: apoio em pesquisas escolares; no âmbito de formação ou ensino, ser uma ferramenta para a inscrição e informação de cursos, ferramenta de apoio para o trabalho, na procura de emprego, solução de dúvidas, ajudar na pesquisa de diversas temáticas, etc.

#### Ajuda em pesquisas de diversas temáticas.

*“Muita gente chega aqui, procura que eu faça alguma pesquisa para eles” (Luciana).*

*“Para meu trabalho e pesquisas. Eu trabalho muito com jovens, para tentar entender a cabeça deles, o mundo deles...” (Tânia).*

*“Principalmente nas palestras sobre meio ambiente, educação, saúde ambiental com as comunidades daqui, então é o que busco mais, sempre faço essas pesquisas sobre preservação, tudo isso...” (Jailton).*

#### Ferramenta para a inscrição e informação de cursos.

*“Assim, sobre a universidade (...) eu acessei o site, tive uma informação pra fazer curso (...) tinha vários tipos de cursos (...) como eu não tive acesso no telefone, eu [usei] a Internet” (Aparecida).*

*“Agora que abriu as inscrições da UnB fiquei sabendo pela Internet, quando estava procurando vestibular aí apareceu ... pesquisando no Google, aí foi que nossa! como a Internet serve!” (Luana)*

#### Apoio em pesquisas/trabalhos escolares.

*“Para trabalhos de faculdade” (Jusimeire)*

*“Por exemplo, prá fazer uma apresentação, um trabalho na escola, aí essas informações contidas no site, posso repassar em qualquer área que eu preciso” (João).*

*“Eu sempre tô buscando informações, por exemplo, de repente eu tenho uma dúvida em relação à determinada circunstância... sempre tô buscando atrás da web...” (Tiago).*

*“Eu pego muita apostila, sites da informática, [para] o estudo próprio, para não ficar parado, aprender alguns sistemas novos de hardware e software” (Joabson)*

Ferramenta de apoio para o trabalho, na procura de emprego.

*“Para (...) trabalho, emprego, enfim diversas coisas...” (Rauli).*

IV. Imagem/estrutura do site(s) que costuma consultar.

8. Imagem/estrutura dos sites que costuma consultar, exemplo, fácil, difícil, com muita informação, etc.

Nove pessoas definiram as páginas web, como “boa”, “bom”, “fáceis”, “legal”, “simples”, “excelente”, às vezes pensando, no site/rede *Índios on line*. Também se qualificou alguns sites como tendo “muitas informações”, “nem fácil nem difícil” e com “uma certa dificuldade”. Só uma pessoa indicou “Uhhh... nem fácil nem difícil” e outra elogiou alguns sites: “Acho excelente, porque, por exemplo, o Yahoo que é meu email, tem jogos, política, educação, lazer tá tudo na página inicial, então ali é só direcionar para o que quiser. Eu acho bem legal”.

Difícil. (no começo)

*“Para mim que está iniciando é difícil, sabe? Mas têm os monitores, que facilitam ... fica mais fácil” (Ivan).*

*“Boa, pouquinho difícil, mais boa, quando a gente consegue” (Geovam)*

*“Assim para quem tá começando é um pouco difícil, têm muitas informações” (João).*

Difícil indicando as causas.

*“Eu acho que tem muita informação, que às vezes a gente procura informação, a gente clica, aparece mais um exemplo, cinco, seis... (...) tendo tempo e calma para procurar, né?... para gente ler e ver o que a pessoa quer, fica muito difícil, toma muito tempo”. (Luciana)*

*“Eu gosto, (...) têm informações erradas, mas tem que pesquisar várias páginas de Internet pra chegar. Igual [que] num livro..., você tem que sair procurando por páginas, até chegar no que você realmente quer...” (Jusimeire).*

*“Muitas informações... cheia de informações, quem se depara com aquela página cheia de informações acaba-se perdendo, falta tempo para você entrar em tudo, quer pesquisar em tudo, nossa muitas notícias!” (Luana)*

Fáceis. (sem dificuldade)

*“Boa, é muito fácil de usar, tá tudo bem... está bem explicado tudo, certinho” (Luciano)*

*“É fácil” (Aparecida)*

*“São fáceis, com muitas informações, nunca tive dificuldade” (Tânia).*

*“Pra mim é fácil e muito bom” (Rauli)*

*“Boa... porque o que eu procuro geralmente está nas páginas (...) não custa nada” (Jailton).*

*“Eu acho muito simples, cada vez simplificando”. (Joabson)*

V. Perguntas sobre opinião.

9. Opinião sobre o “projeto Índio on line”.

Nesta questão as pessoas desenvolveram mais suas idéias, o projeto *Índios online* foi qualificado positivamente, como sendo: um projeto “bom”, “bem pensado para a gente”, “muito legal”, “muito bom”, “muito produtivo”, que “ajuda muito”, “ajuda a desenvolver”, “uma iniciativa boa”, “um avanço”, “algo que caiu como uma luva para aldeia”, “uma

*quebra de tabu*”, “*contribuir bastante*”, “*gera oportunidades para os índios*”, entre outros qualificativos.

Dentre algumas das razões estariam: permitir um contato com a computação, ser uma fonte de informação para ver a realidade, aprender, adquirir conhecimento e criar conteúdos; um meio de comunicação e interligação dos povos, para conseguir objetivos e trocar conhecimentos; instrumento de denuncia e crítica ao governo, que ajuda à *raça indígena*; um avanço para os onze povos da rede, divulgando a sua cultura e trabalhos; um ponto de atração para os jovens, um espaço juvenil, que lhes abre novos horizontes e cria neles uma politização, o social o coletivo promovendo a paz, a cultura e o entendimento com o branco. E ser uma arma/ferramenta para o desenvolvimento e a produtividade

Fonte de informação para ver a realidade, aprender, adquirir conhecimento e criar conteúdos.

*“O projeto foi bem pensado para gente (...) para poder ver a realidade, ajudar às pessoas que não têm nenhum contato com computadores, demonstrar que isso aqui é uma arma, ao mesmo tempo uma ajuda para a gente, pode aprender e ensinar, ter mais conhecimento sem nos prejudicar (...)” (Bartolomeu)*

*“É um projeto que caiu como uma luva para a aldeia, uma área [onde] a gente [pode ter] mais informações, aprender, eu acho que para a comunidade foi um presente” (Marcela).*

*“É muito bom porque envolve os povos da comunidade não só daqui, mas de outras comunidades para divulgar a sua cultura e seu trabalho, desenvolver mais...” (Rauli).*

Meio de desenvolvimento, de avanço e geração de oportunidades.

*“Foi um projeto que está ajudando muito aos índios, à raça indígena porque ajuda a desenvolver o índio, porque sem esse projeto a gente não tem condições de pegar um curso, é muito importante para a classe indígena” (Ivan).*

*“É muito boa, tá desenvolvendo cada vez mais os índios on line, aí fica muito bom para todos” (Erika).*

*“Foi uma iniciativa muito boa, não só para nós, porque são onze povos que têm um ponto de cultura, foi um avanço, eu não imaginava que tivesse uma coisa desse tipo aqui” (Luciana).*

*“Gera muitas oportunidades para os índios, seu desenvolvimento, além de promover a paz entre índios e brancos, promove sua cultura. Agradeço muito esse projeto e que ele se expanda mais, cada vez mais para vários outros povos. Soubemos agora que ele foi premiado, ganhou o prêmio de direitos humanos...” (Jailton).*

Ferramenta de inclusão social, um ponto de atração para os jovens e sua possível conscientização.

*“Eu acho bom para os jovens daqui (...) ao terem acesso na tecnologia, não ficarem se metendo com o que não devem, isso é uma forma de educação, ao terem também contato com pessoal de fora, saberem outras opiniões se pode ajudar a eles” (Joabson).*

*“Está sendo muito bom, desde que tem passado o tempo, tá trazendo mais jovens, eu dou grande força para eles (projeto)” (Geovan)*

*“Veio a contribuir bastante, no despertar dos jovens. A gente se via muito ansiosa na aldeia, era da escola para casa, da casa para a festinha, na festinha muitos estavam bebendo, assim um novo horizonte para eles...” (Luana)*

*“Excelente, parabéns pela iniciativa, muito bom porque não foi simplesmente colocar a Internet de acesso aos povos indígenas, ainda assim ele traz essa coisa de politização, do social, do coletivo... Acho que esse projeto Índios on line vem contribuindo muito, muito... para esses jovens nesse sentido” (Cristiane)*

Meio de comunicação e interligação dos povos, para conseguir objetivos e trocar

conhecimentos

*“Muito legal, muito bem, muito produtivo para gente, esse projeto Índios on line visa dentro de outros objetivos à comunicação entre os povos indígenas, interagindo construindo juntamente. Atualmente, são 13 povos que fazem parte desse projeto, esses povos trocam informações, fazem textos sobre suas aldeias, dão suas opiniões, a respeito de temas, temas transversais, temas específicos, fazem discussões, críticas ao governo...” (Ronaldo)*

*“É um quebra tabu, né? Ele consegue estar ligando treze povos, né? Eu acho muito bom, nossas aldeias aqui no nordeste estar buscando esses conhecimentos, trocar idéia (...)” (João)*

## VI. Dificuldades.

10. Dificuldades usar algum tipo de ferramenta tecnológica de *software*, *hardware* ou internet.

A maioria dos jovens tiveram dificuldades no início, mas o solucionaram com o passar do tempo, ou através cursos particulares, a prática pessoal ou com a ajuda dos monitores.

Dificuldades no início.

*“No início sempre teve, mas com um pouquinho de tempo a gente sempre dá um jeito até que a gente se acostuma” (Bartolomeu).*

*“Mais ou menos, mas eles [monitores] ensinam para gente” (Rosekelly).*

*“Tive dificuldades, mas eu estou iniciando, estou aprendendo, têm uns monitores que eles sempre dão uma força para a gente. Prá mim foi difícil tudo... não sabia nem teclar no computador, hoje estou mais ou menos” (Ivan).*

*“Sim, no começo... mas agora não mais, no começo com alguns programas, como Excel” (Luciano).*

*“No inicio, quando eu comecei tive muito, bastantes dificuldades, que incluso, por exemplo, para escrever, para olhar a letra...” (Rauli).*

*“No começo eu sempre tive dificuldades, mas depois que a gente aprende fica mais fácil de usar, né? (...)” (Erika).*

Não teve dificuldades.

*“Não tive, até porque antes de eu começar a usar, fazer parte do projeto, fiz um curso básico de informática (...)” (Ronaldo).*

*“Atualmente não, depois do curso que eu fiz, eu não tenho mais não. Não sabia nem ligar, entrar em programas, Internet, mas agora já consigo” (Jusimeire).*

Ainda tem.

*“Sim, ainda tenho, meu conhecimento é básico. Não fiz nenhum cursinho de informática, tenho vontade de fazer, e assim fica até como sugestão, que o próprio Ministério, poderia estar lançando isso dentro das comunidades, um curso de informática básica, né? Para esses guerreiros on line que estão ali lutando! (Luana)”.*

## VII. Críticas.

### 11. *Índios on line* ou programa governamental.

Nesta pergunta tentamos que o pessoal indicasse críticas sobre o atuar da organização *Índios on line* e/ou o governo representado pelo *ponto de cultura*. Assim neste caso as críticas foram não tão enfocadas à estrutura ou conteúdo do site/rede *Índios on line*, mas foram mais ao pessoal que trabalha nele, à infraestrutura do local do ponto de cultura, à carência de pessoal monitor e melhor capacitado, falta de equipamentos, etc.

As críticas, que se transformaram mais em demandas, incluíram tanto o atuar da organização

*Indios on line* como do governo, pois para sua “solução” seria em geral necessário a participação de ambas instâncias. Por exemplo, nas demandas por pessoal que trabalha no ponto de cultura (carência de pessoal monitor e melhor capacitado), melhora na infraestrutura do local, falta de equipamentos, etc.

Os Kariri-xocó elogiaram mais o programa de governo e *Indios on line*, enquanto, os jovens Pankararu foram mais críticos com o que acontece aí.

Críticas diretas a *Indios on line*.

*“Tem sempre que ter reuniões para decidir tudo o que vai acontecer, o que está meio em andamento (...)”.*  
(Bartolomeu)

*“Eu acho muito restrito, gostaria que abrangesse não ficarem naquela coisa de grupo... abranger a todos, mais amplo...”*  
(Tânia).

*“Cobrar mais responsabilidade do monitor que está ali no momento”.*  
(Cristiane)

*“Assim (...) com o pessoal que trabalha ali, sim”* (Rauli).

“Críticas” ou demandas tanto a governo e *Indios on line*.

*“Ampliação desse ponto, está pequeno, mande-se mais computadores para a gente, porque são muitos participantes...”*  
(Ivan).

*“O espaço fosse um pouco maior, né? Pelo espaço ser muito pequeno, muitos não têm acesso”* (Marcela).

*“Acho que as pessoas deviam ser mais capacitadas... para ajudar a fazer pesquisa, quando chegar alguém com dúvidas”* (Jusimeire).

*“Minha crítica em particular é só em relação ao espaço, é muito pequeno”*  
(Tiago).

*“Seria esse apoio maior do governo...”*  
(Luana).

*“Tem muita gente daqui que tenta atrapalhar, coloca defeitos... críticas no*



*projeto em sim não, ao pessoal que participa sim...” (Luciano)*

Sem nenhuma crítica.

*“O projeto conseguiu, e esta conseguindo atingir seus objetivos que são vários... sugestões sempre surgem, mas acho assim crítica mesmo... eu tô achando ele muito bem, excelente” (Ronaldo).*

## VIII. Projeção/Impacto.

### 12. Como estas tecnologias te podem beneficiar daqui pra frente.

Selecionaram-se aquelas respostas que foram mais específicas e claras respeito ao benefício possível destas tecnologias respeito ao “apoio” que poderiam fornecer na vida de cada pessoa.

A maioria dos jovens pensam que as TICs podem beneficiá-los no seu futuro de diferentes maneiras, sendo as tecnologias chaves para o seu desenvolvimento. A Internet, por exemplo, segundo eles fornece subsídios, facilita a vida, criando novas possibilidades e auxilia muito no seu destino. Os benefícios/vantagens das TICs estão muito ligados a como eles as definiram anteriormente.

A educação, a aprendizagem, a comunicação, o conhecimento e a informação são as áreas aonde as TICs apóiam e contribuem. No aspecto laboral-trabalho-projetos, ajudando a arrumar emprego e trazendo novos recursos, as coisas ficam mais fáceis para fazer frente na vida.

Consituim um “*apoio*” subsidio para o futuro em geral.

*“Essa tecnologia atualmente dá subsídios para a nossa vida. A gente trabalha agora e se projeta no futuro, então ela auxilia à gente muito agora, tudo que você faz precisa Internet” (Ronaldo)*

*“Se me abrem mais possibilidades, pelo que eu aprendi aqui, eu vou levar mais pra frente...” (Marcela).*

*“Em varias coisas, para a nossa cultura ir para frente...” (Erika).*

*“Acho que ela vai contribuir muito para meu futuro, acho que não só para o meu, eu sempre costumo falar em nome de nosso povo, eu coloco um exemplo a*

*educação...” (Tiago).*

Apoio para conseguir emprego e no que se faz.

*“Podem, ajudar num bom emprego, para trabalhar num supermercado ou numa loja, [já] que eles exigem muito curso de informática” (Aparecida).*

*“Pode beneficiar, fica mais fácil arrumar emprego, a pessoa arruma emprego se tiver um curso de computação, ajuda bastante” (Rauli).*

*“Acho que sim, me ajuda muito no trabalho de agente indígena de saúde, que é mais relacionado ao meio ambiente, como assessor ambiental (...)” (Jailton).*

Instrumentos para o aprendizado e o aumento/ acesso ao conhecimento :

*“Na minha aprendizagem, eu posso aumentar meu conhecimentos, usando-as” (Luciano).*

*“Espero né? Que eu tenha graça de alcançar meu objetivo, desse curso à distância que eu pretendo fazer agora, tendo como parceiro a tecnologia me ajudando (João)”.*

*“Sim, com certeza, mantendo a todos informados, mantendo essa rede de informação e o Arco Digital, nossa arma digital, mostrando resistência, força, luta, contando nossa própria história, não deixando que terceiros venham aqui a isso!” (Luana).*

*“De muitas formas, acho que a coisa de trazer informação já é uma grande ajuda, se você pode ter acesso para esclarecer uma dúvida, indo ali na Internet, entrar no site de pesquisa, por exemplo, o Google (...) pode [ter] um monte de informações... pode colaborar muito, desde que a sua proposta seja social...” (Cristiane).*

IX. Valorização/recomendação.

13. Este projeto útil para outras comunidades grupos indígena. Por que.

A totalidade do pessoal achou que o projeto Índios on line seria bom em outras comunidades,

qualificando-o de interessante, legal, proveitoso, etc. A aceitação da existência deste em outras comunidades está relacionada à possibilidade de trocar experiências, conhecimentos, aprender mutuamente sobre suas realidades. Ter outros parceiros na rede permitiria fazer mais força, “*a união faz a força*” como disse um jovem indígena. E como consequência, há um benefício e um desenvolvimento mútuo. Por um lado, acontece uma valorização e fortalecimento da identidade/diversidade étnica e da cultura indígena total.

Por outra parte, a divulgação e comunicação de sua cultura é ampliada, e a causa indígena é reforçada, pois há mais gente lutando pelo mesmo fim já que têm temas em comum.

*“Seria bom, porque a gente poderia trocar idéias e aprender mais” (Bartolomeu).*

*“(...) a gente quer novos parceiros, a união faz a força...” (Ronaldo).*

*“Sim, assim como foi desenvolvido no Brejo dos Padres, ele pode ser desenvolvido, em várias outras aldeias” (Aparecida).*

*“Sim, muito útil, porque é mais um desenvolvimento, acho que pode beneficiar muito outros indígenas...” (Marcela)*

*“Seria legal, quanto mais pessoas estarem participando melhor” (João).*

*“Eles vão poder divulgar seu trabalho, cultura, mostrar para os povos que aquela aldeia existe” (Rauli).*

*“Sim, nos aproximar, essa coisa de troca de experiências, que é muito bom, a gente pode ter alguém com quem desabafar, né? Então, assim de índio para índio... porque a causa indígena é uma causa só, tá tudo mundo brigando pelos mesmos direitos, muita coisas em comum...” (Cristiane).*

*“Sim, porque a gente [pode] comunicar-se com outros povos, conhecer outros povos...” (Joabson).*

## X. Sugestões.

14. Sugestões/idéias para o projeto *Índios on line* ou governo, ou o que esta acontecendo no ponto de cultura.

As sugestões resultaram ser mais críticas no que acontece no local do ponto de cultura, estas não foram só no aspecto tecnológico e infraestrutura, como a falta de computadores e maior espaço físico, mas também no nível pessoal, de relações humanas, por exemplo, indicando a

necessidade de uma maior articulação e companheirismo entre eles/as, que os povos participantes na rede compartilhem a *causa indígena* e um maior engajamento juvenil. Respeito à formação dos monitores, se solicitou uma maior capacitação deste pessoal. Ademais se solicitou uma expansão dos pontos de cultura, estarem eles em locais mais populares, com mais oficinas temáticas. Sobre o *site* se pediu incluir novas informações, como a legislação indígena.

Melhoria nas relações humanas dos participantes, tando desde o ponto de vista da união como na participação ativa dos diversos segmentos da comunidade na Rede.

*“Ter mais articulação na coordenação e mais companheirismo entre os índios on line”. (Bartolomeu).*

*“Ter mais pessoas contribuindo para a comunidade, mais participação juvenil...” (Tiago).*

*“(...) as pessoas envolvidas também sejam comprometidas, com causa...” (Luana)*

Melhoria na infraestrutura tecnológica de software e hardware , expansão do espaço físico e aumento de pessoal, também melhor capacitado.

*“Estar num lugar popular, assim tudo mundo... ali é muito pequeno o espaço, onde está fica escondido” (Rosekelly).*

*“(...) [esse espaço-ponto de cultura] possa-se ampliar em outras formas também, trazendo oficinas temáticas” (Tiago).*

*“Ampliação desse ponto, mais computadores para a gente, são muitos jovens que têm vontade de aprender e participar desse projeto” (Ivan).*

*“Ampliação de todos os pontos, com mais computadores, com mais capacitadores, mais monitores” (Luciano).*

*“Deveria ter mais máquinas, Internet deveria ser mais veloz, ter mais pessoas capacitadas que pudessem ajudar” (Jusimeire).*

*“(...) expansão dos pontos de cultura,*

*aqui há nove aldeias distantes umas de outras ...”(Luana)*

*“Capacitação do pessoal que trabalha como monitor, segundo a capacitação dos guerreiros que estão lá, enviando matérias , para eles terem um conhecimento mais amplo ...” (Luana)*

*“Dentro do projeto Índios on line, a gente poderia estar articulando assim cursinhos, forum de legislação on line” (Cristiane)*

*“Os monitores precisam de mais acompanhamento, mais equipamentos...” (Jailton).*

## 5. CONVERGÊNCIAS/DIVERGÊNCIAS ENTRE OS KARIRI-XOCÓ E PANKARARU.

Os Kariri-xocó e Pankararu são povos indígenas com muitos aspectos em comum, começando por a sua localização, que é na região do Nordeste. Um deles está no estado de Alagoas (Kariri-xocó) e o outro no estado de Pernambuco (Pankararu), o qual causa que tenham práticas, usos, costumes e tradições parecidos. Contudo, apesar de terem quase um mesmo tronco étnico, a história particular de cada um, com suas vivências, sobretudo, em relação ao contato com o branco, os fazem diferentes.

Os Kariri-xocó são um povo formado por duas etnias os Kariri e os Xocó, os quais por circunstâncias históricas foram obrigados a reunir-se, fazer uma única etnia; inclusive existem outras denominações para outros povos emparentados como são os Xucuru-kariri, isto demonstra o dinâmico que são as culturas étnicas, que não são estanques, ao interatuar e juntar-se com outras culturas. Os Pankararu por a sua parte, também provêm de outras etnias, porém, eles desenvolveram uma identidade étnica mais autônoma, mas não perdendo contato com outras etnias do Nordeste, através do costume de manterem contatos, por viagens e trocas de experiências.

O contato com os “brancos” como eles denominam, em ambos aconteceu de forma dramática e violenta, tendo um papel chave aqui a Igreja Católica, quem começou a intermediar e participar na re-localização dos índios em terrenos que não eram os originais deles.

Ambos povos, em geral têm uma história de luta e enfrentamento com os governos e administrações locais, no caso dos Kariri, eles inclusive se trasladaram desde a sua cidade de origem Porto Real do Colégio, onde ocupavam uma rua completa, para uma fazenda que era de direito próprio original, antes de ser iniciado um projeto agrário. Os Pankararu também não ocupam as suas terras originais, atualmente são seis aldeias, sendo a principal a Brejo *dos Padres*, onde se instalou a primeira comunidade.

No caso dos Pankararu a Igreja Católica tem tido uma maior influência e uma “melhor relação” com estes indígenas, à diferença dos Kariri, os quais apesar na sua maioria praticar a religião católica, participando inclusive em procissões, atualmente não têm uma relação muito direta com esta. Porém, poderia dizer-se que os Kariri são mais autônomos nas suas crenças, a sua cosmovisão, é mais própria, o qual o demonstra o ritual do *Ourikuri*. Já nos pankarau, o sincretismo é maior, tendo rituais como o *Menino do rancho*, com elementos cristãos e da tradição indígena misturando-se.

A organização social, política e espiritual dos indígenas está inter-relacionada. Na visita à aldeia Kariri-xocó se percebeu o papel do *Pajé*, sendo considerada a autoridade máxima e não ser só o guia espiritual, mas também da organização social e política da comunidade. Na aldeia Pankararu, essa situação não foi tão clara, aqui não se percebeu a figura destacada do *Pajé* ou algum outro tipo autoridade local, na sua organização social, aqui Igreja católica e a FUNAI têm um papel mais patente.

O sentido do coletivo, de comunidade, de interesses em comum, é algo forte, em ambos povos, uma característica que lhes permite fazer frente às dificuldades sociais e econômicas. Quando se trata de terem contato com outros povos da região está é maior ainda, o que fica demonstrado nos encontros esportivos ou nos chamados *Jogos Indígenas*, que acontecem cada certo tempo, entre diversos povos indígenas. Esta *união* entre etnias é um fato recente, estimulado em parte pela marginalização, discriminação e racismo que a sociedade, desde os primeiros tempos de contato tem tido com eles.

Os indígenas se dão conta que a única forma de sair adiante é unindo as suas forças para solucionar problemas em comum (terras, educação, saúde, direitos humanos, etc.) vinculando-se, interagindo, fazendo uma *rede de contatos* e trocas de experiências e conhecimentos, o que iria permitir uma certa solução e visibilidade das suas demandas, fazer pressão, chamar a atenção, e serem considerados como parte essencial e fundamental da sociedade. As iniciais políticas de integração, assimilação e paternalistas do Estado, não

foram a solução para estes sectores, as quais não consideraram as suas necessidades particulares e diferenças culturais como grupo humanos, com uma serie de carências, causadas pelo contato com a sociedade envolvente.

Tanto os Karirí quanto os Pankararu têm uma organização social, cujo elemento cultural, passo só recentemente a ter uma consideração, inclusive por eles mesmos. Apesar dos contatos históricos obrigados com a sociedade “branca”, a sua auto-organização, “independência” e sentido de coletividade permitiram em parte que está não terminasse (o aspecto cultural). A *cultura indígena* nunca foi um aspecto principal considerado pelas *políticas governamentais indigenistas*, só organizações do terceiro setor, apoiando a *causa indígena* e as mesmas *organizações indígenas* passaram a perceber a *cultura* como um elemento importante para o desenvolvimento integral dos seus povos.

Até que ponto estão articulados os povos internamente e com outros, fica patente nos recentes Encontros, Reuniões indígenas, manifestações locais e internacionais, tendo a oportunidade de fazer contato, trocar experiências e, sobretudo, organizar-se em rede. Esta auto-organização, autonomia e independência, só foram desenvolvidas e conquistadas, depois que quase foi instalada na mentalidade indígena, sua incapacidade e dependência, considerando que não tinham a capacidade para uma existência autônoma e auto-determinate , por parte da cultura dominante.

No caso do Brasil, cada povo indígena é uma realidade diferente, existindo a situação dramática, de que a maioria das etnias foram exterminadas e só uma minoria conseguiu sobreviver. Mas isto não é o determinante para sua representividade ou da sua melhor ou pior organização; o determinante é o grau, a capacidade e a competência das suas comunidades de organizar-se e terem líderes-representante autênticos, pessoas que possam unir os interesses, encaminhar as suas demandas e representar a sua cultura em face aos interesses da sociedade branca, a maioria das vezes não concordantes.

Os *novos movimentos sociais*, já identificados pelos sociólogos por Melluci e Touraine na década dos 60, só recentemente começaram a terem um papel destacado, aqui estariam incluídos os *movimentos indígenas*, representando aqueles segmentos da sociedade, que em geral não foram considerados pelas políticas dos países, sobretudo daqueles com uma orientação neoliberal. Este tipo de *ação coletiva* passou a ter outro tipo de organização ideológica, mais vinculada ao elemento étnico, de *consciência étnica*<sup>22</sup>, que na atualidade

---

<sup>22</sup> Ver definição no Apêndice.

está sendo formada, através das demandas, reivindicações e propostas por um outro tipo desenvolvimento para a humanidade.

O movimento indígena, expressado na mobilização por reivindicações e demandas nos mais diversos âmbitos, *a cultura*, sempre foi deixada em parte de lado, devido à urgência de outro tipo de necessidades, que em um começo eram por terras, sua demarcação, as necessidades de saúde, etc. O assunto mais ligado á cultura, era a educação, mas esta também era uma demanda, que se pretendia solucionar, com uma política educacional indígena bi-cultural, através do “resgate” das línguas nas comunidades em que impartia seu ensino, que tinha mais em conta a história oficial e não a *etnohistória*.

A criação de “Escolas indígenas” que veio acontecer depois de certa trajetória das políticas indigenistas, teve então esse enfoque de “reconhecer” algumas particularidades ou diferenças, com um ensino bilíngüe, no primeiro grau. O qual depois obrigava ao indígena a sair fora à procura de um aprendizado mais completo. Contudo, estas não eram as únicas desvantagens. A pior de todas era a falta de apoio, para continuar no processo de aprendizado. Desde já um tempo, começou acontecer um questionamento a este tipo de educação, surgindo como proposta a *educação intercultural*, que pretende um diálogo com a cultura “dominante” para uma recuperação e re-criação das culturas indígenas. Porém, ainda são só propostas, pois a política governamental de uma educação bilíngüe indígena é a pauta.

A realidade indígena dos Kariri e Pankararu respeito a sua educação, não foge dessa situação, ainda acontece este tipo de educação “indígena”, com escolas nas suas próprias terras, mas eles perderam as suas próprias línguas, elemento chave da sua própria identidade étnica, carecendo também de pessoal da sua mesma etnia para impartir a educação.

Contudo, está acontecendo em certa forma uma “mudança” no que se refere a sua cultura, e mais especificamente no acesso à informação e seu uso. Desde o surgimento da chamada Sociedade da Informação, os povos indígenas, estão atentos à nova realidade tecnológica, pois elas têm um papel chave para o acesso e criação de conteúdos. As chamadas Tecnologias de Informação e Comunicação, (TICs), foram instaladas em algumas escolas indígenas, alguns equipamentos como computadores. Porém, a mudança inicial e mais determinante veio não por parte do governo, se não de setores da sociedade civil, tanto de indígenas e não indígenas, que, por exemplo, no caso relatado nesta pesquisa, através de uma ONG a *Thydewas* e logo com a criação de uma Rede on line *Índios on line*, se foi dando de a pouco acesso à tecnologia da computação e informação.



Este *despertar* indígena ou consciência étnica no âmbito da cultura, no caso do Brasil, só foi a fins da década dos noventa, quando um grupo de indígenas e não indígenas na cidade de Salvador, na Bahia decidiram lançar primeiro livros produzidos por eles mesmos, dando a conhecer a sua cultura. Mas logo com as TICs decidiram criar uma rede que interliga-se onze povos, principalmente da região do Nordeste, pois se tinha a possibilidade de criar conhecimento, difundir informação, sua cultura, suas histórias, foi o que motivou principalmente o uso das TICs.

Tanto os Kariri-xocó e Pankararu sabem disso, no primeiro caso os Kariri criaram sua *ciberoca* e os Pankararu seu *ponto de cultura*, ambas com um enfoque netamente cultural, de recuperação, criação, comunicação e difusão da sua história e o que acontece na sua comunidade. Ambos pertencem à rede *Índios on line*, participando na rede de diversas formas, já seja criando matérias, informando sobre acontecimentos, criticando ao governo, difundido atividades culturais, e tentando um diálogo o mais harmonioso possível com o branco, para demonstrar a sua capacidade no uso das tecnologias e na criação de conhecimento.

Conhecer as *práticas informacionais*, principalmente de *geração e transmissão de informação* através das TICs, especialmente a Internet, permitiu apreciar o tipo de uso, o impacto, a valorização e projeção que eles estão tendo com o acesso às tecnologias. Contudo, o que mais se procurou ver foi se a cultura indígena, a identidade étnica, a sua diversidade se relacionam ou complementam com as tecnologias de informação e comunicação.

Assim como uma história em comum, eles têm práticas de informação muito parecidas.

A *prática de recepção* ficou entendida aqui como aquele primeiro contato físico e a primeira vez que se ouviu falar sobre TICs, por parte dos indígenas. Assim, em ambas comunidades a televisão, a escola, a família e os amigos tiveram um papel destacado, sendo os locais ou ambientes onde pela primeira vez escutaram falar sobre as TICs. Nos kariri-xocó a televisão foi o principal meio e nos pankararu foi a escola.

A primeira experiência física, de acesso físico à tecnologia, nos Kariri-xocó foi na ciberoca, enquanto nos Pankararu a situação foi mais heterogênea, o mais mencionado foi o colégio e curso particular, só alguns indicaram o ponto de cultura.

Nas *práticas de geração*, se incluíram as seguintes questões (significado das TICs, espaço da TICs na vida de cada um, opinião sobre nova a realidade tecnológica na comunidade, conhecimento ou não sobre apoio do governo, se existe relação ou não entre

identidade/diversidade cultural e TICs, contribuição à cultura indígena, criação de conteúdos, opinião sobre o projeto Índios on line, etc.)

- Significado das TICs. Foram muito parecidas as definições ou pensamentos sobre o que era para cada um as tecnologias de computação ou Internet. As TICs foram associadas à funções/processos, como é o aprendizado, a comunicação, a evolução, a participação e o progresso. Também se relacionou com a oportunidade, projetos.

A menção de ser uma *arma* também foi um elemento em comum, com a qual se pode mostrar a própria cultura, uma arma que se precisa conhecer e dominar para fazer frente ao mercado laboral, uma arma digital de resistência, conhecimento e preservação cultural.

Os grandes temas em comum são Informação e Conhecimento.

As diferenças no significado que se puderam detectar foram em nível de visão mais macro ou micro, para os pankararu as TICs são meios que levam a uma globalização, índios globalizados, uma forma para fazer diferença, podendo trazer benefícios. Enquanto, para os kariri-xocó as TICs são uma fonte de informação, um dicionário enorme de informações e uma biblioteca de pesquisas.

- Espaço das TICs na vida de cada um. Ambas comunidades em geral qualificaram as TICs como um espaço muito importante e de ajuda nas suas vidas. Estes espaços foram identificados, no processo de aprendizado/estudo, no apoio ao trabalho escolar, constituir uma fonte de pesquisa, de apoio no trabalho de docência, que também permite manter-se informado sobre o que acontece no mundo, um meio de socialização de amizade e em usos práticos como cadastramento de CPF.

Como ficaram demonstrados no perfil dos Pankararu, estes têm uma formação acadêmica mais completa, no sentido de haver terminado o ensino médio, cursando alguns educação superior, mas alguns trancaram, e outros em processo de ingressar. Assim as TICs têm sido utilizadas no processo seletivo, de inscrição, estar ao tanto do que acontece no processo de vestibular, inclusive uma pessoa está usando as TICs, para um curso a distância.

Outra coisa que chamou atenção nos Pankararu, foi a menção às TICs de estar sendo usadas no tempo livre, assim os jovens com elas não perdem o tempo.

- Nova realidade tecnológica na sua comunidade. Em geral foram vários pontos em comum, eles indicaram que as TICs permitem conhecer e difundir a sua própria cultura, ademais de se informar de outras, possibilidade de aprender, adquirir novo conhecimento, resolver dúvidas

e uma opção de trabalho.

Outro ponto em comum foi a dizer que as TICs ajudam a demonstrar que os indígenas são *civilizados*, ao mexer em computador, mantendo, criando e difundindo a sua cultura. Muitos brancos, segundo os indígenas encontram que eles tinham paralisado, mas com acesso ao computador podem demonstrar o contrario, que eles não têm ficado parados no tempo, que estão caminhando junto com os “brancos” nos avanços tecnológicos, demonstrando que não são brutos, que eles podem ter informação.

Os Kariri-xocó se enfocaram, sobretudo no aprendizado e conhecimento de outras culturas, enquanto os Pankararu na comunicação e interação com outras etnias, conversar com parentes, o que diminui espaços entre eles.

Outra diferença esta na menção dos monitores (Pankararu) no seu trabalho como um espaço para combater o analfabetismo digital.

Os Pankararu ao pensar nesta nova realidade tecnológica na sua comunidade, também refletiam sobre o que elas poderiam contribuir, *“permitir a discussão de outras questões como a saúde, educação, luta pela terra, a tecnologia ajudaria nesse contexto...”* *“Espaço que trouxe aos pouquinhos essa coisinha pra os jovens trabalhar, de preservação da cultura, de fazer pesquisa... eles poderiam sair cidadãos conscientes...”*.

- Participação do governo. Ambas as comunidades encontram a participação do governo boa, uma oportunidade, importante... Porém, existem algumas críticas, pelo pouco apoio, pois os computadores são poucos, o espaço físico de ambos é pequeno, falta de pessoal capacitado, e muita gente interessada em participar.

Cabe destacar a autonomia mencionada por um dos seus líderes (Kariri) quem indica *“independentemente do governo, a gente já faz essa atividade por necessidade de sobrevivência como povo”*.

- Relação entre Identidade/diversidade cultural e TICs. Foi indicado maioritariamente em ambas comunidades que existe uma relação. Os Kariri-xocó em geral disseram que sim, mas sem indicar a causa. A relação que alguns estabeleciam entre ambos componentes, acontecia por permitir a interrelação, comunicação e o conhecimento de outras culturas e ao resgatar a sua cultura e difundir sua realidade.

Os Pankararu indicaram que por causa das TICs puderam aprender mais, mostrar a sua diversidade, pelo processo de comunicação, tudo o mundo interage, conversa com

parentes, ademais se fortalece a própria cultura com a sua divulgação e criando matérias.

Segundo os Pankararu a tecnologia veio como um parceiro importante para a sua cultura ao deixar promover eventos, que o mundo conhecesse um pouquinho da sua cultura (expor as suas culturas) e ao armazenar informações e pesquisas.

O termo em comum entre os kariri e pankararu foi a *Comunicação intercultural*, não dito, mas deduzido do papel dado às TICs como elemento de conexão, integração e interligação das culturas indígenas, permitindo a difusão, promoção, conhecimento da suas próprias culturas pela rede. A comunicação com outros parentes permitiu uma troca de conhecimentos e uma união maior entre eles.

- Tecnologias contribuído a sua cultura indígena. A coincidência aqui foi a possibilidade de mostrar a sua cultura, a recuperação dela.

Os Kariri-xocó se enfocaram mais no aprendizado, que ajuda no autoconhecimento e na preservação do meio ambiente,

Nos Pankararu a comunicação com outras culturas foi o fundamental, pois permite mostrar o que acontece na sua aldeia e ter conhecimento de outras. Ademais está a possibilidade de conseguir projetos, através da computação. Oportunidade de buscar informação, que permite reivindicar os seus direitos, espaço em cada um coloca seu pensamento, podendo informar-se de longe do que acontece.

A coincidência entre ambos foi no aspecto da divulgação da cultura, mostrar como são, suas lutas, sua história e tradição.

- Desenvolvimentos tecnológicos a futuro na comunidade. Ambos povos coincidiram em temas, sobretudo de melhoria da infraestrutura, mais computadores, expansão do ponto e da ciberoca e pessoal mais preparado.

Os Kariri-xocó demandaram mais no aspecto humano, mais autonomia, um maior conhecimento da tecnologia, buscando uma inter-relação com ela, para não depender dos outros, para eles mesmos fazer projetos, conseguir o conhecimento técnico da tecnologia.

Os Pankarau também tiveram uma orientação mais humana, indicando a necessidade de trazer novidades para incentivar os jovens, envolver mais gente no ponto, não só incluir jovens, mas também velhos e crianças.

- Criação de conteúdos. Os Pankararu são os que mais têm contribuído, já com matérias na página Índios on line, dando opiniões ou no chat. Os Kariri-xocó em menor quantidade. Neste caso foi difícil que indicassem os temas, que lembrassem, porém, alguns indicaram como temas: a história da tribo, fatos que acontecem, preconceito, discriminação e a cultura dos índios.

Os Pankararu indicaram mais temas: lendas, as comidas, as fontes que estão se gastando, sobre religião católica, reivindicações, etc.

Os pontos coincidentes são na divulgação da própria cultura, acontecimentos que passam etc. Os Pankararu têm feito mais um trabalho de pesquisa e de entrevista com a sua comunidade, resgatando as lendas, histórias, mitos, sobretudo com os mais velhos.

- Opinião sobre o projeto Índios on line. O projeto *Índios on line* tem um apoio generalizado, sendo qualificado como uma oportunidade, uma contribuição, um desenvolvimento, uma ajuda, algo muito bom, um avanço, muito legal, uma iniciativa boa, são algumas das expressões usadas.

Os índios Pankararu qualificaram o projeto no sentido de avanço, de desenvolvimento, uma quebra de tabú e uma geração de oportunidades. Enquanto, os Kariri-xocó indicaram que este lhes deu a oportunidade de mostrar sua cultura, reforçar seus povos com um conhecimento mútuo, um meio informativo e de intercâmbio com a sociedade branca, dando a oportunidade de criar conhecimento e aprender mais.

Os Pankararu tiveram certo enfoque diferente ao indicar que este foi um espaço para os jovens, que lhe ampliava seus horizontes e oportunidades. Ademais de trazer o assunto da politização, do social e do coletivo nos jovens.

Em relação ao uso direito das TICs, focado principalmente ao uso de Internet e outros programas:

- Os temas assuntos pesquisados entre ambos foram: a história indígena própria e de outros povos, educação e trabalho, atualidade indígena, acontecimentos e política. A educação podia ser de vários tipos, como é o apoio em trabalhos escolares e a procura de informação de cursos. O trabalho podia ser sobre concursos. Na comunidade Pankararu, havia uma integrante que participava no movimento indígena, assim indicou que para os encontros e reuniões, ela pesquisava muito dependendo dos temas das reuniões.

- A pesquisa de informação bibliográfica de documentos, nos Kariri-xocó foi algo quase desconhecido, mas nos pankararu existiu mais conhecimento no tema, doze pessoas responderam que sim procuravam, mas em geral não indicavam em que tipo de documentos.

- Sites ou páginas favoritas, para os kariri-xocó o site favorito foi do *Índios on line*, enquanto na outra comunidade também foi indicado, o *Google* como *site* de pesquisa, o *Gmail* e o *Hotmail* para email, o *MSN* e o *Orkut* para conversar. *Índios on line* se indicou mais não era o favorito.

Sobre programas usados existiu um maior conhecimento nos pankararu, inclusive também alguns fazendo uso do Excel e PowerPoint. Os que usavam o Word era para escrever os assuntos de *Índios on line* e para trabalhos pessoais.

- Os usos/utilidade da informação. Aqui a maioria indicou que a informação recuperada lhe ajudou no que necessitava, mas não conseguiam dizer em que. Os que conseguiam diziam que era utilizada no apoio de pesquisas, de estudo, em temas amplos como meio ambiente, saúde, etc. No âmbito de estudos, para a procura informação de cursos, inscrição, etc.

- A imagem estrutura dos sites, em geral não foi difícil, eram consideradas fáceis, ao principio era dificultosa, às vezes pela quantidade de informação, mas depois com o tempo e o aprendizado conseguiam compreender.

- Dificuldades no uso das TICs, quase a totalidade teve no começo, mas ao longo do tempo, a prática, cursos particulares e a orientação dos monitores se solucionaram as dificuldades.

- Respeito a críticas, os Kariri-xocó não foram tão críticos. O pessoal Pankararu sim, porém, as críticas não foram para o site *Índios on line* e mais no que acontece no ponto de cultura, a sua infra-estrutura, o funcionamento, a parte humana, a “ burocracia” da rede, a necessidade de cobrar mais responsabilidade dos monitores, um projeto que deveria abranger mais, não ficar naquela coisa de grupo.

- Respeito a como as TICs podem beneficiá-los no futuro, os Pankararu foram mais expressivos ao respeito, eles indicaram que se podiam, já os Kariri-xocó não indicaram tanto como.

As pessoas que responderam encontravam que as TICs têm um papel chave na vida de cada

um, que podem beneficiar no seu futuro.

Dentre as indicações foram que as TICs, podem trazer mais conhecimento, mais aprendizado, fazendo surgir mais oportunidades, as coisas ficam mais fáceis, podendo realizar cursos, auxiliando no futuro ao facilitar a vida, trazendo recursos para a comunidade, isso demonstraria como beneficia a tecnologia.

- Sobre se um ponto de cultura ou ciberoca seria útil em outras comunidades indígenas, todos indicaram que seria útil, ajudaria, seria bom, interessante, de muita utilidade, já que eles também poderiam trocar, intercambiar suas culturas, teriam um benefício como eles, fortaleceria sua identidade cultural, seria um apoio para causa indígena, etc.

- Finalmente, sugestões no que acontece na sua aldeia, estas foram muito parecidas com as críticas, sendo sobre a ampliação do ponto/ciberoca, mais computadores, melhor infraestrutura, pessoal mais capacitado. Porém os Pankararu, opinaram sobre a necessidade que os povos se comprometessem mais com a causa indígena, mais participação juvenil, mais oficinas temáticas, nova informação no *site* Índios on line como legislação, mais reuniões, contato entre as pessoas e maior articulação e companheirismo entre os índios.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Este trabalho de pesquisa visou analisar o impacto das TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação), principalmente da Internet nas culturas indígenas, com o objetivo de determinar se existe um fortalecimento ou não das suas identidades culturais /étnicas através do acesso/uso a este meio tecnológico. Portanto, se caracterizam as práticas informacionais desde um ponto de vista teórico e prático, procurando estabelecer se existe relação entre identidade/diversidade cultural e as tecnologias de informação e comunicação.

Ao realizar tal pesquisa, objetivamos compreender a função das tecnologias de informação e comunicação no contexto de inclusão digital pelo que vem passando vários povos indígenas na luta de pelos seus direitos de identidade/diversidade cultural, sobretudo no Brasil. Para tanto, utilizou-se como campo de pesquisa duas comunidades indígenas da região do Nordeste (Kariri-xocó e Pankararu), os quais fazem parte da rede *Índios on line*, que tenta a integração, comunicação e compartilhamento de experiências, principalmente entre onze

povos indígenas da região do Nordeste (Kiriri, Tupinambá, Pataxó-Hãhãhãe, Tumbalalá, etc.), mas que a partir de 2008 passou a incorporar outras etnias do sul do Brasil.

A revisão de literatura procurou o desenvolvimento de temas relacionados à transferência e comunicação de informação no contexto das redes. Assim se pesquisaram temas como as Tecnologias de Informação e Comunicação, Redes (sociais, eletrônicas, internet), Inclusão social/digital, Identidade/ Diversidade Cultural, tanto desde um ponto de vista histórico e conceitual e a inter-relação entre elas. Ainda nesta parte do trabalho, foi apresentada uma visão histórica da inclusão digital indígena e das duas comunidades indígenas no contexto social brasileiro. Como referencial teórico, foi utilizado o modelo de rede (social e eletrônica), uma estrutura que visa à integração, comunicação e compartilhamento de informações, e se ressalta a importância da comunicação horizontal entre tanto emissor/gerador de informação, como do receptor/usuário de informação no desenvolvimento de práticas informacionais.

Foram utilizadas seis técnicas para a coleta de dados: a *pesquisa documental* tradicional e via Internet objetivando um maior conhecimento/caracterização do tema TICs e identidade/diversidade cultural e da inclusão digital indígena e as comunidades estudadas; o *questionário* visando a caracterização dos entrevistados; a *entrevista não estruturada* objetivando a caracterização/análise das práticas informacionais desenvolvidas pelos usuários dos pontos de cultura/ciberoca; a *história oral* para um maior conhecimento /caracterização dos usuários entrevistados; a *observação participante* para ter um contacto maior com a realidade da comunidade dos usuários e a última técnica, foi a *coleta de documentos escritos* de autoria das organizações relacionadas (ONG Thydewas, Rede Índios on line, etc.)

Para a análise dos dados coletados, foram cuidadosamente transcritas as entrevistas, procurando recuperar as expressões principais. Assim, buscamos caracterizar/analisar as relações entre práticas informacionais e de identidade/diversidade cultural através da percepção dos sujeitos sociais que desenvolvem tais práticas.

Objetivando orientar o trabalho, desde o começo da pesquisa se estabeleceu o seguinte problema:

*Como se configuram as relações entre identidade/diversidade cultural dos povos originários, as TICs e suas práticas informacionais a partir dos programas de inclusão digital governamentais?*

Assim logo, foram estabelecidos alguns pressupostos, utilizados como sinônimos de



“*possível resposta*” para a indagação colocada anteriormente. A função dessas questões era indicar caminhos, a partir do referencial teórico, orientando o trabalho de pesquisa. Assim se estabeleceram os seguintes pressupostos:

1. Informação, Tecnologia e identidade/diversidade cultural não se relacionam de forma imediata, ou seja, a implementação de práticas informacionais não leva necessariamente ao desenvolvimento de uma identidade cultural étnica;
2. As práticas informacionais configuram-se como recursos de apoio às práticas de identidade/diversidade cultural a partir de um contexto participativo-comunicacional em rede;
3. As práticas informacionais com apoio das TICs e de inclusão digital podem levar a uma reconstrução e reprodução das identidades/diversidade cultural dos povos indígenas.

Objetivando ainda uma maior orientação na análise dos dados coletados sobre as *práticas de informação* desenvolvidas pelos entrevistados, utilizamos as seguintes categorias de análise: recepção, geração e transferência de informação. O trabalho analítico apoiou-se também no referencial teórico fornecido pela disciplina Estudo de Usuários. A partir dessas determinações analisamos os dados coletados.

As práticas informacionais dos povos indígenas estudados confirmaram os pressupostos estabelecidos no começo desta pesquisa.

No caso da (1) acontece que até agora as práticas de geração e transferência de informação desenvolvidas pelos Kariri-xocó e Pankararu não têm causado um real fortalecimento da sua identidade étnica cultural, mas sim uma difusão e reconhecimento por parte da comunidade indígena e a não indígena. Ao serem povos com um alto grau de *aculturação* (tempo atrás acreditava-se que os povos indígenas do Nordeste se tinham extinto) seu “resurgimento” tem levado a um uso intenso da ferramenta eletrônica Internet, espaço eletrônico virtual, dando a conhecer sua realidade.

No (2) pressuposto as práticas informacionais destas comunidades indígenas se constituem como recursos de apoio às práticas de identidade/diversidade cultural a partir do contexto comunicacional em rede, pois neste diálogo de *muitos para muitos* (fazendo uso de recursos tecnológicos como o chat, emails, blogs, etc.) entre as mesmas comunidades e o meio externo, permitiu um autoconhecimento e um contato com outras etnias na mesma situação.

Finalmente o (3) pressuposto se confirmou pois as práticas informacionais com apoio das TICs e da inclusão digital hão contribuído realmente a uma reconstrução e reprodução das identidades/diversidade cultural destes povos indígenas. Nesta situação tem sido chave a inclusão digital, que um pouco acontece em ambos telecentros, desenvolvida principalmente pelas mesmas comunidades.

Contudo, ainda existe um amplo desconhecimento e falta de acesso aos recursos tecnológicos, o qual limita um real desenvolvimento de suas habilidades/competências no uso das tecnologias de informação e comunicação. A principal limitante seria de tipo físico, as condições dos locais não são adequadas, os recursos são realmente escassos, mas apesar disso a motivação e vontade de aprender, leva aos usuários indígenas (principalmente jovens) a “aceitar” esta realidade por agora.

Assim as comunidades demonstraram no começo uma forte curiosidade e inquietação desde a instalação dos pontos de cultura e ciberoca nas aldeias, e logo uma autonomia e vontade de aprender e pesquisar na Internet.

Os depoimentos refletiram coincidências e algumas divergências, sobretudo no tipo de uso, especificamente em temas pesquisados e os usos deles em fatos práticos, além das projeções que poderiam ter as tecnologias na vida de cada um deles.

Portanto, a dimensão social das TICs é um fato, pois o elemento humano é um fator chave, quem através do processo comunicacional e cognitivo em rede transcende os meios físicos, constituindo estes só vias para a circulação e compartilhamento de informações.

As práticas de geração e transferência de informações realizadas pelas comunidades Pankaraut e Kariri contribuíram à recuperação, “resgate” e difusão da sua identidade/diversidade cultural, reforçada pelas redes de comunicação construídas entre as diversas etnias, que estão num processo de auto-conhecimento e reconhecimento mutuo. Porém, sem deixar de considerar a comunidade “externa”, isto é, a sociedade toda, dando a conhecer sua realidade, suas reivindicações e principalmente o seu papel digno na sociedade .

### 6.1. TICs, Identidade/Diversidade Cultural e Práticas Informacionais: dimensões e conseqüências.

As análises revelam-nos dimensões do fenômeno das TICs e sua relação com a temática da identidade/diversidade cultural. Observamos que a característica mais evidente nesta relação é o papel da Informação e da Comunicação. Assim, temos que a informação no

contexto das redes é uma ação de comunicação e compartilhamento de sentido, que pode mudar as estruturas (mental e social), pois cria novos estados de conhecimento ou de identidade cultural, isto é, contribuir a sua atualização, mudança e re-criação nos indivíduos ou coletividade. (comunidade indígena)

Ao se analisar as práticas informacionais e sua vinculação com a identidade/diversidade cultural, destacam-se também o aspecto cultural e político. Por que tal fato ocorre?

A *identidade cultural* é um processo em contante mudança, realizado por fatores subjetivos e sociais externos que influem na auto-identificação de um determinado indivíduo/grupo. Sua conformação implica a interação de identidades individuais e coletivas que imprimem várias características particulares (Ex.: valores, costumes, crenças, tradições, etc.) a esse principio de identificação nacional, regional, local ou étnico. Assim o surgimento do espaço eletrônico virtual representado pelas redes, como Internet, veio a abalar às tradicionais identidades, pois este novo ambiente comunicacional-informacional permitiu um diálogo interativo e o deslocamento/descentramento das identidades tradicionais “fixas”, reformulando-as e modificando-as através dos fluxos das redes eletrônicas.

O aspecto político surge no papel que têm assumido alguns grupos étnicos, os quais através de seus movimentos sociais passaram a constituir um setor crítico ao Estado, apresentando alternativas de ação, constituindo-se, em pólos de críticas/sugestões às ações estatais. Outro fato que fortalece a questão do aspecto político das suas práticas informacionais relaciona-se ao objetivo dessas entidades de fortalecer e estimular o movimento indígena nacional e transnacional, sobretudo da América Latina, que vem a gerar reivindicações/demandas por melhorias sócio-econômicas, políticas e culturais e incluso em alguns casos, de participação política.

Nesse contexto as TICs adquirem um papel chave, pois vão a fornecer a estrutura de comunicação, para que se efetuem as práticas de informação, que vão a permitir a difusão e criação de novos conhecimentos entre os sujeitos.

Ao considerar a informação como elemento de ação que pode gerar transformações, ao criar novos estados de conhecimento no indivíduo ou grupo. Pode-se ampliar essa colocação no sentido de inserí-la nas práticas informacionais como estimuladora e formadora de uma “nova” identidade/diversidade cultural étnica. Assim, a informação num contexto de práticas informacionais em rede é um recurso de ação de identidade/diversidade cultural que pode

transformar as estruturas mentais e sociais, possibilitando aos sujeitos sociais a criação de novos estados de conhecimento (atualização da sua própria identidade étnica), nos quais se dá o estabelecimento de uma consciência de si e do mundo (surgimento de uma consciência étnica individual e/ou coletiva). A partir desses estados de conhecimento a informação se constitui num recurso para a formação e re-produção da identidade/diversidade cultural.

Deve ser salientado, entretanto, que a informação somente se constitui num recurso para a identidade/diversidade cultural, dentro de um contexto comunicativo específico, que é o contexto participativo-comunicacional em rede. No qual cada integrante da rede procura recuperar, difundir e trocar diversos aspectos da sua etnia (história, cultura, tradições, crenças, etc).

Portanto, o desenvolvimento, a recuperação e construção de uma determinada identidade cultural, implicam considerar que todos os seres humanos são “fazedores e sabedores”, pois todos têm algum conhecimento sobre algum tema, e tal conhecimento deve ser considerado nas práticas informacionais.

Assim, as práticas informacionais (geração e transferência de informação) são as funções principais que vão permitir a criação e a comunicação de conteúdos, que contribuirão à formação e fortalecimento das identidades culturais étnicas.

## 6.2. TICs, Povos Indígenas e Inclusão Digital (I.D.): avaliação de duas experiências indígenas.

A visita *in loco* de duas experiências de inclusão digital indígena permitiram ver em direto o que está acontecendo no *dia-a-dia* nestas comunidades, cada uma com suas particularidades, mas sendo parte do universo indígena, o que implica muitos aspectos em comum.

Procurou-se conhecer as soluções inovadoras que em alguns aspectos contribuem para a inclusão, avaliando o tipo ou grau de inovação em I.D. e assim identificar soluções/propostas que possam orientar outros desenvolvimentos de I.D.

Tendo em vista que a exclusão digital não é algo simples, não se referindo a uma condição binária, que separa incluídos e excluídos, mas “sim a um estado relativo e dinâmico, sujeito a inúmeras gradações e afetado por diversos fatores” (TAMBASCIA ET al.2006, p.20) Há de se considerar também todas as dimensões de restrição de acesso às novas TICs, quais

sejam, alfabetização e letramento insuficientes, dificuldades cognitivas ou motoras e barreiras lingüísticas, econômicas ou psicológicas. (HOLANDA e DALL'ANTONIA (2006) apud TAMBASCIA, 2006, p.20)

Com o fim de identificar ou classificar as soluções e experiências mapeadas, se adotou a taxonomia de TAMBASCIA et al. (2006) pois sua proposta está centrada em soluções para pessoas com necessidades especiais, o qual implica ter em conta alguns aspectos específicos para este tipo de pessoas, cujo foco pode ser também utilizado na análise dos povos indígenas que fazem uso das TICs.

Assim nessa taxonomia são hierarquizados os níveis de acesso à sociedade informacional. Os três primeiros níveis representam as barreiras a serem suplantadas para que a inclusão digital seja plena, correspondendo a requisitos de acesso físico (disponibilidade de acesso: acesso a equipamentos) , de acessibilidade e usabilidade da interface (focando limitações cognitivas, físicas, motoras e psicológicas dos usuários) e de inteligibilidade dos conteúdos (decodificação e cognição, adequando conteúdos e interfaces ao perfil cultural e lingüístico dos usuários). O nível 4 diz respeito à participação na Sociedade da informação, de forma que os programas e iniciativas de inclusão que se enquadrem nessa condição possibilitem ainda dois níveis de participação : a fruição plena dos conteúdos já culturalmente contextualizados e, em alguns casos, a produção de conteúdos inclusive sob a perspectiva do multiculturalismo.

Além do anterior cada nível de inclusão é identificado também em função do grau de inovação ao promover resultados diferenciais. Assim no contexto de I.D. a inovação foi entendida no sentido de :

além de incorporar novos insumos ou rotinas, ou mesmo uma combinação de recursos, uma experiência só é caracterizada como inovadora quando reúne condições para atender a uma determinada necessidade de inclusão, ou seja, transformar, em alguma medida, a realidade econômica ou social do maior numero de pessoas... (TAMBASCIA ET al.2006, p.21)

Assim soluções inovadoras foram classificadas de acordo com três graus de inovação:

- *Incremental* (I): é aquela em que ocorre o aprimoramento de características observadas em relação à parte expressiva das experiências existentes, em pelo menos um dos níveis de I.D., sem acréscimo de novas características. – *Distitiva* (D): caracteriza-se pelo fato de a experiência, apresenta uma serie de atributos que introduzem novas características ou funções; - *Ruptura* (R): caracteriza-se por uma diferenciação completa com relação a características observadas em parte expressiva das experiências existentes, para a satisfação

de uma dada necessidade. (TAMBASCIA ET al.2006, p.21-22)

Fundamentalmente foram consideradas ações e características inovadoras em termos de sustentabilidade e difusão da experiência, por exemplo, fomentar parcerias e promover intercâmbio entre iniciativas, As ações que contribuem para a difusão são aquelas que permitem ampliar o numero de localidades, de entidades e de usuários participantes da experiência. No caso desta pesquisa ambas experiências ao serem parte da rede Indios on line e como tem demonstrado o tempo, esta se tem expandido desde o ano 2004 com apenas onze povos indígenas participando na rede.

Desta forma fazendo uma aplicação da metodologia de análise nas duas realidades indígenas de I.D.:

Tabela 8. Experiências de Inclusão digital indígena, quadro comparativo.

Experiências	Disponibilidade de acesso	Usabilidade e acessibilidade	Inteligibilidade	Sociedade da Informação	Apoio e gestão
Ciberoca kariri-xocó	I		D	R	I
Pontode cultura Pankararu	I		D	R	I

Fonte: Dados da pesquisa.

Como se indicou a visita a duas comunidades indígenas permitiu constatar em terreno o que em parte acontece no *site* de Indios on line, portal que representa o espaço virtual de interação e comunicação entre as comunidades indígenas. Porém o foco era ver outros aspectos relacionados a I.D. que so podiam ser observados na realidade mesma.

No nível ou meios de acesso, que são principalmente as características de infraestrutura de rede (cobertura, taxa de transmissão, custo de implementação, etc) desde que a *Thydewas* fez parceria com o GESAC, se incrementou o uso da rede e a velocidade de transmissão, pelo fornecimento de antenas especiais com uma maior cobertura.

Quanto ao nível de usabilidade e acessibilidade se detetou carência de elementos físicos para facilitar o acesso aos locais (rampas de acesso, corrimão para locomoção, mouse e teclado especiais etc.) e no uso das TICs por parte de usuarios portadores de necessidades especiais.

Na dimensão da inteligibilidade se cumprem em parte alguns requisitos, sobretudo através da Rede que complementa o trabalho de I.D. Assim a alfabetização digital poderia

considerar-se em parte realizada com a existência do ambiente colaborativo de aprendizado o ARCO DIGITAL e a disponibilização de monitores que auxiliam aos usuários no local mesmo. Porém não há um treinamento para pessoas com necessidades especiais parciais ou totais; recursos que atendam a usuários com uma alfabetização deficiente e disponibilização de ferramentas ou material didático linguisticamente adequado, que oriente no uso/aceso às TICs como de complemento em outros saberes.

Em termos de participação na Sociedade de Informação, já tinham sido observadas atividades de criação de conteúdos na Rede, já fosse da maneira informal (*bates papos*), no aprendizado colaborativo no ARCO DIGITAL, e na “criação de matérias” como eles/as denominam quando postam temas no *site* no formato de texto, vídeo ou fotografia. Assim a divulgação de conteúdo é algo constante, o que pode representar uma inovação de forma de ruptura, pois é uma característica ou estratégia comunicativa totalmente diferente de outras experiências de participação digital indígena, sobretudo em Latinoamérica.

Desta forma estas duas experiências se centraram na predominância de inovações nos níveis de inteligibilidade e sociedade informacional. Esse aspecto parece indicar uma tendência de concentração de esforços em busca de novos modelos de sustentabilidade e difusão de experiências e de atenção relativamente menor na garantia de acesso e uso por pessoas com necessidades especiais.

Apesar das poucas inovações na inteligibilidade é algo destacado, se comparado com a falta de experiências indígenas no espaço digital em nível mundial, pois aqui existe uma atenção no aprendizado de temas atuais como Ecologia, Meio Ambiente, Cidadania etc. (Arco Digital) e na tentativa de acompanhar aos usuários através de monitores da mesma comunidade. A participação na Sociedade da Informação desde o ponto de vista de criação de conteúdos é algo também restringido, pois ainda são muitas as comunidades que não participam da Rede, mas apesar disso a comunicação e o diálogo intercultural já é uma realidade escassa, mas intensa.

Desta forma fica demonstrado que alcançar uma real I.D. é um processo “longo”, complexo e multifacetado, pois são muitas as variáveis há considerar. Propor uma alfabetização informacional (*information literacy*) para este setor da sociedade, vai ser outro aspecto fundamental, que vai perseguir inserir estes usuários no uso adequado de fontes informativas, com um senso crítico, seletivo e criativo. Assim constitui um desafio emprender esta tarefa, pois vai implicar ter em conta o usuário, um ser humano com diversas habilidades,

competências e capacidades em potência, que o profissional de informação vai ter que procurar desenvolver ou resgatar.

## 7. PROPOSTAS/SUGESTÕES TRABALHOS FUTUROS.

O contato de alguns povos indígenas e as TICs é uma realidade vigente e atual, mas limitada no seu acesso/uso, o qual tem como antecedentes as restrições que tiveram à informação e aos tradicionais estoques de recursos de informação (Bibliotecas, Arquivos, Museus, etc.), o qual foi imposto pela sociedade ocidental.

Porém, algumas culturas conseguiram fazer frente a esta situação historicamente por contar com seus próprios *sistemas de informação* (*Maias, Aztecas*, etc.) ou terem o “*apoio*” de setores da sociedade ocidental, principalmente missioneros católicos que levaram a cabo uma atividade de tradução ou registro das línguas indígenas, como é o caso do frei dominicano Bartolomé de las Casas quem efetuou todo um trabalho de “*proteção*” aos índios pela via do direito.

Desde o surgimento da Sociedade da Informação os indígenas enfrentaram outro desafio, pois estes recursos virtuais on line, precisam de novas habilidades/competências no seu uso/acesso. Já é um fato que as TICs se têm espalhado em diversas comunidades (mas de uma forma muito limitada), fica o desafio agora de um real uso, principalmente no aspecto de criação de conteúdos.

Desta forma faz-se necessário que pesquisas sejam realizadas no âmbito da *information literacy* dirigidas a este setor da população, procurando atingir o primeiro nível desta alfabetização, mas, sobretudo o último que consiste em desenvolver a capacidade crítica, de seleção e de criação de conteúdos com sentido.

Respeito aos *sites* indígenas, é preciso um estudo dos conteúdos, desde um ponto de vista crítico, pois até agora a maioria deles têm um foco “*étnico cultural*”, procurando estabelecer um diálogo com a sociedade hegemônica nesse âmbito.

Desde o ponto de vista da *usabilidade/ acessibilidade* se precisam pesquisas orientadas à *usabilidade* dos sites feita por estas comunidades e sobre as limitações físicas que se detetaram na pesquisa de campo feita neste estudo. (carência de elementos físicos para facilitar o acesso aos locais ou telecentros (rampas de acesso, corrimão para locomoção,



mouse e teclado especiais etc.)

Ao ser a informação o insumo principal que circula pelas redes virtuais, faz-se necessário também ter em conta os estoques informativos (Bibliotecas, Arquivos, etc. para e sobre indígenas), os quais na região latinoamericana praticamente não existem. Há uma carência de serviços/produtos para indígenas, assim como de bibliotecas ou arquivos para indígenas. Por conseguinte, pesquisas nesse âmbito deveriam ser feitas, considerando que já é uma realidade no Norte (Canadá, Estados Unidos, Noruega, etc.), o qual poderia fornecer uma base teórica e prática para pesquisas futuras.

Finalmente apesar de que esta pesquisa visou conhecer um setor da realidade indígena que conseguiu ter acesso/uso às TICs, existe outro segmento étnico, que no Brasil e outras nações do mundo, têm estado invisibilizados, mas alguns conseguiram manter sua identidade étnica cultural, os afro-brasileiros ou afrodescendentes, mas especificamente as comunidades quilombolas. Neste último caso, existe um “ressurgimento” étnico, mas em geral os afro-brasileiros de forma um tanto parecida aos indígenas, foram vítimas de políticas de exploração, eliminação, assimilação ou negação por parte deles mesmos da sua origem étnica.

Assim fazem-se necessárias pesquisas dirigidas a este setor populacional, visando conhecer suas necessidades de informação, através da criação de serviços/produtos informativos. Conhecer e diagnosticar a realidade informacional deste segmento étnico social poderia contribuir a integrá-los na Sociedade da Informação, fazendo desta mais inclusiva e igualitária, a qual como ficou demonstrado nesta pesquisa não se caracteriza por uma real inclusão social/digital da maioria.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- A Caçada digital E-@rco. **Folha do Meio ambiente**. Brasília, Ano 20, n.198, abr. 2009. p.12-13.
- ADAMS, Howard. **A tortured people: the politics of colonization**, Theytus Books Ltda, Penctition, 1995.
- ADIMORAH, E.N.O. Análisis de los adelantos logrados por las bibliotecas públicas em Nigéria em su calidad de instituciones sociales. **Revista de la Unesco de Ciencia de la Información, Bibliotecologia y archivologia**, v.5, n..3, jul/sep. 1983.
- AFONSO, Carlo A. Para aonde vai a Internet. **ARede**. ano 1, ago. 2005.
- ALBAGLI, Sarita. Conhecimento, inclusão social e desenvolvimento local. **Inclusão social**. v.1, n.2, p.17-22, abr/set. 2006.
- ALVARENGA de Araújo, Eliany; LIMA, Katiane A. Internet, identidade cultural e regionalismo: inclusão ou exclusão informacional? **Revista Informação e Sociedade**. v. 10, n.2. 2000.
- ALVARENGA de Araújo, Eliany. **A construção social da informação: práticas informacionais no contexto de Organizações Não-Governamentais/ONGs brasileiras**. 1989. Tese (Doutorado em Ciência de Informação) – Departamento de Ciência de Informação, Universidade de Brasília, 1989.
- AMAT I NOGUERA, Nuria. **La biblioteca, tratado general sobre su organización, técnicas y utilización**. Barcelona: Scripta, 1985.
- AMAZONAS, M. Tecnologia da educação. Inclusao digital. **Correio Braziliense**, Brasília, 1 mai. 2007.
- APPADURAI, Arjun. Disjuncture and difference in the Global Cultural Economy. In: FEATHERSTONE, M. (Org.). **Global Culture**, Londres, sage Publications, 1990. p. 295-310
- AQUINO, Miriam, DIAS, Lia R. Casa Brasil: um modelo para reduzir a exclusão. **ARede: tecnologia para a inclusão social**, ano 1, n.1, p.9-13. 2005.
- ARENDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1983.
- ARVELO-JIMENEZ, Nelly. Globalização e etnicidade. In: **Região e nação na América Latina**. Brasília: Edit. UnB, Imprensa Oficial, 2000. Grupo de Trabalho sobre Identidade na América Latina. p.25-39.
- ATAIDE, Maria E. O lado perverso da globalização na sociedade da informação. **Ciência de Informação**. v.26, n.3, p.268-270, set/dez. 1997.
- BARBALHO, Alexandre. Questões de identidade - migrações de um conceito. **Revista**

**Brasileira de Ciências da Comunicação.** v.23, n.1, jan/jun. 2003.

BARTOLOME, Miguel Alberto. Bases culturais da identidade étnica no México. In: **Região e nação na América Latina**. Brasília: Edit. UnB, Imprensa Oficial, 2000. Grupo de Trabalho sobre Identidade na América Latina. p.135-159.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Elfos, 1995.

BAUER, M e GESKELL, G. (Edit.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som, um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2003.

BEALS, Ralph L. **An introduction to anthropology**. New York: The MacMillan Co, 1959.

BELAUSTEGUIGOITIA, Marisa. La rebelión zapatista y el uso de tecnologías: las mujeres indígenas on line? **Asuntos Indigenas**, n.2, p.20-27. 2003.

BERTOLUCCI, J., COUTO, V. Radio faz escola. E vice-versa. **ARede**. ano 1, n.2, mai. 2005.

BETANCUR, Adriana M.; ALVAREZ Z., Didier. Servicios de información ciudadanos y comunitários: nuevos sentidos para las bibliotecas públicas. **Revista Interamericana de Bibliotecología**. v. 24, n.2, jul/diz. 2001.

BHABHA, H.(Org.) **Narrating the Nation**. Londres: Routledge, 1990.

BIANCO, Nélia R. del. Elementos para pensar as tecnologias da informação na era da globalização. **Revista brasileira da Ciência da Comunicação**. v.24, n.2, p.151-161, jul/dez, 2001.

BITTAR, J. **Inclusão digital: passaporte para a justiça social**. Brasília: Câmara dos Deputados, Centro de Documentação e Informação, 2005.

BOCCHINI, Lino. As aldeias dentro da rede. **ARede**, ano 1, n.111, p.32-35, fev. 2006.

BORKO, H. Information science: what is it? **American Documentation**. v.19, n.1, p.3-5, jan. 1968.

BOURDIEU, Pierre e WACQUANT, L. Sobre as artimanhas da razão imperialista. **Estudos afro-asiáticos**, ano. 24, n.1, p.15-33. 2002.

BRADFORD, S.C. **Documentação**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

BRUNNER, J.J. Existe o no la modernidad em América Latina. **Punto de Vista**. n.31. 1987.

BRUNNER, J.J **Tradicionalismo y modernidad em la cultura latino-americana**. Santiago: FLACSO, 1990.

BUCKLAND, M. **Information and information system**. part. 1 e 3 .1991.

BUNCH, Allan James. Antecedentes históricos de los servicios de información a la

comunidad. **Revista Interamericana de Bibliotecología**. v.24, n.2, jul/diz. 2001.

BUSH, V. **As we may think**. The Atlantic monthly. July 1945.

CALVA GONZALEZ, Juan Jose. La investigación sobre las necesidades de información en comunidades de usuarios. **Investigación Bibliotecológica**, v.18, n. 37, jul/diz. 2004

CÂMARA, Mauro. Inclusão informacional na perspectiva dos telecentros. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 2005, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, SC : IET, 2005. 1 CD ROM.

CANCLINI, Nestor. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade** Rio de Janeiro: Edit. UFRJ, 2005.

CANCLINI G., N. **Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad**. México: Grijalbo, 1990.

CAPRA, Frijof. **As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2002.

CARIDAD, M; MARZAL, M. A. Políticas de información y alfabetización em información como médios de la inclusión social desde la óptica europea. **Inclusão social**. v.1, n.2, p.31-43, abr/set. 2006.

CARRIÓN GÚTIEZ, Manuel. **Manual de bibliotecas**. 2. ed. Salamanca: Fundación Germán Sanchez Ruipérez, 1993.

CASTELLS, Manuel. The Network Society In: **The Rise of the Network Society**. Cambridge: Blackwell, 1996. p.469-478.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 2. ed. São Paulo: Paz Terra, 1999.

CASTELLS, M. Entender nuestro mundo. **Revista de Occidente**. n.205, may. 1998.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CASTELLS, M. Internet e Sociedade em Rede. In: MORAES, D. (Org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização, cultura e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2003. p.255-287.

CASTAÑARES, Wenceslao. Pensar el futuro. **Revista de Occidente**. n.206, jun. 1998.

CASTRO, Veronica. **Proyecto de Capacitación em Tecnologías de la Información y la Comunicación para jóvenes indígenas**. Disponível em: <http://portal.educ.ar/noticias/entrevistas/leonor-slavsky-proyecto-de-cap.php> Acesso em: 5/07/2008

CERVERO, Aurora C; Alfabetización en información y lectura em los nuevos entornos educativos. In: MIRANDA, A; SIMEÃO, E. (Orgs.) **Alfabetização digital e acesso ao conhecimento**. Brasília: UnB, CID, 2006. p.33-45.

CIVALLERO, Edgardo. **Bibliotecas indígenas: un modelo teórico aplicable en comunidades aborígenes argentinas**. Tesis (Trabajo de tesis optar título de licenciado en Bibliotecología y Documentación) - Universidad Nacional de Córdoba, Córdoba, 2004.

CLEARY, Matthew R. Democracy and indigenous rebellion in Latin América. **Comparative political studies**. v.33, n.9, p.1123-1153, nov. 2000.

COBO, J. **Estudio Del problema de la discriminación contra las poblaciones indígenas**. Informe final presentado por el Relator de las U.N., Sr. José Martínez Cobo, p.50.Doc.U.E.N./CN.4./Sub.2/1983/21/Add.8

COORDENACAO DO COMITÊ SAMPA.org. O que é a inclusão digital. S.P., [200?]

CORNILS, Patrícia; ALVES, D. Monitor: é ele quem faz a diferença. **ARede**. ano 1, n.4, p.10-15, jul. 2005.

COSTA, Larissa et al. **Redes: uma introdução às dinâmicas da conectividade e da auto-organização**. Brasília: WWF-Brasil, 2003.

COSTA, Leonardo. Inclusão digital uma alternativa para o social? Análise de projetos realizados em Salvador. In: ENCONTRO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA APLICADA, ECONOMIA POLÍTICA DE INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E CULTURA, 5., 9-11, nov. 2005. Bahia: **Anais ...** Salvador: Faculdade da Bahia, 2005. 1 CD-ROM.

COUTO, Verônica. Tecnologia para romper o isolamento. **ARede**. ano 1, n.11, fev. 2006.

\_\_\_\_\_. A poderosa aliança do rádio com a Internet. **ARede**. p.20-21, jun. 2005.

CUMBRE MUNDIAL SOBRE LA SOCIEDAD DE LA INFORMACIÓN. **Declaración de la sociedad civil a la cumbre mundial sobre la sociedad de la información**. Ginebra, 2003.

Disponível em: <<http://www.wcis-cs.org>> Acesso em: 25. mai. 2007

CHURCHILL, Ward. **Fantasies of the master race: literature, cinema and the Colonization of American Indians**. Common Courage Press, Boulder, 1992.

D'ANDRÉA, Carlos F. Novas tecnologias, mundialização e conteúdos locais. In: ENCONTRO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 14-17. jun. 2005, Salvador. **Anais...** Salvador: Edit. da Universidade Federal da Bahia, 2005. 13 p. 1 CD ROM.

DECLARACIÓN del Encuentro Indígena Interamericano Preparatorio para la cumbre Mundial Sociedad de la Información. Brasília, Brasil 8 al 1º de Octubre de 2003. Disponível em: <http://lac.derechos.apc.org./wsis/cdeclaraciones.shtml>. Acesso em: 12/12/2007

DECLARACIÓN de Principios y Plan de acción de la CSMI. 12/22\02003 Disponível em: [www.itu.int/wsis](http://www.itu.int/wsis) Acesso em: 12/12/2007

DELGADILLO, Karin; GOMEZ, Ricardo; STOLL, Klaus. **Telecentros para qué: lecciones sobre Telecentros Comunitario en América Latina y el Caribe**. Canadá: IDRC, 2002. 32 p.

DEL ÁLAMO, Óscar. Informe Final del II Encuentro sobre Conectividad y Poblaciones Indígenas em Ottawa. Pueblos Indígenas de las America. **Redes para el desarrollo**, 43. 2003.

DEL ÁLAMO, Óscar. Indígenas em la red. **DHIAL.Desarrollo Humano e Institucional en América Latina**. n.14. 200?

DIAS R., Lia. Inclusão digital tem que ser política pública. (Entrevista) **ARede**. ano 1, ago. 2005.

\_\_\_\_\_. Gesac: revisão adia expansão do programa. **ARede**. ano 1, ago. 2005.

\_\_\_\_\_.Em defesa do Gesac. **ARede**. ano 1, set. 2005.

DOBRA, Ana. **La biblioteca popular, pública y escolar: una propuesta para su organización**. Buenos Aires: CICCUS, 1997.

DOCIP. Informativo narrativo de ONG sobre el Foro Mundial de Pueblos indígenas y la sociedad de la información. Ginebra, 8 al 11 de diciembre de 2003. 20 p.

EISENBERG, José. **Internet, democracia e República**. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/dados/v46n3/a03v46n3.pdf](http://www.scielo.br/pdf/dados/v46n3/a03v46n3.pdf)> Acesso em: 29 jun. 2008

ENCUENTRO amazônico de intercambio de experiências de comunicación e información y de modalidades de atención bibliotecária. 1.Puerto Ayacucho, Venezuela, 1997.

ENCUENTRO latino-americano sobre la atención bibliotecária a las comunidades indígenas. México: CUIB/UNAM, 2000.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECARIOS (IFLA). **O Manifesto da IFLA sobre a Internet**. Disponível em:<[www.ifla.org/III/misc/im-pt.htm](http://www.ifla.org/III/misc/im-pt.htm)> Acesso em: 29 jun. 2008

FERNANDES, Francisco Assis M. Novas tecnologias e alternativas de comunicação. **Revista Brasileira de comunicação**, ano 9, n.55, p.101-105, jul/dez. 1986.

FERNÁNDEZ-ABALLI, Isidro. La sociedade de la información em América Latina y el Caribe. Estratégia regional 2000-2001. **Boletín INFOLAC**. v. 12, n.3, p.3-9, jul/sep. 1999.

FERREIRA, Sueli M. S. P. Introdução às redes eletrônicas de comunicação. **Ciência da Informação**. v.23 n.2, p. 258-263, mai/ago. 1994.

FERREIRA, Sueli M. S. P; MACEDO, Neusa D. de. Acesso à informação via redes eletrônicas: uma experiência com a disciplina de pós-graduação do Departamentod Biblioteconomia e Documentação da ECA/USP. In: SEMINÁRIO SOBRE AUTOMAÇÃO EM BIBLIOTECAS E CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO, 5., 1994, São Jose dos Campos-SP. **Anais ...** São Jose dos Campos: UNIVAP, 1994.

FERREIRA, Sueli M. S. P.; DUDZIAK, E. A. La alfabetizacion informacional para la ciudadanía em América Latina: el punto de vista del usuário final de programas nacionales de

información y/o inclusión digital In: WORLD LIBRARY AND INFORMATION CONGRESS: 70TH IFLA CONFERENCE AND COUNCIL, 70., 2004, Buenos Aires. **Anais...** Buenos Aires, 2004.

FIAB. **Pautas para bibliotecas públicas.** Disponível em: [www.fundaciongsr.es/documentos/manifiestos/pautas.pdf](http://www.fundaciongsr.es/documentos/manifiestos/pautas.pdf) > Acesso em: 29 jun. 2008

FIGUEIREDO, Nice. Serviço de informação para a comunidade como instrumento de democratização da biblioteca pública brasileira. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação.** São Paulo, v.18, n.3/4, p.7-19, dez.1985.

FILHO, D. **Inclusão digital: ações do governo do Distrito Federal.** Brasília, 2005. 126 p. Dissertação (Mestrado em Ciência de Informação) – Universidade de Brasília, 2006.

FIORI, J.. **Brasil no Espaço.** Petrópolis (RJ): Ed. Vozes, 2001.

FORTE, Maximilian C. Indígenas Caribeños on line. **Asuntos Indígenas.** n.2, p.36-41 2003.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. **Mapa da Exclusão digital.** Rio de Janeiro: FGV, 2001.

FORERO S., Eduardo A.; DIAZ M., Laura. 2007. **Indígenas y democracia en las tecnologías de información y comunicación (TICs).** 27 p. Disponível em: [http://www.ocyt.org.co/esocite/Ponencias\\_ESOCITEPDF/1MEX059.pdf](http://www.ocyt.org.co/esocite/Ponencias_ESOCITEPDF/1MEX059.pdf) Acesso em: 24.mar.2008

FOSKETT, D.J. Ciência da informação como disciplina emergente: implicações educacionais. In: **Ciência da informação ou informática?** Rio de Janeiro: Calunga, 1980. p.53-69.

FOWELL, S. ; LEVY, P. Developing a New Professional Practice: a model for networked learner support in higher education. **Journal of documentation.** v. 51, n. 3, p.275-76, 1995.

FRANCHINELLI, Ana Cristina; MARCON, Christian; MOINET, Nicolas. **A prática da gestão de redes: uma necessidade estratégica da sociedade da informação.** Disponível em: [portal.crie.coppe.ufrj.br/.../%7BDA9AE16B-21DB-4663-8000-0E4E392C6ADA%7D/gestao\\_redes.pdf](http://portal.crie.coppe.ufrj.br/.../%7BDA9AE16B-21DB-4663-8000-0E4E392C6ADA%7D/gestao_redes.pdf) > Acesso em: 29 jun. 2008

FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO. **Povos indígenas. Kariri-xocó.** Disponível em: [www.mj.gov.br/data/pages/](http://www.mj.gov.br/data/pages/) Acesso em: 23 mar. 2008.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO. **Povos indígenas. Pankararu.** Disponível em: [www.mj.gov.br/data/pages/](http://www.mj.gov.br/data/pages/) Acesso em: 23 mar. 2008.

GALVÃO B., Sofia. A inclusão digital: programas governamentais e o profissional da informação, reflexões. **Inclusão social.** v.1, n.2, p.23-30, abr/set. 2006.

GAMIO, Manuel. **Consideraciones sobre el problema indígena.**México: III, 1966. Série Antropologia Social.

GARCIA, Juan R; MORALES, Estela (Ed.) **Función social de la biblioteca y el bibliotecário.**

In: **La función social del bibliotecólogo y la biblioteca**. México: UNAM, 1997.

GARNHAM N. La sociedad de la información como ideología: una crítica. In: PRIMER FORO DE LAS COMUNICACIONES: DESAFIOS DE LA SOCIEDAD DA LA INFORMACIÓN EM AMÉRICA LATINA Y EN EUROPA, 1., 2000, Santiago. UNICOM/Lom Ed. Santiago, 2000.

GIDDENS, A. **The consequences of Modernity**. Cambridge: Polity Press, 1990.

GLOBAL INFORMATION TECHNOLOGY REPORT 2001-2002: Readiness for the networked world. GONCALVES-PORTO, 2005,

GRANIEL P., M.; AÑORVE G., M; MARTINEZ A., F. Programa de formación en servicios bibliotecarios y de información para la atención a las comunidades indígenas rurales mexicanas. **Investigación bibliotecológica**. v.16, n. 33, p.98-118,jul/diz. 2002.

GRANIEL PARRA, M. R. Las **comunidades indígenas y los servicios bibliotecarios en México**: un estudio de caso. Tesis (Maestría en Bibliotecología). México: UNAM, 2002.

GUIMARAES, L. **Plano de Inclusao Social do IBICT**. (Versao preliminar-subsídios para discussão), Brasilia: MCT, IBICT, 14 nov. 2005. [9 f.]

HABERMAS. J. **Ensayos políticos**. Barcelona: Península, 1988.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 2000.

\_\_\_\_\_ Identidade cultural e diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**., n.24, p.68-74.1996.

HARGITTAI, Erzte. Second-level Digital Divide difference in people's online skills. **First Monday**. Chicago, v.3, n. 4, Apr. 2002.

HARVEY, David. **The Condition of Post-Modernity**. Oxford.Basil Blackwell, 1989.

HERRERA, Felipe. **O contexto latino-americano e o desafio cultural**: Homenagen a Andrés Bello. Rio de Janeiro: FGV, 1983.

HOEBEL, E.A. **Antropología: el estudio del hombre**. Barcelona: Omega, 1973.

HOWE, Craig. Cyberspace in No Place for Tribalism. **Wicazo As Review**, otoño, 1998.

HROCH, Miroslav. La construcción de la identidad nacional. **Revista de Occidente**. oct. 1994

HUNTER, J; KOOPMAN, B.; SLEDGE, J. **Software Tools for Indigenous Knowledge Management**.Disponível:

[http://www.eric.ed.gov/ERICDocs/data/ericdocs2sql/content\\_storage\\_01/0000019b/80/1b/86/ae.pdf](http://www.eric.ed.gov/ERICDocs/data/ericdocs2sql/content_storage_01/0000019b/80/1b/86/ae.pdf) acesso em: 18.mqr. 2010

IBICT. **Noticias**. Disponível : [www.ibict.org.br](http://www.ibict.org.br) Acesso em: 20. mai. 2007



INGWERSEN, Peter. Conceptions of information science. In: CONFERENCE ON CONCEPTION OF LIBRARY AND INFORMATION SCIENCE: HISTORICAL, EMPIRICAL AND THEORETICAL PERSPECTIVES. VAKKARI, P.; CRONIN, B. (Ed.) Tampere, Finland: Taylor Graham, 1992.p.299-311.

IANNI, Octavio. As ciências sociais na época da globalização. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v.123, n.37, jun. 1998.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **POVOS indígenas no Brasil. Enciclopédia. Pankararu**. Disponível em: [www.socioambiental.org/pib/epi/pankararu](http://www.socioambiental.org/pib/epi/pankararu) Acesso em: 23.mar. 2008.

JONES, Clara Stanton. Introduction. In: JONES S., C. ( Ed.). **Public library information & referral service**. New York: Gaylord Professional Publications, 1978.

KYMLICKA, Will. **Ciudadania multicultural, uma teoria liberal de los derechos de las minorias**. Barcelona: Paidós, 1996.

KRAMER, Paulo; Motta, Maria E. **A globalização e o futuro das bibliotecas**. S.L: Sd. 199?.

KRYZANOWSKY, Rosaly Fávero. **Integração e compartilhamento das bibliotecas brasileiras na busca e obtenção da informação: um desafio de muitas décadas**. (texto mimeo)199?.

KROGH, Georg Von; ICHIGO, Kazuo; NONAKA, Ikujiro. **Facilitando a criação de conhecimento: reinventando a empresa com o poder da inovação contínua**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

LA identidad como desafio cultural : Informe del PNUD. **Revista Cultura**, n.29, 2002.

LACLAU, E. **New reflections on the resolution of our time**. Londres: Verso, 1990.

LAIPELT, Rita, MOURA, Ana; CAREGNATO, S. Inclusão digital: laços entre bibliotecas e telecentros. **Informação & Sociedade**. v.16, n.1, p.285-292. 2006.

LAIPELT, Rita. [et al...] Biblioteca comunitaria e telecentro: unidos na busca da inclusão social. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO e CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO , 21, 17-22, jul. 2005. Curitiba: [Anais do] Curitiba: [s,n.], 2005.

LANDZELINUS, Kyra. Las vias del activismo cibernético indígena. **Asuntos indígenas**, n. 2, p.6-13. 2003.

LAUNO, R. FID: Preparing for the information Superhighway. **FID News Bulletin**, v.. 44, n. 10, p.215-16.1994.

LE-COADCIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.  
LECHNER, N. Um desencanto llamado postmodernidad. **Punto de Vista**. Buenos Aires, n.

33. 1988.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. **Depoimentos e discursos: uma proposta de análise em pesquisa social**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

LEMOS, André. Dogmas da inclusão digital. **Correio Braziliense**, Brasília, 13 dez. 2003.

LEE VAN COTT, Donna. Explaining ethnic autonomy regimes in Latin América. **Studies in comparative international development**. v.35, n.4, p. 30-58, Winter, 2001.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Sao Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, P. Sobre la cibercultura. **Revista de Occidente**. n.206, junio .1998.

LIEBERMAN, A. **Taking Ownership: Strengthening Indigenous Cultures and Languages Through the Use of ICTs** Disponível em: [http://learnlink.aed.org/Publications/Concept\\_Papers/taking\\_ownership.pdf](http://learnlink.aed.org/Publications/Concept_Papers/taking_ownership.pdf) Acesso em: 18.mar.2010

LINDBERG, D. The modern library. **Bulletin of the medical library Association**, v.84, n.1, 1996.

LOJKINE, J. **A revolução informacional**. São Paulo: Cortez, 1995.

MACEDO, Tonia Marta Barbosa. Redes informais nas organizações: a co-gestão do conhecimento. **Ciência da Informação** Brasília, v.28, n. 1, p.94-100, jan. 1999.

MARCONDES, João L. Os educadores estão chegando. **ARede**. nro 1, agosto. 2005.

MARTINEZ, Adriana M. E. A evolução das redes eletrônicas de comunicação e o uso estratégico de intranet por unidades de informação. **Informação & Informação**. Londrina. v.5, n.2, jul/dez., p.81-88. 2000.

MARTELETO, Regina M. Análise das redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**. v.30 , n.1, p. 71-81, jan./abr. 2001.

\_\_\_\_\_. Redes e configurações de comunicação e informação: construindo um modelo interpretativo de análise para o estudo da questão do conhecimento na sociedade. **Investigación Bibliotecológica**, México, v.14, n.29, pp.69-94. jul/diz. 2000.

MARTIN-BARBERO, Jesús. Modernidad, postmodernidad, modernidades-discursos sobre la crisis y la diferencia. **INTERCOM. Revista Brasileira de Comunicação**. v.18, n.2, p.12-33, jul/dez. 1995.

\_\_\_\_\_. Identidad, comunicación y modernidad em América Latina. In: MEMÓRIAS DEL SIMPÓSIO IDENTIDAD ÉTNICA, IDENTIDAD REGIONAL. (IDENTIDAD NACIONAL. IDENTIDAD.) Instituto Colombiano de Antropología-Colcultura. Serie de Eventos Científicos-ICFES, 1989. p.51-72.

MARTIN-BARBERO, Jesús e BARCELOS, Claudia. Comunicação e mediações culturais, diálogos midialógicos **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. v. 23, n.1, p.151-

163, jan/jun. 2000.

MARTINEZ COBO, José. **Estúdio del problema de la discriminación contra las poblaciones indígenas**. Informe final presentado por el Relator Especial de las U.N, Sr. J. Martinez Cobo,, pag. 50. Doc.UN.E./CN.4/Sub2/1983/21/Add.8

MARTINS, João. Memória e identidade nas comunidades virtuais. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. v.26, n.2, p.125-139, jul/dez. 2003.

MATA Vera Lúcia C. **KARIRI-XOCÓ**. Disponível em: [www.mj.gov.br/data/pages](http://www.mj.gov.br/data/pages) Acesso em: 23. mar.28

MATO, Daniel. Construcción de identidades pannacionales y transnacionales em tiempos de globalización: consideraciones teóricas y sobre El caso de América Latina. In: MATO, D. (Coord.) **Diversidad cultural y construcción de identidades: estudios sobre Venezuela, América Latina y el Caribe**. Caracas: Tropikos, 1993. p.211-231.

MATTOS, Fernando. Os limites da inclusão digital no Brasil. In: ENCONTRO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA APLICADA, ECONOMIA POLÍTICA DE INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E CULTURA. (V ENLEPIC) Bahía, 2004.p. 1-20. 1 CD ROM.

MATOS MAR, José. Población y grupos étnicos de América. **América Indígena**, México, n.4 ,1993.

MEDEIROS, Ana L. Silva. **Cidadania e Biblioteca: serviço de informação comunitária**. Dissertação (Mestrado Ciência da Informação) Escola de Comunicaco UFRJ ECO/UFRJ, R.J., 1992.

MELO Hygina Bruzzi de. **A cultura do simulacro**. São Paulo: Loyola, 1988.

MELO Jorge Orlando. Etnia, región y nación: el fluctuante discurso de la identidad (notas para um debate).In: MEMÓRIAS DEL SIMPÓSIO IDENTIDAD ÉTNICA, IDENTIDAD REGIONAL, IDENTIDAD NACIONAL, 1989. Instituto Colombiano de Antropologia-Colcultura. Serie de Eventos Científicos-ICFES, 1989. p.27-46.

MELLUCI, Alberto. Que hay de nuevo em los nuevos movimientos sociales? In.: **Los nuevos movimientos sociales: de la ideologia a la identidad.**, 1994.

MENDONÇA, T. Indígenas recriam a própria imagem em vídeo. **TICs nas escolas**. Juventude e Internet. Tecnologia, Informação e Inclusão. UNESCO, v.4, n.3, 2008.

MIGNOT-LEFEBVRE, Y. Technologies de communication et d'information: une nouvelle donne internationale? **Revue Tiers-Monde**, París, v.35, n.138, p.245-277, avr/juin 1994.

MILANESI, Luis. **Biblioteca**. Cotia: Ateliê, 2002.

MILEWSKY, F. Les marges de manoeuvre des politiques économiques. In:CORDELLIER, S. e DOUTAT, F. (Coord.). **Mondialisation: au-dela des mythes -Les Dossiers de l'état du monde**. Paris: La Découverte.1997.

MINISTERIO DA CULTURA. **Cultura Viva (programa Nacional de Arte, Educação, Cidadania e Economia Solidária)** 3ª ed. Brasília: Secretaria de Programas e Projetos Culturais do Ministério da Cultura, 2006. 87 p.

MINISTERIO DE PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E GESTÃO, Secretaria de Logística e Tecnologia de Informação. **Guia Livre: Referencia de migração para software livre do governofederal.** VersãoIpiranga,2004.Disponível:[http://www.dnocs.gov.br/php/util/downloads\\_file.php?&dir=&file=/home/util/livres/ebooks/software\\_livre/guia\\_livre\\_ipiranga\\_v095.pdf](http://www.dnocs.gov.br/php/util/downloads_file.php?&dir=&file=/home/util/livres/ebooks/software_livre/guia_livre_ipiranga_v095.pdf)  
Acesso em: 20.fev. 2010

MIRANDA, Antonio. A evolução do conceito de redes automatizadas de acesso à informação e ao documnto primário: o caso SPA. In: BIBLOS 2000. 2 ENCONTRO LATINO-AMERICANO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO. 17 Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação. 2 Encontro Internacional de Bibliotecários de Língua Portuguesa 10 a 15 de abril, Belo Horizonte, 1994.

MIRANDA, Antonio. Sociedade da informação: globalização, identidade cultural e conteúdos. **Ciência da Informação.** v.29, n.2, p.78-88., mai/ago. 2000.

MIRANDA, A; MENDOÇA, V. Informação e desenvolvimento em uma sociedade digital. **Inclusão social.** v.1, n.2, abr/set. 2006.

MONASTERIOS, Gloria. Aproximaciones al movimiento indígena em Internet. XXIII Congreso Internacional de La Latin American Studies Association (LASA 2001) Mesa CUL-09.17 p.Washington, D.C., 6-8 septiembre de 2001.

MONSOYI, E. **Identidades espontâneas e inducidas.** Su repercusión em el caso venezolano. Caracas: Dirección de Coordinación de Extensión. Facultad de Ciencias Económicas y Sociales, Universidad Central de Venezuela, 1995.

MORALES, Estela. Diversidad, pluralidad e información: uma riqueza multicultural. **Documentación de las Ciências de la Información.** v. 29,p.325-333., 199?.

\_\_\_\_\_. El fin de siglo, la globalización y la infodiversidad. **Investigación Bibliotecológica.** v.14, n.28, ene/jun. 2000.

MOREIRA, I. de C. A inclusão social e a popularização da ciência e tecnologia no Brasil. **Inclusão social.** v.1, n.2, p.11-16, abr/set. 2006.

MOURA, Maria A. Ler e Navegar: reflexões sobre a formação de leitores na era digital. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5, 2003. Belo Horizonte. **Anais...**Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003. 1CD ROM.

MOURA, Maria A. Interações sociais e cominidades virtuais: transformações na sociabilidade. **Informática Pública.** v.7. (1): 85-97, 2005.

MUNCK, Gerardo L. Formação de atores, coordenação social e estratégia política: problemas conceituais dos Estudos dos Movimentos Sociais. **Dados,** v.40, n.1, fev. 2000.

MURPHY, Julia E. Studies in ethnicity and change for teaching about indigenous. **American ethnologist**. v.28, n.2, p.438-448, may. 2001.

NOCETTI, Milton A. **Informação para o desenvolvimento maximização dos recursos documentários nacionais através de sistemas de comutação bibliográfica**. Brasília: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária-EMBRAPA. Departamento de Informação e Documentação – DID, 1980. 11f.

NOYOLA ROCHA, J. Experiencia con grupos étnicos inmigrantes en el Valle de Chalco In: Encuentro latinoamericano sobre la atención bibliotecaria a las comunidades indígenas. Memoria. México: UNAM, Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas ; Federación Internacional de asociaciones de Bibliotecarios e Instituciones, 2001. p. 162-167.

O BRASIL na sociedade de informação. **A Rede**. ano. 1, n.3, p.48, junho. 2005.

OLIVEIRA, Roberto C. de. Os (des) caminhos da identidade. **RBCS**, v.15, n.42, fev. 2000.

OLIVIER, Bruno. Sistemas educativos entre máquinas e redes. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n.25, p. 45 - 60, set/dez. 2002.

ORGANIZAÇÕES Culturales: la lógica de la cooperación. **Revista Cultura**, n.28, 200?.

ORERA, Luisa. La biblioteca pública In: **Manual de biblioteconomia**. Madrid: Síntesis, 1997.

ORTEGA, L; SANCHEZ, E. El profesional moderno de la información. **Investigación Bibliotecológica**. v. 9, n. 19, p.38-39.1995.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Edit. Brasiliense, 1994.

OS XAVANTES por eles mesmos. **A Rede**. ano 1, n.2, p.41, maio. 2005.

PÁEZ V., Francisco Javier. Globalización, desarrollo sustentable e identidad cultural. In: CONGRESO IBEROAMERICANO DE DESARROLLO Y MÉDIO AMBIENTE, 1, 2003, Quito. Desafíos locales frente a la globalización. Quito: FLACSO, 2003. p.49-61. (Enfoque desde la Economía Ecológica. Estudio transdisciplinar del conflicto entre economía e medio ambiente)

PAIVA, Raquel. Minorias flutuantes. Novos aspectos da contra-hegemonia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIENCIAS DA COMUNICACAO-INTERCOM, 24., 2001. Campo grande. **Anais...Campo Grande, intercom, 2001**. 1 CD-ROM.

PALMA, M. La motivación del estudiante y la construcción del conocimiento estratégico. In: PEREZ CAVAN, M. L. (Coord.) **La enseñanza y el aprendizaje de estrategias desde el curriculum**. Girona: Universitat de Girona y Barcelona, Horsori, 1997.

PANKARARU. **Homepage de Almir Torres Silva**. Disponível em: [www.almirtorressilva.kit.net/html/pankararu.html](http://www.almirtorressilva.kit.net/html/pankararu.html) Acesso em: 23. mar. 2008.

PARENTE, A. Pensar em rede. Do livro às redes de comunicação. **Revista Brasileira de**

**Ciências da Comunicação**. v. 23, n. 1, pp.167-174, jan/jun. 2000.

\_\_\_\_\_. **Comunicação e multimídia**. Campinas: 1994. 9f. Mimeo.

PEREIRA, Elite da S. **Ciborgues indígenas. br: a presença nativa no ciberespaço**. Dissertação (Mestrado Estudos Comparados sobre as Américas) – Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2007.

PEREZ-AGOTE, A. 16 tesis sobre la arbitrariedad del ser colectivo nacional. **Revista de Occidente**. oct. 1994.

PEREZ TORNERO, J.M. **Comunicación y educación em da sociedad de la información**. Nuevos lenguajes y consciencia critica. Barcelona: Gedusa, 2000.

PIMENTEL, Maria das Graças. **A biblioteca pública e a inclusão digital: desafios e perspectivas na Era da informação**. Dissertação. (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2006.

PINHEIRO; LOUREIRO. Traçados e limites da ciência da informação. **Ciencia da Informação**. v.24, n.1, p.42-53, jan/abr. 1995

PRÊMIO Culturas indígenas. São Paulo: SESC, 2007. 341 p.

PRÊMIO Cultura Viva: um prêmio à cidadania. Carrara, A. (Org.) São Paulo: CENPEC, 2007. 96 p.

PROENZA, F. e-Para todos. In: Silveira e Cassino. (Org) , 2003.

PROGRAMA de Acciones de Túnez para la Sociedad de la Informacion. 2005. Disponível em: [www.itu.int/wsis](http://www.itu.int/wsis) Acesso em: 12/12/2007

QUÉAU, Philippe. La presencia del espíritu. **Revista de Occidente**. n.206, junio. 1998

QUÉAU, Philippe. A revolução da informação: em busca do bem comum. **Ciência de Informação**. v.27, n.2, p.198-205, maio/ago. 1998

QUIJADA, Mônica. Nación y pluriculturalidad: los problemas de um nuevo paradigma. **Revista de Occidente**. oct.1994.

RAMON I MIMÓ, Oriol. Declaración Universal de los Derechos Lingüísticos. **Revista Iberoamericana de Educación**, n.13, enero/abril, 1997, (monográfico EIB).

RAYWARD, B.W. Library and Information Sciences: dsiciplinary differentiation, competition and convergence. In: **The Study of Information: interdisciplinary messages**. NY : John Wey and Sons, 1983.

A REDE vai onde a cultura está. (Telecentros) **ARede**. Ano 1, n. 1, p.14-15, abril .

REUNIÃO Regional de Bibliotecas Públicas (Piura, Perú) Lima: Biblioteca Nacional, 1996.

REYES, Angel. Indigenismo y Democracia. **America Indígena**. v.7, n.4, p. 292-295, oct, 1947.

REYES, Luis A. **Indigenismo y antiindigenismo em América Latina**. ICAP, 1988.

REVEZS, Bruno. Políticas públicas en América Latina y papel estratégico de las bibliotecas públicas: nuevos desafíos. In: REUNIÓN REGIONAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS, IFLA, 1996. p.3-4.

RIBEIRO, Gustavo L. A Internet e a emergência da comunidade imaginaria transnacional. **Revista Sociedade e Estado**. v. 10, n.1, p.181-189, jan/jun. 1995.

\_\_\_\_\_. A condição da Transnacionalidade In: **Cultura e Política no Mundo Contemporâneo**. Brasília: Edunb, 2000. p.93-129.

\_\_\_\_\_. Bichos-de-obra. Fragmentação e reconstrução de identidades no sistema mundial. In: **Cultura e Política no Mundo Contemporâneo**. Brasília: Edunb, 2000. p.35-55.

\_\_\_\_\_. Internet e a comunidade transnacional imaginada-virtual In: **Cultura e política no mundo contemporâneo**. Brasília: Edit. Univ. de Brasília, 2000.

\_\_\_\_\_. Post-imperialismo: para una discusión después del post-colonialismo y multiculturalismo. In: **Post-imperialismo. Cultura e política em el mundo contemporâneo**. Barcelona: Gedisa, 2004. p.161-183.

\_\_\_\_\_. Cosmopolíticas. In: **Post-imperialismo. Cultura e política em el mundo contemporâneo**. Barcelona: Gedisa, 2004. p.17-35.

\_\_\_\_\_. Política cibercultural: ativismo político à distância na comunidade transnacional imaginada-virtual.(capitulo 12) In: ALVAREZ, Sonia; DAGNINO, E. ; ESCOBAR, Arturo. (Orgs). **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos: novas leituras**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.

ROCHA, Maria Neblina O. **Movimentos sociais e a Internet**. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados) –Universidade de Brasília, D.F, Ceppac, UnB, 2006.

RODELLA, Cibele Abdo. Internet: um novo paradigma de informação e comunicação. **Comunicação & Educação**. ano 10, n. 1, p. 41-48, jan/abr. 2005.

RONDELLI, Elizabeth. Quatro passos para inclusão digital. **I-coletiva**. [S.l. S.n.], 2003. Disponível em: [www.comunicacao.pro.br/setepontos/5/4passos.htm](http://www.comunicacao.pro.br/setepontos/5/4passos.htm) Acesso em: 29. jun. 2008

RODRIGUEZ R., Victor. Los servicios de información em el próximo milênio. **Ciência da Informação**, v.26 n.1, p.78-87, jan/abr. 1997.

RODRIGUEZ, Nidia B. Hilando mapas de solidariedad com hilos virtuales: las tecnologias de información y comunicación (TIC) al servicio de las mujeres indígenas de base en Bolivia. **Asuntos Indígenas**. n.2, p.28-35, 2003.

RODRÍGUEZ GARCÍA, A. **Propuesta de un programa para la formación de**

**bibliotecólogos rurales e indígenas.** Tesis (Maestría en Bibliotecología). México: UNAM, 2003.

SÁEZ, Oscar C. Os ‘indios dos indios’: a indianidade, a humanidade e os iaminauás. **Ciência Hoje.** v.42, set, p.30-35. 2008.

SANCHEZ V. Egbert; ORTEGA C., Laura. La sociedad interconectada por redes y los profesionales de la información. **Biblioteca universitária.** v. 7, n.1, p.35-47, ene/jun. 2004.

SANCHEZ R., Enrique. Globalização e convergência: rumos para as indústrias culturais latino-americanas. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação.** v. 23, n.2, jul/dez. 2000.

SANTOS, Nilton. Estratégias de inclusão digital, a batalha das práticas culturais. In: ENCONTRO LATINOAMERICANO DE ECONOMIA APLICADA, ECONOMIA POLÍTICA DE INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E CULTURA., 5., Bahía, 2004.p.1-15. 1 CD ROM.

SANTOS, Plácida; MARTINEZ, Vinício. A rede e o conhecimento. **Informação & Informação.** Londrina. v.5, n.2, jul/dez., p.111-124. 2000.

SARACEVIC, T. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em C.I.,** Belo Horizonte, v.1, p.41-62, já./jun. 1996.

SASSEN, Saskia. **The Global City.** New York : Princeton University Press, 1991, p.03-34.

SCHWARZ, B. Conservatism, nationalism and imperialism In: DONALD, J. e HALL, S. (Orgs.) **Politics and ideology.** Milton Keynes: Open University }press,1986.

SEMINARIO Internacional sobre capacitacion en produccion y promocion de materiales de lectura en lenguas indígenas, Ciudad de Bolivar, Venezuela, 1997.

SHERA, J. Sobre biblioteconomia, documentação e ciência da informação. In: **Ciência da informação ou informática?** Rio de Janeiro :Calunga, 1980. p.91-105.

SILVA, R. ; PALHARES, M.; ROSA, R. Infoinclusao : desafio para a sociedade atual. In: ENCONTRO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (CINFORM), 6., 14-17. jun. 2005, Salvador. **Anais...** Salvador: Edit. da Universidade Federal da Bahia, 2005. 1 CD ROM.

SILVA, Regina Helena A. **Sociedade em Rede: cultura, globalização e formas colaborativas.** 2004 Disponível : <http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-regina-sociedade-em-rede.pdf> Acesso em 24/05/2008

SILVA, Lídia J. Oliveira L. **A Internet – a geração de um novo espaço antropológico.** 1999. Disponível em: [http://bocc.ubi.pt/pag/\\_texto.php3?html2=silva-lidia-oliveira-Internet-espaco-antropologico.html](http://bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=silva-lidia-oliveira-Internet-espaco-antropologico.html) Acesso em 24/05/2008

SILVA, Adelina Maria P. **Ciberantropologia.** O estudo das comunidades virtuais. 2004.<http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-adelina-ciberantropologia.pdf> Acesso em 24/05/2008



SILVA, Sandra R. Redescobrimo o Brasil com olhos estrangeiros: a construção discursiva da identidade nacional brasileira na internet. **Em Questão**. v.9, n.2, p.339-351, jul/dez. 2003.

SILVA, E; VIEIRA, Z. Reflexão sobre os regulamentos que norteiam a era da informação e do conhecimento. **Revista Bibliomar**. v.1, n.1, jul/dez.2002.

SILVEIRA, Sergio A. da.; CASSINO, João (Orgs.). **Software livre e inclusão digital**. São Paulo: Conrad editora do Brasil, 2003.

SKLAIR, Leslie. **Sociology pof the Global System**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1991.

SMITH, Anthony. Três conceptos de nación. **Revista de Occidente**. oct. 1994.

STALLABRASS, J. Formas de la identidad em el ciberespacio. **Revista de Occidente**. nro.206, junio 1998

SOARES, Ismar de Oliveira. Tecnologias da informação e novos atores sociais. **Comunicação & Educação**. São Paulo, n.4, p. 35 - 40, set/dez. 1995.

SODRE, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. Conceito de minoria. Palestra ministrada aos integrantes do Núcleo de Pesquisa “Comunicação e Cultura das Minorias” In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICACAO-INTERCOM., 24., 2001. **Anais ...** Campo Grande :Uniderp, 2001.

SORJ, Bernardo. **Brasil@povo.com: a luta contra a desigualdade na sociedade da informação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; UNESCO, 2003.

SOUZA, Ruth Marcellino de Motta. **Informação utilitária: uma avaliação conceitual a partir da convivência com a comunidade da “Vila Jacaré” -Juazeiro-BA**. Dissertação (Mestrado em Ciência de Informação) João Pessoa, PB, 1994.

SUAIDEN, E. ; OLIVEIRA, C. A ciência da informação e um novo modelo educacional: escola digital integrada. In: MIRANDA, A.; SIMEÃO, E. (Org.). **Alfabetização digital e acesso ao conhecimento**. Brasília: UnB, CID, 2006. p.98-99

TAMBASCIA, C. et al. Avaliaco de projetos e soluções inovadoras em inclusão digital. **Cad. CPqD Tecnologia**. v.2, n.2, p.19-26, jul/dez.2006.

TARGINO, Maria das G. Novas Tecnologias de Comunicação: solução para as questões sociais? **Revista Brasileira de Comunicação**. São Paulo, v.19, n.2, p.129-141, jul/dez. 1996.

TAVARES, M.C. **Globalização e Crescimento Desigual**. Cultura Vozes. São Paulo: Ed. Vozes, n. 5.1998.

TAYLOR, Charles. **El multiculturalismo y la política de reconocimiento**. México: FCE,

1993.

TELEFONIA pela rede nos pontos de presença. **ARede**, junho p.18-19. 2005.

TOMAEL, Maria I. ; ALCARÁ, Adriana R. ; CHIARA, Ivone G. di. Das redes sociais à inovação. **Ciência da Informação**. v.34, n. 2, p. 93-104., mai/ago. 2005.

TREMBLAY, G. La sociedad de la información y la nueva economía: promesas, realidades y faltas de um modelo ideológico. IN: MARQUES DE MELO, J. e SATHLER, L.(Org.) **Direitos à comunicação na sociedade da informação**. São Bernardo do Campo (SP): UESP, 2005.

TUKANO, Álvaro. Sociedade da informação para as comunidades indígenas. **Inclusão social**. Brasília, v.1, n. 2, p.113-122, abr/set. 2006. Entrevista concedida no dia 15 de março 2006 no IBICT.

UNESCO. **Educación para todos el imperativo de la calidad**. Resumen. París: UNESCO, 2004. Disponível em: [www.unesco.org/education/gmr\\_download/es\\_summary.pdf](http://www.unesco.org/education/gmr_download/es_summary.pdf). Acesso em: 29.jun. 2008

\_\_\_\_\_. **Manifesto da Unesco para bibliotecas públicas**. (1994) Disponível em: <[www.ifla.org/VII/s8/unesco/port.htm](http://www.ifla.org/VII/s8/unesco/port.htm)> Acesso em: 29. jun. 2008

\_\_\_\_\_. **Tesoros humanos vivos**: Directrizes para la creación de um Sistema de Tesoros Humanos Vivos. Disponível em: <[www.unesco.org/culture/ich/index.php?pg=00061&lg=ES](http://www.unesco.org/culture/ich/index.php?pg=00061&lg=ES)> Acesso em: 29.jun. 2008

\_\_\_\_\_. **Recomendación sobre la salvaguarda de la cultura tradicional y popular**: adoptada por la Conferencia General em su 25ª sesión, Paris, 15 de nov. de 1989. Disponível em: <[dialnet.unirioja.es/servlet/fichero\\_articulo?codigo=2302976&orden=0](http://dialnet.unirioja.es/servlet/fichero_articulo?codigo=2302976&orden=0)> Acesso em: 29.jun. 2008

VALADARES, S.M.B.; BRAGA, A.O.; BARBIN, S.E. **Tecnologias digitais como ferramentas para a manutenção e fortalecimento das línguas indígenas da Amazônia brasileira e áreas transfronteiras**. 200? Disponível em: <<http://bibliotecas-cruesp.usp.br/3sibd/docs/valadares144.pdf>> Acesso em: 29.jun. 2008

VARELA, Aida. A explosão informacional e a mediação na construção do conhecimento. In: MIRANDA, A ; SIMEÃO, E. (Orgs.) **Alfabetização digital e acesso ao conhecimento**. Brasília: UnB, CID, 2006. p.15-30.

VELASQUEZ A., Gabriel. Valor y función de la información em los procesos comunitarios y ciudadanos de construcción de identidades culturales. **Revista Interamericana de Bibliotecología**. v. 214, n.2, jul-dic. 2001.

VELÁZQUEZ R., César A. **Comunidades indígenas e información**. México: UNAM. Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas, mayo 2004, 22p. Disponível: [www.reforma.org/comunidades.doc](http://www.reforma.org/comunidades.doc) Acesso em: 20.mar.2010

VELÁZQUEZ R., César A., **Detección de necesidades de información de las comunidades**

**indígenas como elemento para el desarrollo de colecciones.** p. 97-108.

VELÁSQUEZ, R. Venezuela pluriétnica: El outro y la diferencia, el mito y las identidades. In: MATO, D. (Coord.) **Diversidad cultural y construcción de identidades:** estudios sobre Venezuela, América Latina y el Caribe. Caracas: Tropikos, 1993. p.85-96.

VILCHES, Lorenzo. Tecnologia digital: perspectivas mundiais. **Comunicação & Educação.** São Paulo, n.26, jan/abr., p.43 – 61. 2003.

WELLMAN, Barry. Are personal communities local? A dumptarian reconsideration. **Social Networks**, Amsterdam, v.18, p.347-354, 1996.

WERSIG, Gernot. Information Science: the study of postmodern knowledge usage. **Inf. Processing & Management**, v.29, nr. 2, p.229-239, 1993.

WHO are indigenous peoples?Disponível em:  
[http://www.wipce2008.com/enews/pdf/wipce\\_fact\\_sheet\\_21-10-07.pdf](http://www.wipce2008.com/enews/pdf/wipce_fact_sheet_21-10-07.pdf) Acesso em:  
 20.mar.2010

WIBEN JENSEN, M. Editorial (Pueblos indígenas e las nuevas tecnologias de información). **Asuntos indígenas**, n.2. 2003.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomas T. (Org.). **Identidade e diferença.** A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 07-72.

WOODWARD, Ron. **Defining technological determinism:** the role of Technology in society, 1996.

WOLF, Eric R. **Europe and the People without History.** Berkeley; University of California Press, 1982.

YOUNG, R. A inclusão digital e as metas do milênio. **Inclusão social.** v.1, n.2, p.96-99, abr/set. 2006.

YOUNG-ING, G. Perspectivas sobre la interconexión entre la tradición indígena y las nuevas tecnologias. **Asuntos indígenas**, n.2, 2003.

XAVIER, Fátima; DIAS, L. R. ; LARANJEIRAS, R.As antenas do Brasil longínquo. **A Rede.** ano 1, n.3, p.10-17, junho. 2005.

\_\_\_\_\_. Telefonía pela rede nos pontos de presença. **A Rede.** ano 1, n.3, junho. 2005.

## APÊNDICES.

## APÊNDICE A- GLOSSÁRIO COM DEFINIÇÕES.

**BIBLIOTECAS INDÍGENAS:** unidade de informação que possui um acervo especializado na temática indígena e com serviços/produtos dirigidos principalmente aos usuários que se auto-identificam como indígenas.

**CIBERESPAÇO:** espaço virtual digital on-line interconectado, representado principalmente pela rede Internet. É aquele espaço que tem a capacidade de disponibilizar em qualquer espaço-tempo, variadas atividades, formas e expressões de vida. Trata-se de um “âmbito” virtual de conhecimentos múltiplos, que congrega forças, ímpetos e interesses contraditórios. (MORAES, 2000, p.142-143)

**COMUNICAÇÃO VIRTUAL/ON-LINE:** é o fluxo de informação entre emissor (es)/receptor(es) num ambiente digital interativo, cooperativo e descentralizado.

**CONSCIÊNCIA ÉTNICA:** a forma ideológica que adquirem as representações coletivas do conjunto de relações intragrupo. Conceito complementar ao de identidade étnica que pretende designar o espaço interior do processo de identificação e conjugá-lo com o espaço exterior: as relações *entre nós* são tão significativas como as relações com *os outros*. (BARTOLOME, 1979, 1988)

**CULTURA DE RESISTÊNCIA:** é a luta em favor do conjunto de referentes culturais que uma sociedade assume como fundamentais para a configuração de sua identidade em um momento dado de seu processo histórico. Traços selecionados são mantidos e defendidos com uma especial tenacidade, já que se percebe que deles depende a própria existência da coletividade diferenciada. (BARTOLOME, 2000, p.139)

**DIVERSIDADE CULTURAL:** são aqueles componentes históricos, autóctones, tradicionais e inovadores da humanidade, associados a uma enorme biodiversidade e ecossistemas únicos

(diversidade natural). Exemplo. América Latina, e seu patrimônio cultural. (VELASCO, F., 2004, p.58)

**EDUCAÇÃO INDÍGENA:** é um tipo de educação que pretende recuperar, desenvolver e difundir os conhecimentos indígenas através de um processo educativo dirigido especialmente a comunidades indígenas.

**GLOBALIZAÇÃO:** nova configuração política internacional, redefinindo os papéis dos atores nacionais (Estados, classes e movimentos sociais, empresas, governos) e extranacionais (velhos e novos organismo internacionais, empresas transnacionais, ONGs, etc.) no cenário mundial. Acontecem maiores e acelerados (ainda que desiguais) contatos entre as culturas que povoam o planeta, levando a um “novo mapa do mundo”. (SANCHEZ, 2000, p.18-19)

**IDENTIDADE CULTURAL (I.C.):** implica uma construção e não um legado passivamente herdado. (MATO, 1993, p.220-221) A tarefa de construção da I.C. é, fundamentalmente, um processo permanente e, pelo geral, inconsciente, realizado por universos sociais que envolvem diversos atores e forças sociais, às vezes em termos conflitivos, capazes de impor categorias ideológicas sobre uma população, cujo produto se constitui da superposição de inumeráveis dimensões. Este processo não é único e individualizado, mas a sua conformação envolve identidades individuais e concepções de identidades grupais que estruturam um ou mais processos de identificação social. (VELASQUEZ, 1993, p.88) A I.C. definida em qualquer esfera (nacional, regional, local, étnica, etc.) constitui um princípio de organização interna que imprime unidade, coerência e continuidade; uma pluralidade de identidades, com uma com igual validade e em um processo constante de elaboração criadora; uma sorte de rotulação transcategorial, uma cobertura simbólica que engloba, não sem deixar resíduo, um agrupamento humano redutível à unidade em quanto coletivo, sobre a base de uma ou várias características pertinentes, normalmente heterogêneas umas com respeito das outras (MOSONYI, 1995, p.9)

**IDENTIDADE EM AÇÃO:** ou *etnicidade* pode ser definida de forma sintética como a manifestação política do étnico, a identidade como etnicidade, possui a capacidade de

*definição contrastiva*, na medida em que confere o *ser* de diferentes atores sociais, assinalando os perímetros que delimitam suas filiações. (BARTOLOME, 2000, p.137)

**IDENTIDADE ÉTNICA (I.E.):** refere-se ao estado contemporâneo de uma tradição, e não necessariamente a um momento histórico específico, ainda que esta identidade possa desenvolver uma imagem ideologizada de si mesma e de seu passado. Dessa maneira, as bases culturais da identidade são altamente variáveis e expressam tanto modelos culturais vigentes como referentes idéias. Em razão da sua historicidade, a I.E. não é essencial, mas fica em mudança permanente, na medida que vai refletindo o estado de uma sociedade e sua cultura. (BARTOLOME, 2000, p.136)

**INCLUSÃO DIGITAL:** são programas do âmbito governamental ou privado que tentam diminuir a chamada “brecha digital” através do fornecimento do acesso físico às tecnologias de informação e comunicação, mas cuja meta última é o desenvolvimento de habilidades/competências no uso e na criação de conteúdos, para integrar os habitantes nos novos requerimentos da chamada Sociedade da Informação, sobretudo, daqueles segmentos por muito tempo marginalizados como são as comunidades indígenas.

**INCLUSÃO SOCIAL:** medidas ou programas governamentais ou do setor privado de caráter político-social-econômico que pretendem diminuir e melhorar as condições de vida dos habitantes de um determinado local.

**INFORMATION LITERACY:** é a nova orientação dos chamados programas de formação/educação de usuários, mas agora focado, no desenvolvimento das capacidades, habilidades ou competências para interatuar com uma ampla variedade de fontes de informação (principalmente digitais em rede) desde um ponto de vista crítico e seletivo, orientado à pesquisa e aprendizado constante, visando solucionar uma determinada necessidade de informação.

**MOVIMENTO SOCIAL:** são agrupamentos da sociedade civil, agrupações que desenvolvem algum tipo de estratégia ou tática de ação, prol de uma causa, objetivo ou reivindicação

comum. Ex.: MST, CUT, EZLN.

**PRÁTICAS INFORMACIONAIS:** ações de recepção, geração e transferência de informação que se desenvolvem através de circuitos comunicacionais ocorridos nas formações sociais. (ALVARENGA, 1998, p.2)

**TICs:** é a convergência de diversas tecnologias do âmbito da informação e comunicação, por exemplo, a computação, as telecomunicações e a multimídia.

## APÊNDICE B – MODELO DE QUESTIONÁRIO.

### Questionário sobre necessidades e usos da informação (perfis informativos dos indígenas.)

O objetivo deste estudo é investigar um grupo particular de usuários (indígenas) que obtêm informação (virtual) necessária para conduzir seu trabalho/satisfazer suas necessidades de informação. O enfoque desta pesquisa tem como base a ciência de informação, e sua disciplina Estudos de usuários. Utilizando como instrumentos de coleta de dados a Observação não “participante” e a Entrevista.

Neste estudo se tem em conta definições fornecidas por autores:

\* “Estudo de quem demanda (ou necessita ou recebe) o que de alguém e para que”.(WILSON DAVID)

\*Estudo de usuários pode ser definido como uma investigação que objetiva identificar e caracterizar os interesses, as necessidades e os hábitos de uso de informação dos usuários reais e/ou potenciais de um sistema de informação. (SILVA, 1990, p.80).

\* Verificar porque, como e para que os indivíduos usam a informação e que fatores afetam esse uso.

### Informação contextual sobre a entrevista e o entrevistado

I. Data de entrevista:.....

\* Local da entrevista:.....

\*Duração da entrevista:.....

II. Indicadores para identificar o entrevistado:

\*Nome:.....

\*Gênero:.....

\*Idade:.....

\*Etnia:.....

\*Nível de estudo atual:.....

\*Exercício de algum trabalho/profissão:.....

\*Participação em algum tipo de organização social (associação de moradores, movimento



indígena, sindicato):.....

\*Há quanto tempo utiliza as tecnologias:.....

\*Quão assíduo (em termos de vezes por semana):.....

III. Peculiaridades da entrevista:

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

## APÊNDICE C – MODELO DE ROTEIRO DA ENTREVISTA APLICADA AOS INDÍGENAS.

Nesta entrevista, eu irei lhe a pedir que conte situações em que você teve experiências com (tecnologias específicas) (uso de computador , hardware e de software e a rede Internet)., isto é, as TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação).

1. Quando você ouviu falar sobre a tecnologia da computação/internet pela primeira vez, onde você estava? Qual foi a sua reação imediata?
2. O que vem à sua mente (o que significa) quando pensa em tecnologia da computação ou Internet?
3. Quando você olha para o seu passado, qual foi a sua primeira experiência com a tecnologia da computação e comunicação (TICs)? Poderia, por favor, falar sobre isso?
4. Que espaço ocupa a tecnologia da computação e comunicação (TICs) na sua vida hoje? Ocupa um espaço importante? Poderia, por favor, contar uma situação que deixe isso claro para mim?
5. Que opina sobre esta “nova” realidade tecnológica na sua comunidade/tribo? É isso importante para você? Como é isso?
6. Que opina sobre o apoio (ou participação) fornecido pelo governo através do GESAC do Ministério das Comunicações e o Ministério da Cultura (Programa Cultura Viva)?
7. Você pensa que a identidade/diversidade cultural e as TICs (tecnologias de informação e comunicação) tem alguma relação, se complementam?
8. Estas tecnologias têm contribuído a sua cultura indígena?
9. Que desenvolvimentos você espera na área das tecnologias informáticas em um futuro próximo na sua comunidade? Por favor, imagine estes desenvolvimentos e descreva para mim uma situação que os exemplifique?

10. Respeito à criação de conteúdos, você tem contribuído, criado conteúdos usando as TICs?

I. Perguntas sobre demanda (necessidades) de informação.

1. Quais são os temas (assuntos) que você geralmente pesquisa na Internet ? Ex.: saúde, artesanato, trabalho, etc.
2. Pesquisa informação bibliográfica ou de documentos?
3. Que sites você costuma consultar? Tem alguns favoritos?
4. Respeito ao uso de software, que programas pelo geral usa? (Word, Excel, Power Point, etc.) e por quê?

II. Pergunta sobre satisfação/uso dos usuários.

5. A informação da web/sites que consultou lhe tem ajudado no que você procurava?
6. Quais são os usos/utilidades que voce faz da informação procurada na Internet?

III. Pergunta sobre a imagem.

7. Como você encontra a imagem/estrutura dos sites que costuma consultar?Exemplo encontra fácil, difícil, com muita informação...

IV. Perguntas sobre opinião.

8. Qual é a sua opinião sobre o projeto Índios on line?

V. Perguntas sobre dificuldades.

9. Você teve dificuldades em utilizar algum tipo de ferramenta tecnológica (s/w ou h/w) O que Fo difícil, o uso do sistema, a forma como as pessoas falavam, o que foi?

VI. Perguntas sobre críticas.

10. Qual é a sua crítica(s) ao funcionamento do projeto Índios on line e aos programas de inclusão digital (participação do GESAC e o Ministério de Cultura)do governo atualmente?

VII. Perguntas sobre projeção/impacto.

11. Como estas tecnologias (Índios on line ou programa de inclusão digital com apoio do governo) pode te beneficiar daqui para frente?.

VIII. Perguntas sobre valorização/recomendação.

12. Você pensa que este projeto pode ser útil para outras grupos indígenas? Por quê?

IX. Perguntas sobre sugestões.

13. Que sugestões você faria aos projetos de índios on line e do governo? O que esta acontecendo aqui?